

CARINA GONZALEZ SOUSA

ÁGAPE

ARTE COMO A VIDA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO

2013

CARINA GONZALEZ SOUSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo para obtenção do Título de mestre em Ciências da Comunicação.

Área de concentração:

Teoria e Pesquisa em Comunicação

Linha de Pesquisa:

Linguagens e Estéticas da Comunicação

Orientador: Prof. Dr.

Victor Aquino Gomes Correa

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sousa, Carina Gonzalez
ÂGAPE Arte como a vida / Carina Gonzalez Sousa. -- São
Paulo: C. G. Sousa, 2013.
177 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Orientador: Victor Aquino Gomes Correa
Bibliografia

1. Peirce 2. Fenomenologia 3. Semiótica 4. Arte I.
Correa, Victor Aquino Gomes II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

FOLHA DE APROVAÇÃO

CARINA GONZALEZ SOUSA. “ÁGAPE” - Arte como a vida. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação. Área de Concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação. Linha de Pesquisa: Linguagens e Estéticas da Comunicação.

Orientador: Prof. Doutor Victor Aquino Gomes Correa

Data de aprovação: ___/___/ 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) Dr.(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. (a) Dr.(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. (a) Dr.(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, pela enorme contribuição fraterna diante do ponto de mutação a que me propus ao realizar este trabalho acadêmico e de vida.

À meu orientador, Professor Victor Aquino Gomes Correa, que me abrigou nestes primeiros passos de uma vida acadêmica, pela liberdade de pesquisa e confiança em meu propósito.

À querida Professora Irene de Araújo Machado, minha profunda admiração, respeito, como um exemplo a ser seguido.

Ao Professor Anderson Vinícius Romanini, meus sinceros agradecimentos pelo acompanhamento durante o estágio supervisionado PAE, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Ao Professor Ivo Assad Ibri, profunda gratidão, pelos conhecimentos adquiridos nas disciplinas as quais generosamente participei na Pontifica Universidade Católica, sendo um encontro comum de pensamento.

A EAD- USP, por trazer-me novamente, ao palco da minha vida. Uma gratidão incomensurável.

À meu amigo transeunte, que com suas palavras desconexas tornavam meu dia um poema a percorrer a atmosfera.

A todos os meus amigos, que compartilharam comigo este momento, sendo ouvidos do som de uma bela amizade, entre muitos pela desprendida paciência Rosalba Fachinetti e Rosimeire Gonçalves, meus amigos do grupo de pesquisa, muito obrigada.

A todos os funcionários do campus, xérox, recepções, secretarias, bibliotecas, bandejão.

À meu querido irmão Roberto Sousa Gonzalez, e sua família, uma alegria sempre presente.

Aos meus pais, Roberto Gonzalez Ozores e Bienvenida Sousa Ozores, que me ensinaram o continuo da minha própria vida em matéria e espirito, minha gratidão e amor eternos.

À Capes pelo apoio a esta pesquisa.

Á meu filho, Augusto Victor Gonzalez Leite, amor de minha vida, a qual, dedico este trabalho.

***DIGA-ME O ESPÍRITO DO UNIVERSO
ANTE A ALMA DO QUE A ELE PERTENCE
NOS CAMINHOS DE TODO SER QUE É MENTE
SENTIDO E SENTIMENTO ENCONTRADO
NA ARTE DE TUAS MÃOS EM SINFONIA
REGENTE DO COSMO EM MOVIMENTO.
ABRE ASSAS E ACOLHE OS FILHOS PRÓDIGOS
FACE DE TUA PRÓPRIA FACE
REFÚGIO E HORIZONTE DA MESMA PAISAGEM
A ATMOSFERA DO CONHECIMENTO
EM SENSÍVEL LUZ QUE BANHA-NOS
NOS RIOS DE TUA CRIAÇÃO.
NAVEGAMOS SEMPRE EM TUAS ÁGUAS
FONTE INESGOTÁVEL DO AMOR
ETERNAMENTE RUMO A EVOLUÇÃO.***

Somos infinito enquanto caminho

Caminho finito à Deus.

RESUMO

Partimos neste estudo de uma reflexão que levanta uma hipótese de um diagrama de pensamento da mente do universo que se insere no mundo, fazendo-se cognoscível em uma lógica que estabelece um contínuo que pode ser observado pelas categorias presentes na Fenomenologia de Charles Sanders Peirce, onde a Arte reconhece sua gênese nas formas do desenho do mundo que encontra na sua coreografia, os ecos da música do cosmo, abrigando nessas formas o próprio corpo da escultura da mente inserida, fazendo-se ouvida. Procuramos percorrer uma investigação que parte da totalidade, no sentido de contemplação presente, procurando uma lógica do sentir, na primeiridade, porém compreendido não como, algo que necessita de um desligar-se mais, sim como algo que já existe em latência, que é de fato, a consciência plena dessa totalidade e que tem como propósito a evolução, e ainda nessa categoria procuramos como parte integrante da lógica da criação, nas qualidades, as possibilidades sendo o que germina de uma maneira sem resíduos e também, a necessidade do acaso com seu caráter de liberdade que gera o novo.

Entendendo as categorias como uma conjunção de um percurso lógico, onde por vezes se sobrepõem, a segundidade, nos trás a alteridade que se manifesta na forma de um desenho que objetiva, que também reage de uma maneira propiciando o entendimento do outro, no presente estudo, onde se faz cognoscível o ritmo do som à dança, onde o desenho conhece a escultura que está fora e dentro dele e como que os objetos pensados pelo universal, se definem, e agem, portanto onde se realiza uma sinestesia dos sentidos da arte, onde o movimento é som que compõe um quadro, onde poderíamos falar das cores sem dizer a elas que a estávamos vendo, apenas sentindo, buscaríamos na experiência não perder o sublime da contemplação, possível através da arte, pois que elas mesmas no mundo, se fazem assim. E buscamos através das qualidades e relações existentes uma conduta, a terceira categoria, onde será possível visualizar um hábito de criação na arte presente no mundo. Quais elementos dessa construção de pensamento permanecem ao longo do tempo, e como que dentro dessa conduta o acaso será o fator que germinará uma mudança capaz de ser realizada não por uma necessidade proveniente do erro, mas por uma finalidade, por um próprio impulso genético de uma mente do universo que busca sempre a evolução.

Palavras chave: Peirce, Fenomenologia, Semiótica, Arte.

ABSTRACT

We depart, in this study, from a reflection which raises an hypothesis of a diagram of thought of the Spirit of the universe that embodies itself in the world, thus making itself cognoscible by a logic that establishes a continuum which can be observed through the categories present in the Phenomenology of Charles Sanders Peirce (1839-1914), where Art recognizes its genesis in the form of the design of the world, which finds in its choreography the echoes of the music of the cosmos, harboring in those forms the body of sculpture of the inserted mind, thus making itself heard.

We will try to cover an investigation that departs from the whole, in the sense of the contemplation of the present, thus through a logic of feeling, *Firstness*, yet understood not as something which needs to free itself, but as something that exists in latency, which is, in fact, the full consciousness of this totality, and which has, as its telos, self-evolution; and, still within this category, we will try, as an integral part of the logic of creation, present in the qualities, the possibilities, for they are the ones which germinate in such a way, without residues as well as, the need of chance with its character of freedom, which brings about that which is novel in the world. We will think about the deconstruction of the concept as a way of looking which builds relations that escape the common habits of thought.

We will think of the categories as a set of a logic route, where, at times, *Secondness* overlaps, bringing us otherness, which manifests itself in the manner of a drawing that objects, which also reacts in such a way that it provides us the understanding of the other. In the present study, where the dance makes itself cognoscible from the sound to the rhythm, where the drawing knows the sculpture that is within and without it, as if these objects were thought by the universal, thus defining and acting themselves, therefore, where there is a synesthesia of the senses of Art, where movement is sound that composes a picture, where one can speak of colors without telling them that we were looking at them, only by feeling them, we would seek, in experience, not to lose the sublime of the contemplation, something possible through Art, for they are embodied in the world. And, we will try to show, through the qualities and existing relations in conduct, the *Third* category, where it will be possible to visualize a habit of creation in the Art present in the world, a one capable of elucidating the understanding of its construction process. Which elements of this construction of thought

remain as time goes by, and how, within this conduct, is chance a factor that will germinate (bring about) a change capable of becoming, not by a necessity which comes from a mistake, but by a finality, by a self genetic impulse of the mind of the universe, which always seeks to evolve?

Key-words: Peirce; Phenomenology; Semiotics; Art.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PARTE I – ESTÉTICA – COMO UM CONTÍNUO DE PENSAMENTO.	13
CAPÍTULO I	
1.Caminhos da Estética e as raízes de uma vagueza.	14
CAPÍTULO II	
1.Sobre um hábito de criação presente no mundo – as categorias.	29
1.1 O acaso entre a criação e a descoberta.	46
1.2 Uma gênese das vozes da arte em uma lógica do sensível.	80
PARTE II – O MITO DE FÊNIX E O COSMO.	101
CAPÍTULO III	
1. Arte, um organismo evolucionário.	102
2. Afecções diagramáticas	125
2.1. O particular e o geral nas formas da arte	149
3. A metáfora - O poema do universo	157
CONCLUSÃO	160
BIBLIOGRAFIA	166
ANEXO	170

CARTA DE SÃO PAULO AOS CORÍNTIOS –

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Amor, nada seria.

E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse Amor, nada disso me aproveitaria.

O Amor é paciente, é benigno; o Amor não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera e tudo suporta.

O Amor nunca falha. Havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.

Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o Amor.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tinha uma intenção inicial que conforme a própria observação sobre as possibilidades de compreendê-la se desvencilhou e passou a constituir-se íntegra em sua própria busca, de si e para si, foi se encontrando e dizendo seu ser para tornar-se cognoscível. De fato, eis que ela surge de maneira engendradora no próprio sentido da Arte, da Estética, como um Ser totalizante da própria Mente, capaz de nomearmos Espírito do Universo. Primeiramente, percorreremos um breve caminho no que diz respeito as questões que através dos tempos circundam um olhar, este que se debruça sobre o que vem a ser a estética em suas ligações com a moral, o bem e o belo. Seguindo as raízes, visando formar um tronco, mas, sem, a pretensão de ser uma filosofia da arte, mais com um propósito firme de realizar um diagnóstico de uma gênese, nos propomos a refletir, a indagar, a sugerir uma possibilidade de conhecer como que esse organismo se faz vivo e pulsante como um diagrama de pensamento próprio da mente da Criação. Para isso, de início, sob a luz das categorias de Charles Sanders Peirce, que são o modo como a experiência acontece, iniciamos um pensamento que se manifestará à nós como um processo que torna possível conhecer um mundo integrado e contínuo, em acordo com o idealismo objetivo, onde os desenhos do mundo e como eles agem, que em verdade, são a própria mente entendida como a simbiose entre a criação e a arte, tornam-se fractais.

Com a exposição desses pensamentos entenderemos a formação do hábito, de acordo com a terceiridade, como tendência natural de uma dialogia, que por sua conduta, se faz conhecer. Em sintonia, por estabelecer uma harmonia, parecendo de início uma controvérsia, haveremos de ver na qualidade, pertencente a primeiridade, muitos sentidos e caminhos, entre eles, a lógica que percorrerá o sensível, tendo como origem de reflexão a contemplação de Shopenhauer, que virá a se manifestar sem detrimento da racionalidade, e sem desintegrar-se para se unir, mais abrigando, o que não é de fato, como desejamos pesquisar, uma dissociação, mais ao contrário, uma unicidade, como um contínuo de natureza interior. Acreditamos que esse sensível, poderá abarcar sentidos múltiplos, como estâncias de um particular e geral, em um pensamento que se revela em matéria e mente, sem dualismos, mais perceptível aos olhos do mundo. Tarefa que não demonstra ser nada fácil, porém, buscamos resposta de como realizar a inserção no mundo de algo que é justamente desconstruído de conceito, sem ser um paradoxo, onde um estado nato, da criação, que é desnudado e pleno se

faz diagramático e visível. Parte dessa unicidade da arte, será, a compreensão, da própria alteridade, como fator de identificação do próprio amago de si e do outro. Para tal, procuramos elucidar este caminho trilhado e compartilhado com autores, que com seus pensamentos vieram a nos estruturar em forma de pilares de um contínuo em construção, além de nossas próprias reflexões que não tem a pretensão de ser uma resposta, mas talvez tenha a audácia de buscar uma pergunta. Ainda na primeiridade, fonte de espontaneidade, estudaremos conforme o Tiquismo elaborado por Peirce, o sentido da possibilidade, o acaso, como princípio de liberdade e como o compreendemos, uma energia geradora e propulsora.

Nessa conjunção, entendemos a Arte, Mente e Criação, como um sistema único, presente no cosmo, no universo, partícipe de um processo evolutivo, que concerne, uma genética de desenvolvimento, presente, nos escritos de Arthur Koestler, Gregory Bateson, Fritjof Capra e que a nosso ver, estão de pleno acordo com a cosmologia de Charles Sanders Peirce, compondo uma harmonia com o admirável, o *summum bonum*, que vem a constituir-se, a forma como concebemos nosso próprio entendimento do absoluto, uma visão de Deus.

Compreendemos a complexidade a que nos propomos, porém, convidamos a todos os que querem se aventurar, deixar-se levar por este devaneio que visamos ser uma realidade, e a que chamamos de ÁGAPE.

Parte I: ESTÉTICA – COMO UM CONTÍNUO DE
PENSAMENTO.

I- Caminhos da estética e as raízes de uma vagueza.

O que pode ser belo e verdadeiro, senão o que é nu em essência? Assim começamos nosso pensamento a cerca dos primórdios de uma estética que acreditamos viver, antes mesmo de sua palavra ser nomeada ao mundo. A estética dessa maneira, assim como o real, tem sua existência independente do que venhamos a pensar sobre ela, o que no caso desta pode trazer discordâncias, mais nos dispomos ao debate. Torna-se inevitável à esse pensamento por ora, desatrelarmos de nossa concepção, o tempo histórico, ao qual recorreremos mais tarde. Em certa medida, essa estética nua, pode ser vista como a semente que irá despontar mais tarde, em nosso estudo, quanto a arte como a própria vida.

Talvez aqui, na ausência do tempo histórico e do tempo percebido, possamos encontrar o estado a que pertence essa estética sem nome, como algo que permanece até ser descoberto. Estamos falando de uma beleza intocada pela própria criação, que apenas existe e por essa propriedade se faz bela, é sensível, como vemos na etimologia da própria palavra grega, *aisthesis*, definida como compreensão dos sentidos, ou faculdade do sentir. E novamente faremos o percurso, após essa referência, de uma desconstrução. Imaginemos um mundo, quanto aos sentidos, parte de um cosmo, que é capaz de ouvir os movimentos dos astros na galáxia maior, não estamos falando aqui, todavia, sendo parte deste geral, quanto aos sons ouvidos na natureza, mais de uma sonoridade que está na criação, e que a buscamos por essa imaginação, representada pelo individuo orgânico mundo. Os movimentos que nem são em grande medida percebidos cotidianamente, executam sua sinfonia, constroem sua estética, diante de nós e inaudível aos nossos ouvidos, como a música das esferas (IBRI, 1992, pg. 12). Porém, qual poderia ser, a variedade nessa estética, ainda não nomeada, que é geral, universal? Seria o próprio sensível manifestado em particularidades, fatores de um vetor do que viríamos a definir como belo ou bom? Talvez, mais para a fonte das qualidades, como uma quali- consciência, ligada a uma origem estética? Mais para isso parece que deveríamos ainda, prescindir dos próprios sentidos como apresentados no conceito de *aisthesis*. Deveria ser um sentido propriedade da Mente, que penso, ainda permanece intangível, apenas por

ainda não termos como interpretá-lo, porque ainda como veremos, somente temos noções dessa aproximação.

Retornando ao tempo histórico, quanto a estética, ainda mesmo assim, diferentemente da colocação de Bayer, que aponta a quem seria esse homem que fazia no tempo da pré-história os desenhos e pinturas das cavernas, prefiro pensar em uma estética que começa a sair de si, e dialogar com a alteridade, o próprio mundo em si, e por conseguinte, os seres que o constituem. Essa estética é a que julgamos ser a semente a ser desenvolvida no decurso deste trabalho. Pensar que antes da pré-história e durante ela, poderíamos ter de fato o que agora compreendemos como as concepções dinâmicas da Física abordadas por Prigogine, é de fato, alarmante. Realmente a música das esferas, está lá, e não ouvimos, o tempo passa e retorna, fazendo-se não tempo, ante a compreensão do conhecimento. Não faz parte do escopo desta reflexão, no presente momento, o caráter específico ou mesmo, quanto ao utilitarismo, de uma obra de arte, que veio a ser codificada. Cabe aqui uma pergunta: Pode-se investigar, ou supor, que nesse estágio originário da evolução, curiosamente, teríamos uma maior liberdade, por não estarmos ainda no que viria a se estabelecer como um nominalismo, direcionando a um determinismo, e assim mais indeterminados, permitindo a presença do sensível, e com direito a uma vagueza? O que houve no caminho, uma pedra? Ou um cartesianismo, que cegou a origem fazendo da esterilidade um conceber patológico? O percurso poderia ter se mantido em aderência a essa Gaia?

“ Buscamos pela origem pois é na origem de cada coisa que se erguem as estruturas de todas as possibilidades próprias”. È que a origem de algo nunca é tão somente a primeira vez do seu surgimento, mas, de maneira mais própria, é aquilo que permanece junto ao originado, conferindo-lhe a especificidade do seu ser. (FAUSTO, 2003, pg. 19).

Mesmo nesse particular do homem pré-histórico, quanto a sua “obra”, sem poder afirmar que essa premissa seria verdadeira, porém, eu diria que essa obra é mais integrada com a complexidade de seu tempo, que as que lhe foram muito posteriores, no sentido quanto a proximidade da Mente criadora, alego para este fato, que um fator que propicia tal afirmação, seria, não haver se constituído ainda, não se fazendo presente, a dicotomia entre homem e natureza. Ainda conforme Bayer, é suposto que a constatação de uma simetria nas obras do homem desse período somente poderia advir da simetria do seu próprio corpo, porque a natureza lhe era assimétrica, o que conforme o autor, seria para ser agradável a vista,

mais eu discordo ou elaboro de outra forma, a meu ver, talvez fosse os primórdios de uma correspondência ao que justamente lhe era mais afim, uma analogia a harmonia que se constituía entre os variáveis e os regulares, podendo ser transpostos como assimétrico e simétrico, sendo compatível com o universo que se lhe fazia percebido.

Bayer ressalta que “ Os primitivos sentem-se misteriosamente ligados ao seu grupo social e a espécie animal ou vegetal de que ele é suposto derivar, e mesmo, em geral, a tudo o que está fora deles, que veem como se fosse eles, uma vez que é hesitante o seu princípio de identidade”, pessoalmente, vejo de outra maneira, acredito na possibilidade desse homem desse período ser mais cômico de sua integralidade, de sua unicidade, o que veremos mais adiante, não o destitui de sua individualidade. O que, novamente reforço, custará para nós, admitirmos é a constatação que esse homem que julgamos “atrasado” tinha uma consciência, maior e plena do que hoje buscamos.

Em busca de uma compreensão do belo, a mitologia será um manancial de deuses criadores, mensageiros personificados da arte, visíveis aos olhos dos poetas. Como veremos, o belo, o bem, a moral e a ética, serão recorrências entre as concepções a cerca do entendimento quanto a estética. Em cada poeta um desvelamento, que se faz, ora como em Hesíodo, em sua conjugação a mulher e a própria magnitude do mar, este, de grande importância aos gregos, onde o canto é para os ouvidos dessa mulher o eco, que não como o ar, mas como águas, provoca as ondas em que se quer banhar. De fato é em Hesíodo que encontraremos os primórdios da relação entre o belo e o bem, sendo para ele, o bem, algo mediato, que pressupõe uma dualidade que se apresenta sobre a forma do meio e do fim, a ser atingido, este o próprio bem, diferentemente para ele do belo, que, entende como mediato, como puro gozo.

Já para o poeta Homero, o belo não se restringe a forma da mulher, a beleza do homem, é finalmente exposta, aliada a força e a bondade, mas de fato para ele o que configura o belo em essência é a natureza, como um *kalos*, advindo do exterior, até mesmo como uma ação conveniente, mais do que isso, em suma, para ele, seria o decoro, a honradez. Em Homero o canto é divino. Aqui poderemos dizer que encontramos uma primeira nota de afecção que foi diagnosticada pela própria mente do universo, no sentido de sua memória, como ainda iremos tratar, fazendo-se percebida a este mundo, pela afetação que disseminou independentemente do próprio tempo. São ideias, no sentido platônico, que possuem por harmonia a mente, uma atmosfera própria que se desvincilha do próprio ser, é afim a Mente maior, ou poderíamos intuir que em verdade, talvez, como até mesmo investigaremos, provém dela, e a ela retorna, transmutando-se. Porque o belo entendido como valores morais, será

abordado em muitos momentos por diferentes filósofos, e por nós, chega a ser compreendido, de uma maneira que ainda vamos colocar mais que vem de encontro a ser um germe, de origem, com carácter genético, imbuído da totalidade que será despertada.

A de se ressaltar que é na passagem dos poetas épicos aos líricos que veremos a beleza, como o elemento espiritual. No caso do lírico heroico, por conta da relação com a glória, com os jogos, muito interessante será a colocação de Pindaro quanto ao deslocamento do agente, da ação, o bem é a própria conduta, independentemente de seu promotor, colocação até certo ponto instigante, porque realmente concordamos na importância da conduta como forma de conhecer, o que veremos segundo o Pragmatismo de Peirce, porém, nos parece que não existe no caso do pensamento de Peirce, uma dissociação como em Pindaro, da conduta e do agente, seja em que manifestação ocorra. A respeito de Pindaro, acreditamos ter sido, um passo importante quanto ao deslocamento do humano, porque, propiciou a compreensão, quanto à condutas gerais, ou, a conduta por ela mesma, podendo ser aplicada a diferentes fenômenos. A diferença a nosso ver está que entendemos que a conduta esclarece o fenômeno que se pretende fazer-se cognoscível, não estando dissociado do mesmo. Ainda acho essa semente fascinante porque a conduta por si, quanto aliada ao admirável, a de se pensar que talvez realmente independa de seu agente, o transcende, é uma conduta não de um fenômeno, nem de um sujeito, mais de uma Mente.

Repartindo o joio do trigo, quanto aos Elegíacos. Os Elegíacos são de natureza pessimista, e tem uma visão a nosso ver, degradante quanto a uma segregação entre os homens segundo sua posição social, e ainda pior, associando tal procedimento quanto ao belo e feio, ao bom e mal. Ocasionando assim um estigma brutal. Porém os elegíacos perceberam no homem, a capacidade de conceber algo, que seria independente das coisas, constituindo o belo, que seria, o próprio conceito, também o entenderiam como a presença naquele a quem nada comporta de desprezível.

A associação da beleza à morte, em um sentimento de masoquismo, mais visto como sacrifício estará presente na tragédia, como fruto de uma máscara de um sentimento de poder que se esconde ante a força do inevitável que subjuga uma verdadeira vontade, que pode vir a se manifestar nela mesma, pela fome de justiça, imputando uma racionalidade a loucura desmedida que impele a tragédia um ato de razão.

Como prefácio do pensamento de Platão que aqui abordaremos, e precursor de uma sensibilidade que afina a matemática e a música, como ordenadora da própria natureza e dos

elementos da vida, Pitágoras, proverá uma cosmologia, que concerne uma harmonia que se estabelece entre formas e imagens onde “Todas as coisas constituem uma sinfonia, uma música; o universo inteiro, o mundo músico, é um convite à harmonia, e nós devemos conciliar-nos com o ritmo que é a lei do universo: a harmonia é a unidade do variado e o acordo do que é discordante” (BAYER, 1978, P. 33). O Pensamento de Pitágoras é muito atraente a nós como uma visão de uma manifestação frente a um entendimento estético de arte na vida, como construção de uma lei universal, sendo a matemática a que “ ensina a construir um pensamento diagramático e a possibilidade de generalizar em suas construções que não são de natureza empírica, fornecendo diagramas heurísticos para a fenomenologia.” (IBRI, anotações em aula). As afinidades entre ambos, Platão e Pitágoras ficam claras em obras como *Fédon* e *Timeu*. Em Platão a medida de Pitágoras se transmutará principalmente como medida de virtudes.

A maneira como Sócrates diz a beleza, é já um diagrama que ele elabora em correspondência, à seu próprio espírito, que já era capaz de ouvir o som dos planos elevados, nos trazendo noções de extrema relevância quanto a compreensão do que pode ser entendido como o bem. Ele o desenha da seguinte forma, relaciona pelo que consideramos afeições, a beleza moral e a bondade moral, ou seja, a *kalocagatia*, que compreende a união do bem e do belo. Pelo que compreendemos o belo, exposto por esse friso de luz, pode ser refletido espelhando que a essência do verdadeiro belo, é de fato a bondade, o que é bom, é belo por si, uma concepção que também encontraremos em Platão. Mas o que viria a incomodar Sócrates seria, como então explicar que o belo se apresenta e se constitui em diversidades? O que os tornaria unívocos? Por essa questão, Sócrates nos dirá a respeito do *kromenon*, que será o útil, o que para nosso pensamento será o propósito. Ou seja, é muito bonito como ele preserva essas palavras quanto a seu sentido, a nosso ver, disposto a descortinar um conhecer, nós diríamos, por nos fazer vislumbrar que se pensarmos no propósito dessa forma, podemos então observar, que as condutas deverão estar em afinidades, ou seja, o diagrama se estabelece para nós, como, as afeições entre, o bem, o belo, o útil – a finalidade, que nos leva as condutas admiráveis. Dessa maneira aqui poderemos ver mais uma semente que desponta, em um sentido, em nossas reflexões futuras.

O advento do platonismo – O caráter estético em Platão, está no cerne de toda a sua filosofia, concebe que o mundo é análogo ao próprio sentido das Ideias, um como modelo do outro. O belo para ele não é a manifestação ou ocorrência do mesmo, mais ele, o belo, o é, *per si*, independente, ou, uma essência. Quando ele se coloca quanto a procura do bem, e a uma

conveniência, relação direta com, propósito, e a utilidade, indiscutivelmente nos parece que absorve a concepção da *kalocagatia* socrática. Alia também, o belo, ao amor, seja à uma pátria, a um ser que é o amado, o escolhido, em uma forma que resulta de um anseio do corpo ao retorno ao sentimento que tem como abrigo, podendo talvez ser visto assim, por essência, como sentido, aquele retorna ao mundo de fato concebido por ele como o verdadeiro. Porém diante de uma possível refutação de Sócrates quanto a ligação do belo e do amor, objeta-se que não poderia assim ser, pois que o amor seria um desejo e algo que se procura, claramente, não vê o amor como, pessoalmente, vemos. Já em o Banquete, é a alma que é depositária de toda a beleza, aí teremos novamente, como também, vimos em Sócrates, a união do belo e do bem, em uma aderência, que possa ser demonstrada por sua equivalência de medidas, e ainda mais por sua aproximação ao que é verdadeiro, tornando-se assim, universal. Elabora e, discorre, apesar da conjunção, que a beleza apesar do sensível estaria presa a aparência, enquanto que o verdadeiro seria o interior, mas essa aparência, não é pejorativa, ele a revela como, apesar dele não nomear assim, vemos quase como uma percepção possível do que é intuitivo em última instância. Por suma, chegamos, aos seus escritos na *República*, onde por fim, realmente teremos, a compreensão do amor como algo que ao mesmo tempo pertence a Ideia, mais que também, é de uma forma quase que hierárquica de conquistas, possível de ser alcançada, como uma intenção, que leva a direção do bem superior.

Em contrapartida a Platão, que resumia o mundo como uma mera cópia imperfeita do verdadeiro mundo que seria o das Ideias, Aristóteles, dirá que não haveria uma existência da Ideia, mais sim nossa relação de reconhecimento delas, sendo a realidade a primazia, que deve ser exaltada, e onde poderemos encontrar as questões de causalidade. Encontraremos sua estética, no que ele discorre a respeito, das manifestações do ser. Quanto a técnica e a criação, em se tratando de arte, creio que haveremos de elucidar ainda mais a frente esta questão, porque nós veremos a técnica em relação ao conhecer, como um instrumento, e o conhecer deve ser esclarecido como o entendemos, porém, será explorado tal pensamento no final desta pesquisa, mais o que podemos adiantar, é que de fato, tudo corresponde ao mesmo agrupamento de integralidade, parte do mesmo sistema, mais esse assunto deve ser aprofundado, e por ora, somente podemos deixar esta possibilidade na margem deste rio, mas para Aristóteles, a Arte vem sendo a técnica, e o belo será disposto como a moral, que será portanto, o bem cósmico, o bem prático e o útil. Tanto a natureza e a arte, caminham para o mesmo fim, o bem. Quase que podemos sentir como algo que tem na finalidade última sua presença de permanência em busca de atingir esse próprio fim, que será o bem supremo.

Raymond Bayer adverte que Aristóteles poderia ter compreendido o amálgama que tinha em mãos, mas que não o desenvolveu em razão de sua questão do bem de ordem prática. Ou, diríamos, que a compreensão desse amálgama poderia de fato ter se estendido para toda a suas distinções do bem.

(...) É certo que esta concepção do bem cósmico poderia trazer consequências estéticas. Este bem em si é o primeiro elo a que estão ligadas todas as partes constituintes do mundo, e o universo pode ser concebido como um drama bem feito, uma harmonia e um cosmos. Mas, Aristóteles, não extraiu das suas premissas estas repercussões estéticas”.

Quando Aristóteles nos falará a respeito do bem prático, estará falando de conduta, a ação, porém, uma ação que é motivada para algo em si mesmo. Observará no bem, por ele compreendido, três formas, a saber, o bem exterior, o bem do corpo, e os bens da alma. Vê na amizade o maior dos bens externos, o que penso que para ele seria compreendido, para atingir esse patamar, como o amor fraterno, como a irmandade maior, parece-me que seria dessa forma, sua visão de amizade, porque os coloca acima dos bens da alma. Sob nossa observação, aqui, nessa hierarquia que ele apresenta, os bens da alma estariam subordinados a amizade, justamente, em razão da preponderância da primeira quanto a universalidade. Porém, advogamos que, poderíamos em verdade ver ambos, existirem sob o mesmo espírito universal. Aristóteles, dirá que o bem, não é o mesmo para todos os seres, o que concerne a impossibilidade de no pensamento, dele, tornar-se visível nossa visão de agregar esses dois valores morais, parece-nos que em seu pensamento ele não vê relações, possíveis, entre as condutas, questionamos, que diante de seu pensamento o entrave é justamente ver a ação, por uma veia tão específica e particular, quando poderia ser vista como vasos sanguíneos interligados, que irrigam para um organismo maior, toda a fonte de um conhecer, uma maneira de se ver o próprio mundo vivendo ante sua própria anatomia, porém, ele nos diz, “Todos os homens, pelo seu modo próprio de ser no mundo, desejam conhecer. Sinal disso, o amor estético.”(apud, FAUSTO, 2003, pg. 21).

Para Aristóteles ainda haverá o bem moral, fonte que colaborará para um equilíbrio que se faz notar em razão de sua justa medida, ou seja, no sentido pitagórico, um *metron* moral, onde se estabelece o que poderíamos vir a chamar de discernimento. O bem subjetivo, ele o chamará virtude sendo composto por características elementares que se fazem pela grandeza, por compreender em si a pequenez de um grão de areia, em relação a sua completude frente a infinita presença da areia dos mares e oceanos, pela finalidade como o propósito, constituindo-se um ser, um existir, um permanecer contínuo, pela conveniência,

como a própria correspondência entre o sentido e a ação, uma ação desinteressada que se propaga em total conformidade com as outras.

O desinteresse a que ele se refere e a que se liga na mesma alquimia, constituindo o bem, é o desinteresse, do espírito que é capaz de desligar-se de si, mais sendo justamente uma entrega, como uma luz a ramificar-se entre frestas para que todos possam ver a iluminação, assim é a ação desinteressada, ora, dessa forma, permanece sendo ela mesma, não se esquia, não se decompõe, porque é de sua própria natureza, permanecer na luz, ou seja, a ação desinteressada é a ação em benefício de todos. Ao dizermos sobre a entrega é como se estivesse o sentido na própria ação, desprovida de um sujeito, mais tendo como identidade o propósito da ação, visível e presente em si. Estabelecendo uma compreensão ainda a esse respeito sobre o bem e o belo em Aristóteles, como o elo de uma corrente, se pode ver a imagem do que pretendemos vislumbrar, ou seja, o bem, está nesse subjetivo, nessa intenção que se é também bela ao ser obra. Mas ele vê o homem, como um ser moral. Dessa forma, compreendia essa ação, poderemos dizer que para ele o bem é a conduta, e o belo é o que é contemplado. Mais sementes de pensamentos foram plantadas aqui, pois que, entendemos esse desprendimento da ação, como um desvencilhar do egoísmo, que não se apresenta unicamente, como algo humano, o desvencilhar-se do egoísmo é muito mais, é saber ser o universo, e isso muitos seres da criação o sentem e praticam, o que pode também vir a ser um aliado a nossa construção da alteridade, como uma das faces da relação com o outro.

Ainda sobre a égide de Aristóteles a respeito do entendimento do belo, ele irá nos dizer a respeito da conformidade em relação às leis, o que de fato, concordamos na existência dessa lei, e a veremos sob a forma da terceiridade, porém o que justamente Aristóteles relegou, foi o caráter assimétrico, estando exposto e sujeito como parte também integrante de uma lógica maior, o que no nosso entendimento e estudo será justamente a primeiridade de Peirce.

Epícuro nos trará uma noção diferenciada do até então, quanto a sua teoria do agradável e desagradável associado a uma moral que distingue o bem como prazer e consequentemente o mal como dor, sendo que o agradável seria justamente as partículas que se afeiçoam, e em oposição o desagradável. Entendo que no mundo há um movimento que pode ser entendido pelos átomos, em associação e dissociação, ele compreende um movimento ritmo do mundo em uma analógica, ou mesmo, compondo o mesmo sentido que se faz do pensamento sobre, o que em um movimento, natural viria ser entendido também na forma do próprio bem, como uma relação natural de quase poderíamos dizer de ação e

repulsão, o bem e o mal, movimento afins dos próprios átomos. A meu ver, os epicuristas observam um valor estético na vida simples, na felicidade.

A aceção do bem nos Estoicos se faz em um pensamento harmonioso, a nosso ver, pode-se compreender de imediato que será visível como uma razão que desponta em uma aderência a própria natureza. O bem seria a não se contradizer a si mesmo, não se contradizer com a essência maior da natureza do próprio mundo, ou seja, uma unificação que se comporta como uma sintonia, entre o bem e a virtude, no mesmo *summum*, no próprio soberano bem. É um estado de familiaridade plena entre o sujeito virtuoso e seu mundo, como uma visão de um geral em um particular, onde, cosmos e o propósito, este que permeia todo o universo, a ser desenvolvido mais adiante, quanto a evolução, é visto como uma unidade.

Agora, devemos expor uma proposição que, desenvolve algo generosamente rico em possibilidades para outros pensamentos afins. Trata-se de um olhar, onde,

“ (...) o mundo é um fogo divino e artista que se desenvolve a maneira de um germe tudo está contido na sua unidade primitiva, depois a medida que desabrocha, a diversidade dos seres mortais aparece.(...) Nada pode existir sem essa força, porque ser é agir, e matéria e força confundem-se. A força penetra tudo, é sempre a mesma na sua essência, mas toma em cada grau um nome diferente. No ser inorgânico, não é mais que um hábito, isto é o que contém as partes, no vegetal é a natureza, isto é, o princípio de vida e de crescimento: *a phusis*. No animal, torna-se uma alma. No homem, acha-se capaz de compreender e de querer, chamam-lhe princípio dirigente, e quando em relação com o corpo, recebe o nome de constituição.(BAYER, 1961, pg. 70).

Parece-nos que é um princípio de entendimento de um encadeamento de uma unidade, onde cada elemento ou variável, como em uma equação, se dispõe à nossos olhos, para a matemática geral. Ainda não nos é, por esse pensamento, esclarecido, como que esses elementos se afinam, ou se relacionam e vem a construir e se estabelecer como um sistema, que visamos aberto, mais isso será estudado posteriormente, porém é de suma importância, pois que a abertura para a compreensão de que mesmo como supostamente, diferenciais, está em todos os elementos, fatores que os ligam a força, como é chamada, ou que poderia ser entendido como princípio vital, ou uma lógica da Mente do cosmo. E ainda, tanto melhor, a compreensão quanto ao que, ser é agir, se faz extremamente bela, concebem que a ação pode estar se manifestando de diversas e diferentes formas, mais ainda, extraordinário será, quando se compreender que no diverso engloba a união do agir, mais será preciso um pensamento de um poeta, para ver na Metáfora do mundo, o sentido de sua organização, a lógica que compreende todos os seres, os sentimentos que são como um fluido imperceptível aos olhos do ser, que somente pode ser visto, com os olhos do espírito, o mesmo que é o Universo, mais que se torna vivido na própria existência.

Caminharemos agora pelos pensamentos de Plotino, ele escreveu tratados estéticos que se compõe da seguinte forma: Tratado do belo, tratado da beleza inteligível, e o tratado da multiplicidade das Ideias e do bem. Verá como também houve em Platão a beleza na vista e no ouvido, verá nas palavras, nos ritmos e na música a beleza. Também, na simetria a encontrará, e nos corpos verá, como a manifestação da Inteligência, propriedade da alma, sobre o corpo, a forma. Como a imagem das Cavernas de Platão, vê os corpos, como algo existente anteriormente a sua materialidade, onde questionamos: O que poderia ser do corpo, além dele mesmo?, o que ele pode ser sem sua forma, quase como, quando um ser é atingido e destruído, mais ele existe, ele permanece, e é de certa forma, ai que queremos chegar, na existência de uma, materialidade sem a forma, a prescinde dela, porque se constitui além dela, e ainda não estamos falando da Ideia de Platão, a que também, iremos nos referir, aqui, porém, é algo ainda no universo do particular, quando entendemos que a preponderância da Ideia, ocorre no âmbito mais geral. Interessante seria pensar o que pode ligar essas duas instâncias, talvez, Shopenhauer, nos possa esclarecer quanto a esse respeito.

Interessante quanto a virtude, fonte da beleza e o que não lhe pertence como um verdadeiro sentimento de impureza, ou seja, somente como algo que precisa ser lapidado, como algo bruto, talvez, porque a beleza já estava lá, se havia algo de impureza somente era um estado, mais não determinado, sendo somente plausível sua origem, que deveria ser resgatada de fato, ao se retirar, justamente o que não lhe permitiria brilhar. E em síntese, retornará ao Criador, como de fato, ao que tudo retorna, a forma, retorna a Deus, estado genuíno da Beleza, mais para isso sendo necessário aos que querem retornar, a contemplação, seria o supra-sensível, seria o que nos lembra Schopenhauer, um desligar-se para se unir a essa origem, a essa totalidade, belissimamente ele concebe a necessidade de um outro olhar, para se ver uma estética do mundo que está na presença do Absoluto, de Deus, do Criador, da vontade, ou como queiram sob este aspecto definir. Um pensamento, uma semente, que atinge um algo, independente do que se via, para constituir-se uma extraordinária perspectiva.

No segundo tratado o da beleza inteligível, ele tem a intenção de desnudar o que é entendido como o interior da beleza inteligível, aquela que está no pano das Ideias. Para isso, ele responderá ao *Fedro* e em *Enéada* ele falará que, de fato, estará e será essa inteligibilidade presente em todas as coisas no mundo, sendo uma correspondência ao modelo, o que o torna neste aspecto um essencialista, mais ele diz, o que pode ser entendido como uma contrariedade ao já exposto, também que, está em nós o que procuramos como o

Ideal, o que de fato, pessoalmente também creio ser verdadeiro, mais a de se pensar, que uma possibilidade não exclui a outra, sendo assim, compreende que nós e a beleza estamos unidos em sintonia, pelo tornar-se, o ser que se torna belo, e assim vê a beleza com os próprio olhos dela. Ele irá ao encontro de algo que escapa aos domínios do que ele coloca como inteligível, e dessa forma, fala a respeito de uma realidade primeira, onde está presente o que concebemos como o que pertence ao Divino, algo que ainda não se descreve, não se contem à observação, mas que pode se buscar e para isso denota uma posição que se apresenta como esse êxtase. Vai caminhando em seu pensar até constituir o informe, o desejo que se assemelha e se desfaz enquanto forma concebida para apenas ser o que de fato o inflama, não seria a chama, nem o fogo, mais talvez o ardor, nada permanece quanto a possibilidade de uma razão que concerne algo inteligível, como uma beleza acima dela própria, sem medidas ou formas, em diferenciação as medidas de Platão, ele deixa a liberdade navegar pelo que busca, deixa a possibilidade do informe como ser um pensamento para o que é de fato livre, ao ponto de apenas SER, sem uma qualificação ou determinação, porque o é para além disso.

Conjuga-se ainda em Plotino que o bem é de uma onipotência que não está atrelado a condição do belo, porém, faz-se que o belo não é em si pleno, ele carece do bem, para ser integral. A beleza do bem como a estética é a visão de Plotino.

A de nos referirmos antes de adentrarmos, mais especificamente no período da idade média, quanto ao neoplatonismo que abolia o fator sensual, sensível no homem, propondo um inegável caminhar ao dizer do universo. Após o cristianismo, vemos no período da Idade Media, o pensamento sobre a fé. Pode-se dizer quanto as propriedades que se afinam para o desenvolvimento de uma arte, quanto ao místico e a fé, como veículos naturais, e que se julga em relação a postura de Thomás, quanto a racionalização um possível entrave, mais a no nosso ver, nenhuma dessas afirmações tem eco em nosso pensamento, porque acreditamos como haveremos de desenvolver, que a arte, comporta estas duas grandes questões, ou seja, a fé e a razão, e muitos outros pensamentos que se conjugam em harmonia, com os aqui apresentados, alguns diferentes, pelo próprio decorrer do tempo histórico que se farão antigos e atuais, sem tempo, e tempo, quanto a futuro sendo presente, em pensamentos que podem levar a percepção do contínuo, fazendo-se não tempo.

Santo Thomás, via no bem, três possibilidades, o útil, o deleitável e o honesto, sendo neste último o que une pelo seu caráter de desinteresse, o belo, que se torna a união da presença da integridade, que vem a ser o que vimos em Aristóteles quanto a

correspondência, ou seja, um eco real e verdadeiro onde um não contradiz o outro, sendo por essa razão belo, e também a harmonia e a clareza, vista como o que pode ser observado pela razão, observado como algo passível de se conhecer. Veremos que a repetição de si mesma, revela a perfeição, tornando o que é belo, bem, em harmonia idêntica, sendo a virtude a própria arte. Santo Agostinho dirá que é na alma que reside o conhecimento e não na fé, agora toda a verdade está em Deus, o ser supremo, e que em tudo o que vemos ou ouvimos, teremos uma impressão estética.

É importante ressaltar para o que propomos investigar e ainda mesmo propriamente como as sementes que estamos à destacar, que, a preocupação com o que se nos apresenta à mente e como somos afetados pelos sentidos e que relação isso se faz mediante os significados, teve raízes de fato como poderemos dizer em Santo Agostinho, compreendendo que “o signo é portanto uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos faz com que outra coisa venha à mente com consequência de si mesmo”(apud, ROMANINI, 2006,pg. 27), e também em Thomás de Aquino, quanto a constatar que o conhecer está em relação a percepção de uma realidade externa a própria mente.

A algo a mais no pensamento da Idade Média que pode ser considerado, como merecedor de reflexão e que também nos deixa como um galho a segurar em uma correnteza que desfila, ante os nossos olhos, o inexorável tempo, que será a analogia com a natureza. Se não da mesma forma, mais dispostos a discernir o próprio pensamento exposto, podemos dissecá-lo como um organismo a ser visto em seu funcionamento para entender que outros ramos podem advir dessa estrutura, portanto, é dito nesse período, quanto a natureza, que pode ser compreendido como um processo que se constitui como a continuação entre a natureza, a obra de arte, e Deus, não sendo uma imitação ou uma representação, não é isso a que se referem, é de fato uma continuidade como atividade criadora que advém de Deus, porém ainda distinguem que será uma continuidade da atividade e não da obra, o que nos parece ainda que pode ser esclarecido e retomado com outro significado ou outras integralidades, nesse período a arte terá um forte apelo ao ofício ou a sua relação com o divino. Dizemos tais conjecturas que podem parecer estranhas de se compreender, porém, quanto ao que nos referimos as sementes, algumas ainda não germinaram como deveriam, outras caíram em diferentes terras, elas foram plantadas a muito tempo, mas acredito ser ainda muito necessário o retorno ao pensamento desses grandes mestres, que cultivaram no campo da humanidade. Por todos esses pensamentos que são as sementes, compreendemos o sentido de que as formas estéticas são maneiras de conceber o mundo.

Hoje eu fiz um convite para regressar no tempo.

E apenas vemos como essa atmosfera se manifesta...

Que me dizes Plotino, a cerca de minhas ideias?

Plotino: Vem você, Oh! Lógico da filosofia, me chamar de encontro ao peito para fazer sentir o que estava no leito de toda a humanidade! O sonho onde adormeces, é o amor universal fazendo-se por fim realidade.

Lógico: conjecturas...

Plotino: A obra pode dizer-te algo que desejas...

Lógico: Oh! Então, Fedro, que me dizes?

Fedro: Purifica-me ante a tua presença, arte dos Deuses do Olimpo, arte do infinito, fazendo-se finito, em uma voz para que possa ouvir, com os sentidos e, aclamar, teu eco.

Lógico: E os gregos?

Plotino: Ah! Eles pensaram pelas obras, essas foram as suas palavras.

Lógico: O que poderíamos dizer aos neo-platônicos que queriam relegar a vida sensível, o sensual?

Plotino: Ah! Carne de minha carne,

Alma e sangue

Desalmada, feito própria

Essência que é de fato

O mesmo espírito.

Serás lasciva, pueril

Ante o que te cega e te fascina

Vem, vive de estados mil,

Sejas ontem, hoje e amanhã,

O mesmo e sempre

Diferente alma de prazer

E carne celestial.

Lógico: Controvérsias, controvérsias...

Plotino: E então não sempre foram assim nossos diálogos?

Lógico: Mas podes crer que a fé aprisiona a arte?

Como?

Lógico: Thomás, diga-me. Porque haveria de em nome da fé, relegarmos o corpo?

Não seria a fé e o corpo uma só energia?

Não poderia ser ao contrário, a fé os ditames de uma arte como um caminho?

Thomás: Talvez, talvez...

Lógico: Más como crer na própria fé como arte?

Agostinho: Encontrará na tua alma a verdade e não na fé. Não é mesmo Plotino?

Plotino: Sim, sim

Hum, de fato...

Lógico: Isso é um tanto complicado.

Sócrates: Saber ver o inefável

É compreender o que não sabemos...

Lógico: Só poderia ser tú, Sócrates, a dizer uma coisa dessas...

Sócrates: Para se debruçar sobre a alma do universo,

Adormecer, na luz espiritual e regressarmos a vida,

Podendo, compreender o contínuo, desperto.

Ontem, hoje e sempre,

Se faz, asas a beleza, o bem e a bondade

O voo eterno de todos os anjos.

Texto: Ficção – Diálogos entre Filósofos –

Carina Gonzalez

Essas foram as raízes que quisemos dispor, para um diálogo que pretendemos iniciar entre um não tempo linear, como uma vontade que transcende esse sentido, e propicia um caminhar que tem em um espaço interior, a chance de permanecer sem tempo, apenas vento a dizer as palavras que pertencem ao sensível, que busca um conhecer, uma lógica da criação.

II- Sobre um hábito de criação presente no mundo — as categorias —

*Acaso encontras-te o tempo? Porque eu espero.
A quanto navegas, para encontrar a terra, e então,
Permanece a deriva. Acaso encontras-te o tempo?
Sabias águas escondidas,
Elas que dizem da alma.
O eco delas está no tempo, aquele que procuras.*

Como sentir um mundo com os olhos do próprio espírito universal será o questionamento que nos levará a reflexão sobre a percepção de um hábito de criação, tornando-se visível pela própria manifestação da Mente, ao se inserir no mundo, como um processo do conhecer. Procurando por uma ontologia da Arte, percorremos um pensamento onde a compreendíamos como um organismo integrado, e observando como esse diagrama se desenhava se tornou clara a imagem de uma lógica que se fazia possível mediante a constatação das leis naturais que se faziam análogas a nossa própria mente. Encontramos na Fenomenologia de Charles Sanders Peirce, de acordo com as categorias, um modo operandi que nos elucidará como esses modos de ser da experiência, ou melhor, como ela acontece. Charles Sanders Peirce (1839-1814), dotado de uma capacidade brilhante, desenvolveu-se desde pequeno pelo interesse à lógica, porem como não havia curso, formou-se em química, e acabou por conquistar prestígio na área de física e astronomia. Acreditamos que seu legado quanto a Filosofia, a Fenomenologia, as Ciências Normativas e a Metafísica, sejam de extrema importância e que há ainda muito a ser compartilhado de seus estudos quanto ao presente e ao futuro. Entendemos a gênese da Arte como uma composição que é orquestrada da seguinte forma, pela conjunção, justamente, de todas as Ciências Normativas, aqui dispostas pela Estética, pelo seu propósito do admirável, o *summum bonum*, pela Ética, em suma, a conduta de acordo ao ideal e a Lógica, sendo o pensamento em conformidade com ele mesmo, essa tríade, promove nossa unidade de pensamento para a lógica do sensível.

Em conformidade com a disposição das Ciências Normativas estão as categorias compostas pela primeiridade, segundidade e terceiridade. A categoria da primeiridade comporta o espontâneo, a liberdade, o diverso, o acaso, nessa categoria haverá a ruptura do tempo, mas desenvolveremos a primeiridade, buscando um maior aprofundamento no

desenvolvimento que segue, posteriormente. É sobre a categoria da segundidade que veremos a reação, a alteridade, a história fática. Pode-se dizer que encontraremos a negação, porque o outro a força a ver a si mesma como se constitui em razão da relação, portanto qualquer fenômeno quando na tensão desse contato cresce em observação e experiência, posto, que, pressiona em direção ao que lhe é mediado e também com o que lhe é colocado pela mente. Quanto a alteridade, em nosso pensamento foi se construindo, e observando várias possibilidades de entendimento, em um primeiro momento, procuramos a alteridade na arte conforme o elemento do outro e do não-ego, mais, me parece que precisamos de início pensar que não é somente um momento em que ocorre essa reação, veremos uma elaboração em que duas reações estão presentes no processo. Não tínhamos a intenção de adentrar o terreno particular da Arte enquanto sua relação artista e obra, porém, por vezes se fará plausível para o que queremos elucidar, abranger este aspecto. A primeira, penso, seria o outro se constituindo da própria representação, explico, se um processo de elaboração mental quando já tem todo seu desenho, diagrama mental, e que vai se configurar em um outro momento no âmbito da representação, me parece eis o primeiro momento de reação e o segundo momento será o da reação da própria representação com o que chamamos de “realidade” ou seja quando essa representação se relaciona com o real. Ha dois momentos da experiência, poderíamos quase dizer o ato e o ato “corporificado”, exteriorizado, entendendo como um corpo estendido. Se o próprio curso da experiência da representação já possui um, na verdade se começarmos a pensar, no pensamento já se estabelece todo um processo complexo, com uma infinidade, de relações, conexas entre passado, presente e por vir, com os diagramas e diagramas de diagramas, porque já vão estar presentes as “seleções” o que desencadeia sempre um novo processo, um novo desenho, um novo diagrama, mais que tende a necessidade da experiência externa ao pensamento, e que gera novas tensões provenientes da nova instância e claro da própria prova da experiência, e posteriormente a isso, melhor, conjuntamente a isso e não posteriormente estabelecem-se conscientes ou não, novas reações com o universo que circunda o fenômeno, dando-lhe novos sentidos e novos significados que possivelmente gerarão novos processos mentais e inicia-se novamente o mesmo processo contínuo, e muito belo. O existente será aquilo que reage com outras formas, **me defino enquanto me manifesto com o outro e reajo com ele.**

Será possível para esta questão, pensar a alteridade na arte, no sentido, de: quando a desprendemos da própria representação enquanto linguagem, poderemos encontrar nessa relação desse movimento de pensar a arte anterior, e dentro do “mundo”, a própria

representação codificada como uma reação segunda, posterior a observada na natureza como reação da Mente, no sentido de negação da alteridade? Poderia haver um encadeamento de reações onde o que era segundo torna-se primeiro a outra alteridade? Mas se assim fosse nossa alteridade manifestada na experiência não deveria ser quanto à própria Mente, e não quanto ao mundo? A chave para solucionar essa questão é justamente que o homem, que revela sua representação em momentos de alteridade, em verdade, é unívoco ao mundo e a Mente, ou seja, podendo haver estancias de modelagem, mais não um caráter dissociativo. O pensamento das categorias é de uma ordem de presença de toda a criação, poderá as vezes não ser tão facilmente identificável como tal, mais o olhar atento o trás a tona quanto a sua observação. A compreensão de unicidade se fará visível quando desenvolvermos o pensamento como por fim compreendemos a alteridade, que será a crença de que tudo na criação tem a alteridade do outro, para conhecer e aprender. Sendo assim, quando o pensamento pertence a ordem geral, ele passa a estar mais próximo ao conceito de Mente, no sentido de que é além da propriedade do humano, é um pensamento que ordena a lógica do mundo, de maneira tal que o interno e externo habitam a mesma instância, a da criação continua que se estabelece na reação, nos hábitos, nas variedades... e, nos afetamos por essa mente quando nos é inteligível o processo de pensamento da natureza. A segundidade estará sempre agindo nessa lógica que ordena os processos fazendo-se cognoscíveis porque é de fato o que preserva, poderemos entender assim, aquilo que existe independente de nossa vontade, por essa razão mesmo ela é da mesma propriedade que a existência, a identificamos pela inserção no mundo, pelo real, na mediação, porque de fato é justamente o que se individualiza e ao mesmo tempo, pela própria reação, compartilha, como nos mostra o próprio organismo humano, enquanto seus órgãos, cada um possui sua constituição mas está conectado com a totalidade orgânica, da mesma forma, assim, também os homens e a sociedade, as espécies e o ambiente, e ainda quanto aos órgãos, somente para iniciar uma compreensão da própria terceiridade, cada órgão está dentro de sua própria lei, sua própria regra, sua permanência no tempo em relação a seu própria conduta- aqui encontraremos a relação com os pré-socráticos a respeito da beleza quanto , a correspondência ao útil, e de fato como poderemos ainda analisar, tenderá no aspecto orgânico a definhar, para a própria emergência do novo, ou seja, poderemos considerar que os processos estão em toda a criação, desde a ordem geral da lógica dos fenômenos no mundo, até as individualidades como particulares, que são a entropia de um corpo cósmico, renascendo e sendo fênix como veremos mais para o final deste trabalho.

“ Um organismo vivo não é um simples agregado de partes elementares e suas atividades não podem ser reduzidas a elementares “átomos de comportamento” formando uma cadeia de

respostas condicionadas. Em seus aspectos corporais, o organismo é um todo constituído de subtodos, tais como o sistema circulatório, o sistema digestivo, etc, que por sua vez se ramificam em subtodos de uma ordem inferior, tais como os órgãos e tecidos- e assim descendo para as células individuais e para as organelas no interior das células. Em outras palavras, a estrutura e o comportamento de um organismo não podem ser explicados por, ou reduzidos a “elementares processos físico-químicos. Consistem numa hierarquia bem definida e estratificada de subtodos que pode ser satisfatoriamente diagramada como uma pirâmide ou árvores invertida, onde os subtodos formam os nódulos e as linhas de ramificação simbolizam canais de comunicação e controle. O primeiro ponto a ser enfatizado é que todo membro desta hierarquia, em qualquer nível, é um subtodo, ou hólon de pleno direito – uma estrutura estável e integrada, equipada com mecanismos auto-regulatórios e detentora de considerável grau de mecanismos auto-regulatórios e detentora de considerável grau de autonomia ou governo próprio. Células, músculos, nervos, órgãos, todos possuem seus ritmos intrínsecos e padrões de atividade, muitas vezes manifestados espontaneamente, sem necessidade de estímulos externos. Subordinam-se como partes aos centros mais elevados da hierarquia, mas ao mesmo tempo funcionam como todos quase autônomos. Eles possuem as faces de Jano. A face voltada para cima, em direção aos níveis mais elevados, é a de uma parte dependente. Mas a face voltada para baixo, em direção aos seus próprios constituintes, é a de um todo dotado de considerável auto-suficiência.”(KOESTLER, 1978, pg.36)

Importante ressaltar que para Koestler, a hierarquia a que ele se refere, de maneira alguma está considerada como costumamos empregar, não está, no sentido nem de domínio, subjugação ou dependência, a meu ver, mais para um encadeamento de complexidades. Em suma, o que queremos registrar, é a compreensão do processo onde tudo se encadeia de forma harmônica e se estende, por vezes, segundo a necessidade por graus, ou seja, conforme o fenômeno observado e gerado pela própria Mente a conformidade com essa necessidade gerará graus que se fazem compreensíveis pela preponderância de alguma categoria, conforme essa preponderância se fará a nós, visível, o aprendizado concedido nesse estágio que vivemos.

Formas móveis de uma geometria espacial seria uma boa imagem para compreender o dinamismo a que essas categorias se propõem porque apesar de a identificarmos elas de fato são em sintonia com a mutabilidade, do próprio universo, sobrepostas o que lhes dá a propriedade da flexibilidade entendida nesse dinamismo. Essa categoria intervalar é de suma importância, sendo que é a própria relação com o que podemos entender como um método científico, com sua ligação com a experiência, ela conjuga, lembrando, das interpelações acima, quanto as categorias estarem sobrepostas, observações, hipóteses, análises, amostragem, e crenças indeterminadas, procurando uma constância na forma de um hábito, já na terceiridade, uma segundidade da terceiridade. Por essa razão veremos a abdução, a dedução e a inferência as variáveis dessa lógica que se igualizam nessa equação com as categorias. O que queremos expor é que na categoria da segundidade se encontra o próprio método científico da Mente, exercendo como mesmo um laboratório, toda nossa experiência, o que

mesmo chamamos de vida, assim, o que surge como novo, que veremos ainda mais detalhadamente, é exposto nas relações anteriormente não desenhadas, nessa geometria, e que é chamada de processo abduativo, visto aqui, neste primeiro momento desta forma, porque analisaremos ainda a possibilidade no novo sob a forma de outra ocorrência, mas esse redemoinho que se move ante nossos olhos, encaminha-se à experiência mostrando-se avido por uma permanência, ou seja, pra ser uma regra, uma forma de conduta, A segundidade é o aprendizado por excelência, é a conclusão de que o aprendizado está em toda alteridade, o que mesmo estará também nos dizendo a cerca do que falaremos sobre afetabilidade e afeiçoabilidade , porque essa propriedade é justamente a maneira como entendemos a alteridade, e que procederá o amor-ágape, da mesma forma como é desenvolvido a respeito de ideias, também o cremos a respeito de todo o sistema que analisamos. Quando entramos em contado com o outro, seja este qualquer SER, o que deve ser esclarecido que quanto a ser, entendemos toda a criação, acreditamos que não se permanece o mesmo, algo mesmo que não despertado é afetado ou se afeiçoa, querendo dizer, que encontra eco em sua essência, para exercer a mutação.

A terceiridade nos traz o caráter na estabilidade, quanto a uma permanência, quanto a uma aparente determinação, aquela que comporta certa nuvem perpassando-a, porque assim como colocamos quanto ao próprio organismo em particular, humano, voltando aos filósofos antigos, a beleza, também ai está, porque o belo, em suma, é o próprio espírito do universo, mais, essa correspondência, pode ser vista como o que se torna habitual por estar em conformidade com condutas que se fazem em afinidade com a Mente para seu próprio desenvolvimento, certas condutas como as dos órgãos físicos tem sua permanência, assim também, como em toda a criação tem-se a necessidade da lei para uma ordenação legível, o que ainda nos remete aos graus, estâncias, porque segundo a necessidade no organismo mundo teremos o maior ou menor grau de potência entre as categorias, a determinados elementos dessa equação que tendem a um grau maior de terceridade, é tudo composto para a harmonia, a harmonia aqui não compreende como o estado de equilíbrio como entendido pela física, não estamos falando de um estado igualitário nem estável, é uma harmonia que comporta permanência, possibilidades, uma densidade de probabilidade, uma mobilidade, uma indefinição, uma dinâmica do contínuo, da evolução. Desenvolvimento, acreditamos, aqui, ser uma palavra importante, porque a terceiridade, em nossa visão, não pode de maneira alguma ser compreendida apesar de seu caráter da lei e da regra como algo morto, é uma categoria que tem a capacidade de permanecer e ainda ser mais uma nota nessa melodia que

soa e é executada ininterruptamente no teatro cósmico, entre os mundos personagens dessa
Mente em constante diálogo. Como esse fluxo, desenvolve-se, se rompe estando atado a um
cordão umbilical que é o *sumum bonum*, o bem, a estética, pra poder nascer, caminhar,
viver, renascer, e ser todos os SERES em aprendizado unido em espírito é do que tratamos
aqui.

Quando paramos de olhar para esse mundo pensando em como estamos presentes nele,
para, modificar e pensar, em sermos ele, me parece que fará uma diferença. E o que
acontecerá com a reação se, pensarmos, dessa maneira? O sermos o mundo é a implicação da
totalidade é ter a consciência da integralidade, por essa razão é importante. O estar no mundo
incorre, na individualização, definindo um estado particular de presença, ao passo que SER o
mundo é compreender o sentido dos universais, e a reação, respondendo a pergunta é a
presença real da humildade, e de outras virtudes, de maneira, onipresente para de fato se
estabelecer o aprendizado constante e *ad infinitum*, admitindo a alteridade como prática real,
ou seja, é ainda ser o entre, do geral e o particular.

Antevi certas colocações, mais o decurso dessa indagação ainda quanto a alteridade
será importante, em decorrência dos aspectos estudados por Charles Sanders Peirce, em seus
escritos sobre a lei da mente, que a nosso ver concerne na relação entre passado, presente e
futuro, questões temporais que estão nas próprias categorias, pois que em se tratando da
questão da alteridade e da negação do ego, teremos uma força, uma potência do presente que
luta, reage, com o passado, podendo-se analisar o passado como a conduta estabelecida, e o
presente a reação, uma alteridade do tempo, que pressupõe uma dinâmica evolutiva, onde
apesar da propensão da força do passado, em analogia a terceiridade, a reação, a segundidade,
apesar de por mais similar, não se repete, o que nos concede a experiência neste ponto como o
aprendizado e ganho de informação no sistema, portanto a que se pensar que mutação, o vir a
ser, que tende a ser evolutiva, tendo como caráter em seu cerne o próprio admirável, mas o
que nos dá essa crença? Essa crença se submete a todo um processo análogo e disposto a
investigação, como método científico e o fenômeno em análise é a arte da vida, a vida como
arte, a arte como cosmo, e Mente.

A capacidade do olhar atento, a construção de diagramas é capacidade afim a própria
matemática como entendida por Peirce, como a ciência dos mundos possíveis, completamente
dessa forma sendo alma gêmea a própria Arte, onde,

“É dela também a tarefa de buscar consistência lógica e harmonia estruturais, de fazer o olho
trabalhar heurísticamente com o pensamento de diagramas, de exercitar a criatividade na

invenção de caminhos para demonstrar uma hipótese.(...) A presença tácita da matemática na fenomenologia se evidenciará pelo preparo da mente humana para olhar os fenômenos em sua presentidade como totalidade, atentar para características notáveis que potencialmente poderiam ser generalizadas, e a efetiva generalização de predicados comuns a todos os fenômenos. Generalizar, nesse sentido, é encontrar formas universais sob as quais os fenômenos ocorrem” (IBRI, 2011, pg. 207).

Essa conformidade com o exterior, não creio que seja uma conformidade, mais apropriado seja, em conjunção com o exterior, conformidade me parece um pouco o sentido de amoldar e não penso que seja ou deva ser assim. Pensando ainda quanto ao artista e a obra, realizando uma determinada mutabilidade quanto as próprias estâncias das categorias, sob outro olhar, nesse encadeamento, vemos que o que era a inserção da Mente do cosmo, inserida no mundo, passa a ser observado na realidade, como subconjuntos, queremos dizer, como estâncias de diferentes gerais e particulares, onde, dessa forma poderemos entender que os desenhos do mundo, desenhos aqui compreendidos como todas as manifestações compreendidas por arte, podem compor-se de uma estrutura que comporta pra este particular do artista, as próprias qualidades, visíveis, em si mesmas, e em suas vozes, que entendemos como os sentidos abarcados por todas as metáforas contidas nas cavernas das imagens do mundo, seguindo esse pensamento, portanto, o que estava para a Mente do Cosmo, como sua inserção, a segundidade, passa a ser a primeiridade a mente do artista, que alegamos, encontrará na própria arte, deixando de ser possibilidade, e passando a existir, confrontando, sendo a alteridade, na segundidade, e o que seria a terceiridade seria a própria permanência dessa obra quanto a conformidade com as regras, que poderíamos entender, para esta questão, como o âmbito da própria história da arte, ou antes dela na própria codificação da linguagem.

Todo um caminho de pensamento foi percorrido, em razão disso, muitas vezes antes de nossa concepção da Arte como o próprio espírito, havemos de em determinados momentos voltar a indagações que fizeram parte para nossa final conclusão e entendimento. Devido a isso, expomos, mais um aspecto quanto a particularidade da arte enquanto âmbito do artista. A princípio podemos, dizer, que não há reação na arte, em razão dela ser colocada como sendo fundamentalmente da primeiridade, porém, pode-se, buscar um olhar que possa auscultar esse coração mais de perto para ouvirmos suas, batidas com nossa percepção, o que veremos na lógica do sensível, mas, por ora, porém, pergunto o seguinte: Pensando nas categorias e entendendo que não haveria uma reação, o artista determinaria, em nome de uma liberdade de criação, a salvo que, está me parecendo uma liberdade impositiva o que não me agrada e já faz um tempo que tenho divergências quanto ao artista e seu poder criador, sem o destituir

apenas modificando sua idealidade, bom, o fato é que não é então uma reação quando o artista intenciona fazer algo e a obra claramente reage e toma outro caminho? Como não tem uma reação?

Pelo contrário, ela ocorre, a meu ver e muito corriqueiramente, tomemos como exemplo, quando você tem a intenção, ou você poderíamos dizer, construiu um desenho mentalmente, sob a forma de um diagrama mental, está é uma possibilidade de criação, pois que nem sempre ela surge por inteiro a mente, muitas vezes ela é construída mais esta é outra questão para ser abordada em outro momento, diremos quando o desenho cria sua forma independentemente de sua vontade, e neste caso não estou me referindo a nenhuma força sobrenatural, estou dizendo as formas que o desenho cria ele mesmo, os as formas que se fazem presente nas cores, ou o movimento que se diz antes da vontade, tudo bem, sei que tem o artífice do autor, porém é algo que surge sem uma intenção prévia por essa razão digo que reage, quantas vezes ao se fazer uma sombra ou um traço ele te sugere uma outra forma. O que seria isto então, apenas uma questão de percepção? Prefiro ver, como uma reação, que se fez visível, pela percepção, vejo como uma reação porque em princípio existiu sem a minha interferência, independente do que eu pensei sobre ela, por essa razão a disponho como reação. Ainda, tomemos como exemplo o desenho, sua primeiridade, ou seja, sua qualidade poderia ser entendida como os “elementos” que o constituem que já é uma vastidão porque depende do ponto de observação, quero dizer que teríamos que ir a origem do princípio do desenho para tentar encontrar o que o faz ser concebido, cognoscível, como tal, independentemente dos elementos que o vão constituir, ainda mais se pensarmos que no caminho do percurso da arte o desenho foi se desmembrando para além de uma compreensão somente. Mas para um entendimento de uma análise, poderíamos supor que, para uma suposta observação, os tipos de traço seriam qualidades de um desenho porque são traços, estão lá ou, se pensarmos na natureza, mas que sejam, estão lá, ao menos que seja em possibilidade, aguardando o mesmo auscultar, pela percepção dos Seres do mundo, aqui se apresenta a questão da qualidade entendida como gerativa, sombras, composição, formas, todos estes poderiam ser vistos como qualidades. Em um segundo momento teríamos, a “reação” dessas qualidades porque, quando se inicia o processo da “ação” tem-se uma elaboração de uma relação de qualidades, e é justamente nesta ação que vamos, a meu ver encontrar a reação do próprio desenho, seria uma reação segunda da própria segundidade, dizendo sua voz, ou seja, mostrando seus próprios traços alheios a vontade do artista e não previstos inicialmente.

Claro que se pode, opor ou não a essa reação, aceitando para o desenho ou não como autor essa possibilidade.

Não tratando aqui da arte do mundo, mas da arte enquanto linguagem, codificada pelo homem, como também, pode se constituir, pode ser observado que cada linguagem tem em sua gênese maneiras diferentes de vir ao mundo por essa representação, seu “parto” pode ser de muitas maneiras, pode ser concebida melhor dizendo de muitas maneiras. Poderíamos falar de cada uma delas e de todas as maneiras como se tornam presentes ao menos na minha própria concepção como artista. Porque na prática elas surgem de muitas maneiras, cada uma delas encontra uma relação e brota de um significado para uma “linguagem”. Cada uma delas realiza uma busca, muito anterior, a vontade do artista, às vezes me parece que cabe somente ao artista observar, a vontade da arte que o move a execução. Sei que isso pode parecer a muitos um absurdo, mas realmente muitas vezes é como me parece. Talvez neste pensamento estejamos nos aproximando de Schelling, no que ele concebe como transito entre uma idealidade e a realidade, consumando uma mutação poética que tem por caráter genético a atmosfera das metáforas de sentido, e ainda a presença visível do que nos é infundável.

“Assim como o homem predestinado não executa o que deseja ou pretende mas, antes, o que ele é obrigado a executar por um destino inescrutável que o governa, o artista, conquanto deliberado ele possa estar, parece ser governado, no que concerne àquilo que é o verdadeiro objetivo na sua criação, por um poder que o separa dos outros homens e o compele a dizer ou retratar coisas que ele mesmo não compreende completamente e cujo significado é infinito.”(apud, IBRI,1992, pg. 56).

No que consiste essa busca é o que a torna interessante, e justamente a interpelação entre o que elas, conjugam, isso é um tanto complicado para eu explicar, mas vou fazer uma força é porque quando começo a falar da busca de uma já vejo a presença da outra, quero dizer, quando um traço diz sua forma já está presente a possibilidade da forma se apresentar em um desenho, ou em uma escultura, ou em um movimento corporal, ou seja, suas maneiras de afeiçoar-se ou afetar algo. Um traço ou uma conjunção de traços são infinitas possibilidades, realmente penso que não haveria outra maneira das qualidades se apresentarem que não em diferentes “linguagens”, sob muitas vozes, quero dizer, elas não estão em um confinamento. Uma sombra pode configurar em um desenho uma posição na forma, pode configurar um espaço na escultura ou um corpo com uma determinada materialidade e uma posição em uma coreografia. Veja que a sombra se aproxima no desenho e na escultura muito fortemente, pois que em uma primeira observação elas se assemelham fortemente, agora a sombra de um desenho poderá ser, aprofundamentos, vejam em geral uma sombra de um desenho pode ser representado por uma superfície funda na escultura, agora

quando pensarmos a sombra na dança, pra mim, claramente me traz um movimento de recolhimento, esse aprofundamento ou se daria no plano de chão, ou na posição de recolhimento, e poderíamos pensar o que seria uma sombra de um desenho na voz de um poema, seriam talvez os sentidos mais longínquos da palavra, e na música, o que seriam as sombras de um desenho, talvez, o que acompanha a melodia e por ora fica em sombra, nem tão visível aos ouvidos, somente soando mais em silêncio a espera da luz em outra forma. Somente colocamos aqui expostas essas manifestações com o intuito de iniciar uma compreensão.

Ainda não seriam estas as relações a que pretendia falar, a busca é grande. Mas, como estávamos falando da concepção, então, por exemplo, uma escultura pode surgir do desenho, quero dizer que vemos quando um desenho claramente fala à uma escultura, quase poderíamos dizer que pede, pode surgir da própria matéria que te diz a forma, o que explico exemplificando, no manuseio de um material, argila, conforme o trabalho, mesmo sem nenhuma intenção concebida a priori, com o próprio manuseio, o material vai criando uma forma que lhe diz algo, que está se transformando e sendo a si mesma, o que é muito belo quando ocorre diga-se de passagem, pode ocorrer também quando sem o desenho surge a mente a escultura pronta, e aí o que precisamos é fazer, o que em muitos casos implica uma luta que se inicia, entre a imagem mental e o artífice final, o material dizer a escultura é o mesmo que olharmos uma rocha, um tronco e abstrairmos de sua forma nomeada como tal, e procurarmos os outros sentidos nela, vendo-a como uma escultura diante de nossos próprios olhos, e quem foi o artista? Muitas vezes, o tempo, a água, o vento, a Mente, Deus. Portanto, além dessas maneiras de conceber uma escultura tem a que surge das matérias do mundo e que ao olhar se constituem esculturas vivas, ou seja, estavam lá esperando somente.

Claramente existe algo que objeta no desenho e nas outras linguagens, não é em razão disso que poderei dizer que o que objeta está presente na arte. Porque a arte não se reduz de maneira alguma a linguagem ao qual ela foi configurada, se assim poderemos falar. O que está me parecendo revendo essas considerações, que, a nosso ver, de fato ocorre a reação em uma instância diferente. No plano da ação e diretamente ligada ao humano, sem dúvida ocorre uma reação, o desenho objeta, ele quer tomar a sua voz para ser sua própria frase. O que me levantou outra questão, duas. Primeiro, ao pensar a arte fora dela, a arte anterior a sua representação, em um pensar mais cosmológico, como já dito, me parece haver um hábito da criação enquanto arte o que a coloca na terceiridade, porém pergunto: Então, no mesmo processo, encontraríamos a segundidade nos desenhos do mundo da mesma forma? Ou seja, a

segundidade pode ser primeiramente, auscultada sendo a presença da inserção da mente, no ato da existência, e como outra forma de segundidade, entre os próprios desenhos das formas do mundo, fato este que desencadeará nosso pensamento quanto a uma genética evolutiva dos elementos da criação da arte no mundo, em analogia a própria Mente, direcionada a evolução. Essa segundidade vista como a alteridade dos desenhos é fundamental para a compreensão do pensamento a que nos propomos sentir pulsar.

Poderíamos pensar que a arte como fenômeno do mundo, se apresenta em sua interioridade, a quali-consciência, o que nos diz quanto a sentimento, mas se exterioriza enquanto linguagem codificada do cosmo, que seria o próprio mundo visível. Acho que não poderíamos ver na verdade a cosmologia da arte tida como seu mundo interior, porque eu a identifico e a compreendo e portanto não o é somente interioridade, a nosso ver. O interior somente se faz cognoscível pelo que vemos no exterior. O interior será sensível à nós pelo estado de contemplação, pelo estado de desconstrução do conceito, que permite outras construções de pensamento, é no estado de contemplação que vejo a unidade, a primeiridade, o interior. Porém, acreditamos que na Arte, e em novas construções de pensamento, é possível, um conhecer, que concebe de maneira a identificar-se ao que ordena a lógica do mundo, de maneira tal que o interno e externo co-habitam a mesma instância, a da criação continua que se estabelece nos hábitos, nas variedades...

É novamente um fluxo que se estabelece, se falarmos quanto ao interior, é um encadeamento, a Mente que para esta instância seria o Uno, como no taoísmo,

“Os filósofos chineses viam a realidade, a cuja essência primária chamaram tao, como um processo de contínuo fluxo e mudança. Na concepção deles, todos os fenômenos que observamos participam desse processo cósmico e são, pois, intrinsecamente dinâmicos. A principal característica do tao é a natureza cíclica de seu momento incessante, a natureza, em todos os seus aspectos - tanto os do mundo físico quanto os dos domínios psicológico e social - exibe padrões cíclicos. Os chineses atribuem a essa ideia de padrões cíclicos uma estrutura definida, mediante a introdução dos opostos yin e yang, os dois polos que fixam os limites para os ciclos de mudança: Tendo yang atingido seu clímax, retira-se do yin; tendo o yin atingido seu clímax, retira-se em favor do yang” (apud, CAPRA, 1982).

Que por sua inserção, no mundo, sua exteriorização, fazendo-o cognoscível, e a Arte sendo exteriorização, torna-se interior aos olhos análogos dos Seres criados, que ao se direcionarem a própria origem, são acometidos pela sensibilidade para adentrar esse interior que foi exteriorizado pela Mente, que se torna assim interior e exterior habitado pela existência, reunindo a multiplicidade na unidade.

As formas do mundo, arte, como as conhecemos, são a representação, manifestação da Mente do universo. Somos integrados a essa Mente, de maneira que, passaremos a compreender que a percepção quanto a interpretação, e estarmos aptos para tal, chegará a ser entendido, como o mesmo processo do que é conhecer, que estará colocado quanto ao próprio desenvolvimento dessa lógica que concebe um aprendizado, sob as emergências que despontam, mais que já eram presentes, no seu germe, que para tal, dependerá das potencialidades, das aderências, do discurso que se estabelecerá entre o próprio acaso, este concebido com uma fluidez que o alia ao propósito evolutivo, e com o conhecer embrionário genético da Mente nos Seres. Portanto, interpretamos não o que estamos aptos para tal, mas o que já despertamos em nossa consciência plena nessa Arte de viver, o próprio sentido do universo, o que compreende uma atemporalidade, e uma conjunção com a memória do universo, assunto este que trataremos adiante. **Essa arte de viver, esculpi os Seres, desenha suas condutas, para ouvirem a música das esferas, e o movimento da evolução.**

Podemos refletir sobre a liberdade de criação não ser do artista, mas sim dos elementos, das qualidades, não estou aqui destituindo o artista de sua capacidade criadora nem estou questionando sua habilidade, mas, cada vez mais me parece que a liberdade da arte, está sim, exposta e manifestada no mundo. Dessa maneira, deverá para isso ocorrer, uma compreensão que entenda a arte em sua “pureza” destituída de suas roupas e completamente nua, porque se assim não fosse compreendida poderia ocorrer o equívoco de ver os elementos apenas como fatores integrantes e não como fatores que são o germe da arte em toda sua totalidade, e seu potencial.

Quando a reação, caráter da segundidade, se estende por um período de tempo, torna-se um hábito, sendo portanto uma terceiridade, perdendo seu caráter de reação, sendo assim, no hábito não teremos reação? Como acontece então no processo, a mudança de hábito?

A mudança de hábito, não terá um fator claro de reação? Não necessariamente vinda do exterior? Não terá também o hábito uma força interna capaz de se “rebelar”? Se pensarmos na possibilidade de existir um fator interno ao hábito capaz de se rebelar contra o mesmo e se desenvolver independentemente de qualquer influência, contato externo, seria importante, se houvesse essa possibilidade, de se diagnosticar como isso ocorre, não? O acaso pode ser uma resposta? Ou poderá existir outro fator, como a própria margem de possibilidade. Pode o acaso ser previsível, ou estar subordinado ou em acordo ao propósito maior? Pode haver um estágio finito em relação a permanência, finito não como algo estável em sua manifestação, mas como algo que chega ao fim e se impulsiona a um novo começo, de estado, em algum

elemento do hábito? Caso esse fator fosse possível, porque alguns elementos do hábito chegam a esse estado e outros não. Pela correspondência entre a potencialidade de energia empregada em preponderância a uma categoria para a relação do fenômeno observado e sua relação causal? Relembrando os filósofos antigos, quanto a ao belo estar associado a uma correspondência quanto a finalidade, ou seja, uma causalidade eficiente, se entendermos que somos a inserção da Mente, a necessidade da ocorrência de mutabilidade ou grau de maior permanência, acreditamos que deva estar em conformidade com essa própria Mente do cosmo, mas o tempo e as adversidades nesse fenômeno a de suportar todas as possibilidades entre, lembrando Popper, em seu texto, o conhecimento objetivo, o determinismo anuviado de um relógio e uma nuvem com um certo grau de engrenagem. Não seria importante caso isso fosse verdade, compreender o como isso acontece?

Acreditamos encontrar um hábito de criação no mundo pelo próprio modo de conhecer a que as categorias se mostram sob todo e qualquer fenômeno, mais especificamente por vermos as qualidades sendo toda atmosfera sendo perceptível ou estando a espera de ser, as cores, sentimentos, sons, elementos, elementares da própria vida, melhor será quando compreendermos que as águas que desenharam os rios são os mesmos que conduzem nossos movimentos, que as cores são a própria vida, que os elementos da modelagem se faz aprofundando nosso próprio espírito, erguendo a estrutura da humildade e as virtudes estéticas dos filósofos antigos e que ainda não se faz a nosso ver nem segundidade, e nem terceiridade como deveriam se infundir, parecendo-nos ainda uma idealidade no sentido Platônico mesmo, qualidades, como as variáveis da equação que se fará ver a geometria das formas desse mundo expostas sob a segundidade estando a nosso ver sob o pensamento diagramático de relações ininterruptamente, seja no próprio âmbito das potencialidades enquanto primeiridade, ou mesmo quando vindo a ato, e estando fazendo parte da existência, objetando e tornando as digitais do mundo aos olhos dele mesmo, como transmutar essa digital que está impressa que ainda não compreende essa interioridade da Mente maior, é o desafio de muitas gerações, portanto, tornar o conhecer uma genética que é mais do que elementos físicos e orgânicos será um aprendizado, o mesmo que nos concede a conduta, os hábitos.

Quando observamos os fractais, ou seja, elementos que são gerais, e ao mesmo tempo, particulares, poderemos compreender a capacidade da Mente quanto ao hábito de criação, queremos dizer que quando observamos que os desenhos de uma raiz de uma árvore, os desenhos dos segmentos bronco pulmonares, e os desenhos dos afluentes dos rios, e que nas raízes correm seiva, no pulmão correm sangue, e nos rios água, tudo concerne que os

desenhos são os mesmos, exatamente os mesmos traçados, isso configura uma capacidade eximia da Mente em ter em conta que qualidades são como a metamorfose de Ovídio, o mesmo que permanece sendo diferente, uma perfeição de harmonia quanto a terceiridade e a primeiridade. Curiosamente, podemos observar que o que consideramos como uma qualidade, sendo primeiridade, que se transmuta, está sob a égide da terceiridade, é um hábito, da criação, é um desenho que permanece. Então como poderemos compreender tal fato? A resposta seria pelo viés da genética, da mutação? Ou, para sentir dessa forma teríamos que modificar o pensamento ainda arraigado ao que somente se constrói sob um nome, um conceito, é preciso ver o nascer do sol e o anoitecer, sob o mesmo ritmo que pulsa o coração, tentar fechar os olhos e no mesmo compasso de suas batidas nem que seja mentalmente transpor os dias e as noites, sentindo que é a pulsação, o mesmo som.

Realmente a harmonia, é algo que ainda não compreendemos. Talvez seja por uma incompreensão no âmbito do homem do que é para ele seu universo. Cada vez mais realmente como dito no começo, me parece um grande equívoco o que o homem pensa em verdade como seu universo e o que ele quer conquistar e habitar nesse universo, como nos lembram, esse universo é seu próprio umbigo e que ainda devora a si mesmo, mais enfim, em seu canibalismo, terá a presença imutável da morte e quem sabe ressurge como FÊNIX, para nascer e **ser** esse mundo.

A relação, entre hábito e acaso, de forma a se estabelecer, um contínuo e como uma forma da lógica que concerne todo o conhecer, que é algo que pode gerar controvérsias com a constatação do próprio envolvimento ao que sugere uma autodestruição do homem em contrapartida a uma, auto-organização diante desse mundo. E como fica a Mente diante da patologia imposta por escolhas, em desalinho, do homem, que reverbera em toda a criação? Quanto ao pensamento de uma amortização decorrente da permanência de um hábito, penso, que o fato de viver uma ilusão constante, e uma não dissociação do que é real de fato contribui para não caminharmos com certezas. Quando Arthur Koestler, nos fala que estaríamos lidando com probabilidades, e que uma suposta sanidade diante disso seria algo um tanto complicado, sanidade onde não se tem a noção de sua pequenez e, aliás onde noção parece não fazer parte do vocabulário e ser apenas uma ilusão, somente cada vez mais se estende o problema e ficam infinitesimais as questões. Mas se não temos uma sanidade deveremos ao menos pensar em ir busca-la, ao menos a busca nem que seja infinita como as questões será ao menos, um propósito. Acho que lidar com probabilidades não denigre a possibilidade do real, apenas fecunda uma investigação da própria vida. E ainda a respeito do

pensamento desse autor, não acho que o homem foi um erro da criação, mas o que ele, o homem, fez com sua criação o difere dos demais, criando um paradoxo, porque justamente o que se acha superior, estaria em uma rede de ações que se configuraram em desconexão aos propósitos evolutivos como compreendemos, o que nos leva a falar a respeito das condutas, das escolhas, e de que “somente” ele tem esse arbítrio, mas fazendo um jogo insano, poderíamos perguntar e quem diz que na racionalidade dos demais não teriam em seu próprio âmbito a mesma opção? Aí eu pergunto: O que **percebemos**?

“A percepção é o *continuum* da própria existência. Todos os seres se relacionam com seu ambiente e dessa relação surge em cada indivíduo, um universo mental formado por cognições acumuladas a partir da experiência. Somos constantemente bombardeados por perceptos, que entram por meio de nossos canais sensoriais de uma maneira coerente com nossa fisiologia. Graças a percepção, diz Peirce, seja qual for o processo físico subjacente parecemos perceber um genuíno fluxo de tempo, tal que os instantes se fundem uns nos outros sem manter uma individualidade separada” (apud, ROMANINI, 2006).

Cada vez mais creio ser de extrema relevância, conhecermos as condutas que infelizmente consideramos alheias as nossas. Além do egoísmo, que veremos, quanto a relação com a integralidade o quanto que isso influi, de fato penso que o orgulho é também um relevante entrave ao esclarecimento da própria condição humana, de fato poderíamos dizer que caminham juntos, são prisões que o impedem realmente de evoluir, o egoísmo o cega em relação aos demais e o orgulho o mata aos poucos, isso realmente o extingue como espécie. Deixando claro que não é somente uma questão moral e nem de teologia, mas está diretamente implicado em sua sobrevivência, em que deixando essas e outras mazelas estará “apto” talvez no sentido de Darwin a se integrar, entenderá o conhecimento como iremos destacar adiante.

Continuando o percurso a cerca das categorias, as irregularidades são muito mais frequentes, apesar de não nos atermos à elas, e serem mais claras aos nossos olhos as regularidades, mais faz-se notar que somente cria curiosidade e desperta interesse uma irregularidade dentro de uma regularidade já estabelecida. Está observação colabora para o que dizemos quanto a harmonia, uma tecla que iríamos bater, porque, não pensamos em relação a equivalência de quantidades, mais sim em um dinamismo que se comporta de maneira tal que se torna equivalente aos sistemas dinâmicos da física como foi realizado pelos estudos de Ilya Prigogine e de acordo a um pensamento que vê o evolucionismo como fator intrínseco de um universo em expansão e do próprio conhecer da Mente, nascente de uma observação que investiga a possibilidade de se ter no próprio caráter da totalidade justamente por ser o cerne dessa totalidade, a lógica das relações, o que nos evidencia o contínuo, e o

caráter mutável do evolucionismo, e ainda, conjugando com as relações a abrangência infinita da emergência do novo, como abdução. Da maneira como pensamos as probabilidades, elas podem constituir-se por um diagrama infinito na Mente, que se observa por relações que se fazem de possibilidades ininterruptamente em fluxo contínuo. Para nós fica claro o manancial de possibilidades que são próprias dessa Mente e que, possibilidades, primeiridade, é da mesma forma, propriedade da Arte e por essa razão entre outras que se fazem análogas como a própria presença das categorias, a identificamos como unívocas de modo de ser e conhecer

Quero deixar claro que o fato de termos um pensamento que condiz com a teoria dos sistemas, onde tudo se integra de maneira totalizante, de maneira alguma, será, um determinismo ou algo estável, se faz justamente o contrário o que integra promove relações que podem ser entendidas por metáforas de uma Mente que se dispõe como desenhos para serem vistos, que quando percebidos construirão significados e sentidos despercebidos, que promoverão movimento, e como as possibilidades são infinitas, e de infinitas probabilidades, a de se conviver com uma observação intervalar, onde somente podemos ter elementos variáveis, que se comportam de maneira indeterminada. Pode-se entender como harmônico o estado de entropia? A questão do próprio intervalo, entendido como a densidade da probabilidade, me configura um espaço onde me mover para uma compreensão que não concebe variáveis determinadas? Se o próprio movimento é entendido como lei, ou seja, um movimento que permanece, a única forma de se acompanhar esse movimento em uma equação de pensamento seria a própria margem de aderência? Mas, no organismo mundo ainda teríamos a questão hierárquica do tempo quanto ao movimento relativo diante do particular e geral, como o que é designado como “momento” por Jakob Von Uexkull, entendido como funcionamento de cada fenômeno observado e sua correspondência a sua organização particular e sua relação no tempo do âmbito geral, o que nos daria intervalos sobrepostos, talvez aí, estaria a compreensão de um tempo assimétrico? Importante, as considerações de Uexkull quanto a um tempo dinâmico dos processos signicos em harmonia ao vir a ser, ao futuro em aberto, apenas, discordo de seu ponto de vista, quando coloca o homem como observador, quando o vemos integrante do mesmo, e não observador. Não vemos que a possibilidade de um sistema aberto, necessite de um observador, mesmo do homem para com os animais, que o deslocaria, vemos essa possibilidade a não ser como um observador interno ao mesmo, integrado mesmo quanto ao estado aberto do sistema, porque como vemos as afeções elas se tornam observáveis em si enquanto agentes e receptoras, melhor elucidado como alteridade, a nosso ver. E ainda, particularmente, temos que ressaltar

no que diz respeito a linguagem verbal, que entendemos a linguagem como a voz, que todos falam, cada um em seu vocabulário estendido a suas ações do mundo, sem relegar claro a ciência que temos quanto ao desenvolvimento particular do verbal no homem, mais como coerência e exercício do próprio pensamento em conformidade a nossa visão, preferimos desatrear um pouco esse ponto para um plano maior, onde o verbal é parte já da metáfora do mundo, compreendendo todos os Seres, cada qual com sua imagem dentro de suas “palavras”. Mais próximo, talvez, ao que Uexkull coloca como dentro de sua abordagem de um processo germinal onde elabora seu círculo funcional, onde,

“Termos tais como “plano”, “melodia” e “contagem” sugerem a si mesmos mais uma vez quando queremos decifrar o intercâmbio de informações entre os elementos dos quais uma célula é composta e que regulam seus processos metabólicos, e quando somos ensinados que os signos do código genéticos são arrumados da mesmíssima maneira que as palavras e frases de um texto. Levando portanto em consideração que os signos enfileirados em uma cadeia de DNA são rearranjados e recombinados no decorrer do desenvolvimento de uma célula, temos a impressão de estar em uma posição que nos permite observar textos biológicos escrevendo-se e reescrevendo-se durante o processo de organização segundo a contagem para compor um sistema vivo.”(UEXKULL, 2004, pg. 35).

Parece-nos cada vez mais que no próprio percurso das categorias insurge o caminho que vai da vagueza a uma determinação, ou seja, de possibilidades para uma lei, mais tudo aqui deve ser compreendido não como uma estabilidade férrea, pelo contrário, em conjunção com o que abordamos no parágrafo acima, em acordo com um próprio movimento dinâmico onde como relatado por Popper “ Peirce conjecturou que o mundo não era regido somente pelas estritas leis newtonianas, mas que era também regido ao mesmo tempo por leis de acaso, ou do fortuito, ou da desordem: por leis de probabilidade estatística.”(POPPER, 1902,pg.199), aberto sempre a visão de um anuviamento. Todos os Seres, dizem sua voz e procurar ouvi-las é ver o próprio modo de ser das categorias.

1.1 O acaso entre a criação e a descoberta.

“O mundo apresenta-se, pois, como um complicado tecido de eventos, no qual conexões de diferentes espécies se alternam, se sobrepõem, ou se combinam, e desse modo determinam a textura do todo.” Heisenberg.

As questões ligadas ao acaso despontaram em nosso percurso em diversos momentos, seja quanto a sua ligação a origem, a concepção de um vazio que contém, indo ao caminho do estudo quanto a relação com a sua insurgência no próprio hábito independente de fatores externos, sendo fator de uma dinâmica, ligando-o diretamente as questões dos próprios sistemas estudados pela Física e ainda quanto a sua necessidade, compreendido como partícipe da lógica do mundo, quanto ao conhecer, dessa forma sendo visto por nós como o despertar de emergências que já concebiam a própria nascente total da Mente. Indubitavelmente trataremos dos processos de relações, que propiciam as abduções, e sua ligação e não dissociação no mesmo processo quanto a descoberta no sentido de ser “verificada” pela experiência, sendo colocada a prova sua possível verdade, no que diz respeito a seu vetor de condição quanto ao propósito da própria finalidade da Mente quanto a evolução.

Tentaremos expor aqui o próprio caminho percorrido e as ligações que foram estabelecidas em razão do pensamento tornar-se um diagrama, que é indeterminado em muitos aspectos por variáveis surgidas que justamente não possuem certezas mais propiciam outros caminhos para novos diagramas. Por vezes pode parecer como um labirinto, mas esperamos realmente ter em mãos um fio de Ariadne, que não nos conduzirá a saída mais ao menos, a um sentido.

Desta forma seguiremos por traçados que compreenderão o idealismo objetivo com a dissolução da dicotomia entre mente e matéria, o papel do acaso, como a doutrina do tiquismo, frente ao evolucionismo, o continuo como o sinequismo e a cosmologia, trilhas de um desenho de mundo. Procurando diagnosticar sob um argumento ontológico a constituição substancial da realidade, encontraremos o idealismo objetivo que afirma o mundo como natureza da mente sendo o real eidético, portanto, a matéria relaciona-se com o principio

eidético de maneira tal tornando-se mente esgotada, envelhecida. Talvez, para, a meu ver, esclarecer um pouco essa posição, quanto ao monismo que se configura, é da mesma natureza, visto sob a mesma observação, a relação que à nosso entendimento, está sob o mesmo caráter, do homem e Natureza, ou seja, não há dissociação, é o mesmo organismo com estâncias possíveis de aprendizado e crescimento, ou ainda, ver como extensões de uma unidade, sendo que vemos na Mente a presença ainda maior quanto a liberdade, e em sua extensão quanto a matéria sua própria experiência entendida como vida, análoga a ela mesma, pela existência, composta da matéria, sujeita as conservações resistentes do hábito, como um coração, o que nos ligará a imagem de sentimento o que favorece, sendo a Mente, e o som das batidas, seu eco, a matéria, sendo assim, um que procede do outro e é ele mesmo. É justamente nessa unidade que encontraremos a primeiridade, a categoria da liberdade, sendo o acaso seu elemento que gerará, por sua inserção no mundo uma potencia geradora no processo de criação e descoberta.

“ Na mente livre de preconceitos, qualquer descoberta científica original provoca satisfação estética, porque a solução de um problema embaraçoso transforma a dissonância em harmonia; e, vice-versa, pode surgir se o intelecto endossa a validade da operação – seja qual for a natureza – destinada a provocar a experiência”.(KOESTLER, 1978, PG. 156)

Retomando considerações acerca das reações que ocorrem na segundidade e que se direcionam a aquisição do hábito como até mesmo sua tendência natural, é justamente, no hábito que vamos ir de encontro a imagem de percurso que se move e se transporta em composições habituais e transmutadas, surgindo o seguinte questionamento a respeito de que quando a reação torna um hábito ela perde seu caráter de reação, sendo assim, no hábito não teremos reação? Como acontece então no processo, a mudança de hábito?

Retornando a questão da mudança de hábito, e quanto ao seu fator de reação que não necessariamente viria do exterior iremos questionar, não terá também, o hábito uma força interna capaz de se “rebelar”? Para uma mudança independentemente de qualquer influência, por contato externo, no sistema, seria importante, se houvesse essa possibilidade, de se diagnosticar como isso ocorre, não? O acaso pode ser uma resposta? Ou poderá existir outro fator, como a própria margem de possibilidade? Pode o acaso ser previsível? Se pensarmos na possibilidade de existir um fator interno ao hábito capaz de se rebelar contra o mesmo e se desenvolver, mais dentro de uma organização que esteja de acordo a um processo como uma homeostase, mais que fosse capaz de organizar-se em seu âmbito conjuntamente com um fator aleatório, que não venha a desestruturar mais sim promover um desenvolvimento de um sistema visto aberto, de forma a ver esse fator em uma integração, sendo assim, possível de

ser visto como na pesquisa de Kostler onde concebe o impulso inato, como elo vital, fonte de aperfeiçoamento interno, como vetor de potencial evolutivo, de maneira que,

“ Na presente teoria, esse “impulso inato” deriva da “tendência integrativa”. É mais específico do que as expressões que acabo de citar, porque é inerente à concepção de ordem hierárquica e se manifesta em cada nível, a começar pela simbiose das organelas no interior da célula, indo até os sistemas ecológicos e as sociedades humanas. Seu oponente, a tendência auto-afirmativa, está igualmente presente em cada nível. Esta fornece uma chave para o enigmático conservantismo do processo evolutivo, tal como vem refletido nos fenômenos de homologia, a estabilidade das espécies, e no baixo índice de mudanças, a sobrevivência de “fósseis vivos” (também conhecidos como tipos persistentes) e finalmente, quando não controlado pela tendência integrativa, nos becos sem saída da estagnação e da superespecialização. Pois temos visto que a tendência auto-afirmativa é, na verdade, conservadora, dedicada a preservar e afirmar a individualidade do hólon “no aqui e agora das condições existentes, enquanto a tendência integrativa possui a dupla função de coordenar as partes constituintes de um sistema em seu estado atual e de gerar novos níveis de organização nas hierarquias evolutivas – sejam biológicas, sociais ou cognitivas. Portanto, a tendência auto-afirmativa está orientada para o presente, preocupada com a automanutenção, ao passo que a tendência integrativa pode ser classificada como trabalhando tanto para o presente como para o futuro” (KOESTLER, 1978, pg. 223).

Em conformidade com o que Koestler afirma, acreditamos que o que ele expõe como tendência auto-afirmativa está para nossa concepção como o que entendemos a respeito do próprio hábito, que tem como caráter a sua permanência, sendo a terceiridade, e o que ele aponta como tendência integrativa para nós é a própria lógica das relações, e o impulso inato, ligado ao elo vital é, a nosso ver, o que dispomos como o acaso.

Podemos acreditar que o que permanece, é o que será para a lógica da descoberta, o que se apresenta, além da conformidade com o existente, o que é apresentado como verdadeiro, não como uma verdade imutável mais como uma possibilidade verdadeira de aderência, a própria Mente, ao próprio organismo mundo. O acaso será o próprio elemento da espontaneidade na existência, e parece-nos que podemos discernir que o acaso enquanto criação realiza uma alquimia de qualidades, em criação, que está na idealidade, no pensamento, nas possibilidades é a primeiridade, e que quando este se apresenta na existência já está sob a segundidade, sendo a descoberta, fazendo-se parte da experiência, tornando-se apto a realidade entendido como em conformidade, e sua confirmação como verdade fazendo-se representar algo no mundo. Se entendermos sua fluidez na existência quanto a representação como sua distribuição de qualidades, poderemos entender então como um intercâmbio entre o que estava, como eu coloco, estando no ambiente da interioridade, sendo unidade, *kalosfera*, para a uma densidade de probabilidade a ser em exposição vista como “É assim é que aquele mesmo elemento lógico da experiência, o quale-elemento que aparece internamente como unidade, quando visto pelo lado exterior, é visto como variedade”(PEIRCE, 6.236, apud, IBRI, pg. 211).

É possível de se estabelecer uma alienação proveniente, quanto ao próprio estado de permanência do hábito, como uma acomodação do organismo, mais ainda acreditamos que até por questões graduais, porque acreditamos que conforme o fenômeno observado o nível de preponderância de terceiridade pode se sobrepor quanto às outras categorias, dependendo da sua própria necessidade quanto à lei da Mente, porém, ainda assim, alegamos que a primeiridade, é fator primordial quanto a sua correspondência quanto ao propósito que fundamenta todo o cerne da própria evolução. Para nosso entendimento, o acaso é integrante da própria lei do universo.

A nosso ver um bom exemplo de equilíbrio entre a terceiridade e a primeiridade, e sua harmonia em contribuição a uma lei e criatividade, ocorre de maneiras diversas na natureza, como no exemplo apontado a seguir,

“As atividades executadas por uma aranha comum na construção da teia, são controladas por um cânon fixo hereditário (o qual prescreve que os fios radiais devem sempre secionar os laterais em ângulos iguais, formando assim um polígono regular). Mas a aranha tem liberdade para fixar sua teia em três, quatro ou mais pontos de apoio – para escolher sua estratégia de acordo com a situação do terreno. Outras atividades instintivas- os pássaros construindo seus ninhos, as abelhas suas colmeias, os bichos de seda tecendo seus casulos- todas apresentam essa dupla característica de seguir um código invariável ou um livro de regras que contem o protótipo do produto acabado, mas usando, ao mesmo tempo, surpreendente quantidade de estratégias variáveis para alcançar seu objetivo.”(KOSTLER, 1978, pg. 45).

Aproveitando a diretriz do relato acima quanto a liberdade, é de fato importante para os Seres, em sua totalidade orgânica, de maneira alguma, a nosso ver, prescindir de tal argumento em sua existência, porém, na mesma medida se impõe o discernimento relativo a própria causa. Como uma primeira aproximação do que realmente vemos unificados, colocaremos elementos de uma concepção que se faz, lúcida a nossos olhos compreendendo, no próprio acaso e em reverberação a todo o pensamento das categorias, o que viemos a chamar de valores, a ética propriamente, o admirável, enfim não os dissecando, mais os sentindo por inteiro. Dessa forma, neste particular do texto, quanto ao acaso, como elemento libertário, e que irá se firmar quanto ao nosso desenvolvimento sobre o próprio conhecer, salientamos que ela poderia ser proporcional ao grau de “consciência”, talvez prefira aqui o conhecimento, da maneira que o conceituamos, de qualquer forma, poderia ser assim, mais a liberdade é pela generosidade da criação, de Deus, um fator geral a todos os SERES, agora, o que fazemos com ela, ou seja, sua implicação poderemos entender que seja a “**responsabilidade**”, curioso, algo que te liberta e te **desperta**. Desperta porque responsabilidade não deve ter caráter de cobrança. É um engodo crê-la assim, como cobrança, isso seria uma falta de visão, penso. E o que poderemos pensar a respeito da responsabilidade

e da consciência, conhecimento e discernimento? As relações operantes no propósito do bem são interligadas, sempre, em relação as quali-consciência, aquelas pertencentes ao admirável, rumo ao mesmo propósito, são unívocas, em verdade, pois que, muito tempo talvez não se tenha conjecturado em suas propriedades de fato, sem compreendê-la talvez, por separá-las, mais o que penso é que na responsabilidade temos a fraternidade, a tolerância e tantos outros preceitos de um SER compatível com sua criação, com sua origem. Se entendermos isso, compreenderemos a liberdade pelo seu aspecto “real”, podem objetar que há condutas que não concernem com esses aspectos, porém, veja, não é da liberdade, é das condutas, mais propriamente, das escolhas, o mau uso, não gosto de me referir assim, creio que se deve firmar que liberdade é por princípio do bem. Penso que ainda temos na sociedade um conceito não totalmente firmado, nem de liberdade e nem de responsabilidade. Vejo ainda na sociedade, muito do que diz respeito a responsabilidade, como, a presença de um juiz alheio, e o que deveríamos, era modificar esse sentimento, primeiro que não deverá ser visto como cobrança e segundo, se fosse o caso de juiz, devemos ser juízes de nós mesmos, como Santo Agostinho, de nossos próprios atos para sermos de fato libertos.

Apesar de não termos a intenção de dizer neste momento, mais devido a colocação sobre julgar, poderá ser pertinente, alinhar, mesmo que ainda retomemos se preciso for, o pensamento, porque é parte do pensar sobre a gênese das vozes da arte, enquanto falamos da liberdade e sua ligação ao ato de julgar, e ao julgar se apropriar de uma verdade como factícia, ainda vendo pelo particular da obra de arte, mais claramente exercendo o próprio pensamento a que nos propomos vendo a nós e o mundo como a mesma obra, encontramos que as relações serão sempre importantes, para a forma como conhecemos as coisas, porque acreditamos não poder ao conhecer, se ver somente a obra somente por si, em si mesma, fato é, que devemos ao contempla-la mergulhar em seus rios, dizendo que outros mares contém esse que parece ser um afluente. Somente assim, conseguiremos adentrar uma possibilidade de aprender e conhecer que fecunda no geral e particulariza ao mesmo tempo, onde sob esse terreno deveria se ter por primazia a condição de não julgar, sem nos contradizer, com a colocação acima, apenas elucidando o pensamento. Primeiro, terei que esclarecer a questão de como estou empregando o julgar, aqui. Ao dar margem a diversas possibilidades de relações, onde claramente você amplia o conhecer, onde se observa o próprio continuo e o aprender, eu diria que quase é inversamente proporcional a possibilidade de julgamento. Por quê? Parece-me que quanto menos você relaciona, menos você conhece e mais você julga. Julgar pode incorrer um algo em **detrimento de outro**, algo comparativo, talvez, ou algo que pressupõe

uma escala, e uma verdadeira aproximação em relação, e inclusive, o que de fato tanto melhor, verificado também na unicidade com a obra, a aderência a que estamos falando, não pode, a meu ver, naufragar, em prejuízo pelo ato de julgar.

Em que instância será possível julgar? Realmente acho que não temos ainda capacidade para isso. Será preciso ver as possibilidades de implicações de ordem factuais desse pensamento. O que implicaria na ordem social por exemplo. Talvez ainda não estejamos prontos nem para julgar e nem para deixar de fazê-lo. Então a isenção do julgamento somente seria possível em mundos onde a evolução fosse maior, pois que a harmonia reina, os seres tem “qualidades” intrínsecas do *summum bonum*, suas potencialidades já se encontram com capacidades que constituem os seres, por essa razão, não há necessidade de observar a falta de compreensão, do próprio conhecer, o que isenta a necessidade do próprio julgamento. Porém, modificar nosso habito, porque julgamos, aqui neste estágio, muitas vezes sem precisar o que não entra em sintonia com propósitos evolutivos. O caminho neste momento, penso, seria o exercício da experiência que promove, e tem como finalidade a compreensão do não julgar, para isso, devemos nos ater no presente momento, a cuidadosa arguição de quando existe realmente, sempre imbuídos do sentido do bem maior, a necessidade de algum julgamento, para a ordem geral da evolução. Creio que um bom trabalho para todos nós seria desenvolver e praticar o discernimento, neste estágio. Mas adequado quanto a liberdade e o julgamento, será questionarmos a nós mesmos sobre o estado da idealidade em nós, ou, como está nossa aderência ao que conhecemos como admirável, e dessa forma se não somos, que caminhemos então para um estado onde o acaso como liberdade estará para nossa essência como o que que é desperto e menos judicativo, dessa forma mais próximos para adentrar ao estado de contemplação, em ligação a vontade de Shopenhauer, ou, ao menos, estaríamos em uma maior comunhão com o Absoluto de Schelling, ou a Mente do cosmo.

Ainda poderemos dizer que a respeito da relação entre permanência de um hábito, como a epigênese, e o acaso como fatores da harmonia da própria evolução, podem estar em conjunção, segundo Bateson, e o que também pudemos observar, com a Segunda lei da termodinâmica, porém, divergimos quanto a sua colocação em relação ao acaso, e a aprendizagem estocástica, na citação que segue. A experiência, a segundidade, tem o caráter de aprendizado, o que pode ser aliado ao pensamento de Bateson, mais quanto a ser fora do acaso que recolhem novas mutações, parece-nos ser discutível, mediante nosso pensamento.

“Finalmente, convém observar que os domínios da epigênese e da evolução estão, a um nível mais profundo, tipificados nos paradigmas gêmeos da segunda lei da termodinâmica: 1- os mecanismos do acaso, respeitantes à probabilidade, absorverão a ordem, o padrão e a entropia negativa, mas 2 a

superabundância de alternativas independentes, é necessária. É fora do acaso que os organismos recolhem novas mutações, e é lá que a aprendizagem estocástica adquire as suas soluções. A evolução conduz ao clímax: saturação ecológica de todas as possibilidades de diferenciação”(BATESON, 1987, pg. 51).

Quanto ao aprendizado, e sua relação com a mudança de hábito e a própria insurgência da memória, como uma possível ligação quanto ao que Bateson fala a respeito da estocagem, a estocagem poderá ser vista dentro dos estudos da lei da mente realizados por Peirce, talvez, sob esse aspecto encontremos uma relação, ou seja, quanto ao passado fazendo-se presente e insurgir até mesmo quanto ao futuro, este passado entendido como a própria estocagem de Bateson. Agora, quanto as relações dentro deste trabalho com a segunda lei da TermoDinâmica, se fazem mais correspondentes as colocações desenvolvidas nos estudos de Fritjof Capra, as quais recorreremos durante o percurso.

Temos uma indagação, que surge dentro de uma possibilidade quanto a uma abdução que se observa quanto a Mente, a saber, seria uma conformidade onde da mesma maneira que relacionamos pensamento e pensamentos subsequentes, e ainda, que as qualidades não dependem nem de um ambiente, nem de um pensamento, ou sentimento, apesar de se comportarem a nosso ver, por estas colocações como o vazio, vistas sob a possibilidade etérea, *aitherios*, poderemos pensar que, a mente que é independente, ou melhor, genitora, conspira conosco de maneira que ao encontrar sintonia transmuta pensamentos em ato imagens de uma mente cósmica para uma mente pensante que por estar em sintonia, o que mesmo poderemos chegar a entender dentro da questão das ondas e partículas da Física Quântica, dentro da densidade de probabilidade, estaria procedendo da mesma maneira que entendemos a afetabilidade e afeiçãoabilidade, onde se torna possível a própria legitimidade de compreensão dos sinais. O que queremos expor aqui, apenas como uma questão é que se, o processo que nos concede, que nos permite, a abdução é inteligível a nós, porque não seria uma ocorrência no próprio âmbito do universo, até mesmo, por estarmos constatando nossa co-naturalidade, nosso estado permanente de analogia a essa Mente? Quanto as qualidades, e seu aspecto monádico, estaremos trazendo-as a tona no decorrer de todo nosso pensamento da lógica sensível, porque acreditamos ter elas o papel fundamental, nas vozes da Arte. “Aquilo que a verdade representa, é uma realidade, essa realidade sendo compreensível e cognoscível é da natureza do pensamento”(IBRI, 1992, pg. 56). Entendendo, que, a potencialidade do pensamento, da ideia, da mente mesmo enquanto particular, porque é geral, que , é tanto real quanto a exterioridade da matéria, chegaremos a compreensão de que pode ser que a Poesia seja pensar um pensamento desfilando rio adentro, procurando as ilusões,

onde as palavras são vozes da alma a dizer à criação, seus encontros com Deus, em poesia. Cada som, um gesto de amor que ecoa na mente daquele que lê e sente. Esta será a maneira como veremos o caminho das qualidades, da primeiridade e do sentir.

Parece-me que para pertencer ao Inteligível, cabe ao pensamento, a ideia, ser exteriorizado no real, de maneira que assim torna-se “pensamento legível”. No âmbito da Arte essa inteligibilidade, e o ser legível a nosso ver ocorre de maneira unívoca, ou seja, nas duas estâncias, permeia, ambas e se faz por ambas, integra, penso que o pensamento é real independentemente da sua materialidade no real(entendido como exterioridade), ou seja, para nós, o pensamento é força, e é inteligível ,e move ações no seu próprio “campo”, o que não o impede claramente de reagir, de definir sua alteridade justamente na conjunção com exterioridade.

Como já exploramos, quando o pensamento pertence a ordem geral, ele passa a estar mais próximo ao conceito de mente, no sentido de que é além da propriedade do humano, é uma pensamento que ordenada a lógica do mundo, de maneira tal que o interno e externo cohabitam a mesma instância, a da criação continua que se estabelece nos hábitos, nas variedades..como já dissemos, e portanto, Para nós, a Arte tem por hábito, conduta, a construção de metáforas, de sentido, de pensamento, construções do âmbito da primeiridade, portanto, nos faz cada vez mais claro a relação unívoca entre Mente e Arte.

Devido ainda, atrelarmos nosso pensamento em nossa maneira de agir do humano, o que nem sempre corresponde como deveria ao modo *operandi* da Mente, por essa razão, penso, ainda poderemos pensar que o erro, move a uma ação, e a uma quebra de hábito, não que isso não ocorra, mais acreditamos que de uma forma mais coerente ao funcionamento de ordem cósmica, como acreditamos, até porque, o conceito de erro, poderia ser elucidado de outra forma, podemos entender que a Mente, e os Seres, por analogia, tem em si mesma o caráter de crescimento e que não é dependente do fator equívoco, não seria porque já se firmou na generalidade um hábito, uma conduta, que ela não deva ser quebrada, a necessidade da evolução tem em si, tão fortemente seu próprio germe de criar pata gerar um continuo da evolução propriamente que não carece somente dos equívocos para gerar o novo, eu penso que necessariamente a mente procura a quebra de hábitos como uma necessidade própria.

Mas o que a nosso ver se faz importante é justamente, em que instância e em que momento isso demonstra ser necessário. Quando que na questão de graus de preponderância das categorias, alguma, por determinada razão, se torna insipiente, para o fenômeno a essa

Mente. Firmemente acreditamos na capacidade dessa Mente do Universo cósmico, aprender com ela mesma. Então, o que me parece é que sempre estaremos nessa conjunção que está longe a meu ver de ser um embate, mas sim, uma força,(reativa) que existe para a formação de uma harmonia persistente, ou seja, quando temos a necessidade da formação de hábitos (generalidade, conduta) e a também necessária quebra dos mesmos(variedade e a possibilidade do novo) na verdade o que a mente da criação busca é um caráter reativo que gera o equilíbrio do pensamento cósmico, eu diria. Talvez, como a imagem que perguntamos quanto ao equilíbrio de um estado entrópico. Em suma, importante colocar, que destituindo a dualidade mente e matéria, em acordo com o idealismo de Peirce, admitindo a natureza eidética da terceiridade, configura-se o que dissemos quanto a uma busca, entendido, como em acordo com Peirce, sobre o idealismo objetivo, quando diz“ Este método promete tornar a totalidade das coisas pensável, e é elementar que não exista outro modo de explicar qualquer coisa senão mostrar como ela traça sua extirpe no útero do pensamento” (apud, IBRI, 1992, pg.61). O que nos permite dessa forma a navegarmos pelas correntes do sinequismo, o pensamento contínuo, e o que vem a ser o contínuo senão um modo de ser de um todo, e algo que se identifica por um traço elementar e em razão disto funde-se realizando um movimento de criação onde é possível tornar-se outro permanecendo.

Acaso e possibilidade. Eu penso que o caráter do contínuo nas qualidades realmente está ligado a possibilidade, sendo até, arriscaria dizer um caráter intrínseco das mesmas. Essa questão me traz a lembrança os diagramas como a lógica das relações de um percurso de pensamento, pois que, as qualidades no meu modo de ver são gerativas, e justamente por isso, é que tem em si o caráter da possibilidade, e os diagramas, conforme aqui citados, devem ser uma arquitetura de possibilidades. Para nós, ver as possibilidades é, deixar à construção do pensamento a própria condição da abdução, verter uma forma onde o possível tem lugar, é admitir um indeterminado, a nosso ver, que encaminha para a ponte que executa uma vagueza possível, encontrando a própria criação Possibilidades, é o mesmo, que dizemos quanto a diversidade.

Em se tratando de seu aspecto geral, e sua relação, tempo e espaço, diz-se que o tempo e espaço são contínuos e abrigam-se em seu caráter de possibilidade, poderíamos talvez pensar que a possibilidade é geral porque “incorporam” o tempo e o espaço. A ordem dos fatores não alteraria o produto. Penso que exista essa reflexão, quanto a esse ponto. De qualquer forma tentando explicar, seria pela razão de que a própria possibilidade no seu “estado” de vir a ser, presume-se um deslocamento, ou seja, aquele que ao mover-se para, o

vir a ser não permanece o mesmo, ocupando outro lugar e espaço o que conseqüentemente determina um intervalo de tempo. Cabe nesse pensamento, conjectural, que o vir a ser da possibilidade exista, mas traz a tona a força reacional na existência real que rompe na unidade discreta.

Quanto ao ser geral e particular ao mesmo tempo, tanto a natureza quanto nós mesmos como indivíduos e humanidade, somos exemplos dessa relação. Podemos pensar ainda, como exemplo, que a diversidade da natureza seria justamente a manifestação externa da harmonia entre o geral e o particular, podendo nesse particular, perceber a questão do ego e não ego? Podemos pensar que uma árvore que é única dentro de uma espécie geral, seria por sua distinção a reação, o não ego, e a regra sendo o geral – a espécie. Diante do caráter do possível e de seus encadeamentos começa a despontar a conexão com uma distinção sobre aleatoriedade e acaso. A aleatoriedade contribui para o equilíbrio, mas, poderíamos distinguir uma aleatoriedade dentro de um geral, sem parecer absurdo e uma aleatoriedade desconexa? Aleatório e acaso. Alguma coisa me leva a pensar na questão da escolha e a ação.

Imaginemos uma determinada situação que nos apresenta uma série de possibilidades, agora, nossa escolha que demonstrará uma conduta pode ser direcionada pelo hábito, ou dentro das mesmas possibilidades aqui, compreende-se que, pode ser este, ou aquele ou o outro, nossa escolha pode ser aleatória, ainda aqui “denota” uma relação, um entre - a escolha e alguma das possibilidades, agora, o acaso, a que estamos nos referindo, é uma ocorrência que é de fato independente, ela simplesmente emerge.

Penso que o aleatório seria uma ocorrência dentro de um quadro de possibilidades, já o acaso seria uma ocorrência independente, espontânea, ou dois aspectos do mesmo. Estou pensando se seria possível ver o acaso, justamente como a primeiridade pura, ou seja, o fator de liberdade e também sendo ele mesmo a reação dentro do geral que é a regra, portanto como reação, seria uma segundidade, mas aí teríamos uma questão, o acaso poderia ser dentro da terceridade (geral – regra) a primeiridade da segundidade?

Dentro do exemplo da árvore, uma espécie pertencente a natureza, seria, até onde compreendemos o geral , o ego, a terceridade, a regra, e o individual – com caráter de unicidade mas que não deixou de pertencer ao geral, sendo o particular, o não-ego, a reação, a segundidade, da terceridade e ainda o acaso por sua liberdade, espontaneidade, sendo assim uma primeiridade da segundidade? Parece-me um sistema lógico de relações e “intercâmbios” entre as categorias, porém como ficamos quando a continuidade da criação se dá em espécies

diferentes, ou formas do mundo diferentes, como no meu exemplo dos afluentes dos rios, das raízes das árvores, e dos bronquíolos pulmonares?

Em uma conjectura, voltamos a dizer, que poderia, no percurso de pensamento da criação citado acima, a regra, o hábito, a terceiridade se configura na permanência dos desenhos do mundo, a reação, a alteridade, o não-ego ocorreria no outro desenho que objetiva, no caso do exemplo acima, o desenho dos afluentes de um rio com o desenho das raízes, eles reagem mutuamente no desenho geral das formas do mundo, e são justamente a primeiridade, a qualidade dos mesmos desenhos quando se apresentam em suas formas distintas, como uma ontogenia.

“ Assim, como resultado da fratura reprodutiva é a separação de duas unidades com a mesma organização – mas com estruturas diferentes da unidade original – a fratura reprodutiva produz a variação estrutural. Ao mesmo tempo mantém constante a organização. O fenômeno da reprodução implica, necessariamente, a geração tanto de semelhanças quanto de diferenças a estruturais entre pais, filhos e irmãos.(...)A ontogenia é a história de mudanças estruturais de uma unidade, sem que esta perca a sua organização. Essa contínua modificação estrutural ocorre na unidade a cada momento, ou como uma alteração desencadeada por interações provenientes do meio onde ela se encontra ou como resultado de uma dinâmica interna A unidade celular classifica e vê a cada instante suas contínuas interações com o meio segundo a sua estrutura. Esta, por sua vez, está em constante mudança devido a sua dinâmica interna. O resultado geral é que a transformação ontogenética de uma unidade não cessa até que ela se desintegre.”(MATURANA,VARELLA, 1984, pg. 86.)

Importante dizer que a maneira como entendemos a desintegração a que acima se refere, é justamente pelo acoplamento estrutural, como uma unidade metacelular, e onde questões como as afecções e as razões de determinadas permanências e ocorrências em preponderância à outras, podem ser investigadas sob um olhar de uma filogenia.

No caso da Arte, tanto de semelhanças quanto de diferenças estruturais entre os desenhos do mundo. Uma coisa é pensarmos como a arte está na criação e como ela age e a outra é perceber mesmo no cosmo, no mundo, sua poesia.

Ainda sobre possibilidades, que realizam relação com algo, podemos pensar que, podem ser mais previsíveis no sentido de que, quando temos uma equação onde mesmo que a primeira variável não me seja conhecida, posso inferir pela conjugação com a segunda e o resultado, a denotação da primeira, que antes não me era conhecida, portanto uma margem de probabilidade entre o possível.

Quanto a necessidade de mudança de hábito, acreditamos que além do próprio caráter do impulso, que creditamos ser do próprio princípio evolutivo, o definhamento, decorrente da cristalização do mesmo, o impele também, a necessária, modificação.

Acaso como o irregular, curiosamente diz-se sobre a necessidade do abandono do conceito para perceber as irregularidades. Mas, pergunto: Irregularidades no pensamento de quem? Pois que a Arte tem por hábito a criação, tem por terceiridade uma primeiridade, está na criação do hábito da arte, olhar desatrelado do conceito, porém me parece que teremos dois caminhos investigativos a esse respeito. Primeiro: não é em razão de nossos olhos não verem a olho nu uma partícula que ela não exista e não possa ser conhecida e estudada, seguindo esse pensamento, observo o seguinte, não é porque não temos o hábito de perceber o mundo fora de como o conceituamos que ele não exista e portanto o que pode parecer de um ponto de vista o irregular seria regular “sendo parte de uma lógica maior” a lógica do universo. Parece que tem a ver também com o modo de conhecer, que me recorda a mesma questão dos particulares e o geral, que é abrigar a possibilidade do particular ser geral e o geral particular, em um pensamento lógico que abrigaria a possibilidade do irregular ser regular. Agora, como trazer para uma regularidade, que presume uma ligação entre o passado, presente e futuro, uma constância, ou seja, tudo que está relacionado com os hábitos e condutas, algo que é independente, sem relação com o tempo, no sentido de inserção.

“ Mas o tempo, como a condição de possibilidades da passagem do indefinido ao definido é em si mesmo um contínuo. E como tal requer uma certa forma de regularidade” (IBRI, 1992, pg.72) conforme estudamos, a alteridade é parte do contínuo, não? E se o tempo como a condição citada acima é em si mesmo um contínuo, portanto, o tempo tem alteridade. E como ela se manifesta seria justamente fazendo “ o tempo faz da potencia, ato” ou, tornando-se não tempo, frente a primeiridade?

Em conformidade com a ontogênese das leis,

“ Olhando para o curso da lógica como um todo vemos que ela procede da questão para a resposta, do vago para o definido. E assim, da mesma maneira, toda evolução como conhecemos procede do vago para o definido. O futuro indeterminado torna-se o passado irrevogável...(...) o contínuo tem sido derivado de um contínuo mais geral, um contínuo de mais alta generalidade.(apud, IBRI, 1992, pg. 72).

O que indubitavelmente nos leva a questão do princípio, mas diferentemente do que seria um vazio, porque pensamos o vazio da mesma maneira como até mesmo no silêncio temos o movimento; o da ausência. Para pensar, o absoluto nada, não pode haver a negação que precede um outro, então para pensar o princípio do universo, deve se ter em mente a sua não existência, porque somente esse estado poderia nos trazer a ideia do “princípio”, o puro zero. “ É o nada germinal no qual todo universo, está envolvido ou renunciado. Como tal, ele

é possibilidade, absolutamente indefinida e ilimitada – possibilidades sem fronteiras”(apud, IBRI, 1992, pg.73). Refletindo a esse respeito,

Poderá haver um estado germinal, coberto de liberdade intrínseca, veja, sabemos da necessidade da lei para ordenação seja no real ou antes dele, porém, não poderíamos crer em um estado de coisas que fosse capaz de realizar uma transição de um estado germinal e liberal. Penso, de certa forma tem a ver um pouco com estados de coisas, por exemplo, como o vazio que não é vazio, pelo fato de que, não é por que temos um estado de coisas completamente livres e germinativas que não teremos a possibilidades de dentro do contínuo, e na própria conjugação com o real estado do tempo, passar desse estado para uma ordenação pela própria relação que proliferou desse estado germinativo com as suas possibilidades, de potencia que já é em si um dos fatores próprios iniciais de uma lei. Sabe, cada vez mais vejo estágios que se sobrepõem, então, voltando as possibilidades para mim elas claramente induzem para a verificação de no contínuo termos a presença das qualidades – germinam as possibilidades e possibilidades que germinam o via a ser e as leis. Objeto pela possibilidade de pensar que é na liberdade germinativa que se encontra uma possível gênese de possibilidades que engendraram e configuram um estado “ possíveis” regras.

Gênese mental do universo - Para esse pensamento reflito no próprio equilíbrio do universo, cosmo, porque penso que esse equilíbrio se faz e refaz entre os “momentos” de fluxo do contínuo estabelecidos entre tudo que se relaciona desde o primeiro, germinativo, qualidades, particular, até as possibilidades, entre, reação, alteridade, e o geral, hábito e leis que irão irromper em impulsos gerados pela potencia do aleatório ou do acaso para gerar novos processos de evolução. A liberdade do germinativo não deixa de ser livre porque engendra em si o caráter de possibilidade!

A possibilidade não é regular no tempo porque ela ainda preserva o caráter livre que advém das qualidades, ou primeiridade, e pensamos, que as possibilidades não se apresentam, ao mesmo tempo, por exemplo, fazendo um paralelo com a natureza, as sementes não germinam apesar de plantadas no mesmo tempo, elas brotam cada uma conforme seu próprio tempo, um tempo dentro do tempo, além do que, me parece que , a mente totalizante vai construindo com suas qualidades as possibilidades e talvez aí encontremos o caráter do impulso, apresentando-se , ou seja, conforme o grau presente de impulso na essência da qualidade, é que se verificará a manifestação do possível vir a ato.

Não sei se poderemos falar do processo do contínuo, partindo do absoluto nada, da mesma maneira como falamos do contínuo dentro do próprio já estabelecido. Entendemos a seguinte colocação, sendo, acaso absoluto, um estado de origem de primeira de todas as coisas e o acaso, emergindo independentemente dentro do processo do contínuo como parte integrante de uma necessidade – ALEATORIEDADE. Eu penso que seja necessário fazer uma distinção do acaso absoluto do acaso que emerge já em um processo. Creio que sim, o acaso corta o fluxo do tempo, somente colocaria acaso e não acaso absoluto. Pensando sobre a alteridade do tempo, me parece que ela é mais presente do que poderíamos imaginar.

Acaso, distribuição das qualidades, qualidades, como sentimento, de maneira que possamos ver no verde de uma folha e no verde ou azul do mar, qual seria o sentido tátil para tal identificação de cor presente a esse ato? Seria, uma relação de um particular para um geral e não por ser o mar uma imensidão, mas pela sua fluidez que não se condensa no sentido mais que requer outro caminho na percepção, requer um sentimento de abraçar, de conter e deixar partir. Poderíamos falar das cores sem dizer a elas que a estávamos vendo, apenas sentido, poderíamos por um momento olhar com o pensamento imbuído pelo coração, suas formas, e identifica-las por sua natureza mais verdadeira que não está no seu nome, está no mundo. Passear pelos sentidos livres das coisas do mundo é um prazer da alma que deveria ser feito sempre ao abrir os olhos e ao dormir na imensidão. Poderemos encontrar dessa forma criação e descoberta no mesmo mar?

Quali-consciência – interioridade da qualidade - Estaria na arte a possibilidade de uma razão do sentir? Seria um meio de se comunicar com as coisas sem nome, como nos diz Prof. Ivo Assad Ibri? Estou pensando se poderia haver alguma relação possível para a contemplação e o olhar que se abstrai do conceito. Poderia haver uma aproximação pensando na arte entre os dois? Não estaríamos nós, “ olhando para as coisas como nunca as viu”, talvez adentrando a contemplação, não estando aparte do objeto mas não digo totalmente, porém, em um caminho de integração?

Poderá o sentir ter a propriedade de uma razão própria? Porque o sentir não poderá ter uma razão? Acho que tem e muito profunda, não totalmente o sentir impede um ato racional, ou desenvolve desmedidas proporções que chegam ao ponto de ser irracional aos olhos da razão como colocada na contramedida do sentir. Por vezes, me parece que o sentir alcança razões desapropriadas de uma razão condicionada. Seria como um modo particular de uma lógica própria que desvenda os caminhos do pensamento, de uma forma, que penso, a arte seja do mundo ou das linguagens, faz muito bem. Talvez fosse necessário explicitar mais esse

sentir, para depois definir sua razão. Veja, sei que tem o sentir, no nível psicológico, que pode ser relacionado a patologias, porém vou de encontro a um sentir que está direcionado ao “admirável”, ou seja, uma forma de pensamento ligada ao sentimento que pode conduzir a um admirável, a uma construção de relações que não vistas anteriormente pelo condicionamento da razão, pode vir a despertar para novos sentidos dentro do mundo e tão presentes na arte, e creio que também na “contemplação”. A idealidade do mundo pode ser identificada na união da qualidade e do sentimento, onde,

“ uma qualidade é uma consciência. Não digo uma consciência desperta- mas ainda alguma coisa da natureza da consciência. Uma consciência adormecida talvez. Uma possibilidade, então, ou potencialidade, é um matiz específico de consciência é um matiz de consciência, uma consciência potencial.”(apud, IBRI, 1992, pg.76).

Ainda, uma observação, quanto às possibilidades como uma potencialidade que se aniquila, a mim me parece como dois modos em verdade, pois que primeiro e diz que ela se aniquila se não passa para o ato, ficando somente potencia, mas então seguindo talvez essa análise, se vem realmente a ser ato, compreendido diante do espaço e tempo, também, morre, pois que vem a ser e deixa de ser, ou pode não ser assim, e refutando, pensamos em uma existência, como essência, que é pelo seu próprio caráter latente, e tem sua permanência mesmo vindo a ato, pois que somente mudaria de “estado”, até mesmo, condizente com um processo contínuo. Dizemos aqui, a respeito de uma possibilidade zero, livre da necessidade de vir a ato, no que, se faz pela sua ligação a uma unidade de qualidade, se a possibilidade como potencialidade, se faz legível a nosso pensamento, o sentido de dizermos que a qualidade é uma consciência e a potencialidade é um matiz da qualidade, é talvez esclarecido.

Aprender com a experiência novamente, é um “pressuposto” de análise científica que compreende a própria, autopoiese, do aprendizado e do conhecimento com uma finalidade que corresponde a totalidade da evolução. Quando falamos que o propósito, é a evolução maior, nunca será determinista, mesmo por que engloba em si uma indeterminação, do próprio percurso. Sobre as qualidades a nosso ver, pelo pensamento da Arte, são gerais, mas podem ser particulares, onde poderemos expor como em um pensamento de Schelling,

“ As formas particulares são, como tais, sem essencialidade, meras formas, que não podem estar no Absoluto de nenhum outro modo, a não ser que, como particulares, acolham de novo em si toda a essência do Absoluto” Isso é por si mesmo claro, já que a essência do Absoluto é indivisível – Unicamente por isso elas existem no que diz respeito ao Absoluto, isto é, são absolutamente possíveis e por isso mesmo, também absolutamente reais, já que no Absoluto não há diferença entre realidade e possibilidade.”(SCHELLING,2001, pg. 52).

Na minha maneira de pensar, e pensando a arte, o que ainda aprofundaremos, a seguir, as qualidades são passíveis e muito de relações. Esse é um dos mananciais de criação da Arte. Sobre as qualidades, parece-me que assim como identificamos que ela permanece ela mesma, mas em um âmbito do contínuo, passa ao geral, ora, então na mesma (se $a = b$), poderíamos então pensar que não seriam observadas relações como ele argumenta no seu particular, mas no aspecto quando está já se encontra no geral, dessa forma, poderemos falar de relações. Mesmo assim ainda na própria instância do individual, porque se as qualidades possuem em si, como, compreendo, a própria “qualidade” germinativa, tem em si a latência de possibilidades, como não ter relações? Ainda tenho certa dificuldade em ver as qualidades puras e simplesmente como um elemento que não prolifera em si mesmo. Quando dizemos, por exemplo, que uma cor como me recordo de um exemplo, é vermelha, então, que seriam dos pintores se o vermelho fosse puro e simplesmente um vermelho, e principalmente os abstratos. Talvez essa qualidade, sem relações, a meu ver estivesse em outra instância, aquela antes de se inserir em um mundo, mas de fato aí mesmo é que não poderia ocorrer, o que ainda vai acabar reforçando ainda mais meu pensamento, pois que, veja, se pensarmos nesses elementos como algo que se apresenta na criação em sua concepção, na mente do universo, por sua totalidade e unidade, lá mesmo é que seu significado deveria ser ainda maior, ou seja não puramente um cor e nada mais, sem nenhuma relação, penso que na totalidade tudo, qualidade, estariam sem dúvida em toda sua potencia. E ainda se as qualidades são “propriedade” do primeiro, onde habita a criação com toda sua força, maior ainda o motivo para não vermos como algo que não se relaciona. Porque é parte do princípio metafísico de reunir a multiplicidade na unidade. Particularmente, não sei como criar sem relacionar, mesmo porque entendo como parte do conhecer. Talvez a maneira como vejo as qualidades seja o que ele chama de quale- consciência, mais não vejo a necessidade desse matiz de dualidade. Para, o conhecer se assim poderemos chamar, creio ser melhor termos o “hábito” de ver, perceber, qualidades capazes de “penetrar diferentes consciências”.

Mais uma vez, talvez nosso problema esteja em ver algo que pertence a nós, fora de nós. Porque a Arte é da mesma natureza da MENTE, e assim como a mente se faz conhecer a nós, a arte nos é cognoscível, assim como por nosso estado análogo a MENTE conhecemos seu próprio e nosso modo de conhecer, ser e ver o mundo. Assim, é um estado cego da alma não ver a Arte somente porque ainda não se tirou a venda que é somente de um corpo condicionado e não desperto quanto a sua própria vida e espírito. Quando durante este texto,

nomearmos, alguma linguagem da Arte, é de se fazer compreender que estaremos falando da Arte, única como voz, apenas estaremos fazendo ouvir um instrumento da orquestra, mas o som a que se deve ater é o da música que queremos que se ouça. Dançar é viver em espírito o tempo do infinito, em movimento, dizendo de si sempre , sempre a alma do mundo...dançar é ser o universo, em uma música que é uma galáxia sem nome, que apenas brilha, como as estrelas do cosmo. No palco do mundo. “De fato acaso nada é senão o aspecto externo daquilo que internamente em si mesmo é sentimento”(apud, IBRI, 1992, pg. 82).

O que **pensamos** que vemos? Parcialidades. Mudar o pensamento, mudar uma visão.

Temos ainda certa insuficiência em diagnostico, porque, conhecemos a mente, pela nossa visão quanto ao próprio mundo, que é a nós mesmos, agora, o problema está em mudarmos a maneira como vemos o mundo o seu próprio modo operandi, que é como ele se faz conhecer, ele está lá se fazendo conhecer de maneira integra, nós é que não vemos, portanto, seu modo de se fazer conhecer é em si toda sua interioridade exposta, mais a nossa visão é parca, o que acontece penso, é justamente, nossa incapacidade ainda de vê-lo como deveríamos, porém, a complexidade desse olhar já é colocado por muitas reflexões a cerca do mesmo, quanto a visões sistêmicas, por exemplo, ou seja, é um processo, porque não nos vemos corretamente como deveríamos, e no próprio encadeamento, claramente, nem o mundo mesmo, e conseqüentemente a própria mente. Se não partirmos para um olhar mais aderente ao próprio conhecer da mente, não se estabelecera a harmonia a que nos propusemos. Para isso é necessário um olhar, complexo, sistêmico, expansivo e fraterno. Em conformidade ao pensamento de Luis Carlos Restrepo, vemos o permear fraterno como a ternura a que ele expõe sendo,

“ A ternura é a própria abdução dada como uma percepção interna do espírito, que vê empatia (contigüidade) e simpatia (semelhança) nos seres que estão ao seu redor, mas também na natureza que o cerca. A ternura é o reconhecimento de que não há corte seco entre nosso ego ou nosso corpo e o corpo das pessoas e das coisas com as quais nos relacionamos, mas uma continuidade cheia de semelhanças e identificações mútuas. Peirce afirmou que somente o amor poderia produzir uma ciência voltada para o homem e suas necessidades verdadeiras – doutrina que ele chamou de agapismo (do grego ágape, “amor”). Nesse contexto o pensamento abduativo é uma antena sensitiva que nos permite sintonizar com os desejos e anseios de toda a humanidade, vista como uma comunidade sem limites de pessoas interessadas em alcançar a verdade e o bem comum. A comunidade une essa comunidade numa mente coletiva, que Peirce chama de co-mente.”(EP2:478, apud, ROMANINI, 223).

Adentrar a mente humana como uma inferência, quanto ouvir a própria mente do cosmo, requer a nosso ver, uma mudança quanto ao como essa **mente humana está se constituindo. Ela não é definida, se vai definindo-se, construindo-se.** Mudar nosso modo

de pensar, ver, nosso modo de ser e conhecer, estando mais aderente a Mente do cosmo, é um propósito evolutivo.

“A essência do pragmatismo reside nessa harmonia correspondente entre fenômeno e conceito, de tal modo que os erros desta correspondência, configurando uma pseudo-harmonia, serão corrigidos pelo transcurso da experiência no tempo, para o qual se tenciona esse in futuro que caracteriza o contínuo da significação.”(IBRI, 1992, pg. 106).

Para se aprender em sua completude o “teor” do significado de um conceito, deveríamos supor que, para isso estaríamos cientes das experiências possíveis, afirmativas ou não. Diante disso então, supomos que a afirmativa de que o fenômeno deveria corresponder integralmente seu conceito, não é uma possibilidade imediata, pois “inferimos” que essa completude somente é possível em um percurso de tempo, onde poderíamos tomar conhecimento das experiências.

Em verdade o que pensamos para o universo, dentro de toda a cosmologia, não podemos nos esquecer, que nas relações do particular e geral, de fato, nós mesmos como particulares de nossa espécie também somos gerais em nós mesmos, aqui, unindo o interior com o exterior, mas para que isso se dê de fato, tem que haver uma conduta de acordo, ou seja, todo o “trabalho” que se realiza no universo, ocorre em nós mesmos da mesma forma, em relações que se dão em nós como indivíduos. Nossas quali-consciência, nosso interior, **deve ser**, verdadeiro. Sto. Agostinho, bem sabia, e por essa razão fazia seu processo investigativo, no final do dia, aferindo sua própria conduta, esse deveria ser um processo lógico do indivíduo, um ser capaz de aferir suas condutas, de permitir dúvidas em si mesmo e ir ao fundo de suas questões, para evoluir. O que é abordado a crenças, quanto a um modo científico, a nosso ver, no texto, de Peirce, a fixação das crenças, se aplica a um modo de busca também de um conhecer, “conhece-te a ti mesmo”, e do mundo, como claro, parte da criação.

Acreditamos que o processo de uma crença deva de fato possibilitar uma investigação, que aferida demonstra pelos resultados, seu caráter de permanência em razão de condutas, o que de acordo com o processo contínuo ainda é capaz de aceitar porque não é tenaz, não é dogmática, permite o próprio surgimento em si, no decorrer, a dúvida que gerará outro processo de investigação, que poderá ou não, vir a estabelecer uma nova crença.

Vendo como uma paridade, o real e o imaginário, pode ser observado quanto a presença na totalidade - e sem espaço e tempo, por conte-los por inteiro, abriga os mundos tanto real e o ideal, a contemplação – abriga tanto o conceito como sua desconstrução.

Podemos ter singularidades em possibilidades infinitas, ocorrência justificada pela tendência de formação de hábito. A nosso ver, pensando em um contínuo ad infinitum e acreditando que de fato não há resíduo se pensarmos em algo, de um alcance no tempo que julgemos longínquo, todas as possibilidades de qualidades de fato tenderão a formação de hábito, o que pode ocorrer, penso, é que determinadas qualidades, podem dentro de uma mesma “matriz” geral, encontrar “propósitos singulares” diferentes em tempos diferentes.

Pensando como uma hipótese, de um caos inicial, pois bem, esquecemo-nos da memória, digo pelo seguinte, a não ser que considerássemos o nosso planeta como o início do início, continuando o meu pensamento de que em verdade, poderíamos crer que o presente deste mundo é o passado de outro e assim por diante, o que pra mim tem muita lógica, por crença pessoal, mas também por estar de acordo, acreditamos, com a lógica própria do Peirce, a origem teria uma memória do universo, que vem a ser o seguinte, o nosso início tem na memória do universo os processos dos outros mundos anteriores ao nosso, e por essa razão, não é tão caos como pode parecer ser. Estando de acordo que não é nosso mundo o primeiro de fato. E o primeiro? E simultaneidade, e aprendizado temporal e relativo? Fica fácil encaminhar para o incognoscível então vamos pensar, mesmo que seja aliado a crenças pessoais. Tendo em conta a criação de mundos simultaneamente, veja, o que configurou o tempo em verdade foi o desenvolvimento das “potencialidades” desses mundos, sabemos que o tempo na natureza pode ser em seus processos de desenvolvimento, ser diferente do nosso, pois bem, podemos pensar que, o tempo da forma linear como estamos acostumados, não necessariamente é o mesmo nos mundos, eles ocorrem e foram desenvolvidos conforme o desenvolvimento do estado inicial. Tratamos aqui da possibilidade de uma memória do universo, e de reverberações, onde pensemos na seguinte possibilidade como muito bem afirmada analogamente mais condizente por sua preocupação quanto ao caráter de informação como possibilidade de um diagrama ontológico, onde espaço e tempo são examinados, e já adentrando o pensamento de que Arte como Mente é processo de informação, é comunicação, e são afeções no tempo, podemos compreender, pelo que segue,

“Admitimos aqui que diagramas ontológicos são estruturas reais e semioticamente ativas. Começamos com um exemplo do mundo dito físico. Imaginemos ser possível tomar dois elétrons, cada qual numa extremidade do Universo. Ainda que estejam separados por cerca de 14 bilhões de anos-luz, fazem parte de uma mesma geometria espaço-temporal. Se pudéssemos desaparecer deles como num passe de mágica, o outro seria imediatamente afetado porque ambos compartilham a mesma geometria espaço-temporal. Mais: devido à dinâmica que rege a evolução dos processos baseados em ressonâncias, a falta de um só elétron teria efeito cumulativo que, ao longo do tempo, alteraria o curso dos eventos em todo o universo. Isso se deve a hipersensibilidade às condições iniciais que marcam os sistemas dinâmicos caóticos (Ruelle,1990).Esse exemplo extremo mostra que tudo se conecta com todo o resto num nível fundamental da realidade a estímulos, percepção, ostensão, representação, tomadas de decisão, formação de conceitos, retórica, persuasão etc. Na verdade onde houver assimilação e interpretação de

informação, haverá ação do signo, o que faz da semiose um fenômeno constitutivo e constituinte da realidade.”(MACHADO, ROMANINI, 2010, pg. 92).

Creio firmemente nisso, inclusive, porque somos parte de galáxias no universo observável, onde acreditamos que o processo da Mente esteja agindo da mesma forma, por essa razão, pensamos que até mesmo o que percebemos, porque em verdade, não estamos separados, assim eu penso, nem pelos mundos, um dos fatores que nos une, além da própria criação de Deus, é justamente a **memória do UNIVERSO**.

Qualidades antes dispersas, em uma unidade de não tempo, com a necessidade da relação, e sua efetiva formação, promove o próprio contínuo e conseqüentemente, o próprio tempo. A formação do continuum leva a formação do próprio tempo. Veja como procede a questão colocada acima, a respeito dos outros mundos e do universo em relação ao tempo. De uma maneira grosseria poderíamos falar que segundo o “aproveitamento” no início das potencialidades, das qualidades e da força (energia), e de todo o processo lógico implicado, se formaria o tempo, mas um tempo relativo do universo, relativo, porque se configura conforme o desenvolvimento do continuum de cada mundo. O tempo do universo se constitui do continuum mais geral onde sua singularidade é composta pelos demais mundos.

Mais um aspecto quanto ao acaso, deve ser observado, que é o que diz respeito quanto a sua relação nessa lógica, e enquanto as categorias, como o surgimento da própria dúvida, uma dúvida que faz mover, a meu ver é extremamente claro de se observar essa relação, se tivermos como próprio fato uma investigação científica, onde se apresenta a mente um incomodo, pode ser entendido, assim, ou uma inquietação, que gosto mais, que sugere que algo deve ser posto sob uma arguição, e ainda, o caráter da dúvida como possibilidade, juntando esses dois, a dúvida, como seu caráter mais criador porque alia o estado de desestabilizar pela própria crença de que algo pode ser diferente, é um estado onde habitam tanto a dúvida como a crença, porque a dúvida enquanto possível, é também, ser um elemento próprio em uma equação que tende pela crença a descoberta, então, também se configura os dois estados, criação e descoberta, o resultado da equação, está disposto à existência enquanto verificação no mundo, portanto, descoberta.

Uma procura, que deseja ler o universo, tem em si um pensamento que sugeriu outro, como a própria lei da mente, a que se refere Peirce, em verdade, o que não espanta, porque

assim se constrói o pensamento, já dito, na forma de diagramas, temos três questões pra resolver, por razão de, implantarem a dúvida.

Resistência – permanência – alteridade.

Primeiro podemos pensar que quanto mais passa o tempo mais é difícil de romper um hábito,(diferença entre resistência e alteridade quanto a mesma proposição) o que sugere ao menos duas possibilidades – intrinsecamente ligadas ao próprio caráter evolutivo, deixando claro que, a meu ver a colocação acima somente pode ser feita se estiver diretamente ligada ao admirável, a uma conduta direcionada ao que é belo, bom e verdadeiro, explicamos, como lei natural teremos sempre a evolução, por essa razão, acreditamos que proporcionalmente, quanto maior o grau de evolução menor a necessidade de mudança, voltamos a afirmar, que sempre haverá evolução, e que quanto menor o grau de evolução, maior a necessidade mudança. Agora, quanto ao tempo, a princípio a relação que se estabelece quando observado esse fenômeno, ocorre justamente da seguinte forma: quanto maior o grau de evolução, maior o tempo de permanência da construção de um hábito, é proporcional, agora, em relação ao menor grau de evolução, é menor o tempo de permanência de uma conduta, pois que denota a maior necessidade de mudança, ou seja inversamente proporcional, e ainda temos que observar que em relação ao aprendizado e o tempo, deveremos ainda esclarecer que serão necessárias muitas mudanças, em curto tempo, que no contínuo, se prolonga em um espaço de tempo maior para um único aprendizado. Também ainda em relação ao menor grau de evolução, neste particular teremos em maior grau a resistência. Somente mais uma coisa, sobre a questão da alteridade entendida como já expliquei, uma alteridade que constrói que é uma força, porque é a capacidade de ao ver o outro, se ver, garantindo uma imensa potencialidade de aprendizado e conhecimento correspondente ao grau evolutivo. Fato este diferentemente da resistência apenas, portanto distinguimos resistência neste caso, de alteridade.

A respeito das qualidades no sentido quanto disposto na primeiridade da categoria de Peirce, qualidades de sentimento, porém se aplica a todas as instâncias da criação - elementos base – o ideal mais elevado, o mesmo do que tem em cerne a Ética, e para além dela, o supremo, que são qualidades no grau de evolução a que estamos nos referindo, e a alteridade .

Por princípio, queremos deixar claro que as qualidades constituintes do admirável, do *summum bonum*, são e estão presentes nos SERES, são a sua criação, sua construção, sua forma, o que acreditamos e gostaríamos de dizer é que, a CONDUTA, é o que vai trazer a

tona, vai emergir (como um acaso que não é um mero acaso) esses elementos, essas quali-consciências do sentir que vai unindo gradualmente mente e matéria, sendo somente assim, na EMERGÊNCIA, eclosão desses elementos que será possível olhar o outro e correspondentemente olhar ao particular, o que acarretará a efetiva mudança interior, será o fator interno de uma mudança de hábito. Sem uma conduta de acordo com nossa criação, não emergem os elementos (quali-consciência – diretamente constituídas por sentimentos que são unidos ao admirável), não havendo assim a mudança.

Perda do egoísmo. Conduta direcionada ao coletivo.

Assim penso ser, a mesma relação, que se estabelece em harmonia, entre os seres entendidos como toda a criação de Deus, vegetal, animal, de ordem da astronomia, enfim tudo que generosamente DEUS criou.

Harmonia no acaso – conformidade, determinismo e indeterminismo. Hábito- lei. Eu penso que para Peirce, não há algo em detrimento de outro, e aqui não se estabelece ordem de grandeza, para o equilíbrio nem sempre se verifica a equivalência, o que importa para ele, penso, é a harmonia, um fator muito importante para seu pensamento evolucionista, todos esses fatores são existentes para a ação, a conduta dessa mente, a mente do universo.

Vir a ser, de uma conduta resultante do acaso. Acreditamos, em uma ligação com as sinapses neurais onde naturalmente se evidencia tal processo. Estou pensando na possibilidade do seguinte, parece-me que quando algo “deturpa” o funcionamento natural no cérebro (aqui poderemos claramente fazer a correspondência do órgão com de fato os SERES, este age de maneira que realiza novas construções no sentido de sinapses diferentes com relação as anteriores, e seria justamente o traço, algo permanece – o bom, o mais correspondente, no sentido evolucionista. – correspondente com as relações anteriores que poderiam talvez indiciar uma possível conduta e de que maneira poderíamos ligar isto com o apontado da emergência citada acima? penso que poderemos falar de relações mediadas e relações imediatas, sendo as imediatas as construídas com o caráter da emergência. Tendo essa possibilidade me vista, nos permitimos pensar que, se isso pode ser, o que ocorre posteriormente a essa colocação, se encontra correspondência em uma lei maior, perpetua? E se não, aguarda um outro estágio? Deverá também, se transmutar, aguardar novas sinapses? Quanto ao funcionamento, eu realmente acredito e de certa forma penso que na própria experiência é possível, que o cérebro analogamente, os seres em sua totalidade quanto a criação, sejam capazes, o que pode nos trazer ,paralelos para pensar, a compreensão de que as

ações, capacidades não podem ser desenvolvidas somente de uma forma, e isso é criativo, e tem haver com a construção de relações ou sinapses se preferir.

Está parecendo-me que poderemos ter dois momentos diferentes de criatividade e gostaria de saber com que frequência isso pode ocorrer na biologia por exemplo, explico, com relação a minha ultima consideração do parágrafo acima, sugeriu-me esse pensamento que poderemos encontrar construções de sinapses diferentes das anteriores, nas artes sei como é possível essas novas sinapses, porém para a construção de um pensamento de ordem geral, creio que se faz necessário uma pesquisa também maior, porém, quanto ao pensamento em si mesmo, e que deve ser pensado independentemente do campo, falando do criativo, penso que será diferente este momento de construções novas de sinapses, da própria emergência que abordamos anteriormente, porque, veja, em um primeiro momento chegamos a colocar o acaso como algo que estaria até mesmo dentro de uma ordem geral, sem parecer um paradoxo, como um caráter do evolucionismo, quase que como sendo algo que emergisse rompendo um feixe de hábitos para contribuir com a evolução, agora, o que estamos pensando, é algo que seria mais independente, como um fato que propiciaria um desenvolvimento diferente e penso que teria que explicar ainda melhor o outro, mas gostaria de me deter neste por hora:

Pensemos em duas possibilidades: primeira – O novo que emerge, com um puro caráter de gerar algo que não se fazia presente, poderíamos, iniciar o pensamento assim, e o segundo que é o novo que surge mais com o caráter de buscar construção nova para o mesmo funcionamento, ou seja, estamos falando de coisas diferentes, e que ambas tem seu papel na evolução, o segundo caso é o que onde me parece nosso cérebro é mestre. São questões que creio que são importantes tanto que a compreendemos como distintas como para que possamos pensar em seus papeis no decurso dos hábitos.

É ainda surpreendente como que quando nos debruçamos sobre algo que a principio nos parece como uma possibilidade ele quando analisado se desmembra em outras possibilidades e o que de fato tem muito haver mesmo com o próprio criativo, em suma, quanto a construção nova para o mesma ação, teremos um pensamento que me leva a crer que haverá ao menos duas possibilidades decorrentes desse mesmo aspecto, a primeira principalmente implicaria em uma nova rede de relações, novas mediações, novos diagramas para a mesma ação, porque isso é necessário? Por várias razões, pela própria força do impulso que não se compraz em tantas infinitas possibilidades diante da evolução, em não buscar “soluções” que sejam cada vez mais correspondentes a uma organização que apesar de gerar a

mesma ação seja construída por mediações mais significativas no sentido de se comprovarem mais eficazes para o mesmo fim. Agora, diante disso, o que provavelmente deve ocorrer, o que configura nossa segunda possibilidade, e que ao mover as relações para um mesmo determinado fim, para uma ação poderemos incorrer em fins diferentes, o que não é o mesmo que aquele que emerge sem ter “necessidade” de vínculo com algum determinada ação pré-estabelecida, emerge simplesmente para o novo (no sentido daquele citado - totalidade). Tem uma questão ainda, e que diz respeito a resistência, e caminhos, não lhes parece que se o novo surge mais com o propósito de responder a algo já existente, essa resistência será menor (um caráter possível de afecção?) , portanto, a mente pode entender como algo que apesar de novo lhe é familiar isso é importante porque se no processo as ações de fato mudarem, a resistência terá sido menor, apensar de se instalar um novo hábito. Deixemos claro, que não se tem essa intenção inicial, porque não nos parece que se assim fosse, seria lícito. Fator presente nas mutações genéticas? A afecção ocorre de diversas formas?

Só podemos conhecer o que está sob uma regra, uma lei, como já dissemos, pela conduta, mas então, o que acontece a respeito do conhecer, se o acaso, aquele que a princípio não pertenceria a uma lei, e por isso não seria possível de conhecer, se entendêssemos o acaso, como parte integrante de uma lei maior?

Sobre as sinapses do conhecimento.

Se um ser tem uma habilidade, mais não tem o discernimento quanto a seu uso, podemos entender como que essa habilidade sendo um instrumento, o meio, e não o conhecimento, porque o conhecimento seriam as **ações** decorrentes do emprego desse instrumento à direção do bem, ao summum bonnum, que resume em si o verdadeiro conhecimento, no nosso estágio, noções dele.

De início, estou pensando que poderemos de fato pensar o conhecimento da mesma forma como colocado acima, porém, diante disso, questiono, qual seria o caráter de emergência nesse caso, e vamos supor que como pensei de imediato estivesse ligado as mesmas qualidades, elementos citados acima, pois bem, mais aí teríamos certos problemas, primeiro me perguntei a respeito de como poderíamos encontrar um indivíduo que fosse conhecedor de muitas coisas mas que não tivesse as qualidades-sentimento do admirável desenvolvidas, então a resposta é uma pergunta: O que você pensa que é o conhecimento? Pareceu-me que, deveria pensar o conhecimento propriamente, ele mesmo, ligado a ética e

moral, no sentido que a compreendemos, e, portanto, muito do que acreditamos conhecer seriam instrumentos, meios, para se atingir um fim, ou seja, tudo aquilo com que você se depara, e se torna seu objeto como meio de investigação, aqui também creio, comportará a alteridade, à sua constituição como mente, pode ser entendido como uma experiência aonde você vai exercer, aplicar o conhecimento (o admirável), este que se desenvolve na forma de aliança, entre o instrumento e o sentimento. Talvez aqui esteja o começo de uma lógica do sensível.

Se entendermos o conhecimento dessa forma, e deixando claro que isso está presente em toda a criação, compreenderemos de fato a frase de que através desse conhecer aprenderemos tudo com todos, todos aprendemos juntos, e finalmente será possível uma percepção que se alia a esse conhecer na forma de realmente sentir que em todas as condutas, seja de um animal, de um vegetal, dos astros, em todos os fenômenos, em toda a criação existe conhecimento, existe aprendizado, existe ARTE, existe conduta, dessa forma concluiremos que aprendo com o animal, com o processo das plantas, mas precisa ter um olhar de sentir, uma lógica do sentir.

Pensando assim teríamos o conhecimento somente na perfeição, na própria idealidade, o que temos agora são noções de conhecimento.

Natureza e mente, são da mesma natureza. Não poderemos favorecer de nenhuma forma uma proposição onde se apresente qualquer mera referência a separação do homem e a natureza, e em verdade, penso, que não devemos separá-los, pois que são a mesma “totalidade”, a mesma mente.

Tem um fator que estou pensando agora quanto a relação estabelecida entre o equilíbrio e desequilíbrio e as capacidades de “comportamento”. Realmente acho que é um erro ver o homem separado da natureza como foi muito cultivado, e não podemos nós mesmos incorrer neste mesmo erro para demonstrar um pensamento, portanto, terei que pensar na relação de desequilíbrio sem dissociar ambos. Talvez, o desequilíbrio ocorra para ambos mais de formas diferentes.

Talvez a diferença esteja justamente, no que concordo com ele, a respeito da finalidade, do propósito, porque se pensarmos que toda a criação estabelece uma harmonia com a própria evolução, e tendo como verdade que o bem, a conduta está direcionada a essa evolução, ou seja, tudo conspira para esse fim, o que entendemos é que quando o homem realiza atos que vão no movimento contrário a essa harmonia, provocando um estado de

ignorância como preferimos ou como visto por muitos, como o mal, contrários ao que já citamos que constituem o admirável, o summum bonum, irá desestabilizar. Em uma primeira observação novamente iremos nos defrontar com a conduta porque quando algo desequilibra o fenômeno esteja ele “enquadrado” por qual ângulo da criação, sua escolha de ação mediante ao desequilíbrio fará toda a diferença, quais e como serão feitas novas mediações, sinapses, novas relações, novas construções. Se admitirmos que o desequilíbrio assim como o acaso, a saber, estamos diferenciando acaso de desequilíbrio, é uma possibilidade que não por incoerência a lei geral da evolução, mais por uma liberdade, mesmo que isso incorra contra a lei – porque tem um porque, tem um motivo, essa liberdade não é gratuita, tem o caráter explícito de aprendizagem.

Considero como um verdadeiro ponto de mutação o pensamento que segue e, que pode parecer para muitos uma verdadeira incoerência, talvez, por não ser muito agradável a muitos esse pensamento, mas diz respeito a que o “erro”, a ignorância, do outro não ser somente dele. Compreendo em um primeiro momento a frase o mal é de quem o faz e, não de quem o recebe, compreendo, mas é uma maneira concisa de se ver um “problema”, uma questão, por um individual, isso ocorre, novamente, pela falta de consciência da totalidade, porque não compreendemos ainda que, todos, somos um, e que as relações vão muito além do imediatismo e não se pode observar dessa maneira. Ainda quanto a totalidade a que estamos nos referindo faz-se indubitavelmente necessário o convite a uma reflexão a cerca de uma coerência quanto, a própria mente dos indivíduos, e um pensamento muito antigo, presente em muitos tempos, em muitas civilizações, que é o princípio da reencarnação e sua própria simetria quanto aos processos físicos e do mundo, como o mesmo em entropia, e tudo quanto se torna fênix, tudo que nasce, transmuta-se e evolui, que podemos mesmo encontrar talvez sob outro olhar, a cerca do mesmo, em conceitos orientais dispostos sob o yin e yang com a ligação da terra ao feminino, e aos elementos que podem ser o próprio caminho, o tao, e que nós dispomos em conformidade, sendo também elementos no mesmo processo cósmico, intercalando-se, sexo, lugar, etnias, e portanto, terra, água, fogo, contrátil, expansivo, onde emergimos ora como um, ora como outro, emergências do Absoluto, de uma Mente, onde a memória do universo é memória das mentes, dos espíritos, em um Ser coletivo, indeterminado, determinando-se em experiências, onde, deve se interiorizar o coletivo em ações, que inferiam de fato sua correspondência na exterioridade quanto a ausência de distinção entre pátria, cor, credo, enfim, um Ser orgânico unificado, dessa forma não

ocorrendo patologias a Mente. Porém, muito não foi assimilado e infelizmente, foi deturpado, provocando um desequilíbrio.

“A terminologia yin-yang é especialmente útil na análise do desequilíbrio cultural que adota um amplo ponto de vista ecológico, um ponto de vista que também poderia ser chamado de concepção sistêmica, no sentido da teoria geral dos sistemas. Essa teoria considera o mundo em função da inter-relação e interdependência de todos os fenômenos; nessa estrutura, chama-se sistema a um todo integrado cujas propriedades não podem ser reduzidas às partes. Organismos vivos, sociedade e ecossistemas são sistemas. É fascinante perceber que antiga ideia chinesa do yin e do yang está relacionada com uma propriedade essencial dos sistemas naturais que só recentemente começou a ser estudada pela ciência ocidental. Os sistemas vivos são organizados de tal modo que formam estruturas de múltiplos níveis, cada nível dividido em subsistemas, sendo cada um deles um todo em relação a suas partes, e uma “parte” relativamente a “todos “maiores.”(CAPRA, 1982, pg. 32)

Em nossa visão, os sistemas são vistos como e constituídos por relações diagramáticas, mediações, o que justamente o configura em seu dinamismo, quanto à própria Física também e dialogismo, o qual, dissemos quanto, e é o mesmo, relativo às categorias de Charles Sanders Peirce. E ainda, como em tempos remotos, “Heráclito na Grécia antiga, comparou a ordem do mundo a um fogo eternamente vivo que se acende e apaga conforme a medida.”(CAPRA, 1982, pg. 18).

Porém diante dessa ordem harmônica, o homem, durante um grande período, perdeu sua capacidade integrativa, dispondo-se a uma visão mecanicista de mundo, em acordo a uma postura cartesiana, em uma especificidade que se faz compreender por fragmentações onde o comportamento, as condutas são como relógios, máquinas que estão subjugadas a um determinismo, onde, não tem lugar nenhuma espontaneidade, nem dialogismo ou relações, onde,

“A divisão entre espírito e matéria levou à concepção do universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados, os quais, por sua vez, foram reduzidos a seus componentes materiais fundamentais cujas propriedades e interações, acredita-se, determinam completamente todos os fenômenos naturais. Essa concepção cartesiana da natureza foi além disso, estendida aos organismos vivos, considerados máquinas constituídas de peças separadas. Veremos que tal concepção mecanicista do mundo ainda está na base da maioria de nossas ciências e continua a exercer uma enorme influência em muitos aspectos de nossa vida. Levou à bem conhecida fragmentação, em nossas disciplinas acadêmicas e entidades governamentais e serviu como fundamento lógico para o tratamento do meio ambiente natural como se ele fosse formado de peças separadas a serem exploradas por diferentes grupos de interesses.”(CAPRA, 1982, pg. 30).

É de se espantar como que tal concepção vingou por tanto tempo sendo tão distante dos processos naturais, e da própria maneira como a vida cotidiana se apresenta, pois que um mínimo de observação, fazendo-se notar, que todo e qualquer Ser está disposto em uma gama de conjunções que os tornam grupos, conjuntos e subconjuntos em uma ordem maior. Em

uma perfeita analogia Arthur Koestler, demonstra, essa concepção integrada e dispõe seu conceito de hólon, quanto ao biológico, estendido a qualquer análise, visto na possibilidade de uma árvore que comporta as ramificações, podendo se observado, tecidos disjuntivos que se tornam outros ramos, ou tramas que se envolvem no mesmo tecido originário, hólon, de fato será um constituinte em uma organização que comporta em si, tanto uma regra enquanto ordem interna, quanto como no exemplo já citado, a respeito da teia da aranha, possibilidades criativas, as quais ele relaciona ao ambiente, as quais podem ser sim na relação com o ambiente, mas que também, podem ser internas do próprio processo de estrutura quanto a uma melhor equivalência a correspondência a busca de uma maior eficiência ainda na mesma finalidade, vemos os holons com capacidade tanto auto-reguladora como de desenvolvimento. A nosso ver o pensamento de Koestler está em comunhão com o que dizemos a respeito das categorias, quando,

“ Parece que a vida, em todas as suas manifestações, desde a morfogênese até o pensamento simbólico, é governada por regras do jogo que lhe garantem ordem e estabilidade, mas ao mesmo tempo lhe permitem flexibilidade. E essas regras, inatas ou adquiridas, são apresentadas em forma de código para os vários níveis da hierarquia, a começar pelo código genético até chegar às estruturas do sistema nervoso associado ao pensamento simbólico.”(KOESTLER, 1982, pg. 49).

Em contrapartida os avanços na área de biologia contribuíram para uma visão complexa, e a Física com a segunda Lei da Termo Dinâmica, estimulou reflexões cerca de uma tendência que torna-se existente nos processo que vão entre medidas de ordem e desordem, vista também como uma medida de entropia dos sistemas. O próprio conceito de probabilidade e estatística fez se preponderante diante dos novos horizontes à Física, onde permite ainda que processos tenham estados de evolução que ramifiquem com uma dinâmica entrópica até que esgotem sua energia e permitam o surgimento de um novo processo, dentro de uma concepção expansiva do mesmo. Onde percebemos as relações de estados diagnosticados pela Física com similitude aos do processo lógico, expostos pela compreensão das categorias, onde um estado embrionário, é a célula embrionária do propósito como vetor que terá em si qualidades predispostas, que conduzem em certa medida como tendência, permitindo relações expostas pela existência de possibilidades, não determinadas, gerando o acaso como um novo encaminhamento a uma, experiência, destinada a pertencer a uma lei, em um estado de “equilíbrio”, harmônico, que permitirá uma nova dissipação, uma entropia, capaz de gerar um novo processo, contínuo, da ordem para a desordem sob uma nova forma. Passa-se a se ter uma visão onde, “ O universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível,

cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico.”(CAPRA, 1982, pg. 62).

Um pensamento que compõe, estados, tempo, e espaços, móveis, é condizente com a compreensão de que dependendo do ponto de observação encontra-se onda ou partícula, isso permite-nos desenvolver um diagrama que concebe a Mente como o próprio ponto de fuga e o objeto, o fenômeno como a perspectiva ou seja, visualizemos uma perspectiva invertida, onde a mobilidade observada nos reserva para encontra-la uma postura igualitária no que concerne a múltiplas relações.

Antevendo colocações a serem abordadas no terceiro capítulo, mas com o intuito de nos fazermos mais claros, o que advogamos é que para o próprio pensamento, análogo ao funcionamento da própria mente, esta também em correspondência a Mente do Cosmo, é que a direção a que ele se destina, sua busca é o princípio que o move (um problema, uma questão), tem o próprio destino, também, como questão, que dessa forma não está localizado, não sendo determinado, se comporta como o que pode ser onda e partícula, fótons de um pensamento, assim, o veremos como profícuo, porque não o localizando como determinado é o que sugerirá a mente que pode e deve se aventurar em todos os caminhos, estes também indeterminados, para assim ter uma maior probabilidade de se localizar na zona de densidade de probabilidade que é justamente a margem de aderência que depois se fará quanto a sua existência, comprovada. Pode parecer estranho dizer que o destino do pensamento não é determinado, mais é assim, que poderemos compreender o próprio caráter dinâmico do pensamento antes mesmo dele iniciar seu processo, ainda em sua naturalidade ao estado instável do universo, mais, nessa harmonia a qual já estudamos, que é também parte do estado universal, ou seja, uma instabilidade que integra o indeterminado e uma lei. Como isso acontece, acreditamos que seria, podendo ver as leis primeiro como o próprio modo operandi, porém, mais intrinsecamente, as próprias afeções, sendo elas, a lei dentro de uma indeterminação, e ainda, elas habitam em si possibilidades, portanto, são leis enquanto o sistema maior do pensamento, e são livres, por seu caráter interno, ou seja, as relações, as mediações, o fato de ocorrerem é parte da harmonia, sendo a lei dentro do instável e do variável em um diagrama inicial. Da mesma maneira em similitude está o comportamento enquanto pertencente a instâncias do geral e particular, onde também é, indeterminado quanto a seu ponto de observação, que concebe tanto o ponto de vista de uma organização interna, como um microcosmo, ou como uma ordem maior, uma presença como universais, em um macrocosmo. Esse olhar que desestrutura um hábito de particularizar um foco deve ser

desenvolvido para a assimilação de uma compreensão coerente com todo o funcionamento do Universo, sendo mais cabível em afeição ao próprio, não se distanciando de seu próprio âmago.

Cada vez mais se faz necessário pensarmos quanto ao que entendemos como ambiente, diante da criação, que a nosso ver, somos Ser e ambiente, em conformidade ao exposto acima, novamente, dependendo do ponto de observação, mais creio que talvez seja, um tanto preponderante explicitar como os seres serão ambiente. Adequado a este pensamento está a compreensão disposta sob o pensamento de Uexkull no que refere,

“Visto sob a luz da biossemiótica, nosso corpo como um organismo, sua pele como o tegumento habitável e nosso universo subjetivo se apresentam como estruturas dinâmicas de tempo, ou, em outras palavras, como textos que têm escrito e reescrito a si mesmos. Por perspectiva, mesmo um ser humano, de fato, cada um de nós se apresenta como um texto que tem escrito a si mesmo e que se manterá escrevendo pelo resto da vida. Uma ideia como essa parece ser inicialmente fabricada e muito estranha para nós. Contudo, ela reflete algo que aparentemente experienciamos de modo inconsciente, como um processo, é em certa medida similar a falar ou escrever um longo texto, em que nós é que somos os verbos, substantivos e predicados reunidos em uma contínua corrente de novas frases.”(UEXKULL, 2004, pg. 37).

No intuito de diluir um pouco o que pode se ver como ambiente, propomos, o ser como ambiente da mente, dessa forma o organismo é em si, o meio em que vive, uma atmosfera que circunda a própria matriz do pensamento, e que se estende sem fronteiras em co-naturalidade ao que chamamos de biosfera, e ainda mais abrangente a semiosfera¹, tornando o ambiente algo de natureza do espaço habitado pelos signos.

Dando prosseguimento a nosso pensamento, se tudo está em movimento, o fenômeno e seu ambiente, e comparando, com as leis do mundo Quântico, que podem prever a probabilidade de um evento, por essa razão, parece-me, que temos a densidade porque, não é possível determinar uma probabilidade, mesmo assim, algo ainda me incomoda, o que determina então o grau de aproximação? Será o fator que mais consegue acompanhar, o fator

¹ Semiosfera-Como todo conceito, semiosfera tem história e filiação, não surgiu no vazio nem foi proposto para ser apenas mais um jargão no campo expressivo da semiótica. Foi formulado pelo semiótico Iuri Lotman (1992-1993) em 1984 para designar o habitat e a vida dos signos no universo cultural. (...)Assim, como biosfera designa a esfera da vida no planeta, tal como a formulara o geoquímico Vladimir Ivanovich Vernadski (1863-1945), semiosfera designa o espaço cultural habitado pelos signos. (MACHADO, 2006).

Ao reconhecer que somos parte de um bios muito mais amplo e diversificado que o homem e que, portanto, o antropocentrismo não é ser primordial adentramos no caminho que leva à qualificação de diferentes percepções de que o entorno de uma espécie é, sobretudo, aquilo que o seu mundo interior projeta. No contexto, porém, diferentes subjetividades distinguem os atos elementares de signos específicos na semiose que anima a vida na semiosfera, projetando diferentes modelos de significação do mundo. Se a cultura é um fluxo e tudo o que nela ocorre sempre tem um precedente, nenhuma ação na semiosfera pode ser considerada isoladamente. A semiose resulta, por conseguinte, de modelizações que Iuri Lotman atribui a funcionamentos de inteligência, isto é, à faculdade de que são dotados os sistemas para a produção de informação que garante a permanência da vida. Este mecanismo de inteligência constitui o universo da mente (Lotman, 1990), atributo do sistema e não da espécie humana. Considerando a semiosfera como um *continuum* semiótico que modeliza ações e comportamentos para gerar *Umwelt*, conquistaremos seu conceito mais caro: a ideia que nossa natureza é cultura – formulação a que chega Kalevi Kull (1998) a partir do conjunto teórico que fundamenta o campo aqui denominado semiótica da comunicação, fruto dos trabalhos de Charles S. Peirce, J. Uexkull, G. Bateson e I. Lotman. Para a semiótica da comunicação, portanto o primeiro passo para entender a cultura é naturalizá-la. Sentindo-nos novamente na casa do universo (Weheler, 2003), podemos avaliar melhor a amplitude dos efeitos de nossas ações e exercitar uma razoabilidade que garanta nossa permanência na ecologia geral das relações da natureza.(MACHADO, ROMANINI, 2010, pg. 94-95).

que é mais apropriado, quero dizer, quanto a capacidade de conjuntamente acompanhar o mesmo, ou seja, também não seria de certa forma um objeto observacional único, o que determinaria o grau de aproximação seria a capacidade de afinidade no que diz respeito a transmutação em conjunto, portanto ambos movimentando-se na direção do mesmo propósito, é um mover-se em conjunção que provem do maior ou menor grau de conectar-se de maneira tal que a relação é geradora e dinâmica, capaz de “predizer” o estado a que destina a intenção que está em harmonia com o propósito.

A percepção da necessidade do conhecer disposto pelas relações, como processo lógico que amplia os sentidos e significados se apresenta sob as mais diversas formas, como o relato de Henry Stapp, da Universidade da Califórnia,

“Uma partícula elementar não é uma entidade não-analisável que tenha existência independente. E, em essência, um conjunto de relações que se estendem a outras coisas. Essa mudança de objetos para relações tem implicações de longo alcance para a ciência como um todo. Gregory Bateson argumentou, inclusive, que as relações devem ser usadas como base para todas as definições, e que isso deveria ser ensinado às nossas crianças na escola primária. Acreditava que qualquer coisa devia ser definida por suas relações com outras coisas e não pelo que é em si mesma.” (apud, CAPRA, 1982, pg. 65).

O percurso que fazemos quanto a presença da lógica da descoberta que em conformidade com o que dispomos a cerca das categorias, a nosso ver, é o que observamos na própria conduta das partículas subatômicas em sua natureza ondulatória que somente são compreendidas em sua propriedade e em seu contexto, de movimento, interação e transformação, ou seja, no mesmo “circuito”, que contém, o movimento gerado pelo espontâneo, o acaso, a primeiridade, e que em seu vir a ser, promove interação, vista como a reação, a segundidade, que torna-se lei, e gera posteriormente outra transformação em estado de continuo dinamismo. Dessa maneira buscamos compreender um dia o Universo como uma partícula. O pensamento quando continuo possibilita um entendimento que vai desde a ordem dos estudos da Física à Poesia, como uma mesma voz, o que estará disposto da mesma maneira quanto ao questionamento ao que se refere a o que nos é inteligível, ou melhor, o que nos deixamos ser percebido, pelos sentidos e pela razão, pois que, uma pedra, aos olhos desprovidos de vagueza é tida como morta ou sem vida, inerte, mas, sob o olhar macroscópico, elemento de uma razão, tem como propriedade um movimento interagindo em vibrações, que podem ser vistas e percebidas, e para o poeta diz-se pedra, movendo-se em vida própria que desforma, é pedra sob outra forma, capaz de ser caminho e escultura, da natureza e criatura. Porque a Ciência e a Arte tem uma unidade de olhar que o automatismo

cotidiano subjuga e aniquila? Se, é uma ordem tão natural da vida porque nos relegamos a perda de sentidos relacionados que ficam dispersos perdidos pela cegueira de uma visão?

“Assim, a física moderna representa a matéria não como inerte e passiva, mas num estado de continuo movimento dançante e vibratório cujos modelos, rítmicos são determinados pelas configurações moleculares, atômicas e nucleares. Acabamos por compreender que não existem estruturas estáticas na natureza. Existe estabilidade, mas essa estabilidade é a do equilíbrio dinâmico, e quanto mais penetrantes na matéria mais precisamos entender sua natureza dinâmica, a fim de compreendermos seus modelos.”(CAPRA, 1982, pg. 73).

Quanto que a perda dessa flexibilidade pode ser patológica a nosso desenvolvimento? Quanto que patologias do particular, engendram-se como vírus no geral, desestruturando a integralidade na Mente? Como se transmuta um desequilíbrio interno, em desacordo a Mente cósmica? Regenerando-se. A regeneração como vista em organismos naturais, como as planárias, por exemplo, ocorre da mesma forma quanto ao processo da mente, que em verdade, por sua co-naturalidade, o mundo, este que desenvolveu o organismo patológico, que está em desequilíbrio como tecido orgânico, ou seja, como um processo canceroso, onde agora o que necessita é justamente, regenerar-se, ou seja, recompor esse corpo orgânico em sintonia com a Mente, promovendo para esse fim, ações, condutas, que reformulem hábitos.

Quais fatores podem ser compreendidos como indicadores de patologias orgânicas do processo cognitivo da ação da MENTE? Porque, se é possível ver sua inserção no mundo, e esse mundo entra em desalinho a sua criação, podemos inferir que, essa desestrutura se daria no próprio processo do mundo que **se faz patológico quando não aderente ao propósito**, quando não aderente ao, ambiente da Mente do cosmo a que chamaremos de Kalosfera², eis aí a patologia, a deturpação do conhecer mediante seu distanciamento do que é de fato sua própria constituição, e em conjunção nesse ambiente do universo, temos a Protosfera, analogamente no mesmo sentido de sensibilidade, movimento e crescimento a que Peirce colocou como protoplasma, configurando um Spin, que se estabelece como um diagrama onde o percurso entre a Kalosfera e a Protosfera³ se fazem como um vetor de Princípio Vital,

² Kalosfera- referente ao ambiente da própria Mente do Cosmo, onde o admirável, o summum bonum estão em sua plenitude comportando as quali-consciências, as qualidades in natura. Derivado da expressão do conceito grego *kalos kai Agathos*, significando o belo o bom, a virtude. Kalos, adjetivo que compreende a beleza, nobreza e bondade. Platão associava a *kalocagatia* com a somatória das virtudes. Aristoteles, alia a capacidade intelectual, como exelência, em acordo a ética como correspondência ao maior grau de potencialidade de um ser.

³ Protosfera- Termo referente ao principio de expansão do universo, em acordo com sensibilidade, movimento e crescimento- análogo a terminologia empregada por Charles Sanders Peirce quanto ao protoplasma-

onde em analogia a um Spin⁴ atômico, o “reverso” seria a própria mente do mundo, em orbital⁵, probabilístico, tendo como ponto de “nulidade” a estética como a compreendemos.

A harmonia a que estamos buscando tanto nas referências de ordem da Física, como no pensamento de Charles Sanders Peirce e na Teoria dos Sistemas, está para o pensamento que estamos desenvolvendo, relativo a aderência a que estamos diagnosticando em várias instâncias, como um continuo fluido entre, Mente do cosmo e mundo, um ambiente atemporal e a flecha de tempo citada por Prigogine, um estado de compreensão ao menor grau de ignorância, compreendendo os estudos de Heisenberg, e sendo o transito entre a própria Kalosfera e Protosfera à Semiosfera.

Em nossa opinião, o progresso científico de nada vale sem o progresso moral. Em suma, tudo que estiver em desalinho a nossa coerência quanto a própria inserção da Mente, não será evolutivo, nem estará em correspondência quanto as concepções a cerca da estética. E sendo integrante e retomando considerações quanto a uma idealidade estética, como ciência normativa, que compreende uma existência natural, por si admirável, mais que a nosso ver, engloba, fatores orgânicos que compõe uma unidade que entrelaça lógica, ética, onde,

“ A lógica como o estudo do raciocínio correto é a ciência dos meios para se agir razoavelmente. A ética ajuda e guia a lógica através da análise dos fins aos quais esses meios devem ser dirigidos. Finalmente, a estética guia a ética ao definir qual é a natureza de um fim em si mesmo que seja admirável e desejável em quaisquer circunstâncias independentemente de qualquer outra consideração de qualquer espécie que seja. A ética e a lógica são, assim, especificações da estética. A ética propõe quais propósitos devemos razoavelmente escolher em várias circunstâncias, enquanto a lógica propõe quais meios estão disponíveis para perseguir esses fins.”(SANTAELLA, 1994, pg. 127).

O que é eficaz mediante o propósito, a finalidade que concebemos como fator primordial da existência? No que resume o tempo, mediante a constatação de que a compreensão do admirável ainda está no estágio da primeiridade, o é como substância, mas perpetua-se em pura potencialidade, ainda não se efetivou de fato, ainda não se evidencia sua presença em ato, de maneira constante, a ser indubitavelmente uma terceiridade? Não pontual, geral, a todos os indivíduos da criação, realizando o alcance da busca do ideal estético.

Como pode algo que é do princípio próprio da totalidade, estar em estado de potencialidade?

⁴ Spin- Movimento em torno de seu próprio eixo que cria irradiações, um campo magnético sul ou norte. Em um orbital cabe dois elétrons, com spin opostos, pois a atração magnética compensa a repulsão elétrica.

⁵ Orbital- O princípio de incerteza de Werner Heisenberg diz que é impossível determinar ao mesmo tempo posição e velocidade de um eletron. .Só podemos conhecer sua orbital: região do átomo onde a probabilidade de se encontrar um eletron é maior.

O que objeta a própria qualidade, em seu principio de totalidade? O que, designa a origem do estado da ignorância, possibilitando um estado patológico? Respondemos como sendo, as escolhas, possibilidades que tem em si o caráter de liberdade e que advém a isso o próprio surgimento de diretrizes cabíveis ou não, fruto da experiência como aprendizagem.

Fim implicado no inicio, não é determinista, porque o processo é livre. É uma questão de vir a ser, ou seja, apesar de, poderá ou não se configurar. O que é potencial, não é determinado, uma tendência, depende de ser explorada, e em conjunção as relações de afecções apropriadas em direção ao propósito. Cada conduta, ação, que pode ser entendida sob o aspecto de trabalho, conforme o contexto, cada ato, cada projeto tecnológico, cada ação na biosfera, se propaga da mesma maneira como as ideias na mente maior, tem-se uma noção vaga e errônea, a meu ver, ao creditar-se uma “insignificância” a atos, trabalhos, da ordem do cotidiano, e suas relações empregadas, no social, psicológico, enfim, são como as partículas, da mesma forma são gerais perante a mente, em razão da sua reverberação frente a harmonia, e ainda o engodo permanece quanto, até mesmo creditar-se uma superação da tecnologia em detrimento de outros quando, mais uma vez, além de ser específico, alheia de si o uso quanto a ética em grande parte, ou da mesma forma o que creditamos admirável, os recursos tecnológicos, pode ser correspondente a ao fluxo da Mente, em sintonia . Pensamento, ato, trabalho, forma, gera, produz, extrai e procria na mente. Cada ato, onde a experiência se faz por intermédio de muitos instrumentos, como já colocamos quanto ao conhecer e que o que de fato conhecemos como um conhecer humano pode ser visto como, em realidade, meios, é significativo e tem sua ressonância nesse “espaço” orbital a que estamos querendo concatenar.

Conforme expusemos, a perda da flexibilidade, de um pensamento diagramático que estabelece continuamente relações, possibilitou a ocorrência de, assim como a área médica que deixou de ver o organismo como sua integralidade, nos também deixamos de nos ver em nossa integralidade e por essa razão, principalmente por essa razão estamos doentes desconectados a mente universal. A cura está, ao nosso alcance, sempre, porque está dentro do próprio organismo, em sua integralidade germinal.

Sermos na existência uma vibração, mas, como vibramos nessa ressonância é nosso papel no teatro da existência, porque o vírus de uma visão fragmentada, reducionista herança cartesiana, impôs uma patologia orgânica mais, nós temos a escolha de transmutar sendo um organismo sadio e sermos o próprio ritmo do universo.

1.2. Uma gênese das vozes da arte em uma lógica do sensível.

As palavras da alma não precisam ser escritas, elas estão no livro do mundo.

O sensível despontou em nosso pensamento pelas asas da própria Arte, olhando o mundo querendo ouvi-la, dessa forma se formaram ecos que encontraram a si mesmos em origens de um estado, sob a forma de um gênese, assim, recorreremos para este princípio de sentimento muito do que Schopenhauer, Schelling e Plotino nos legaram, e que muito antes pode ser encontrado como dissemos naquela estética nua, que prenuncia sua plenitude com Deus. Nasce, a arte, fez-se mundo, e ela torna-se voz pelo som do cosmo, diz querer ser água, sendo torrente de força a mover-se na dança do silêncio dos mares, e marés, dos riachos e lágrimas, que poderão secar frente a deserto de destinos, mais ela antes quer se elemento, sendo fonte, água como origem, nascente nascendo, fazendo-se desenho fluido, compondo um corpo transparente, como a seiva das árvores que a fazem viva, e, invisível na aparência, torna-se escultura, água se corporificando, se edificando, abraçando a atmosfera antes de se fazer vento, mais ainda água, liquefazendo-se para ser fresta, entre todas as formas, nascendo de si, no mesmo tempo que desliza, desenha, contorna, e se mistura as cores, feito reflexo das galáxias.

“A voz criadora surge como um som que vem do nada, que aflora do vazio: O abismo primordial, a garganta aberta, a caverna cantante... [...] a fenda na rocha dos Upanichades ou o Tao dos antigos chineses, de onde o mundo emana como uma árvore são as imagens do espaço vazio ou do não-ser, donde se eleva o sopro apenas perceptível do criador. Esse som saído do Vazio é o produto de um pensamento que faz vibrar o Nada, e ao se propagar cria o espaço. É um monólogo em que o corpo sonoro constitui a primeira manifestação perceptível do Invisível. O abismo deve ser considerado como a primeira força criadora, personificada na maior parte das mitologias por deuses-cantores”.(apud, WISNK, 2006, pg. 38).

Força criadora é matriz da Arte, é o fenômeno em si mesmo, nos termos de Peirce, é primeiridade, espontaneidade, mas em que e como isso nos afeta e afeiçoa, ou de que maneira

somos esse manancial, é que procuraremos discorrer. Schopenhauer buscará preâmbulos de uma ideia entre os pensamentos de Kant e Platão, e em que medidas ambos veem o mundo representado, em Kant ele vê o tempo, espaço, causalidade como não sendo determinações da coisa em si, e em Platão, as coisas deste mundo como um ser relativo, decorrentes de um vir a ser, veja, que pensamos muito diferentemente quanto a esta questão, porque não vemos como relativo, mais destacamos aqui, percursos de um pensamento que foi se construindo e se fazendo visível, sendo o vir a ser um não ser porque somente poderia ser em si, em sua interioridade, creio que propõe uma existência relativa, porque para ele, apenas a existência de fato se configura pelo que concebemos em sua ideia. E tudo que seja “referente” ao que se destina conhecer diz somente ao fenômeno e não a sua existência verdadeira e seu conhecimento real, pois este se dá somente na ideia, e justamente vemos a existência em si, como uma realidade que independe de nosso olhar, ela existe independente de nossa vontade.

Kant irá nos dizer que, o objeto fenomênico nos é compreensível pela sua presença-inserção, no tempo, espaço e na causalidade, e não por ele mesmo, em si, um fenômeno válido apenas em relação ao nosso conhecimento, ou seja, algo que esta presente em um determinado tempo e local, que possui talvez uma duração (início e fim) etc. Agora vem a consideração interessante, a esse respeito de Kant, Schopenhauer considera que, para se conhece-lo no que possa ser em si consequentemente independentemente todas as determinações situadas, no tempo, no espaço e na causalidade, seria necessário um modo de conhecimento outro do que o único que nos é possível através dos sentidos e do entendimento. Aproximando ainda mais o enunciado de Kant e Platão ele considera que, ambos, condicionam a existência de um continuo as categorias do espaço e do tempo e causalidade, colocando como dispositivos de nosso intelecto.

Interessante o caminho de pensamento que ele segue dos dois pensadores, as suas aproximações ou não, são considerações de possíveis caminhos, o que é muito, perspicaz.

Para Schopenhauer, a ideia é a pura expressão da vontade, o que me parece quase o que venho chamando talvez em relação ao impulso. Para ele, entenda-se é a vontade ainda não objetivada, ele coloca, ainda não no plano da representação e por essa razão se assemelha ao pensamento da ideia para Platão. Ele reflete que se de fato, existir a possibilidade de se adentrar as ideias, isso somente poderia ocorrer pela transformação do sujeito mudando toda a sua complexidade como um objeto que ao conhecer a ideia é então destituído de si. A vontade é para Schopenhauer, o regente dessa grande sinfonia, tudo se move por ela. Em seu próprio pensamento quanto ao tempo, e um vir a ser,

“ Toda relação possui ela mesma somente uma existência relativa, por exemplo, todo ser no tempo é também um não ser, pois o tempo é apenas aquilo mediante o que podem corresponder à mesma coisa determinações opostas: por isto todo fenômeno no tempo também não é: pois o que separa seu começo de seu fim é justamente apenas o tempo, algo essencialmente passageiro, desprovido de substancia e relativo, aqui denominado duração. – e para ele – O tempo, porém, é a forma mais geral de todos os objetos do conhecimento a serviço da vontade e o protótipo das demais formas do mesmo.”(SHOPENHAUER, 2007, pg. 17).

Mas o que seria destituir-se da vontade? Respondemos com ele, onde feito poema dialogamos, “ ocorre de modo repentino - se assim fosse possível, rompe o céu labaredas do mar – “a arrancar-se o conhecimento ao serviço da vontade” - como um poder divino arrancado de Zeus – “por cessar precisamente o sujeito de ser meramente individual” – pertencerá aos céus e terra – “tornando-se sujeito puro do conhecimento” – torna-se em si mesmo o Olimpo despido de si – ao despir-se encontra si mesmo e a sua unidade- destituído da vontade – estado pleno de consciência. Mas para, compreendermos o desligar-se a que ele nos propõe, ele nos revela de uma maneira muito profunda e bela o que segue,

“Quando erguidos pela força do espírito, abandonamos o modo comum de examinar as coisas, cessando de acompanhar somente suas relações entre si, cujo objetivo último é sempre, a relação com a própria vontade, pelo fio condutor das configurações do princípio da razão, sem mais considerar nas coisas o onde, quando, por que e para que, mas única e exclusivamente o *que*; não permitindo também que se aloje na consciência o pensamento abstrato, os conceitos da razão, entregando porém todo poder de nosso espírito à contemplação, submergindo nesta inteiramente, permitindo o preenchimento pleno da consciência pela tranquila contemplação do objeto, esquecendo nosso indivíduo, nossa vontade, continuando a existir somente como sujeito puro, límpido espelho do objeto; de tal modo que tudo se passasse, como se existisse unicamente objeto, sem que alguém que o percebesse, não se podendo mais distinguir portanto a intuição do seu sujeito, mas ambos se tornaram um, ao ser a consciência plenamente preenchida e ocupada por uma única imagem intuitiva, quando portanto, o objeto abandonou toda a relação com algo externo a ele, e o sujeito toda a relação com a vontade; então o que é conhecido não é mais a coisa individual como tal mas é a ideia, a forma eterna, a objetividade da vontade neste grau, e precisamente por isto o referido nesta intuição já não é indivíduo, pois o indivíduo se perdeu numa tal intuição, mas ele é sujeito puro do conhecimento, destituído da vontade, de dor, de temporalidade.”(SHOPENHAUER, 1974,pg. 18).

Abandonar o modo comum de examinar as coisas, é tornar-se poeta, é ver com um sentir, uma sinestesia própria que independe de órgãos sensoriais correspondentes, mas que se descobrem alheios a uma “materialidade” que pode ser relativa a um senso físico , e o que ocorre por uma correspondência ao pensamento é permitir uma mutação de significados que encontram novos sentidos e refazem seu caminho aos olhos do sensível. Desligar-se como indivíduo, é um não ser, para ser a própria essência do sensível, em co-naturalidade perdendo-se em uma vagueza que justamente encontra o espírito da totalidade. Como se não existisse, poderemos dizer, nem o bailarino, nem a dança, apenas um movimento onde, o próprio mover-se é dialogar com o universo, poetizando o ritmo, dizendo com o corpo os gestos da

alma. O corpo, respirando a coreografia do espaço esculpindo o movimento com os sentidos da emoção encontrando os rumos da criação, passo por passo sendo instrumento de Deus, a tocar suas notas mais tênues e belas. Acordes banhando o tecido desse corpo, recompondo e compondo uma arquitetura do espaço. Abraçando o pensamento, erguendo-se até as palavras, fazendo frases em forma de coreografia, onde se toca os gestos desenhando.

Caminha-se na dança como navegantes sobre as águas, não sentindo o chão, mas, sendo a terra, o ar, o fogo e a água, porque assim se mergulha até as profundezas ou se voa por todo o céu compondo assim uma sinfonia onde a partitura é o pensamento, as notas, o som do movimento e a pausa, o silêncio a respirar. Dançar é passear com os olhos pelas pegadas da música, e ir aos lugares infinitos e conhecer a luz. Cegando a matéria e encontrando uma pátria maior de lugares ocultos de sentimento que abraça e conduz.

Encontrar a dança é sentir o mundo com as asas do pensamento a transbordar dos membros e ir até os passos do criador. Caminhar entre as emoções, girar entre os mundos coreografando na esperança de perceber o incognoscível, sendo uma partícula concebendo uma melodia em movimento, percorrendo uma escultura, modelada na face da vida. O gesto canta a voz da alma, emergindo da linguagem que toma a voz. Desprendendo-se do belo para ser criação.

Acreditamos que isso seja um desligar-se. Apesar de que vemos a contemplação mais como ter a consciência do ser Uno, não ocorrendo um diluir-se, mas ser algo que é tão pleno que recobre o objeto e sujeito, em uma concepção que é um só espírito, uma só mente. Ou, como compreendemos em nosso pensamento, a união a Mente do Cosmo, pela sintonia de vibração, onde a existência em seu âmago passa a ser nesse não tempo, uma ressonância, pela energia que propaga e recebe, não sendo e sendo o Universo.

Então, Schopenhauer pergunta: Mas como poderia quem isto sentir, considerar-se a si mesmo, em contraste com a imperecível natureza, como absolutamente perecível? Ao que nós respondemos, ao estar sendo uno, não se perece, e sim, pela própria continuidade se recria. E quanto a capacidade de ver o essencial das coisas, ele advoga que seja uma questão de genialidade, o que nós expomos como sendo que o genial está na criação, explico-me, quando um ser em geral da biosfera, não abandona a contemplação no sentido de Schopenhauer mas, tem a consciência plena de sua essência, ele é criação, ele é genial. A criação tem como propósito máximo a evolução, portanto, todos que caminham e que se “transmutam”, seja no

ser humano, animais, na biologia, natureza em geral, absolutamente tudo que evolui está no Gênio.

Segundo Schopenhauer, a arte, “arranca do curso dos acontecimentos do mundo o objeto de sua contemplação, isolando-o frente a si: e este algo individual, eu era uma parte imensamente pequena naquela torrente, torna-se seu representante do todo, um equivalente do infinitamente numeroso no espaço e no tempo: ela permanece portanto nesse individual detém a roda do tempo, as relações desaparecem para ela, somente o essencial, a ideia, é seu objeto.” Essa afirmativa a compreendemos, principalmente se pensarmos nas qualidades a que Peirce se refere, é na primeiridade onde vemos a correspondência do pensamento de ambos, porém, ainda é importante dizer que em nossa maneira de ver, ela, a contemplação, coabita, como o vazio a que já nos referimos algumas vezes, e tem por propriedade ser o essencial e ao mesmo tempo exercer relações, até mesmo porque acreditamos que quanto maior a disponibilidade quanto a esse estado, maior será a propriedade de doar-se no sentido de compartilhar, ou seja, sua capacidade gerativa é muito grande nesse estado. Talvez, o que para Schopenhauer seja o estado puro de conhecimento, esteja para Peirce, ao que nós entendemos, como o estado genuíno de abdução.

“Desta forma, a genialidade é a capacidade de se comportar apenas intuitivamente, se perder na intuição e arrebatado o conhecimento, existente originalmente somente para tal fim, ao serviço da vontade, abstrair por completo de seu interesse, seu querer, seus *objetivos*, *despojar-se por um tempo inteiramente de sua personalidade*, para permanecer como sujeito puro do conhecimento, límpida vista do mundo: e isto não por instantes, mas durante o tempo necessário, e com tal circunspeção, para reproduzir o apreendido mediante uma arte estudada, e assim “o que paira em imagens oscilantes, ser firmado em pensamentos permanentes”.(SCHOPENHAUER,1974, pg.24).

Schopenhauer coloca que todo querer origina-se da necessidade, eu penso que o querer pode se originar de um impulso que é independente da necessidade, esta vista como algo que tem que acontecer, ou seja, pensamos em um querer atrelado a uma finalidade, mais do que uma necessidade. Sede do próprio fim.

Primeiro seria importante definir o que é realmente necessário. Quando tivermos de fato a consciência plena de pertencimento a contemplação, o que poderemos esperar da necessidade? Talvez não exista, necessidade, para a consciência da contemplação, penso realmente que não deve haver a necessidade, porque pra mim a necessidade tem algo que te subjuga, que não te deixa ser livre. Se você necessita de algo, você não é livre totalmente. Se você necessita de algo, este algo ainda não te pertence, não o é em você, agora, na contemplação não se encontra a necessidade porque existe em você, ou seja, não está fora, mesmo porque a contemplação é a “experiência” do UNO. Um aparte, na contemplação que

ligo a própria criação, supondo que houvesse uma “necessidade”, claramente não como subjugação, mas como impulso, está seria a da evolução, o admirável, o summum bonum, o bem maior que existiria por si.

“Encontramos na contemplação estética dois elementos inseparáveis: o conhecimento do objeto, IDEIA PLATÔNICA, e forma permanente deste conjunto de coisas; e a consciência de si do sujeito cognoscente, sujeito puro, independente da vontade, do conhecimento.” Ambas se apresentam conjuntamente pelo abandono do modo de conhecimento preso ao princípio da razão”(SCHOPENHAUER, 1974,pg. 32).

A nosso ver, quanto a razão, não é uma não existência, mas podendo ser visto como uma desconstrução no sentido de transmutar o próprio pensamento da razão, de maneira que não tenha dicotomia para a razão entre o que ela considera de interioridade dela mesma e o sensível, concebendo da mesma forma conforme Peirce ao se referir ao pensamento, “Estamos acostumados a falar de um mundo externo e de um mundo interno de pensamento. Mas eles são apenas adjacências sem linha fronteira real entre eles”(apud, JORGE, 2006, pg. 157), onde ainda nos fazemos compreender pelo mesmo argumento a seguir, “ O pensamento não está necessariamente conectado a um cérebro. Ele surge no trabalho das abelhas, dos cristais e por todo o mundo puramente físico, e não se pode negar que ele esteja realmente lá, assim como não se pode negar que as cores, a formas dos objetos etc., realmente lá estejam.”(CP 4551 PEIRCE, apud, JORGE, 2006). Para nós, o sensível está na razão, talvez, como a razoabilidade a que Peirce se refere. E ainda se pensarmos que a percepção pode ser entendida como um grau dessa lógica do sensível, “fazemos uma inferência toda vez que um signo presente surge a nossa mente um realidade ausente, e se toda vez que fazemos inferência nós raciocinamos então a percepção é indubitavelmente raciocínio”(CP. 8.65 apud, ROMANINI, 2006, pg 64). E ainda em Peirce, poderemos citar que,

“ Não há apenas uma continuidade entre os universos físicos e psíquicos, mas há também uma similaridade nos seus modos de se abrirem para a mudança e o devir. Sentimentos, esforços e hábitos são mais familiares para nós nos seus lados psíquicos mas eles também são onipresentes nos seus lados físicos como acaso, reação e lei.”(CP. 6.202, 1898, apud, JORGE, 2006).

Ainda se refere, no mundo como vontade e representação, sobre uma disposição interior, onde haveria preponderância de um conhecer sobre o querer e que uma força de uma ação artística seria a conjunção de ambos, onde o exterior lhe favorecesse a própria busca, porém acreditamos que a força como ele colocou, não esta presente a meu ver somente em uma disposição artística, e talvez nem seria na disposição artística se olharmos através dela,

esse realiza tudo isso a que ele se refere penso ser justamente uma disposição de fato, da própria ,criação em si.

Já disse sobre o equívoco a meu ver do desligar-se, para pertencer sendo que, de fato já o é, por sua presença na condição de “nascimento“ próprio do UNO. Mas me parece que isso não basta, é de fato compreensível por um lado essa “necessidade” de deslocar-se porque não se tem a consciência da existência dessa unidade e aí é que a meu ver se encontra a dificuldade a ser solucionada. Pela falta dessa consciência é que, ou busca, ou não se permanece, ou não se vê a contemplação. Para o espírito do Universo, na sua lei, que prevê hábitos, é instrumento de seu conhecimento saber que a contemplação, onde a evolução é o fim, é o propósito da própria totalidade! Mas, antes, aqui vou divergir fortemente de Shopenhauer, pois, que para entendimento desse fluxo que caminha em direção a contemplação a meu ver é estritamente essencial as relações, relações que eu chamaria de relações puras. A princípio, já realizando uma importante distinção, não são relações que poderíamos construir com um diagrama, elas já são um diagrama, no sentido de que existem independentemente de nosso percurso de pensamento, elas por sua própria condição de totalidade já exerce o diagrama da mente do universo.

Retornando em nosso pensamento disposto no item anterior,

O acaso são possibilidades que emergem distintas da lei, porém, sobre os caracteres conforme já exposto anteriormente, mas é pela mente do universo que o direcionaria ao propósito da contemplação – evolução. Como pensamos, não haveria para a mente do universo nenhum resíduo, como pode haver em outras instâncias, ou seja, algo emerge mais não prolifera, para a mente do universo nessa engenharia, a unidade é tão grande e com uma finalidade tão perfeita que não haveria resíduo tudo encontraria uma harmonia, mesmo o acaso tenderia a evolução e o que não encontrasse eco nas relações puras, certamente estaria engendrado com um “caráter genético”, que o levaria a evolução, mesmo que para isso sofresse alguma alteração, podendo esta também ser ou não ser previsível, como se a mente permitisse o acaso, sabendo que de alguma forma esse impulso iria gerar uma evolução como parte da unidade.

Sobre uma possibilidade de transferência ao estado de intuição pura, e quando os objetos lhe vêm ao encontro, o belo em sentido objetivo, pensando sobre a subjetividade objetivada. Talvez, mais próximos estejamos aqui do pensamento de Schelling, “ a completa e incontestável objetividade da intuição intelectual é a arte em si mesma. Pois a intuição estética

é simplesmente a intuição intelectual tornando-se objetiva”(SCHELLING 1978, apud, IBRI, 1994, pg. 56).

Notadamente nosso pensamento não se restringe, como já dissemos,, ao artista e a obra de arte, a não ser que possa ser transcrito como o artífice o próprio universo, Deus, e a obra a existência, não mundo, mais tudo que é criação, deixando claro isto, e realizando um transporte de significado em acordo com o que discernimos é importante o pensamento a seguir,

“ A incontestável polissemia da obra de arte enquanto tal, conceito original de Schelling que a contemporaneidade parece desconhecer ao propor, como nova, a idéia de obra aberta (aqui eu, faço um parênteses, porque em nossa concepção quanto a obra aberta, as relações livres estão antes da própria obra)– assume naquele autor importância cabal no plano filosófico, pois o produto artístico é uma espécie de documento do absoluto e veículo do transito idealidade-realidade-idealidade, num continuum de possibilidade onde está impressa a idéia central de liberdade. Este descontrolo do sentido por parte do artista, que supera sua intencionalidade inicial ou mesmo final, é denominado por Schelling de atividade inconsciente transgredindo a consciente- é a obra de arte que consuma a idealidade entre elas .Assim, aquilo que nos parece fora da esfera da consciência, como real, e aquilo que aparece em seu interior, como ideal , ou como obra de arte, são produto da mesma atividade. Há uma poética permeando idealidade e realidade que, como universo de possibilidades heurísticas, supera a atividade puramente consciente, que é a habilidade metamorfoseadora e necessária à consecução do objeto artístico.(...)Schelling vê o mundo um todo que não se opõe, que não resiste, e que se interioriza como sentimento estético.(SCHELLING, apud. IBRI, 1994, pg. 57).

Podemos falar de sinestesia, onde se transparece sendo translúcido um sentido, sendo tocar, muito mais do que sua própria percepção, mais como a concepção da afeição e do afetar, da própria lei da mente, que de alguma forma se movimenta, por intermeio do toque um sentir que é primoroso, como o Adagietto de Mahler, que toca a alma como poucos, porque trás em si a descoberta, uma descoberta que antes da segundidade se experiência no plano do sensível, algo que vai se descortinando aos poucos pelas linhas que não são das expressões da carne, mas expressões de todo um espaço do mundo que compreende um tempo diferente, um tempo próprio que vai se chegando aos poucos e fazendo-se presença. Esse poderia ser um inicio de uma subjetivação objetivada, compreendendo estados múltiplos de significado, onde tocar também é ouvir o outro.

Schopenhauer vai falar da luz de uma maneira interessante, porém, luz para mim, é mais do que uma presença, porque ela é em si, mesmo na ausência uma existência, porque eu vejo a luz mesmo na escuridão. A luz me parece que está presente em todo lugar, mas o que ocorre é que nem sempre temos olhos para vê-la, compreendê-la ou senti-la. Alguns sentidos se apresentam e outros temos que busca-los. Olhar é dizer e ser ouvido pela imagem que soa através de seus olhos, e quem olha ou é visto, depende da janela, por onde se quer estar, nesse tempo ou em algum lugar, como planos no contínuo e pontos de observação, como , olhar, é

fazer silêncio, ouvindo o que se olha dizendo devagarinho ou rápido dependendo do compasso, que obra se deve tocar. Agora, continuando falando dos sentidos em um significado de razoabilidade, todos claramente dialogam mutuamente, e o belo se faz quando realmente percebemos, ou somos afetados, e nos deixamos entregue as sensações múltiplas deixando a audição tocar o som que se movimenta e cria imagens para serem vistas com o aroma do coração, dessa forma estaremos sempre caminhando pela incerteza de um sentir que se desapropria e recria a todo instante formas, desenhos, cores, e toda uma harmonia advinda de mais sentidos do que aqueles que julgamos conceber.

O belo e o sublime, são examinados por Schopenhauer sob uma condição externa, pelo que está sendo observado e que deve ser atingido, mais podem ser vistos como estágios de uma criação, e onde, em verdade o belo é mais do que lhe é acrescido como prenúncio estético, onde o admirável, este no qual unimos estas duas particularidades de uma maneira mais geral ainda que comporta mesmo o ideal dos ideais, o *summum bonum*, acreditamos em nosso pensamento, o sublime, o admirável estão e são em nós, mesmo que tenhamos que busca-los e praticá-los na forma de conduta, que é diferente de se ver e ser apartado dos mesmos, sendo estágios em graus de uma escala de possibilidades de um sentir, e de uma criação, onde encontraremos o que para nós,

“ Portanto o que distingue o sentimento do sublime do sentimento do belo é o que no belo o predomínio do conhecimento puro se exerce sem luta, a beleza do objeto, sua constituição, facilitando o conhecimento de sua ideia, afastando a vontade e o conhecimento das relações que coroam seus serviços sem oposição, e portanto, imperceptivelmente, da consciência, que persiste como puro sujeito do conhecimento, destituído inclusive de toda recordação da vontade; em contraposição, em face do SUBLIME, este estado de conhecimento puro é conquistado primeiramente por meio de uma libertação, violenta das relações do objeto com a vontade reconhecidas como desfavoráveis, por meio de uma elevação livre e consciente acima da vontade e do conhecimento a ela referido.” (SCHOPENHAUER, 1974,pg. 37).

Formas subjetivas de um prazer estético – quanto a essas formas, aliadas aos sentidos, realmente me parece que se, deixássemos a nós mesmos e ao mundo entregues a arte, a essa arte que é una e infinita na criação, estaríamos conhecendo o que Schopenhauer chama de sublime, porém, entendo a colocação dele e a luta presente da objetividade presente no corpo humano, como ele coloca por exemplo em contraposição a natureza e seu estado que realiza o convite a contemplação pura, porém, algo que ocorre não é uma razão para que deva ser assim, novamente creio que teremos que desenvolver e pensar a respeito de uma razão sensível, ligada as qualidades do sentimento, mas o sublime é algo que é independente de uma

luta para que seja visto, sentido, ou corporificado, enquanto existir uma “necessidade” de vir ao encontro não se estará nele, e tudo deve ser revisto.

Em certo ponto Schopenhauer desponta sob uma luz para evocar o pensamento que concerne uma união do mundo, onde,

“A grandeza do mundo, que antes nos inquietava, agora repousa em nós: nossa dependência e, relação a ela é suprimida pela sua dependência de nós. Contudo isto não se apresenta imediatamente na reflexão, mas se revela como uma consciência apenas sentida de que, num certo sentido (esclarecido unicamente pela filosofia) somos uma unidade com o mundo, sua incomensurabilidade não nos oprime, mas nos eleva “(SCHOPENHAUER, 1974, pg. 39).

Dessa maneira, vemos a possibilidade de que perceber o grão de areia é notar uma insignificância, porém compreender sua junção com o universo é entender e pertencer a magnitude, justamente, e novamente a pequenez e a grandeza, justapostas, em um geral e particular que é de fato uno em seu fluxo de compreensão, e que nos faz Ser o mundo, e ver o Universo.

“Signatura Rerum – “ A observação objetiva de suas variadas figuras maravilhosas e de suas atividades e interesses, constitui uma lição instrutiva do grande livro da natureza, é uma decodificação das verdadeiras signatura rerum, percebemos nela os múltiplos graus e modos da manifestação da vontade que, idêntica em todos os seres, quer sempre o mesmo, o que se objetiva como vida, como existência, numa tão ilimitada variedade, numa diversificada configuração, todas acomodações para as diversas condições externas, na comparação de muitas variedades do mesmo tema. Quiséssemos contudo transmitir ao observador a chave da natureza interna também para a reflexão, em uma única palavra, de melhor utilizaríamos aquela fórmula em sânscrito que ocorre seguidamente nos livros sagrados dos hindus, e que é denominada Mahavakya, a grande palavra Tat twan asi, ou seja: “ Este vivente, és tú”.(SCHOPENHAUER, 1974,pg. 49).

Por vezes poderemos compreender certo caminho entre o particular e o geral, como estância mesmo de entendimento do próprio conhecer da Mente, dizemos isso em razão da proximidade quanto a harmonia que é possível diagnosticar na presença poética da própria Natureza que se faz metamorfose sem letras, mais é a metáfora de sua própria vida. Acreditamos que não podemos vincular o que podemos dizer da estética em uma Arte quanto relativo a sua forma, no que diz respeito a uma analogia quanto a sua codificação, pois que as propriedades, ou melhor, suas qualidades são como um ator que não deixa de ser quem ele é somente por estar sendo diferentes personagens, isso pode parecer estranho por nosso condicionamento de ver fragmentado até mesmo, ainda o que concebemos como as qualidades da Arte, mais que uma visão no próprio âmbito da Natureza e de sua própria natureza podem ser mais explicitas, quanto a se compreender suas possibilidades de se difundirem, integrarem e se dispersarem, e ainda, não vemos as qualidades sob qualquer

aspecto, seja como estrutura ou sentimento, distintas, e se nós separamos “anatomia” não é por essa razão que ela seja assim.

Mais uma vez, e falaremos muito a esse respeito ainda porque é justamente uma terceiridade no âmbito da arte, as metáforas de sentido, que tem por ambiente a primeiridade, e que para o nosso pensamento em verdade, são sentidos que **não são outros**, não são metamorfoseados como podem parecer, são sentidos que estavam lá e não eram percebidos, e isso é uma grande diferença, a arte como fenômeno está lá em sua completude por sua aderência unívoca a Mente mas ele se faz conhecer de maneira conforme despertamos a ele.

O olhar à Arte, um olhar de sentir é que deve ser metamorfoseado para tê-la em si, como a si mesmo. Da mesma maneira acreditamos ser o próprio mundo à sua realidade que independe enquanto existência de nosso olhar, e, portanto, muito ainda temos para, conhecê-lo e de sua aderência a Mente. Dizemos isso porque na menor colocação, incorremos na ação condicionada de vermos somente o que é “imediatamente” a mente, por falta de hábito de ver os sentidos que poderiam até, ser imediatos, à mente, isso se tivéssemos o hábito justamente de sermos metáforas de pensamento. Pode se crer que para um homem, em uma escultura, representar um grito, ela tenha que estar com a boca aberta, o que divergimos, e como Schopenhauer coloca, na escultura gritos, “Laoconte não grita porque, na iminência da morte por sufocação, não lhe é mais possível gritar”, esse é o grito em silêncio, que é mais alto do que os possíveis ecos do mundo, um grito pode estar em um olhar, no dorso retorcido, em uma mão estendida, o grito não cabe em uma boca somente, ele não tem corpo definido ele é expressão e percepção, que toma a forma e não o contrário.

Todos os gritos estão no grito, todas as suas formas e sentidos, ele é em si toda sua possibilidade por inteiro, sua primeiridade, toda sua qualidade, que se relaciona externamente mais, principalmente que, possui em si mesma suas relações, no seu âmago.

A visão de Schelling onde coloca a Natureza como o infinito se fazendo finito e sendo obra viva do absoluto, está para nosso pensamento a respeito da Arte em uma sintonia muito grande,

“ Não é de se admirar que a linguagem, usada dogmaticamente, logo perde o sentido e o significado. Tão logo eu mesmo sou idêntico com a Natureza, entendo o que é uma natureza viva, tão bem quanto entendo minha própria vida, aprendo como esta vida universal da Natureza revela-se na multiplicidade de formas, em desenvolvimento progressivos, em graduais aproximações à liberdade(...)Tão logo, contudo, eu me separo e comigo toda a idealidade da Natureza nada resta senão um objeto morto, e cesso de compreender como a vida fora de mim pode ser possível”(SCHELLING, apud, IBRI, 1994, pg. 64).

Dessa forma em certa medida, podemos relacionar essa visão de Schelling, que nos parece longínqua no tempo histórico, e que na verdade é presente, justamente com o que abraçamos como entendimento claro da própria vida, da alteridade como já expusemos, e de possibilidade de conhecimento da própria comunicação e informação, por ter em seu cerne uma semente de integração e de vislumbre do que pensamos quanto a sistemas que se comportam mutuamente relacionados, abertos e contínuos,

“A semiose como ação geradora do bios na evolução. Semiose, não é, pois, privilégio do humano nem tem sua origem em algum estágio específico e determinado da evolução das espécies na Terra. Ela é, antes, o fenômeno que permite a própria evolução das espécies, desde suas funções básicas até o aparecimento de propriedades complexas como a inteligência e o raciocínio abstrato. De acordo com nosso ponto de vista, a semiose é a ação integradora que permite interação em diferentes escalas do inanimado ao animado. Alcançamos, assim, a semiosfera integradora das diferentes esferas de vida no planeta”(MACHADO, ROMANINI, 2010, pg. 93).

O caminho que queremos percorrer é justamente da Mente do universo, para sua “materialização” das qualidades, no mundo, entendido como Natureza, Seres, toda a criação, que compreende sua ação, e seus hábitos. A nosso ver, essas quali-consciências em um estado genuíno tem antes de sua inserção, um, ambiente no Cosmo, dito por nós como a junção do que chamamos de Kalosfera e Protosfera, e que num fluxo contínuo como a presença de um elo vital, adentra a Mente do mundo, seguindo entre ao que expusemos como a própria concepção de Estética, fazendo-se cognoscível pelo modo operandi que compreende as Categorias, o Sinequismo e claramente a Semiose como acima descrita.

E ainda em Schelling,

“ Se nos sentimos incessantemente impelidos a olhar a essência íntima da natureza, e a perscrutar essa fonte fecunda eu faz jorrar de si tantos fenômenos em eterna uniformidade e legalidade, quanto mais tem de nos interessar penetrar no organismo da arte, na qual se produz, por liberdade absoluta, a suprema unidade e legalidade, que nos deixa conhecer, muito mais imediatamente que a natureza, os milagres de nosso próprio espírito”.(SCHELLING, 2001, pg. 21).

Essas considerações nos lembram, as próprias elucidações de Peirce quanto ao surgimento das leis da Natureza,

“ Mas, se as leis da natureza são resultado da evolução, esta evolução deve proceder de acordo com algum princípio, e este princípio será, em si mesmo, da natureza de uma lei. Porém, ele deve ser uma lei que pode evoluir ou se desenvolver por si mesma.(...)Evidentemente: ela deve ser uma tendência a generalização – uma tendência generalizadora(...)Agora, a tendência generalizadora é a grande lei da mente, a lei da associação, a lei da formação de hábito(...)Assim, sou levado à hipótese de que as leis do universo têm sido formadas sob uma tendência universal de todas as coisas à generalização e à aquisição de hábitos”(CP. 7.515, apud, IBRI, 2011, pg. 215).

Muito interessante será perscrutar justamente a não dissociação entre ambas, ou seja, creio que é mesmo, belo, olhar para as formas da natureza e ver os desenhos do mundo, os ritmos que são os mesmos, que caminham na mesma voz, do canto do universo, esse será um trabalho de como Schelling diz, olhar as “reentrâncias de um ser orgânico, que em verdade é uno na presença e estado do cosmo.”

“ Há verdadeiramente e em si apenas uma única essência, um único absolutamente real, e, como, absoluta, essa essência é indivisível, de maneira que não pode passar para essências diferentes mediante divisão ou separação; uma vez que a essência é indivisível, a diferença das coisas só é em geral possível se a essência é posta, como o todo e como o indivisível, sob determinações diferentes. Chamo de potências a tais determinações. Não modificam absolutamente nada na essência, que permanece sempre e necessariamente a mesma; por isso se chamam determinações ideais. ... Se se pudesse colocá-las de lado, a fim de ver a essência pura como que despida, em tudo haveria verdadeiramente um.”(SCHELLING, 2001, pg.

Continuando o pensamento de Schelling, parece-nos que tem algo de Platão quando, coloca que como não podemos de fato adentrar o interior da mente do universo, mas compreendê-la pela sua manifestação no mundo, ele abordará o pensamento de protótipos, digo que me recorda Platão, pela presença de uma *mimesis* quanto ao protótipo“ A filosofia, mas igualmente a arte, não expõe as coisas reais, porém seus protótipos, e esses protótipos, de que segundo as demonstrações da filosofia, aquelas as coisas reais são apenas cópias imperfeitas, são eles mesmos que se tornam objetivos da própria arte, como protótipos – portanto em sua perfeição – e expõe o mundo intelectual no próprio mundo refletido”. Estamos falando da face da exterioridade que nos faz conhecer o interior, da que vem sendo uma face da possibilidade do conhecer, porque se o compreendermos no tempo, em sentido evolucionário, não temos como o conhecer de fato. Voltando a questão do exterior e o interior, da contemplação, mente do universo e arte. Ele vai seguir a questão dos protótipos, o que não me agrada, eu penso que o processo criador ele é de uma forma tão harmônica que é natural a música advir da natureza, mas com uma distinção, são contínuos de pensamento e de estruturas que vão se construindo conforme as instâncias a que pertencem, como uma série de individuais que em verdade pertencem a unidade, que não é somente a música da natureza ou a música dos instrumentos feitos pelo homem, é a música da mente do universo, que perpetua de fato a todas as instâncias estejam elas na natureza ou na linguagem como o homem a estruturou, pois que ambas e todas são, **presenças**, do ritmo no mundo que é fator constituinte dessa equação que equilibra na harmonia do pensamento da criação entre individuais e gerais.

E em se tratando do ritmo do mundo, ainda poderemos conjecturar, sobre se algo pode ser somente conhecido se ele tem uma totalidade do tempo? Seria lícito pensar que como o universo se comporta, sua conduta sempre no evolucionismo, e este pressupõe um vir a ser, onde somente podemos conhecer sua potencialidade, como ficamos perante a experiência e o que vivenciamos no presente, se é justamente na experiência que temos o aprendizado, não o conhecemos? Pensamos para essa questão, em graduações de um conhecer, conforme o estágio evolucionário, e em relação ao estado dinâmico do tempo. Precisa de um deslocamento do pensar quanto ao que vivemos, concebendo o próprio presente como dinâmico no tempo.

Pensando o pensamento dele, e a arte como protótipo da beleza. Agrada-me mais pensar a arte como já afirmamos, algo que compartilha realmente a conduta da mente do universo, que é a criação que visa a evolução e conseqüentemente por “similaridade” ao germe que é criar se assemelham em construção de diálogos com no mundo. Na mente do universo em sua concepção, a evolução, poderemos, nós, compreender como o bem, pois penso que sua conduta é tão firme na sua ação que tem seu propósito tão harmônico, que mesmo o que não identificamos como bem, em verdade conspirará e chegará na mesma finalidade, porque é a ordem dos mundos. Ao pensarmos na interioridade, não podemos nos esquecer, que a lógica também está nessa relação, portanto é a lógica do espírito do universo. Vemos o belo na arte estando na sua gestação que progride junto com essa mente e por essa razão justamente é bela e ligada ao bem.

Schelling ainda nos proporcionará um entendimento quanto ao tempo e a Deus que muito nos é compatível, onde nós refletimos que, não se pode pensar em Tempo relacionado a Deus pela nossa visão de tempo, entendemos que pode ser visto como um tempo maior ou menor, porém, esta posição seria não vermos de fato o infinito, porque graduar a nosso ver é determinar estâncias e penso que o Tempo para Deus não se comportaria dessa forma, concordamos quando ele afirma, que “nenhuma duração pode ser atribuída a essência das coisas” porque vemos dessa maneira a possibilidade da existência perceptível do tempo como o contínuo, onde nas palavras de Schelling, “A duração nada é senão uma continua posição de um universal em seu concreto(...) No absoluto, visto que nele o particular é sempre absolutamente igual ao universal, ele é tudo o que pode ser também realmente e de uma só vez, sem intromissão de tempo, e portanto, sem tempo algum, eterno em si”.

O que poderíamos pensar como consciência infinita de tempo? Coloca-se que no próprio absoluto não pode ocorrer um antes ou depois, compreendo, e por essa razão coloca a

nulidade do tempo, porem questiono, e levanto apenas uma possibilidade, entendemos um tempo onde por sua totalidade, como advogamos a respeito da memória do universo, e direcionado ao que nos esclarece a lei da mente, de Peirce, compreende justamente o passado, o presente e o futuro. Isso implicaria na concepção de evolucionismo que está muito ligada as minhas convicções como propriamente um método científico, podendo abrir caminho para as reflexões a respeito do futuro como parte integrante de uma totalidade do tempo em relação ao Absoluto, a criação e Deus.

Ressaltando um pensamento importante a nosso ver, como estamos tratando do tempo, sobre uma significação, “ O tempo e o espaço não seriam mais conceitos fundamentais da Física, mas o resultado dos processos de transmissão de informação pelo universo”(SMOLIN, 2000).

Direcionado a nossas reflexões a cerca dos pensamentos de Schelling e sobre nossa concepção quanto ao evolucionismo e o propósito do universo, perguntamos: Como está nosso estado na idealidade? Explico, realmente não vejo distinção alguma entre o que é possível de ser entendido como “matéria – se está posta na realidade com a preponderância do ser afirmado ou sob a forma da formação-em um da idealidade na realidade e a luz, como idealidade dissolvendo em si toda realidade, digo isso em razão de muito ouvir a seguinte colocação, o plano sensível e o plano dito físico, em nosso pensamento essa distinção não tem procedimento, é somente não ter olhos para ver, deveríamos por exemplo tentar perceber, como, aquela visão da terra quando os homens estão na lua, quero dizer com isso, que deve ser preciso uma desconstrução dessa dicotomia, pois que é um plano só, ao menos fazendo-se entender em um plano só que compõe-se como a conjunção de um macrocosmo e microcosmo. Talvez para ficar mais claro, acreditamos que **o caminho** é um só, a totalidade do bem, o absoluto em nós, enfim como você queira conceber, e diante disso, você pode estar indo por um caminho, depois por outro, mas no mesmo plano. Talvez uma maneira de compreender seja sob o aspecto de que, essência e forma são um e o mesmo, a essência é inseparável da forma, a forma é inseparável da essência. Voltando a minha pergunta, e correlacionado ao evolucionismo natural da criação, como está nosso estado na idealidade deveria ser nossa pergunta de todos os dias, como que age em nós a presença da essência da matéria enquanto ser, e a da luz enquanto conduta.

Schelling tem um pensamento muito profundo quanto a beleza, a nosso entendimento, como uma condição natural da evolução, estando a beleza como,

“(…)Posta em toda parte onde luz e matéria, ideal e real se tocam, a beleza não é meramente universal ou ideal, ideal igual verdade e real o agir, portanto é somente a plena interpenetração ou formação de um em ambos. Com isso, o real, no qual ele (conceito) aparece, torna-se verdadeiramente semelhante e igual ao “protótipo”, a ideia, onde precisamente esse universal e esse particular estão em identidade absoluta. O racional se torna, como racional, ao mesmo tempo algo que aparece, algo sensível. Belo é um poema no qual a suprema liberdade novamente apreende a si mesma na necessidade. Arte é, por conseguinte, uma síntese ou interpenetração recíproca absoluta de liberdade e necessidade.”(SCHELLING,2001, pg.46)

A beleza torna-se uma conjunção que rompe a si mesma para ser uma totalidade em afinidade com o próprio Absoluto, e para Schelling é em Deus que o universo configura-se como obra de arte e esta em sua beleza eterna.

Lembrando as considerações de Arthur Koestler quanto aos holons e a hierarquia vista como estâncias ou como subconjuntos que podem se comportar como particular, o particular tem em seu próprio âmbito sua estrutura complexa, que se torna particular apenas, quando se transmuta o olhar, a outro ponto, e se desloca a próprio estrutura que se ramifica tornando-se um outro vir a ser, parte de um geral maior, de uma totalidade, o que relacionamos com a afirmação de Schelling “As formas particulares são, como tais, sem essencialidades, meras formas, que não podem estar no Absoluto de nenhum outro modo, a não ser que, como particulares, acolham de novo em si toda a essência do Absoluto”(SCHELLING, pg. 53).Essa compreensão de uma totalidade sendo a nosso ver, uma conjunção de um entre que se estabelece não na mera forma, mais na essência e essência particularizada, possível ao ser Una, é de fato pela nossa observação uma constante, ou poderíamos dizer uma mesma terceiridade quanto a esfera da vida, de todos os organismos e ambientes. No que Schelling segue ainda como, “O universo é, como o Absoluto pura e simplesmente um indivisível, pois é o próprio Absoluto, logo, as coisas particulares não podem estar no universo verdadeiro a não ser que acolham em si todo o universo indiviso e, portanto sejam elas mesma universos”, realizando visível no particular o entendimento quanto a sua complexidade.

“ Cada Ideia é = universo na figura do particular. Mas por isso mesmo ela não é, como particular real. O real é sempre somente o universo. Cada ideia tem duas unidades: uma, por meio da qual é em si mesma e absolutamente, por meio da qual ela é acolhida, como particular, no Absoluto como seu centro. Essa dupla unidade de cada Ideia é propriamente o segredo por meio do qual o particular pode ser compreendido no Absoluto e, apesar disso, pode ser compreendido novamente como particular.”(SCHELLING, 2001,pg. 53).

Poderá ele argumentar sobre uma existência poética, constituindo um mundo a parte, porém, sempre vou dizer que não é, a nosso ver, nem um mundo a parte e nem algo que deva ser alcançado, mais é uma existência em nós, da Mente do cosmo, do Absoluto, enfim, somos constituídos da mesma vibração que percorre a única energia que circunda o mesmo universo.

Somente, por vezes não se desperta ou não se abre a porta ao próprio organismo, cegando aos próprios olhos a paisagem que ele mesmo respira. E ainda Schelling nos revela o que poderemos pensar como uma afinidade entre o propósito e a conduta onde a “moralidade nada mais é que acolhimento do finito no infinito agir”.

Nesse percurso de um entendimento ao próprio sensível, no que pode ser entendido por um caminho sobre a reflexão da própria contemplação veremos, o Uno como uma razão silenciosa que propaga a Inteligência e a alma, recorremos então, ao pensamento de Plotino, onde,

“ A imagem que Plotino utiliza, também é utilizada por Dionísio para representar o Uno, é a de uma fonte. Uma fonte que não tem nem princípio nem fim, dado que se entregou por inteira a todos os rios permanecendo em completa quietude. O Uno é assim causa de toda vida, fonte de todo ser, mas que não se confunde com nada exceto consigo mesmo”(BEZERRA, 2006, pg. 70).

Quanto a presença do Uno-bem em Plotino, requeremos para o presente texto sua abordagem não pelo que é superior a todo ser, mas pelo seu caráter que margeia uma metafísica, onde, o Uno será todas as coisas, por ser princípio e nenhuma por não conceber o particular em si, onde não é possível se acalantar nenhuma predicação, pois transcende todas as coisas, sejam elas pensamentos ou a própria multiplicidade. Compreendendo seu percurso, nos fez interessante sua concepção quanto a emanção, processão (*Pródos*) e a conversão (*Epistrophé*). Primeiramente, no que se refere a processão, podemos dizer quanto ao caráter de perfeição do Uno que justamente se confere sua possibilidade de engendrar e produzir, porém justamente a isso haverá a alteridade numa manifestação que ocorre quanto a sua insurgência de oposição, de maneira que “ a antítese entre a negação e a afirmação faz com que cada coisa, ao mesmo tempo em que se distancia de seu princípio, o busque.”(BEZERRA, 2006, pg. 75), sendo um regresso do que consideram como as formas múltiplas a sua origem. O que veremos como o movimento do Uno a multiplicidade é justamente o que diremos quanto a emanção, onde, preserva a unidade do cosmo. Asseverando nestas relações uma visão que configura em relação a própria doutrina estoica, de acordo com Bezerra, que o “espírito é a forma mais sutil da matéria”. Perfila-se nesse pensamento uma questão de ordem circular da processão a conversão, ou ainda, sobre a conversão, como dois movimentos, que seria um movimento que ocorre como uma conversão em si, na própria interioridade e o outro movimento que consiste na conversão em direção ao Uno, porém a de se ressaltar que na conversão a ocorrência se dá posteriormente ao Uno.

O que procede do Uno, é algo que consiste em uma uni-multiplicidade, podendo ser visto como,

“ O Uno, como dissemos, por ser perfeito e não desejar nada, desborda, transborda e engendra algo distinto de si mesmo que, por sua vez ao contemplar o Uno, faz-se limitado e definido e, ao ver-se a si mesmo, faz-se Inteligência. De modo que a *epistrophé*, na segunda hipóstase, abarca dois aspectos em um mesmo ato: voltar-se sobre si mesmo e voltar-se em direção ao Uno. Existe portanto, uma fecundidade que se comunica de ordem em ordem. A natureza atua pela alma, a alma pelo espírito e todos pelo Bem. A inteligência, em sua busca de conhecer tal como é. Em concreto, o conhecimento de si mesma, a torna perfeita.”

Será lícito dizer que para Plotino a Inteligência se dá como algo que é presente em tudo, sendo universal e múltiplo, como algo em todos os seres, em sintonia com às Ideias de Platão, mas realmente prefiro, como sendo uma qualidade de sentimento, nos termos de Peirce, que por se inserir neste mundo, passa a ser nos seres(inteligível) como uma inteligência sensível, unindo o próprio pensar e ser, reflexão de si como mesmo e múltiplo. Haverá no pensamento de Plotino uma constatação de que existe uma tendência para o Uno, no sentido de que no pensamento dele, o Uno é inteligível, dessa forma, o retorno a ele, ocorreria, com o que ele aborda como tendência, e nós vemos além da tendência como o que pensamos ser um impulso, o mesmo que concebemos quanto a relação no que concerne a Mente do mundo, no seu fluxo com a Mente do Cosmo. A Inteligência para Plotino consiste em a vida ser um **pensamento** e a Inteligência sendo o elo com o Uno, podemos ver como sendo a própria inserção no mundo do Uno em sua “transparência” como uma fluidez fazendo-se visível. Pensamento para nós concebido como diagrama. Quando Plotino se refere, “A Inteligência é os seres e os contém todos dentro de si, não como em um lugar, mas como quem se contém a si mesmo e é uma só coisa com eles”(apud, Em, VI,9,6, BEZERRA,2006) Avançamos aqui a fazer uma analogia entre palavras, pois que poderemos ver nos seres da Inteligência de Plotino o que nos referimos como Biosfera, mais que tem um caráter tanto geral como particular, explicamos, por sua ligação com o Uno (é Ideia) tem o caráter geral, mais por em si (já uma fluidez do Uno, sua inserção), tem-se como elemento particular(sendo o inteligível), novamente voltando a questão do ponto de vista, dos planos e o ponto de observação. A alma que se ligará a Inteligência é compreendida por nós como o próprio elemento do Acaso, do espontâneo, primeiridade e do devir, nesse mapa de significações do Universo a que Plotino expõe. A Inteligência não é um principio supremo, mas se liga ao Uno, este mesmo não sendo o primeiro, a Inteligência como ética, ainda terá a capacidade de se conduzir a perfeição, o que vemos por seu próprio caráter geral, que naturalmente se associa ao Uno e o que a prepondera a própria perfeição, o que vemos como no geral, o

entendimento de uma lei, nos termos de Peirce, e a possibilidade da evolução do contínuo que nesse caso terá a insurgência da Alma, como o que relatamos a nosso ver como o espontâneo que gera e move.

No caminho para a contemplação, Plotino nos dirá sobre a alma, amalgamada entre o Uno e a Inteligência se conduzindo como o caminhante e o próprio caminho, entre o mundo inteligível e o mundo sensível. De acordo com Charrue (apud, BEZERRA, 2006, pg. 82) Plotino vê naturalmente o contínuo que se estabelece da Inteligência ao Uno⁶ e da Alma para a Inteligência. Preferimos neste ponto, lembrar Santo Agostinho, quanto a presença do Uno quanto a um tempo contínuo e descontínuo,

“ Santo Agostinho entende o tempo como “distensão” do espírito, ou seja, que não tem existência fora do espírito (Plotino), Santo Agostinho afirma a existência do passado à medida que se torna presente pela lembrança que dele se tem, então, o futuro é porque se faz presente por minha espera e o presente é por minha atenção. Assim, não existem três tempos, como o autor enfatiza: O presente do passado é a memória, o presente do presente, a atenção, o presente do futuro à espera”(apud,SANTO AGOSTINHO, 1964, cap. XX, JORGE).”

Porém, a Alma terá em Plotino um comportamento que mais se distancia do supremo, configurando-se em seu âmbito como particular, tendendo a um princípio de livre-arbítrio, assim o vemos, e que por essa razão aos seus olhos podem gerar desequilíbrio, porém é de fato uma tendência natural, como um impulso, e este impulso rompe o tempo, gerando outras almas, vistas como a geração de possíveis no mundo sensível. Mas ainda se prenuncia uma dúvida possibilidade a respeito da Alma em Plotino, sendo possível vislumbrar aquela que está no universo e as, particulares, acreditamos que isso procede pela constatação de que as leis que regem o universo são as mesmas que se fazem conhecer por nós, mundo, mas em Plotino, ele esclarece como sendo “ a ideia das almas particulares como sementes da Alma Universal, que se assemelham a um oceano espiritual que banha a realidade sensível”, a Alma tem uma ambiguidade assim como a Inteligência. O corpo é neste caso a secundidade da Alma, porque não é a alma que está no corpo, mas o corpo está feito alma, o corpo sendo a experiência da Alma, prosseguindo-a. Teremos no caráter ambíguo da Alma o seu percurso que se faz entre seu caráter original sua generalidade sua similitude ao Todo, mas que fragmenta-se nas coisas do mundo, na experiência sensível tida como o próprio mundo em sua passionalidade, que justamente por essa razão sente a “necessidade” do retorno à unidade originária, através do eros como conhecimento e distinto de um pensar, um amor como potência que conduz a

⁶ Apud BEZZERRA, Para Platão, afirmar que o Uno é significa dizer que tem “ser” e que existe no tempo determinado, podendo ser passado, presente e futuro, de modo que a conclusão obtida da segunda hipótese é que se o Uno é deve ser no tempo. Como consequência dessa afirmação, contrariando a Parmênides de Eléia, Platão atribui ao Uno que é todos os atributos e pode, sob distintos pontos de vista ser tanto Uno como múltiplo.

unidade, essa união se procede como a contemplação, “como um estado do olhar onde o que se vê se converte na própria visão”.(BEZERRA).

O regresso ao princípio, na possibilidade da contemplação. Uma pergunta sobre a origem enquanto busca, que se desnuda por ser tanto moral como intelectual, como um esforço, e onde ressalta que a Alma antes de se fragmentar pertencia a contemplação, numa união tão profícua que somente poderia gerar algo, mesmo que diferenciado, surgindo assim as Almas particulares. Da mesma maneira,

“ Toda vida emana de outra vida e, nesse sentido, a Alma engendra um segundo mundo, participa da Beleza originária. Por isso Plotino afirma ser toda geração fruto de uma atividade contemplativa. “Efetivamente, quando os animais procriam, são suas razões internas que os movem, e esta ação é um ato de contemplação e uma ânsia dolorosa de procriar muitas formas e muitos objetos de contemplação e de inundar de razões todas as coisas e de estar contemplando sem cessar”(…) Segundo Plotino, todos os seres aspiram à contemplação, não somente os racionais, mas também os irracionais. A natureza, afirma ele, produz permanecendo em si mesma e, por isso, é uma razão contemplativa. Na verdade, estamos ante um pensamento que compreende a realidade como um ciclo onde a vida produz vida e onde todo ser gerado é uma razão potencialmente vivificante.(BEZERRA, apud, PLOTINO, 2006, pg 91).

Plotino concebe em seu pensamento uma hierarquia de vida⁷, contempla todos os seres, e salvo as devidas proporções de pensamento, realmente vemos no pensamento do Plotino, muitas sementes que vieram a brotar tanto, em pensadores posteriores, como o que acreditamos mover o entendimento da própria vida como uma lógica do Universo, mais, claramente, salvo algumas distinções, acreditamos que Charles Sanders Peirce contribuiu muito para encaminhar e desenvolver de forma lógica e engendrada em comunhão com a verificação do próprio curso evolutivo em sua teoria, essas sementes, assim como a própria teoria dos sistemas, e em verdade, à quem viesse se debruçar sobre as questões de como o mundo se organiza, se fazendo conhecer e sentir.

Essa presença, a contemplação, em todos os seres, a que se pode dizer um mundo de formas lhe era visto como um movimento contínuo, conforme Bezerra, um organismo vivo que tem em si mesmo sua razão de ser e de gerar. Conforme o próprio Plotino, “ além disso, a contemplação não tem limite, como tampouco não tem objeto da contemplação. E por isso- melhor dizendo, também por isso- ocorre em todos os níveis”. A contemplação se faz irmã do

⁷ Apud BEZERRA – O’Meara vê nos últimos tratados de Plotino a preocupação do filósofo em situar a relação entre a felicidade e a vida perfeita a partir da confrontação entre as teorias estoicas e aristotélicas. Se para Aristóteles a felicidade consiste no fim último de todos os seres (independente das suas qualidades) e, se para os estoicos, consiste unicamente numa vida racional (qualidade), para Plotino a felicidade passa por níveis de vida, ou seja, é um termo homônimo que se aplica tanto a uma planta como a um ser irracional. O mundo é uma totalidade perfeita, composto de elementos superiores e inferiores que participam segundo níveis, de existência, vida e razão. A saída plotiniana mediante uma hierarquia é também uma resposta aos gnósticos e ao problema do mal. O mal não existe ontologicamente, é definido como carência e nasce da alteridade do mundo sensível em relação ao Bem superior. O mal é um elemento presente na ordem hierárquica do mundo.Cf. O MEARA,D.,op.cit.,p87-95.

próprio *eros* este que se resume sob a condição de ser o amor e desejo que move todas as coisas em direção ao Bem, como tendência universal, que incorrerá em uma transmutação.

Ainda sobre a experiência de contemplação,

“ Nem vem de lugar algum, nem vai a lugar algum, mas aparece e deixa de aparecer. Por isso, não é necessário andar em sua busca, mas, aguardar serenamente até que apareça, estando preparado para ser expectador. Assim como o olho aguarda os nasceres do sol. E o sol, aparecendo sobre o horizonte do Oceano, diz os poetas, se oferece espontaneamente aos olhos pra que o contemplem”. (...)É necessário prescindir de todo o exterior e voltar-se totalmente ao interior: não estando inclinado a nada externo, mas ao contrário, ignorando-o completamente; primeiro com a disposição do ânimo e logo com a liberdade de toda a forma, e ignorando-se a si mesmo, penetrar na contemplação daquele”. (PLOTINO, apud, BEZERRA, 2006, pg. 95-96).

A transmutação que envolve o próprio caminho se vestirá pela virtude, nascendo da contemplação e conduzindo a ela, como um artista a transmutar sentidos em cores, formas, esculpindo o pensamento trazendo a vida sobre a forma do sentimento. Plotino diz “ porque o que acolhe dentro da alma, que é razão, que outra coisa pode ser se não razão silenciosa? E quanto mais profunda mais silenciosa.” .O caminho é ele mesmo e todo caminhante.

PARTE II – O MITO DE FÊNIX E O COSMO

I - Arte, um organismo evolucionário.

A ave fênix. [...] os estoicos ensinaram que o universo morre no fogo e renasce do fogo e que o processo não terá fim e não teve princípio.

Jorge Luís Borges

Entender a Arte como um organismo evolucionário, é ver a origem como um horizonte. E esse horizonte se faz pela presença da busca de uma inteligibilidade em respeito a própria mente do Cosmo, sendo a Arte sua própria arquitetura. Parece-nos mais apropriado iniciarmos nosso pensamento por um diagrama que se conduzirá da maneira como mesmo concebemos o diagrama, estruturas móveis, que não definem nenhum item propriamente mais o deixam permearem-se para atingir o máximo de sentidos possíveis, por essa razão ele se deixará sobrepor por ramificações que se fazem entre diversos, porém, de fato creio que percorreremos o pensamento surgindo e ressurgindo como nascimento em fênix através de um organismo, a própria Arte, que terá muitos órgãos, compostos pelo próprio mundo enquanto biosfera, e seu amago próprio sendo o sangue que percorrerá e dará vida e alma a esse pensamento. Pensar a Arte e a Natureza como águas que provem da mesma fonte, é compreender sua equivalência, e ainda se observarmos como, sem distinção a presença do homem, termos igualdade de *direitos* lógicos, e sob a luz do pensamento de Peirce, acreditamos que estarão dispostos à mesma lei, que tende a generalização e ainda a tendência de adquirir hábitos, sendo a idealidade, o idealismo objetivo, o Universo em si. Veremos relações possíveis entre a Natureza e a Arte, mais será ainda necessário duas outras construções diagramáticas que serão a dos elementos próprios entre si, desenho, dança, pintura, escultura, poesia, gesto, música, e ainda o diagrama que pertencerá a contemplação, ao que poderemos encontrar em sentidos dos elementos da arte sem uma aparência e somente em essência, este que será como bem dito por Schelling, “ No entanto, a natureza daquele eterno em si e para si mesmo é difícil de se exprimir com palavras mortais”(apud, IBRI, 1994, pg. 59).

Organismo será um termo que percorrerá as relações, ao qual proponho de início uma tríade, que se faz entre o organismo mundo, físico, o organismo dos seres, ramificado para entendimento, por vezes mais no humano, e o organismo Arte, realizando assim fluxo de sentidos, dessa forma principiamos pela seguinte imagem, A mente do Cosmo e a mente do

mundo são unívocas, como dissemos, a primeira se insere no mundo fazendo-se conhecer pelo processo lógico que já expusemos no pensamento de Peirce, refletimos agora pela seguinte analogia, como hierarquias de Kostler, sem dicotomias de interior e exterior, nem mente e matéria, mais como um caminho distendido em complexidades, compomos uma estrutura de partitura e som onde, a Mente do Cosmo é o som de Deus, a Mente do mundo é a música do Cosmo, e os Seres são as notas do mundo, sendo dedilhados na experiência. Necessário seguir essa orquestra para compreender, o que seguirá, onde o tecido orgânico do mundo, é a biosfera e para vermos como esse “ corpo e mente” se conduz, para o conhece-lo encontraremos a Arte, como acaso, experiência e conduta. O mundo será o nosso corpo em movimento. Se, é possível dizer-se sobre uma forma na arte, neste momento, a forma será a própria Natureza. Traremos alguns elementos onde examinaremos sua conduta quanto a Arte essa que é da Criação.

Teremos que ser capazes de ver, como mãos desenhando, a nossa própria realidade, existência, onde, encontramos uma percepção que comporta a razão e poetiza com ela.

“O som é presença e ausência, e está, por menos que isso pareça, permeado de silêncio. Há tantos ou mais silêncios quantos sons no som, e por isso se pode dizer, com John Cage, que nenhum som teme o silêncio que o extingue”- não o extingue, repousa sobre ele embalando a melodia, para sonhar e dizer a si mesmo os próximos compassos-(...) “Mas também, de maneira reversa, há sempre som dentro do silêncio: (a construção dos próximos temas, e a pausa da imagem que tem som próprio):mesmo quando não ouvimos o barulhismo do nosso próprio produtor-receptor de ruídos (refiro-me a experiência de John Cage, que se tornou a seu modo um marco na música contemporânea, e que diz que, isolados experimentalmente de todo ruído externo, escutamos no mínimo o som grave da nossa pulsação sanguínea e o agudo do nosso sistema nervoso) O mundo se apresenta suficientemente espaçado (quanto mais nos aproximamos de suas texturas mínimas) para estar sempre vazado de vazios e concreto de sobra para nunca deixar de provocar barulho.”(Wisnik, 2005, pg. 18-19).

Trataremos nesses diagramas de pensamento a forma da morfogênese, apresentando-se da Natureza à Arte. Acreditamos que o desenho é um dos elementos que mais despontará a nossos olhos claramente como um hólon, é a qualidade, da primeiridade, como elemento genético, outros serão descortinados em suas afeições. Retomaremos o desenho dos afluentes do rio, como o braço estendido da terra, ramificando-se em mãos e então perguntamos, porque ele é desenho? Ele é desenho porque traceja a terra que empresta o seu corpo, em desenho ele a esculpi, ele é traço porque faz um caminho entre as outras formas, é desenho em sua própria liquidez que toma por gesto, a voz que diz sempre seguir em frente, encontrando obstáculos, segue entre margens, cria seu monólogo, são os braços estendidos grandemente por toda a imensidão da Terra, porque sua fluidez ultrapassa seu próprio desenho, sendo já o que é o todo ao submergir na matéria densa ao magma que recria em outras formas. O rio desenha-se coreografando pelo seu próprio movimento, em dança das águas, refletindo o próprio espaço

desenhado em um tempo que é ritmo dado pelo seu continuo de percurso e curso. O traço do desenho, enquanto liquido pode ser som a bater em pedras como tambores em uma percussão. O traço, o **sentido que é caminho**, que é também forma, é qualidade, primeiridade tornada visível e cognoscível e quando começa a ser representação no seu próprio papel na criação, se torna segundidade, com todos os significados que possa comportar, mas na Arte, arquitetura do Cosmo, o traço, o desenho, não é somente qualidade, é hábito que se faz propagar mesmo sobre outras formas, e formas de formas e significados, dessa maneira o rio e seus afluentes passarão a ser raízes, o mesmo desenho em outra forma, se desforma sendo o mesmo em outro, alteridade, reação, como as imagens da Metamorfose de Ovidio. “ Isso significa que todo hólón possui duas tendências opostas: uma tendência integrativa para funcionar como parte de um todo maior e uma tendência auto-assertativa para preservar sua autonomia individual”(KOSTLER, 1978, pg50), no caso opostas podem ser entendidas como complementares, onde se preserva a harmonia.

“ numa obra musical, um tema, à medida que se desenvolve, faz nascer um outro, (sistema) , e assim ambos se sucedem, se encadeiam, se possuem mutuamente, se transformam, desaparecendo e aparecendo alternativamente vencidos e vitoriosos, e é graças a estas complicações e peripécias que um conteúdo chega a explicitar-se com toda a precisão das suas relações, das suas oposições, conflitos, contrariedades e desenlaces”(WISNIK, 2005, pg. 153).

Quando o desenho do rio no monólogo da criação, veste a roupa de outro personagem, passa a ter a voz da raiz onde ele encontra a si mesmo enquanto liquidez na seiva que percorrerá novamente seu desenho do passado fazendo-se presente, e o papel nessa representação que a raiz desempenha, seu gesto, nesse teatro da existência é sua própria conduta, que se faz habitada pela primeiridade da terceiridade, é habito, mais uma habito que conjuga a possibilidade de uma ação como arte, tem um germe do gesto que não deixa de ser Arte porque é um código, código da natureza, permanece Arte porque, é parte de uma espetáculo a ser exibido sempre todos os dias, lembremos que é pelo habito, conforme o pragmatismo de Peirce que algo nos torna cognoscível, o que dizemos é a possibilidade ainda desse hábito ser um gesto que é uma ação que é a voz, corpo e veste de um personagem, é como ele diz a que veio nesse palco, o mundo, nessa peça, a Natureza e sob a nova forma encontra um traço mais denso, como um grafite encorpado, ele é traço e textura, e ainda se encontra no mesmo universo interno do mundo, aquele a que ele se engendrou quanto rio, quando liquidez, o desenho do rio torna-se raiz como fênix renasce sendo nutrição, o coreografar sobre a forma de imersão e emanção, aprende a receber e doar, enquanto raiz conjuga sendo um desenho que continua a percorrer enquanto seiva e desenho que ao mesmo

tempo toma a forma de uma escultura a fixar-se, esse desenho tornou-se ambíguo e dizendo que pode ser dinâmico e estável, e ainda quando sob a forma de raiz de uma árvore compreende a sutileza de poder no mesmo personagem ter ainda outro figurino, e descobre-se em outro caminho ao ser galhos, nesta natureza ganha informação, o desenho do rio como raiz está presente como a mesma complementaridade que a dualidade onda-partícula,

“A estreita coordenação de atividades existe não só entre indivíduos da mesma espécie mas também entre seres diferentes, e os sistemas de vida resultantes possuem, um vez mais, as características de organismos singulares, Muitos tipos de organismos que se pensava representarem espécies biológicas bem definidas consistem de fato, após meticoloso exame em duas ou mais espécies diferentes mas em íntima associação biológica. Esse fenômeno, conhecido como simbiose, está tão difundido por todo o mundo vivo que tem de ser considerado um aspecto central da vida. As relações simbióticas são mutuamente vantajosas para os parceiros associados, e envolvem animais, plantas e ações possíveis e imagináveis. Muitas dessas espécies podem ter-se unido num passado distante e evoluído para uma interdependência cada vez maior e para uma requintada adaptação recíproca.”(CAPRA, 1982, pg. 257).

Ao ser galho o desenho é figura e fundo, figura na atmosfera do ar que o circunda e fundo de outras formas nos desenhos quando folhas, transmuta-se em si mesmo novamente e sobre o mesmo, tornando-se flexível novamente, dançando ao sabor do vento, onde aprende outro som diferente do das águas, o de seu desenho em outra forma, a folha, se relacionando com o vento produzindo som que une o elemento ar e terra em um só, sendo dedos a dedilhar a música de Deus, em forma de amor às criaturas, um *eros* capaz de tornar forma na Arte do mundo levando-nos a contemplação pela própria Natureza.

“Mas, se as leis da natureza são resultado da evolução, esta evolução deve proceder de acordo com algum princípio, e este princípio será, em si mesmo, da natureza de uma lei. Porém, ele deve ser uma lei que pode evoluir ou se desenvolver por si mesma.[...]Evidentemente ela deve ser uma tendência à generalização – uma tendência generalizadora[...]Agora, a tendência generalizadora é a grande lei da mente, a lei da associação, a lei da formação de hábito[...]Assim, sou levado à hipótese de que as leis do universo têm sido formadas sob uma tendência universal de todas as coisas à generalização e à aquisição de hábitos”(PEIRCE, 7.515, apud, IBRI, 2011,pg. 215).

Novamente o desenho, se faz outra natureza como veias, em um corpo, retorna ao rio, conduz como as águas o sangue, passando de um organismo ao organismo do homem, onde, será rio, raiz e folha. O desenho dos afluentes do rio torna-se veias como a artéria interóssea posterior, passando os tecidos a ser a terra por onde esses rios navegam, e no corpo esse desenho se prolifera sobre a forma de ramos profundos, nervos e vasos, nos tornando árvores desapropriadas de uma natureza primeira fazendo-se segunda. O corpo humano é inteiro natureza da Natureza.

“ Vimos que a auto-renovação- o colapso e a construção de estruturas em ciclos contínuos – é um aspecto essencial dos sistemas vivos. Mas as estruturas que vão continuamente sendo substituídas são, elas mesmas, organismos vivos. Do ponto de vista deles, auto-renovação do sistema maior consiste no seu próprio ciclo de nascimento e morte. (...)Mas para cada organismo que morre um outro nasce. A morte, portanto, não é o oposto da vida, mas um aspecto essencial dela. Os sistemas estratificados evoluíram a par dessas formas superiores de vida, renovando-se em todos os níveis e assim mantendo os

ciclos contínuos de nascimento e morte para todos os organismos, de uma extremidade a outra da estrutura da árvore. E esse desenvolvimento leva-nos a indagações sobre o lugar dos seres humanos no mundo vivo. Como nós também nascemos e estamos destinados a morrer, isso significa que somos partes integrantes de sistemas maiores que continuamente se renovam? Com efeito parece ser esse o caso. A semelhança de todas as outras criaturas vivas, pertencemos a ecossistemas e também formamos nossos próprios sistemas sociais. Finalmente, em nível ainda maior, há a biosfera, o ecossistema do planeta inteiro, do qual nossa sobrevivência é profundamente dependente. Não consideramos usualmente esses sistemas mais extensos organismos individuais – à semelhança de plantas, animais ou pessoas – mas uma nova hipótese científica faz precisamente isso no mais amplo nível acessível.(CAPRA , 1982, pg. 262-264).

Agora, nos será compreensível que justamente por serem da mesma idealidade, o que vemos como os rios sendo veias em sangue no organismo humano, são as veias expostas no organismo da Terra sob a forma de rios, vejam que se tivéssemos essa consciência creio que trataríamos melhor nossos rios, porque ninguém cortaria suas próprias artérias! Aconteceria uma hemorragia no corpo se não fosse prudente e necessária, como em uma cirurgia, então fica realmente um pensamento imprescindível quanto a compreensão do organismo do planeta, como este organismo está sobrevivendo. Eles os rios enquanto veias, ainda estão a mostra, expostos sobre o tecido da Terra, nos fazendo ver em todo momento seu sangue em líquido percorrer a realidade enquanto existência, é visível e se torna invisível aos sentidos de uma percepção cega. Devemos nos encontrar enquanto nossa admissão ao pragmatismo Peirceano e nos prepararmos enquanto nossas escolhas, e nossa maneira de ver e conhecer esse mundo, como bem exposto nas palavras,

“Há muitas maneiras de viver no mundo, e o intelecto não nos obriga a um único caminho. O intelecto não se restringe à mera representação de objetos externos: há planos e finalidades e ideais, os quais podem ser inculcados nos hábitos intelectuais que predeterminam o comportamento futuro. E, naturalmente, o comportamento futuro dará forma ao mundo que virá. O que é tão interessante no ponto de vista de Peirce é que nós, enquanto indivíduos, enquanto humanidade, temos alguma medida do controle sobre nossos hábitos intelectuais. Nós temos uma escolha. Nós podemos deliberadamente, embora com esforço, mudar nossos hábitos intelectuais- o que significa que nós podemos **mudar nossas mentes**: e isso significa que nós temos alguma medida do controle sobre qual dos muitos futuros possíveis será nosso”(Houser, apud, Romanini).

A própria maneira a que se chega a ver uma ontologia para o pensamento cognitivo da criação é análogo a ela mesma, o que no nosso ver, em conformidade, está o que já expusemos quanto a doutrina do Sinequismo de Charles Sanders Peirce, e o que já também dissemos quanto a Mente do Cosmo e a Mente do mundo, configurando em processos que se comportam eles mesmos dependendo do ponto de observação como as estâncias do geral e particular, sendo explícito seu funcionamento pelas categorias, pela compreensão da possibilidade do concatenamento de complexidades, mas o que acrescentamos no pensamento da citação acima, é o entendimento quanto a compreender nesse processo de inserção da

Mente do Cosmo a Arte como partícipe dessa inserção, reconhecendo e reconhecendo-se no mundo, sob todas as formas suas próprias formas em representação de sua essência, da sua verdade. Vemos a compreensão como se estabeleceu ao longo do tempo quanto aos sistemas biológicos e extensivos ao que permeia o mundo sendo o mesmo que olhar para a própria Arte porque o são em si mesmos. A arte tanto sofre metamorfoses na Natureza, quanto em sua própria natureza, e quanto aos processos codificados pela linguagem no âmbito humano, são formas da mesma forma que é somente uma.

Estudos detalhados do modo como a biosfera parece regular a composição química do ar, a temperatura na superfície da Terra e muitos outros aspectos do meio ambiente planetário levaram o químico James Lovelock e a microbióloga Lyn Margulis a sugerir que tais fenômenos só podem ser entendidos se **o planeta como um todo, for considerado um único organismo vivo**. Reconhecendo que sua hipótese representa o renascimento de um poderoso mito antigo, os dois cientistas chamaram-lhe a hipótese de Gaia, do nome da deusa grega da Terra. O planeta está não só palpitante de vida, mas parece ser ele próprio um ser vivo e independente. Toda matéria viva da Terra, juntamente com a atmosfera, os oceanos e o solo, forma um sistema complexo com todas as características de auto-organização. Permanece num estado notável de não-equilíbrio químico e termodinâmico, e é capaz, através de uma gigantesca variedade de processos de regular o meio ambiente planetário a fim de que sejam mantidas condições ótimas para a evolução da vida. A Terra é, pois, um sistema vivo, ela funciona não apenas como um organismo, mas, na realidade, parece ser um organismo Gaia, um ser planetário vivo. Suas propriedades e atividades não podem ser previstas com base na soma de suas partes, cada um de seus tecidos está ligado aos demais, todos eles interdependentes, suas muitas vias de comunicação são altamente complexas e não—lineares, sua forma evolui durante bilhões de anos e continua evoluindo. Essas observações foram feitas num contexto científico, porém transcendem largamente o âmbito da ciência. À semelhança de muitos outros aspectos do novo paradigma, elas refletem uma profunda consciência ecológica, que é em última instância, espiritual. A visão sistêmica dos organismos vivos é difícil de ser aprendida a partir da perspectiva da ciência clássica, porque requer modificações significativas de muitos conceitos e ideais clássicos.(CAPRA, 1982, pg.).

É importante dizer que em nosso pensamento a Arte é Una, dizemos, apenas como uma forma de nos fazer compreender as relacionado entre si, mas são presenças em um só espaço, o da Arte, não tem nenhuma fragmentação entre elas, somente há essa separação na maneira de a ver, porém, ficaria difícil de nos explicar quanto a nossa visão dela própria se não ao menos por vezes nomeássemos os terrenos adentrados, mas é com muita dor que se faz essa nomeação, somente mesmo por facilitar o pensamento procederemos dessa forma. Quanto ao desenho, antecipando sua gênese, deve-se dizer que o desenho é muito mais que uma forma, como uma obra “definida” aos nossos olhos, vê-lo de fato é, conhece-lo perguntando como é sua origem, e então, vamos chegar muito além de uma forma, mais sim algo que é desenho mais é destituído dela, a forma, passa a ser forma em “sentido”, ambíguo neste caso, mas é qualidade pura porque é o traço antes do traço, porque o que é o desenho senão um caminho, e um caminho, é continuo quando desenho, sendo o próprio vir-a-ser, sendo da mesma propriedade da Mente do cosmo, que tanto desenha o mundo e fazendo-se

cognoscível pelo contínuo, em suma o desenho enquanto caminho, enquanto vir a ser, deixa de ser forma para ser apenas a essência, e sendo assim antecipando, ainda é movimento, adentra o espaço da dança, movendo-se é ritmo, passando a ser um caminho que é ainda a fluidez do mesmo, sendo vibração, é música, está completamente na esfera do Universo.

Poderíamos ver como um entre a forma e a essência, os menores substratos dessa alquimia, que seriam os elementos básicos de um caminho, encontrado em toda parte, sendo elementos de cunho, visivelmente, geométrico, onde encontraremos curvas, retas, semi-retas elementos básicos de geometria que se fazem notar em todas as formas, e que sendo menor o pensamento matemático e mais poético, poderemos dizer que na natureza são propriamente uma escultura moldando-se sob justamente a conjunção desses elementos, ou seja, o que é elemento básico, quando entra em conjunção, passa a ser escultura, fazendo-nos claros, poderemos dizer que a curva em uma equação que se junta a uma semi-curva, a uma reta a um plano, torna-se folha, pedra, e tantas outras formas da geometria do mundo, é escultura porque foi modelada pelos próprios elementos do desenho, assim como poderemos ver em um desenho no papel, claramente os traços que nos fazem compreender sua visibilidade quanto a uma escultura, sendo propriamente o esboço da mesma, no meandro do desenho, ou seja, ainda não essência, e nem forma definida, temos o intermezzo, ou seja, o que nos revela como sendo o próprio fractal do desenho, o que chamamos de elementos, são ainda mesmo antes das formas que sofrem mutação como nos rios e raízes, que já seriam uma segunda estância de fractais, são geradores de possibilidades. Em qualquer um desses diagramas do desenho esteja ele em essência pura, em meandro, ou forma, sempre permanecerá a gênese, o vir a ser, o contínuo. O desenho como uma célula, no organismo geral, tanto cósmico como mundo, como particular, biológico, retornando, integrante da totalidade. O que vemos como relações, integral da construção diagramática, pode ser visto como simbioses, e ainda o que se concebe como, metamorfose, mutação como formas de abduções. Será possível pensarmos em aliarmos o próprio holon dentro do caráter de organização e hierarquia de Kostler, mais ainda pensarmos na complexidade do organismo mundo quanto ao próprio desenho como as estruturas dissipativas estudadas por Iliá Prigogine? Acreditamos que sim, e essa possibilidade realmente nos parece em acordo com o pensamento a que nos propomos quanto a Arte ser intrínseca destes sistemas. Mesmo ainda vemos como análogo a tendência auto-afirmativa, o particular e a tendência integrativa, como o geral, nas estruturas da realidade como existência,

“Quanto mais estudamos o mundo vivo, mais nos apercebemos de que a tendência para a associação, para o estabelecimento de vínculos, para o estabelecimento de vínculos, para viver uns dentro de outros

e cooperar, é uma característica essencial dos organismos vivos. Lewis Thomas observou: “ não temos seres solitários. Cada criatura está, de alguma forma, ligada ao resto e dele depende” As maiores redes de organismos formam ecossistemas, em conjunto com vários componentes inanimados ligados aos animais, plantas e interligações dentro de um ecossistema, qualquer perturbação séria não estará limitada a um único efeito, mas poderá propagar-se a todo o sistema e até ser ampliada por seus mecanismos internos de realimentação. A tendência dos sistemas vivos para formar estruturas de múltiplos níveis que diferem em sua complexidade é comum a toda a natureza e tem que ser vista como um princípio básico de auto-organização. Em cada nível de complexidade encontramos sistemas integrados, todos auto-organizadores que consistem em partes menores e, ao mesmo tempo, autam como parte de totalidades maiores. Por exemplo, o organismo humano contém sistemas compostos de vários órgãos, sendo cada órgão constituído de tecidos e cada tecido composto de células. As relações entre esses níveis sistêmicos podem ser representadas por uma árvore sistêmica.(...)Em cada nível, o sistema que está sendo considerado pode constituir um organismo individual. Uma célula pode ser parte de um tecido, mas pode também ser um microorganismo, que por sua vez é parte de um ecossistema; e quase sempre é impossível traçar uma distinção nítida entre essas descrições. Todo subsistema é um organismo relativamente autônomo, mas também, ao mesmo tempo, um componente de um organismo maior, é um holon, no termo de Arthur Koestler manifestando ambas as propriedades independentes dos todos e as partes. Assim, o predomínio total de ordem no universo assume um novo significado: a ordem em um nível sistêmico é a consequência da auto-organização em um nível maior.”(CAPRA, 1982, pg.).

Como já dissemos quanto a hierarquia, Koestler, não a observa sobre a óptica de dominação, e como Capra sintetiza é uma visão de que concebe essa hierarquia conforme ele coloca ao invés de uma pirâmide, uma árvore de maneira que estrai sua fonte vital tanto das raízes como das folhas, com uma interação por todas as possibilidades, como uma malha que se forma entre as extremidades e o corpo em si, tornando a harmonia possível entre as partes independentes e o todo, havendo reciprocidade de maneira a sempre contribuir dentro a complexidade para toda a organização. Além disso, quanto a tendência de autoconservação, que a vemos completamente ligada a terceiridade, a lei, a regra, ao hábito, Capra diz que essa tendência pode ser vista em todos os níveis dos sistemas, incluindo homeostase, e uma tendência complementar, como auto-renovação, claramente o vemos como a primeiridade, o espontâneo a dúvida do que permanece estável e então move-se, e em plena sintonia, Capra aborda como autotransformação e autotranscendência, sendo desenvolvimento e evolução, e quanto a aprendizagem o colocaríamos na segundidade, onde essa transformação se confrontaria com a alteridade sendo visível vivendo e portanto, aprendendo. Quando Capra relata que a criação como o novo, é algo de caráter de todo o universo, estamos em pleno acordo, e vemos no elemento acaso sendo realmente o fator da lógica do universo que é como aquela gênese capaz de ser um horizonte, o mesmo ocorre aqui, o acaso como o elemento de evolução, o elemento fundamental do contínuo.

Poderemos pensar que o desenho tem o comportamento igualmente relacionado com as ondas e partículas da teoria de Heisenberg, pois que tem um estado ambíguo, primeiramente poderemos expor, tem em si mesmo, o caráter de permanência e mutação,

compreendido como a probabilidade, se o entendermos, como o próprio contínuo, se conseguirmos ver o desenho em sua essência o veremos como dissemos como um vir a ser, e então teremos mais propriamente essa relação, onde o desenho não terá uma presença determinada mais onde se percebe o caminho não como uma trajetória mais como algo que comporta em si um caráter sem ser paradoxo, uma constante alteração, ou melhor como uma função de onda.

Ainda quanto a capacidade de complementaridade dos sistemas, como estrutura de um comportamento evolutivo, no que consiste a uma adaptação vemos dentro do que vemos a própria alteridade, ou seja, é a existência de um aprendizado enquanto adaptação, uma afetação que se efetuou disseminada que se propaga e que quando necessária se torna visível até mesmo com um caráter de adaptação, o que eu prefiro ainda ver como caráter de aprendizagem mútua, em relação ao caráter genético, parece-me estar de acordo o próprio entendimento quanto a um canon evolutivo, ou seja, a presença de algo que se manifestou eficiente, ou em acordo a conduta, proveu um gesto que se tornou harmônico, dessa forma se dispôs como um gene apropriado a evolução, e em conjunção a esses fatores claramente como já expusemos a criação, que promove o surgimento do novo, esses foram pensamentos a cerca de um processo evolutivo que foi sempre sendo estudado.

“ Entre os principais contribuintes estão químicos Ilya Prigogine e Manfred Eigen, os biólogos Conrad Waddington e Paul Weiss, o antropólogo Gregory Bateson e os teóricos de sistemas Erich Jantsch e Ervin Laszlo. (...) Essa visão nos permite começar a entender a evolução biológica, social, cultural e cósmica em termos do mesmo modelo de dinâmica sistêmica, muito embora as diferentes espécies de evolução envolvam mecanismos muito diferentes. Uma complementaridade básica de descrições, ainda longe de ser compreendida, é manifestada em toda a teoria, como, por exemplo, na interação entre adaptação e criação, a ação simultânea de acaso e necessidade básica da evolução, de acordo com a nova visão sistêmica, principia com um sistema em homeostase – um estado de equilíbrio dinâmico caracterizado por flutuações múltiplas e interdependentes. Quando o sistema é perturbado, tem a tendência para manter sua estabilidade por mecanismos de realimentação negativa, os quais tendem a reduzir o desvio do estado equilibrado. Contudo, essa não é a única possibilidade. Os desvios também podem ser internamente reforçados através da realimentação positiva, em resposta a mudanças ambientais ou espontaneamente, sem qualquer influência externa. A estabilidade de um sistema vivo é continuamente testada por suas flutuações e em certos momentos uma ou várias delas podem tornar-se tão fortes que impelem o sistema a passar por uma instabilidade rumo a uma estrutura inteiramente nova, a qual será de ovo flutuante e reativamente estável. A estabilidade dos sistemas vivos nunca é absoluta. Ela persistirá enquanto as flutuações se mantiverem abaixo de um nível crítico, mas qualquer sistema está sempre pronto a transformar-se sempre pronto a evoluir.”(CAPRA,1982, pg.).

Claramente vemos nessas considerações expostas aqui, em citação, a conformidade com o pensamento de Charles Sanders Peirce, onde o que é colocado como estado de homeostase, poderemos entender como a lei, o hábito que deve estar sempre dialogando, o que é abordado como perturbação aliamos ao que é disposto sobre o pensamento de Peirce como o elemento do acaso, podendo compor uma forma que tanto se estabelece dentro de um

sistema a possibilidade de mudança dentro do mesmo, e ainda a possibilidade de mudança para algo genuinamente novo, para outra finalidade. O que acreditamos estar em plena sintonia é justamente a percepção quanto a existência nos sistemas em evolução de uma permanência e de sua necessidade de mudança, dentro da evolução, e dentro da própria lei. Portanto, o desenho enquanto lei, no diagrama das formas da Natureza, tem sua permanência e ao mesmo tempo conjuga seu caráter evolucionário ao permanecer em si na obra de uma forma e ainda sob a primeiridade ser o mesmo em outro, em uma arquitetura diagramática que concebe visivelmente mais de uma terceiraidade, sendo um hábito da criação em composição quanto ao geral e particular, sendo que o desenho enquanto geral é do âmbito do desenho como um canon evolutivo, porque é lei enquanto o desenho que perpetua-se porque cumpre com sua aderência ao propósito dentro de sua relação *Mente Arte e mundo* e teremos ainda outra terceiraidade no âmbito do particular quanto ao que dissemos do gesto, a conduta do desenho, que essas mesmo serão gerais perante a variedade na própria Natureza. Lembrando que *Arte é Una*, mas que ainda em cada âmbito no que referimos ao desenho, teremos o movimento, a dança, a escultura e todos os sentidos comportados na sua unicidade, sendo para tornar mais claro podendo ser diagramas de diagramas. Assim veremos dentro da teoria dos sistemas a própria possibilidade de entendimento de diagramas. E ainda,

“Esse modelo básico de evolução, desenvolvido por Prigogine e seus colaboradores tendo em vista estruturas químicas dissipativas, tem sido aplicado com êxito para descrever a evolução de vários sistemas biológicos, sociais e ecológicos. Há numerosas diferenças fundamentais entre a nova teoria sistêmica da evolução e a teoria neodarwiniana clássica. Na teoria clássica, a evolução avança para um estado de equilíbrio, com os organismos adaptando-se cada vez mais perfeitamente ao seu meio ambiente. De acordo com a visão sistêmica, a evolução se opera longe do equilíbrio e desenrola-se através de uma interação de adaptação e criação. Além disso, a teoria dos sistemas considera que o meio ambiente é em si mesmo um sistema vivo capaz de adaptação e evolução. Assim, o foco transfere-se da evolução de um organismo para a co-evolução de organismo mais meio ambiente. De acordo com a visão sistêmica, a evolução se opera longe do equilíbrio e desenrola-se através de uma interação de adaptação e criação. Além disso, a teoria dos sistemas considera que o meio ambiente é, em si mesmo, um sistema vivo capaz de adaptação e evolução. Assim, o foco transfere-se da evolução de um organismo para a co-evolução de organismo mais meio ambiente, consideração dessa mútua adaptação e co-evolução foi negligenciada na visão clássica, que tendia a concentrar-se em processos lineares, sequenciais e transcorrem simultaneamente.” (CAPRA, 1982, pg. 267).

A ocorrência de desenvolvimento e o comportamento quanto a essa necessidade, implica novamente na nossa visão quanto ao diagrama pois que torna-se realmente o se curso ampliar suas relações, e se em principio elas já se encontram em maior número de possibilidades maior a probabilidade de se construir novas relações e novos ganhos de informação, isso é uma arquitetura universal, não é propriedade do humano, de forma alguma, como colocado por Capra, Jaques Monod também via no processo evolutivo a relação entre acaso e necessidade, como descrevemos quanto a lei, a regra, sendo que a própria lei estaria

como a sua estrutura de sobrevivência, o que foi aderente, o que está em harmonia, prevalece, é eficaz e portanto colabora a sobrevivência, dizendo ainda que haverá flutuações nos sistemas, e também, como nós mesmos investigamos quanto a possibilidade de caráter intrínseco ao hábito de impulso de mutação, a ocorrência de um estado crítico, gerando a força que o impele a evoluir, a transmutar, sendo ambos os casos como também já enfatizamos fatores, poderemos, até mesmo dizer, genéticos do organismo do Universo, e continuando também vem em acordo ao que pensamos quanto a aleatoriedade, distinta do próprio acaso, quanto a resolver questões que se apresentam as Mentes, na maneira de que, “quando um sistema se torna instável, há pelo menos duas novas estruturas possíveis para as quais ele pode evoluir”, acreditamos aqui, estar presente a possibilidade quanto ao mesmo fim ter a experiência de novas construções e simplesmente algo que parte em si independente da relação quanto a existência já presente, a construção de uma nova estrutura participante nessa arquitetura. O que é de suma importância, falando a respeito da Arte, e aplicada a toda a lógica que permeia o Universo em acordo a tudo que está sendo exposto aqui e que continuará sendo refletido é justamente, que não se pode jamais ver um objeto, um fenômeno, voltamos a dizer por uma só voz, mas compreendido ao menos essa voz como uma melodia, podendo então ver o desenho como a música, como a dança, a dança como escultura, é dessa maneira que o pensar, que os diagramas encontrarão na malha do pensamento do universo suas probabilidades que se estendem porque não se vê por um ponto de vista mas, por todas as possibilidades conjugadas, e é dessa forma que encontra completa sintonia com a física moderna, ao conceber em si, o caráter indeterminado. Mesmo que seja para o mesmo fim, se eu observo o fenômeno por suas facetas múltiplas posso encontrar quando o sistema necessita de uma evolução, mais claramente, como os pontos de junção dessa geometria, e o mesmo ocorre quanto a abdução, ou seja, as construções de relações novas antes não percebidas. Porém vemos ainda um ponto talvez de discordância quanto da afirmação que segue,

“Quando o sistema se aproxima do ponto crítico, ele mesmo decide que caminho seguir, e essa decisão determinará sua evolução. A totalidade de possíveis vias evolutivas pode ser imaginada como um gráfico de múltiplas encruzilhadas com decisões livres em cada bifurcação. Esse quadro mostra que a evolução é basicamente aberta e indeterminada. Não existe meta ou finalidade nela, e no entanto, há um padrão, reconhecível de desenvolvimento. (...)Na visão sistêmica, o processo de evolução não é dominado pelo “acaso cego”, mas representa um desdobramento de ordem e complexidade que pode ser visto como uma espécie de processo de aprendizagem envolvendo autonomia e liberdade de escolha(...) A evolução é uma aventura contínua e aberta que cria ininterruptamente sua própria finalidade num processo cujo desfecho detalhado inerentemente imprevisível. Não obstante, o modelo geral de evolução pode ser reconhecido e é muito compreensível. Suas características incluem o aumento progressivo de complexidade, coordenação e interdependência, a integração de indivíduos em sistemas de múltiplos níveis; e o refinamento contínuo de certas funções e tipos de comportamento”(CAPRA, 1982, pg.).

Quanto ao que ele coloca de não haver uma meta, ou finalidade, e que ao mesmo tempo tem um padrão, reconhecível de desenvolvimento, diferentemente nós compreendemos a capacidade de liberdade da Mente do Universo de maneira que se pode ver tanto um princípio de espontaneidade, do acaso, quanto da lei, a terceiridade, em sintonia, com algo maior que seria o que constitui o próprio *Ágape*, onde toda essa arquitetura se ergue desde sua fundação para uma obra ininterrupta de aprendizado que tem como estrutura, poderíamos dizer, o admirável. Convergimos em pensamento apenas acredito que se pode observar sim um propósito, e inclusive a *ESTÉTICA*, como aqui propomos, é fator determinante dessa cognição, tornando-se visível na segundidade, a categoria da experiência, sendo a própria realidade, como a nuvem de probabilidades que possuirão em maior ou menor grau sua valência em relação a Mente do Cosmo, em movimento constante sendo ressonância, ritmo e vibração no poema do Universo. Valência⁸ entendida como o próprio sentido que é empregue na Química, quanto a teoria da ligação de valência. (ver orbitais atômicos e orbitais moleculares, ATKINS, JONES, 1999, pg. 230-253).

Quando nos referimos a *ESTÉTICA*, estamos nos referindo propriamente a vida, e dessa forma ela pode ser vista na Filosofia, na Lógica, na Química, na Biologia, na Física, em verdade, no mundo e suas formas de ser os seres em conjunção com seu estar nesse mundo.

“Qualquer um que pense sobre o mundo que o cerca deve perguntar-se o que determina a direção natural de uma mudança. O que leva o mundo para a frente? O que leva uma reação simples até os produtos, ou, em larga escala, o que leva a grande e intrincada rede de reações em sistemas biológicos em um sentido que produz todos os aspectos do fenômeno extraordinário que chamamos vida? A primeira lei da termodinâmica nos diz somente quanta energia é transferida em uma reação. Nada revela sobre as condições necessárias para a reação ocorra, nem porque segue em uma direção particular. Tudo que a primeira lei nos diz é que *se* uma reação ocorre, então a energia total permanece inalterada. Mas o que está por trás do *se*? Por que algumas reações têm tendência a acontecer e outras não? Porque que as coisas acontecem? Para responder essas questões profundamente importantes sobre o mundo que nos cerca, precisamos dar o próximo passo na termodinâmica e aprender mais sobre energia além do fato de que é conservada. O termo técnico para uma mudança natural é uma mudança espontânea que é uma mudança que tende a ocorrer sem a necessidade de ser induzida por uma influência externa.(em nosso estudo referência a distinção, quanto ao elemento acaso e suas possibilidades, em acordo ainda ao fator interno de mudança de um hábito, relativo ao pensamento desenvolvido, quanto as categorias por Charles S. Peirce)(...) Um processo espontâneo tem uma tendência natural de ocorrer; mas não necessariamente acontece a uma velocidade significativa(...) Veremos agora que uma ideia simples responde por toda mudança espontânea: energia e matéria tendem a se tornar mais desordenadas.(...)Como então, fazemos está ideia de aumento da desordem quantitativa e a usamos pra explicar mudanças mais complicadas, como as reações químicas? Em termonidâmica, a medida da desordem é a entropia. S.baixa entropia significa pequena desordem, alta entropia significa desordem. (..) A entropia de um sistema isolado aumenta no decorrer de uma mudança espontânea. Está é uma

⁸ O modelo de Lewis para ligações químicas assume que cada grau par de elétrons ligantes está localizado entre dois átomos ligados. No entanto sabemos, a partir da dualidade onda-partícula do elétron que a localização de um elétron em um átomo não pode ser descrita em termos de uma posição precisa, mas sim em termos de probabilidade de o encontrarmos em algum lugar do espaço definido pelo seu orbital. O mesmo princípio se aplica aos elétrons nas moléculas, exceto que o volume sobre o qual os elétrons estão distribuídos é maior. A primeira descrição de ligação covalente desenvolvida em termos de orbitais atômicos é chamada teoria da ligação de valência, um modelo-quântico da distribuição dos elétrons em ligações que vai além das teoria de Lewis e do modelo VSEPR fornecendo uma maneira de calcular numericamente os ângulos e comprimentos das ligações.(...)

maneira de exprimir a segunda lei da termodinâmica. A direção natural do universo, é ir da ordem para a desordem, da menor para a maior entropia” (ATKINS, JONES, 1999, pg. 391-192).

Um dos fatores que responde a pergunta quanto ao que leva o mundo para frente é não nos distanciarmos do que somos, como organismo único, universo, mundo e seres, sem distâncias, apenas talvez como modos de observação, da mesma forma que a onda e partícula, se realmente conseguirmos ver a nos e o mundo, com esse mesmo comportamento, complementares e legíveis pela própria incerteza, engendrados pelo próprio caráter de potencialidade e probabilidade em nossa fonte de existência e conhecimento, isso nos trará o entendimento do espírito do Universo, sendo assim chegarei a ver no significado de *Kuan*, ou *Cch'an*, a possibilidade de uma existência ser como um rio, navegando pelas margens de outros que me fazem conhecer meu fluxo, ser como um desabrochar de uma flor, abrindo-se pétala por pétala como os passos no caminho, ser esse caminhar como um voo, livre em sua atmosfera, dessa forma se vê, conhecendo desapropriando –me enquanto grão para encontrar-se como oceano, dessa forma sou Arte enquanto mente do Cosmo, sou escultura do mundo sendo entalhada ou modelada conforme todos os sentidos de todas as formas dessa mente do Mundo, que é existência em todas as obras, o organismo inteiro, sou os Seres em aprendizado, em todas as suas semioses, aqui o início da Metáfora do sensível sendo a lógica do universo, ela própria sensível em si mesma. Talvez seja um desapropriar-se ligado a Shopenhauer, ou como gosto de pensar e acho que, mais apropriadamente ligado às filosofias orientais, Ser inteiro, vendo seus pensamentos como as formas do mundo da criação, sentindo-se organicamente sendo a natureza de todas as coisas em todas as coisas, para ser em si a sua essência.

O próprio continuo da evolução com seu caráter de espontaneidade é em si entrópico, e em cada camada, ou estância ou hólón tem em si o germe tanto de auto conservação como de mutação, cada Ser é fênix em si e com os outros ao ser parte de uma expansão, que ramifica-se até ressurgir, como o mito, onde permite-se um renascer onde se vive, permanece, morre, renasce e as cinzas da fênix são o todo nascendo, *ad infinitum*.

Importante para o percurso de tais reflexões, as considerações a respeito dos estudos de Gregory Bateson,

“ Gregory Bateson propôs que a mente fosse definida como um fenômeno sistêmico característico de organismos vivos, sociedades e ecossistemas, e enumerou uma série de critérios que os sistemas têm que satisfazer para que a mente ocorra. Qualquer sistema que satisfaça esses critérios estará apto a processar informação e a desenvolver os fenômenos que associamos à mente: pensamento, aprendizagem, memória, por exemplo. Na concepção de Bateson, a mente é uma consequência

necessária e inevitável de uma certa complexidade que começa muito antes de os organismos desenvolverem um cérebro e um sistema nervoso superior. (...) Com efeito, a mente é uma propriedade essencial dos sistemas vivos. Como disse Bateson, A mente é essência do estar vivo.” Do ponto de vista sistêmico, a vida não é uma substância ou uma força e a mente não é uma entidade que interage com a matéria. Vida e mente são manifestações do mesmo conjunto de propriedades sistêmicas, um conjunto de processos que representam a dinâmica da auto-organização. (...) A mente é imanente não só do corpo, mas também nos caminhos e nas mensagens fora do corpo. Existem manifestações mais amplas da mente, das quais nossas mentes individuais são apenas subsistemas. Esse reconhecimento tem implicações bastante radicais para nossas interações com o meio ambiente natural. Se separamos os fenômenos mentais dos sistemas maiores em que eles são imanentes e os confinamos a indivíduos humanos, veremos o meio ambiente como desprovido de mente e seremos propensos a explorá-los. Nossas atitudes serão muito diferentes quando nos apercebemos de que o meio ambiente não só está vivo como também é dotado de mente, como nós.(...) Na ordem estratificada da natureza, as mentes humanas individuais estão inseridas nas mentes mais vastas dos sistemas sociais e ecológicos, e estes, por sua vez, estão integrados no sistema mental planetário – a mente de Gaia- o qual deve participar, finalmente, de alguma espécie de mente universal ou cósmica.(...)Nessa perspectiva, a deidade não é, evidentemente masculina ou feminina, nem se manifesta em qualquer forma pessoal, mas representa nada menos o que a dinâmica organizadora do cosmo inteiro. Manifestação de sistemas vivos de uma certa complexidade. Por outro lado, as estruturas biológicas desses sistemas são expressões de processos subjacentes que representam a auto-organização do sistema, e por conseguinte, na mente. Ampliando esse modo de pensar o universo como um todo, não é exagero supor que todas as suas estruturas das partículas subatômicas até as galáxias, e das bactérias aos seres humanos- são manifestações da dinâmica auto-organizadora do universo, a qual identificamos com a mente cósmica.”(CAPRA, 1982, pg. 119).

A Arte que é Mente do Cosmo e mente do mundo, nasce e renasce continuamente, pela estética, núcleo dessas nuvens que compõe essa atmosfera a qual queremos sentir como a lógica do sensível. Se o desenho é o próprio contínuo, a dança é o próprio movimento com o figurino de sonoplastia do universo, porque o ritmo é elemento em todo, seu estado puro, qualidade presente na Kalosfera, tudo que tem em si o movimento irá despontar na mente do mundo em plena conjunção da música e dança, unem-se pelo ritmo, e a coreografia é unificada sob o gesto do teatro, sendo ambas, as condutas, a ação, e o gesto é ambigualmente, movimento, o movimento é dança, a dança é música, a música é ritmo, retorna-se a origem, até sermos todos compreendidos como vibrações.

Cada movimento na dança é música porque sua coreografia é uma partitura a ser, manifestada, no instrumento do palco que pode ser entendido como a própria terra, ou ainda, qualquer espaço, onde se possa sentir um deslocamento que se entrelaça como palavras em uma frase a dizer seu rosto que é seu personagem no teatro da existência. Como poderemos entender que o movimento seja, dança, conduta e ação, os sentidos entrelaçam-se da mesma forma que as estâncias em que eles se apresentam, o movimento pode ser entendido como dança quando se observa uma ave docilmente coreografar o céu, que lhe cede todos os dias suas luzes a iluminar seu espetáculo, ou quando a seiva percorre o desenho do rio, em raízes, ela dança o espetáculo da Natureza, até mesmo nós próprios em nosso cotidiano imersos em

idades a qual julgamos apartados de todo esse sentido cósmico, somos como notas a desfilar, por entre as pautas, caminhantes em ruas, construindo a cada dia o som que queremos emitir nessa atmosfera, nessa Mente, nosso movimento cotidiano se retirado de seu ambiente, e transmutado como pelo pensamento de Laban, para movimentos em uma sequência que estabelece uma total correspondência no âmbito da codificação nos moldes da dança propriamente da linguagem do humano, e é na origem da atividade humana, vamos conhecer a dança como um rito, seja como um ritual sagrado ou social.

A natureza inegavelmente tem seus ritmos e conhecê-los, era uma necessidade já no Egito antigo. No final da noite, quando os astros pareciam repousar e apagando a dança celeste, o homem, contemporâneo do nascimento da astronomia, angustiava-se por perder essa imagem, e para dar continuidade ao que ele acreditava ser a ordem da natureza, criava a dança da estrela da manhã, esta que ensinava as gerações o movimento dos planetas, o ciclo das estações e as cheias do Nilo. Os ritmos de fluxo e refluxo do rio direcionavam os trabalhos de semeadura e colheita sendo a imagem da morte e ressurreição da natureza, celebrados nas danças dramáticas que evocavam Osíris, o deus que iria renascer para uma nova vida. Do mesmo ponto de vista da unidade orgânica do homem com a natureza, na Índia encontramos a dança de Shiva, que tem por tema a atividade cósmica, expressada pela criação, que possui um ritmo, de nascimento e expansão; manutenção, vista como o modo de equilíbrio do cosmo em movimento incessante conservado apenas pelo ritmo da dança; a destruição, que garante o nascimento de outras formas; a reencarnação, que ultrapassa a crença em existências limitadas; a salvação ou libertação, que proporciona a consciência de si mesmo.

“ Coomaraswamy resume assim o significado essencial da dança de Shiva: de início a dança é a imagem do jogo rítmico, fonte de todo movimento do ser; em seguida, libera o homem ilimitado da ilusão de ser um indivíduo aprisionado nas fronteiras de sua pele: seu corpo e seu ser são o universo inteiro; finalmente, o “lugar” da dança, o centro do universo, está no coração de todos os homens.” (Garaudy, 1913, p.15),

ou ainda como dito por Samosathe, a dança nasceu no começo de todas as coisas aparecendo no coro das constelações, no movimento dos planetas e das estrelas.

Nesse organismo mundo como poderemos ver o corpo que dança?

Primeiramente devemos desconstruir o que pensamos a respeito do que vem a ser para nós um corpo. Se pensarmos que um corpo é somente aquele que se constitui enquanto o humano, então estaremos nos prendendo a amarras que nos impedirão de ver o corpo como

forma que pode se manifestar em ritmo, se deslocar em um espaço, ter movimento e se comunicar. Então, o que vem a ser corpo? O corpo enquanto forma é livre em sua constituição, mais o que o revela e o difere enquanto tal deve ser decifrado quando queremos encontrar a presença do movimento e da dança. Para investigar essa presença podemos inverter o processo e indícios, ou seja, antes de pensarmos em como esses corpos são e se manifestam, pensemos em como a sua manifestação o constitui, é o que queremos dizer quanto ao movimento presentes na conduta da natureza, onde o corpo que dança são as próprias formas da biosfera.

Há mais um fator no deslocamento, no movimento, que é sua presença enquanto intenção, dos sentidos alargados do observador ou do corpo, o que está em correspondência ao sentido do ritmo dentro da própria mente quanto a dinâmica dos diagramas mentais. Um movimento que indica um sentimento pode também entrar em contato com ambiguidades. O deslocamento que traz a tona da memória uma emoção, que corporifica uma palavra, uma imagem formada na lembrança realiza caminhos de significados que aumentam o sentido, propiciando assim uma efetiva comunicação. Portanto, o deslocamento ou movimento, é um mover-se em direção a relações, visíveis ou não, mas buscando uma visibilidade na semiose. Esse movimento realiza, no que vai se configurar em uma das características do espaço coreográfico, um desenho, porque ao mover-se ele traça, preenche, percorre, sendo estas propriedades típicas do desenho, como dissemos. Esse movimento antes de se corporificar, antes da ação no plano material, já possui uma estrutura mental. Ao desconstruirmos a nossa noção de corpo, ser humano, somos capazes de deixar livre a nossa percepção para encontrar o corpo até mesmo em diferentes linguagens, ora esse corpo será um corpo sonoro, corpo imagético, enfim, um corpo que poderá ser sinestésico, um corpo tão etéreo que é Mente.

Entrando em contato com o corpo sonoro, estaremos sendo invadidos pela experiência que ele nos provém, essa experiência irá se tornando familiar conforme vai sendo desvendada suas características. Esse corpo sonoro revelará seu peso ou leveza, sua densidade, até mesmo seus gestos, sua voz em movimento, porque o gesto tem voz ritmada pelo sentido, o que quero dizer novamente é que fazendo o caminho inverso, ou seja, esse corpo sonoro é para si, constituído e tem sua identidade, porém ele se representa ao externo conforme as relações que vão sendo construídas e que se tornam familiares quando em contato, de acordo com a sua percepção, e o que queremos deixar claro, é que não se restringe de maneira alguma somente ao humano. Se chegarmos a entender esse corpo como vibração, compreenderemos sua analogia quanto ao movimento próprio que configura a instabilidade e a indeterminação da

Física, portanto, somos possibilidades, densidade de probabilidades na dança, no movimento da Mente, sempre em movimento. Existe uma vasta gama de percepções, esses corpos sonoros, pois que já sabemos que, no caso dos seres humanos, quando por alguma razão somos desprovidos de um determinado sentido, não deixamos de perceber, mas sobre tudo passamos a desenvolver a mesma experiência por outro viés, ou seja, se conseguíssemos perceber o mesmo sentido, por mais de um meio, teríamos um alargamento de possibilidades de compreensão e entendimento dos fenômenos que chegam até nós. O automatismo diário enrijece e constringe o uso das verdadeiras potencialidades dos sentidos.

O ritmo molda as intensidades, esculpe o movimento lhe dando uma beleza que já não são somente palavras, mais poesia. O ritmo é como se fosse uma cor em um desenho, ele se faz representar por outro elemento que o é afim que vem sendo a intensidade, é por meio dele que se faz a distinção da força, tensão nos intervalos do movimento como o próprio processo da respiração. É também no ritmo, enquanto cadência, que vamos encontrar a possibilidade de previsibilidade do movimento, e sua reação contrária como força propulsora da criação original que se desenvolverá no espaço. O ritmo poderá determinar a forma do movimento justamente na relação voz e silêncio, sendo o seu interior em relação com o exterior, num diálogo que é uma troca e que se configura a sua constituição.

O espaço coreográfico é como o ambiente, o meio natural da dança, aonde o fenômeno irá se manifestar. É o ambiente aonde esses corpos irão se deslocar, mais julgo ser necessário fazer uma distinção, porque não é somente espaço mais sim, coreográfico, o que quer dizer que é um encadeamento de relações, primeiramente a escolha de que movimento revelar e depois qual será o seu deslocamento e que lugar ele irá ocupar na arquitetura desse espaço, essa relação do movimento deslocado ou não com espaço é o desenho coreográfico. O espaço coreográfico é independente de um espaço físico, ele pode claramente se realizar de fato nele mais ele ocorre antes disso. Todas as relações entre o ritmo, movimento e o espaço coreográfico são mapeadas em um diagrama de pensamento, na forma de que ele mesmo é uma coreografia, porque as relações já são uma estrutura de movimentos que buscam uma harmonia quanto a relações. Como já dissemos a Arte é em nosso pensamento partícipe a própria Mente enquanto sua arquitetura, portanto sua gênese é da natureza da mente, o que dela conhecemos são semioses que estão sempre prontas a despertar esperando nosso olhar, nosso ver, o ver de *Kuan*.

A dança, como toda arte, é um modo de conhecer o mundo, " (...) a própria arte é uma das formas de conhecimento da vida, uma das formas da luta da humanidade por uma verdade

que lhe é necessária." (LÓTMAN, 1978, pg. 27). Nas línguas européias danza, dance, tanz, derivam da raiz tan que significa tensão em sânscrito. Ainda sobre a conjunção quanto a música e o movimento, entendidos sobre a mesma luz, quanto a um deslocamento um vir a ser que o une ainda mais com outro elemento, o desenho, termos ainda enquanto sua correspondência a lógica das categorias, podendo nos oferecer o pensamento que une a Arte e a Biologia, sendo a mutação da frase melódica o mesmo processo de mutação, na frase da vida, sempre a dizer seu mesmo verso, do poema da criação,

“ o tema não está dado, mas já se apresenta desde sempre, e organicamente, como algo suscetível de vibração”(…) “ A demanda expansionista do desenvolvimento é interpretada por Adorno como uma pressão da subjetividade sobre o tema. Se o tema, que é normalmente um elemento de identidade sonora uma figura melódica princípio estável, que permanece igual a si mesma), é levado a modificar-se profundamente a todo momento”, é porque a subjetividade autônoma não coincide mais com a convenção. O sujeito, em processo de deslocamento em relação a linguagem constituída pela tradição clássica, não se identifica com o tema acabado, mas com o tema em estado de transformação, que extrai contraditoriamente seu caráter de não identidade da identidade a subjetivação da forma confere a ela a carga dramática de um organismo que cresce das tensões e resoluções como acontece na mitose biológica. Esses percursos discursivos que avançam retomando sob novas formas aquilo que já foi apresentado, de modo a evidenciar pela própria sintaxe uma espécie de sentido global, são comuns a música e ao mito. A estrutura das significações é, ela mesma, tratada no mito como contra-ponto e como pura polifonia.. Isso é possível porque a música trabalha, como dizia Hegel, na objetivação sonora em que a subjetividade se reconhece e se supera, com a concordância, a oposição e a mediação dos sons (vejam-se aí os passos da dialética) , o que torna possíveis a progressão destes e a passagem recíproca de uns aos outros. De certa forma, cada sistema musical se comporta em relação ao tom (uma altura definida tomada como centro) assim como a dança das abelhas em relação a seu objeto. No caso da música, esse objeto simbólico buscado e negado, oculto e óbvio, absoluto, relativo, é o monólito de tom e pulso inscrito no prisma latente do som (presente e ausente, real e fantasmagórico). As formações sociais e culturais o enfatizam, dialetizam, rasuram, interrogam, mas as músicas se inscrevem através dele, no seu contínuo-descontínuo.”(...) a música tem uma vocação antiga pra ensaiar no seu próprio campo as possibilidades de transformação que estão latentes na história.”(WISNIK, 2005, pg. 163-213).

A dança se desprenderá de si para ser qualidade pura, em seu estado absoluto, como também o desenho, ao ser o vir a ser, se unem ambos, porque são, deslocamento, movimento, ou seja, em essência o contínuo, verdadeiramente poderemos chegar a conclusão de que todos os nomes que demos para a Arte que é Mente, é em espírito, o próprio contínuo, o próprio vir a ser, porque todas são como uma quintessência do Todo. A quintessência é percebida no mundo, na matéria, pelo sensível que somente é visível quando se torna etéreo aos sentidos refeitos em poesia, como metáfora desse mesmo mundo.

Pode se compreender a noção de ritmo pelo próprio dinamismo das relações, dos diagramas, dos sistemas, são em seu âmago, dinâmicos, são ritmos de construções para novos movimentos nessa orquestra das Mentes,

“A abordagem sistêmica mostrou que os organismos vivos são intrinsecamente dinâmicos sendo suas formas visíveis manifestações estáveis de processos subjacentes. Processo e estabilidade, entretanto, são compatíveis somente se os processos formam – flutuações, oscilações, vibrações, ondas. A nova biologia sistêmica mostra que as flutuações são decisivas na dinâmica da auto-organização. Elas

constituem a base da ordem no mundo vivo: as estruturas ordenadas resultam de modelos rítmicos. (...) Os modelos ritmos parecem manifestar-se em todos os níveis. Os átomos são modelos de ondas probabilísticas, as moléculas são estruturas vibratórias e os organismos são modelos multidimensionais e interdependentes de flutuações. Plantas, animais e seres humanos passam por ciclos de atividade e repouso, e todas as suas funções fisiológicas oscilam em ritmos de várias periodicidades. Os modelos rítmicos são, portanto, um fenômeno universal, mas ao mesmo tempo, permitem que os indivíduos expressem suas diferentes personalidades.”(CAPRA, 1982, pg. 271).

Voltando as nossas considerações quanto ao papel da primeiridade no belo artístico e no belo natural, e as vozes do desenho, trazemos a imagem do mesmo se fazendo escultura na natureza da Natureza à natureza do homem, sendo tecidos onde as tramas são a própria primeiridade, o tronco de uma árvore torna-se a textura desse desenho que é pele invertida aos olhos dos tecidos musculares, que são da mesma propriedade, mais internamente a outro organismo, estruturas edificantes de edifícios no campo orgânico do mundo, fazendo-se real o que pode ser uma ilusão, porque não são partes, são o todo, fazendo-se ver em toda a sua obra que não é tronco e nem tecido semimembranoso, é criação que torna-se descoberta à nossos olhos perdidos pelas imagens que se cristalizaram por uma mente que perdeu sua aderência.

E é sob uma mudança de olhar que se pode clarear o que é compreendido, pois que, o que é atmosfera, vira palco, como se estivéssemos de muito longe olhando esse tronco, imaginemos que estivéssemos muito longe mesmo, como além da atmosfera terrestre, onde o que é observado como céu torna-se areia translúcida, onde o tronco é novamente um traço, um caminho, fragmentado em tantos outros, que se confundem na geometria do mundo em quantos existirem se fazendo nascer, talvez então, dessa maneira compreendêssemos os desenhos que os pássaros fazem todos os dias e trouxéssemos para perto de nós o que nos parece estar longe de alcance, sendo assim como um pensamento que não precisa ser de um poeta, mais um olhar que permite inverter polaridades para encontrar uma igualdade equacionária, onde sejam os nossos sentidos, os sentidos do mundo e não de nosso organismo. Para o pensamento que é movimento através da lógica do sensível, não existem distâncias, podendo-se permanecer aonde se quer encontrar o destino de um sentir, como forma de se juntar ao Absoluto, assim estaremos com em uma sinfonia indo para o mundo que queremos ser. Aonde a pedra é tronco, também, portanto é uma escultura, que na mão da Mente encontra sua materialidade na forma de pedra, tronco e tecido muscular, todos tem fendas a serem sentidas como sintonia do que queremos compreender, assim mostra-nos o escultor do universo que os organismos em sua textura são marcas de revelações que permanecem em sombra e que tornam-se à luz, isso podemos ver pelos meandros que se

mostram nesses desenhos, nessas formas, tudo que é exposto pela Arte da mente em todas as suas formas, tem os sentimentos expressos em Arte, tudo que é revelado pela fonte do que pode ser visto como um oceano do sublime somente está a espera de que se mergulhe em suas águas que em verdade são os sentidos além das formas, o que há de espírito neles, o que é belo e bom, o que de fato é a alma da Mente, o que une essa compreensão ao admirável, ao *summum bonum*. Quantas vezes seremos como troncos a edificar a nossa vida, os nossos passos, aqueles, que são como as assas, em forma de areia, quantas vezes deveremos navegar sabendo sempre onde é nossa nascente, essa é a vida, não o que pensamos que vemos, mas o que sentimos sendo dessa forma, dança e ritmo do universo no palco da Mente do mundo, em verdade, entre Mentis.

É preciso compreender a nosso ver que as formas estão muito além de suas formas, são qualidades além da sua representação, muito além dos nomes, ou do que poderemos dizer delas, porque certamente despertaremos à elas conforme nossa evolução e relação com a Criação, mas podemos sim tentar ser espaço e tempo como em uma caverna, para que nosso eco sejam as palavras dessas imagens que não são palavras e nem imagens, mas sentimento, assim retornaríamos à vibração, para quem sabe ver os desenhos de um som, aqueles da sinfonia que sempre está lá em todos os acordes e melodias, desejando ser eterna em nós como é eterna no espaço e tempo.

Ainda podemos ver as raízes em baixo relevo, na arte do mundo, e mesmo transmutando-se como uma malha tridimensional, sendo montanhas, corpo estendido do desenho dos rios, veias da água sendo artérias da Terra. Mas, mais do que as formas, são os sentidos, podendo ser ouvidos, pelas condutas, como uma associação, onde se deve compreender como esses desenhos são formas diagramáticas em nosso organismo enquanto participe da mesma mente, como nossa conduta está na semiose dessas formas, compondo a escultura de nossos atos.

E as cores, elas são a própria vida, manifestando-se sobre os matizes de todos os desenhos da matemática desse mundo, e em particular na biosfera, em toda a Natureza é uma palheta a mostra dos sentidos, que ainda nos ensinam uma mescla que se faz sem matéria, a tinta, mais pela obra do tempo, queremos dizer que o próprio deslocamento das estações no tempo são os pinceis desse quadro, do mundo, tornando-se cor, sendo pintado diante de nossos olhos sendo em verdade a visão que é uma indagação, como no quadro de Velásquez, as meninas, de quem vê ou está sendo visto, sob o olhar dessa obra mundo que está em nosso interior enquanto vida de nós mesmos, habitada pela nossa composição dinâmica onde não se

tem a dicotomia da obra e observador, ambos, serão a pintura sendo pincelada a cada dia. Dessa forma o mundo passa a ser uma tela em branco a cada dia, mas que é pelo passado sendo o futuro em cor, e presente é apenas como experiência de uma alquimia de Seres em pigmento. Como se faz esse quadro é tema do poema do Universo, em versos, dizendo do gesto que são a forma de sua composição. Mais uma vez chegaremos a um entendimento do que é ausência de autor, ou melhor, um autor compartilhado da visão do presente, nos aproximando da gênese, a nosso ver novamente perante o conhecer fazendo-se não tempo, o próprio tempo. Seria uma boa reflexão pensar como seria a história da Arte nessa obra que é a própria Natureza, quais foram as vanguardas, e o que retorna e transforma novamente essa história que é da Arte, do mundo e dos homens sendo a história da nossa evolução.

Dessa forma busquemos a percepção capaz de nos dizer o que está na lógica do sentir, enquanto possibilidade, como proposição do Universo a dialogar o fato de, vermos que as asas de um pássaro são igualmente areia sob a luz e sombra, que os desenhos de um osso temporal pela vista anterior é uma ave em pleno movimento, a mesma forma sendo desenho de sentidos, primeiramente, poderíamos buscar a analogia de que por ser um membro do crânio, o nosso pensamento voa-se. mas então eu pergunto: Aonde reside nosso pensamento, que não em nosso espírito, esse que é em sua gênese como *Mente universal*? E, onde estão as asas desse pensamento senão no próprio conhecer, e onde está o conhecer? Está na Totalidade, como já dissemos anteriormente, sendo despertada como o acaso da própria essência. E pode haver acaso enquanto essência? Acreditamos que sim, se ela está tornando-se existência, ou seja, desperta conforme sua manifestação na experiência.

Então, retornemos a percepção, sobre o que mais nos diz um voo senão, que é caminho fazendo-se liberdade sobre os traços do pensamento, onde é possível ver uma escultura sem matéria sendo o seu permanecer, o continuo do voo, ele mesmo sendo a sua materialidade, nos mostrando como fazer do imaterial uma compreensão. O voo enquanto idealidade é a presença de todos, fazendo-se escultura enquanto fraternidade, esses são os sentidos verdadeiros, o pássaro visto como *Ser*, pousa na existência e retorna a voar sempre, porque o pensamento dessa forma não é um, mas é asas da memória do universo que percorrerá um tempo alheio ao tempo, apenas, lembrança presente, no futuro em aprendizado. Assim compreendermos que a nossa Natureza e natureza, é o espírito do universo, que é toda a criação. Ser oceano em *Mente* é procurar a profundidade do mundo em sua alma, e a Arte como evolução.

“ A metafísica consiste no resultado da aceitação absoluta dos princípios lógicos, não meramente como regulativamente válidos, mas como **verdades do ser**. Assim, assume-se que o universo tem uma explicação cuja função ao modo de toda explicação lógica é unificar a variedade observada. Segue-se que a raiz de todo ser é Uno, e na medida em que sujeitos tem um caráter comum, eles participam de um ser idêntico” (PEIRCE, CP. 1.487, apud, IBRI, 1992, pg. 23).

Pensamos ainda que a reação, que emerge entre o ator e o Ser, no palco do mundo, no teatro da existência, um dia poderá ser a reação como o papel de nós mesmos, onde a primeira fala é um convite. Desperta! Vem e abre a concha de Poseidon que te relegou a um sono profundo do oceano, pois, aqueles que somente sonham não despertam da inocência triste de um labirinto sem esperança. Mas aquele que compreende a realidade como uma grande ilusão pode ser o fio de Ariadne no peito a carregar. Para encontrar o seu destino. Assim, fazem-se os caminhos dos mundos que se abrem como as portas àquele que deseja compreender-conhecer. Passagem inalterável a todos os filhos dos Deuses que como Mitos espreitam a vida e morte de todos, na Terra dos sentidos. A grande morada é teu cenário coreografado em todo cotidiano onde desenhas as marcações de todas as cenas! Todos são sujeitos de si e do mundo, contracenando o desenrolar ainda, por Ariadne. Seguros sempre por esse fio, unem-se entre planos de existência, como pontos entre Galáxias, acessas como estrelas na noite de seu criador. Onde o transeunte nasce ungido no caos original de sua natureza e toma corpo e voz. Mas, quais são as palavras da tua atmosfera que não esteja nos ventos do pensamento. Dizeis sentidos alheios, recobertos pelo teu palco nas esferas notáveis de um momento. É assim, que teu caminho se faz. Aos olhos de quem, não te vê. Ilusão dos cegos à peça diante de si. Transbordam diálogos sem vozes das mentes criadoras que te circundam. E, as beija em ecos sendo os ouvidos do teu próprio devaneio. Que permanece em segredo, concreto e partido, unificado no teu Ser. Um monólogo ininterrupto presente no roteiro do infinito, onde as vestes são toda a Tua alma. Que te retoma e tem como plateia os dias e noites do teu olhar. Esse é o imaginário de todas as coxias do mundo a espera do descortinar. Quando a luz enfim te atinge, sendo, os passos do teu personagem. Ela toma vida ante a tua própria vontade. Levante-te, reergue no mesmo corpo que deixou no camarim as outras vestes, as outras vidas num cenário que te desprende e te liberta, sendo o ator de si próprio. Quantas cenas, deixais de ver somente por navegar um único destino. Mas, o que dirige a sua própria montagem ensaia sempre as palavras nunca ditas. Incansável se doa aos seres que lhe pertencem. Porque são em verdade, a multidão, o universo manifestando-se no teatro único da eternidade. O poeta e o ator recobrem-se pelo movimento do gesto que lhe revela o encenar do personagem na face daquele olhar que deseja sentir um mundo a aproximar-se, permitindo novamente que

se faça vida. Assim são os Seres que te habitam, emprestam da ilusão a realidade que te constrói, dramaturgo, filho antigo da mitologia, te fazes IMORTAL.

Um dia, poderemos sentir a Nona Sinfonia de Beethoven como a materialização de um corpo celeste tornando-se som, transmutando as luzes e cores em trinados, arpejos e melodia do Cosmo, sob a forma de uma partitura, e ainda tocar esse mesmo sentimento em nossas condutas sendo formas celestes encarnadas na existência, para conduzir como um maestro a orquestra onde todos os instrumentos são únicos em forma do amor universal, o Àgape.

II - Afecções diagramáticas

Para falarmos de afecções estaremos nos direcionando ao caminho da forma como é possível o entendimento quanto ao próprio, *Ágape*, como a metáfora do universo, a qual nos aproximaremos no último capítulo, envolvendo uma conduta de sentimento que é sensível em sua natureza mais genuína, que concebe todos os elementos dispostos no mundo geneticamente correspondidos por um impulso que se direciona a afeição ininterrupta entre tudo que se sintoniza no mesmo propósito sobre a forma desse amor universal que somente vibra em evolução, e dessa forma ressoa o próprio bem sob a forma liberta e livre da lógica concebida à ética e estética no mundo.

Trataremos no presente momento das formas diagramáticas entendidas como dissemos sendo a *Mente* o ponto de fuga, até mesmo porque a mente é amplidão em si, é totalidade, o *Uno*, e estamos dispostos a expor essa totalidade como um ponto em um plano, como uma inversão a perspectiva, ou seja, o olhar que queremos é dispor em nosso pensamento a forma diagramática constituindo-se da maior amplidão possível em relação ao que iremos observar, em nossa compreensão, quanto às relações que serão expostas no âmbito das linguagens entre si, codificadas, permeando-se e interligando-se em todo momento. Somente para esclarecer, não estaremos conduzindo um foco reduzido ao fenômeno observado, mas em conformidade com o que pensamos, justamente realizando o contrário, vendo como a nuvem no mundo atômico. O que queremos é um ícone de pensamento que se compõe sendo a imagem de uma totalidade, e para que isso ocorra é preciso essa visão onde não se determina fixamente o objeto, mas caminha-se em direção à ele da mesma maneira, sobre a mobilidade que o permeia, ou seja, seremos em pensamento uma própria densidade de probabilidade para tentar nos aproximar da melhor maneira do que estamos dispostos a diagnosticar sempre sobre a

lógica do sensível, pertencente a Estética como a compreendemos, porém, atada de certa forma no momento a um corpo particular e nomeado, as linguagens codificadas da Arte.

Percorreremos muitas faces buscando a função intervalar. Um som pode ser a matéria a ser modelada pela dança, comecemos por essa relação, e como ela pode ocorrer. Vejamos que ao falarmos que o som será modelado pela dança já estamos introduzindo em nosso pensamento a escultura e ao mesmo tempo o gesto, sendo movimento, personagem, o que já nos coloca no palco do teatro, mas teremos que ir devagar, para observar nossos próprios passos no caminhar desse diagrama. Teremos que por em palavras um ato de sinestesia de linguagens. Dessa forma o som encontrará as palavras que serão metáforas no pensamento percorrendo os sentidos em imagens que são o movimento conhecendo-se em poesia.

Iniciaremos pelo uníssono entre som e movimento, e claro, como ambos são ritmo, poderemos dizer que quando o som abre eco no movimento da dança é que se inicia um gesto que desenha o espaço e se estão sendo abrigados como mesmas notas, se mostram sobre uma matriz correspondente, dizemos isso porque podem estar em polaridades rítmicas dissonantes, por exemplo, um som que tem no movimento não um eco, mas uma resposta como na fuga de Bach, que não é nesse sistema um elemento que se comporta sob o mesmo estado, são como atores em cena com vozes diferentes, mas partes ainda do mesmo texto. Então, enquanto o aspecto primeiro o som ecoando no movimento, é a nosso ver, o impulso do gesto a primeira fonte do sentir, esse gesto que é dança torna-se voz dizendo as palavras do som, isso é possível porque a música é frase sem palavras, sendo as palavras som em imagens construídas pelo sentir que reverberam e se tornam palavras que geneticamente sofreram mutação, sentidos aos quais pertencentes, em si, sendo as qualidades que serão, representação sobre as imagens e sons da Sinfonia n 4 - Bachianas - Prelude, de Heitor Villa-Lobos ,o Adagietto da Sinfonia n 5 de Gustav Mahler e a Nona Sinfonia de Beethoven, à esta última procuraremos suas imagens e vozes no último capítulo. Além do ritmo, o som e movimento, se unem pela percepção da própria emoção que evoca no pensamento suas imagens, num diagrama de som, poesia e movimento em palavras de um gesto sonoro.

As Bachianas, movem-se como um poema dizendo, permita-me sonhar, um passo de meu sentimento - dessa forma o movimento é lento, compassado como algo infinito que se move esperando o horizonte, o corpo adentra o palco como um respirar sôfrego - quero caminhar nas águas desse mar - o horizonte se transforma, sendo um navegar - os movimentos são como se suspensos por essa imensidão que é horizonte e mar, tornam-se sutis, gestos etéreos, são ainda sussurros, o andar desse caminhar no palco começa a

desprender, distende-se sobre o espaço, o horizonte, dessa forma os braços movimentam-se sobre a forma de abraços interrompidos – Sorver teus lábios em forma das cores do teu destino – o movimento do corpo nesse compasso é onda nesse mar, porque é beijo, amante de seu próprio destino, então o corpo sente sua força, o movimento toca a si mesmo o seu corpo, e estende os braços a frente, é uma busca, um destino, e seu destino e o de todos, é a música, então permanece no gesto ainda suspenso, onde o movimento está no olhar ainda no horizonte, que pende o rosto e vira-se tornando a caminhar, mas para, porque torna-se silêncio em pausa, dizendo- Vem deixa-me, vem deixa-me ser tua imagem nas águas – o corpo deita-se, agora ele é, o próprio oceano, o movimento vai se desfazendo perdendo sua forma então se despi de si, ajoelhando-se sobre o palco, deslizando os braços vagorosamente, frente às águas adormece, para virar-se quando já é oceano- Não lamente, não se perca, vem ancorar em meu peito teu sofrimento – o corpo, move-se, levanta o tronco e torna a desfalecer, diz a respiração em forma de movimento se repetindo, ascendendo e descendente ao palco, assim ergue, estendendo os braços que por fim abraça já em um outro movimento, as pernas agora são a ancora – Soa infinitamente – Abre os braços e ergue o rosto, está livre como o som que é infinito- Leva-me como o vento – levanta-se girando em torno de si e por todo o palco, braços abertos - Abraça e me faz noite, a lua dos amantes e dos poetas, sentimentos, sofrimentos – lentamente vai cessando de girar e se abraça, mas ainda girando estende os braços em pedido à música para ser dela e caminha para ela no anoitecer, caminha pelo palco, está indo de encontro a música, quer seu amor, seu sentimento, contorce o dorso, sabe que somente enquanto fênix poderá estar a seu lado, dessa forma coloca as mãos em seu rosto, uma mão permanece na face a outra, se estende é o sofrimento de perder-se para ser, é contemplar, une as duas mãos ao peito e abre-as a frente- Vem dizer a alma tua, vem soar a desventura de sentir-te – as mãos que se abriram a frente agora recolhem-se novamente e uma delas rente ao corpo ergue puxando o braço, em movimento circular conjuntamente aos pés, desenhando o palco terminando novamente a recolher, curva-se e ergue-se, o movimento de estende e respira se faz no corpo movimento, ainda como ondas, ora pelos braços, ora aos pés que mostram ao corpo o caminho de seu destino- Música que toca meus sentidos, banha-me sendo esse, meu oceano, meu oceano sendo eterno piano, orquestra que comove meu olhar que sobre ti paira sempre a revoar, para em teus braços, sempre, sempre a te amar, música, eterna, música– silencia, corpo imóvel apenas sendo som sobre a forma de braços estendidos para trás, cabeça erguida a cima como ave a voar sob as notas, por fim se abraça e permanece nesse gesto unísono como último acorde. As águas deixaram suas margens para ser assas, voando sobre o mesmo caminho agora vento, pousando

sobre a melodia- como passos valsam sobre o céu- atingindo sua natureza sobre campos, paisagens, lugares do mesmo Ser. Versos arrebatados esperam a imagem dos teus passos, música e dança em movimento, dialogando na orquestra do mesmo teatro, vozes dispersas como vibrações, por fim, esperando um novo caminhar, em outras águas, no único oceano. Música.

Poderíamos dizer em princípio que se trata de um conjunto entre forma e conduta e nos diálogos em que isso implica, porque se falam mutuamente, talvez, mais o interessante seja pensar nessa conduta, mais palavras tem conduta? Como ela age? Ela age pela imagem, pelo som, pelo gesto, enfim, palavra não são somente letras ao vento, são sentimentos que não estão ao relento, estão fazendo-se ouvidos, e vou mais longe, a palavra se constrói antes mesmo da proposição, como vista normalmente, são indícios de uma voz que vai soando e formando a melodia, quando ao ponto final se escuta um pensamento. Como ela se manifesta, na forma de um mundo a percorrer, porque ela age em si mesma, com a alteridade, que acontece de mais de uma maneira. Que conexões essa palavra estabelece, veja que demonstra, a meu ver, um universo dentro do outro, em verdade o mesmo, tornando-se visível por diferentes variáveis em potencia. Pensando nisso, temos o momento anterior a palavra, a escolha da palavra. Como podemos ver cada palavra dessa maneira será como um sistema, essa escolha em se tratando de relações de uma pensamento, podem ocorrer pela imagem que quero construir, em função do som, do ritmo, e assim por diante, então é uma vasta construção, ou que ao menos na poesia se torna mais evidente, nesse diagrama, por afeições, na música percebo que um som atrai o outro e quanto aos movimentos também, no desenho, na pintura, escultura e assim por diante, o que se fará mais complexo ainda enquanto afeições entre as intersecções, e o que isso implica para este decurso de pensamento a que estamos tratando é, em razão, da construção de uma “proposição”, nesse diagrama de pensamento, deixando livre as próprias possibilidades, porque eu diria em primeiro que um sentido conduziria as imagens, ou sons que poderiam ser modelados, mais isso seria muito pouco para a mente criativa, ela percebe e constrói além disso, portanto, acreditamos que essa rede pode se estabelecer, ate mesmo, de uma maneira absurdamente diversa e coesa.

Uma imagem, pura e simplesmente, que se apresenta a mente, ou que você observa, pode ser o gerador do pensamento, do diagrama que propiciará a construção da proposição, e não como uma descrição, mais como a junção dos elementos, na maioria das vezes qualis-entimentos que se transmutarão em outros ou que ecoarão sua voz em palavras que trarão

indubitavelmente outras imagens a partir daquele instante, deixemos claro que, não necessariamente a imagem precisa ser transposta em palavras, ela pode conduzir a proposição em um ciclo de imagens, o que para a mente não se revela somente imagens, creio que, ela constrói automaticamente as possibilidades de conjunções em outros sentidos conforme o diagrama vai se formando, é realmente um engodo, penso, acreditar que a mente constrói de modo específico, e isso penso, será independentemente do tão comumente colocado “repertório” porque ela percebe o que você não crê que se apercebe, no sentido que, ela capta do próprio ambiente em que vive, ou seja, o mundo inteiro, os sinais das conexões, ora, elas claramente estão por todo lugar, seja na Natureza, seja na construção “orgânica” do homem, portanto, é coerente para a mente humana, conhecer, desenvolver processos onde o trânsito de um sentido em sua proposição de uma imagem possa ser desenvolvido em seu percurso por um som e depois por um movimento e das maneiras mais diversas. Dessa forma veremos a Imagem antes da palavra – a imagem depois da palavra – a imagem independente da palavra, palavra sem palavra.

Ainda poderemos ver que o som repousa nas asas do movimento fazendo de suas notas o vento ouvindo enlaces de passos a caminhar para a música. Que dizer da alma que se encontra na essência de todas as coisas em sua forma mais sutil, mais tênue e transparente, a música. Encontrar palavras onde elas não habitam, onde elas são o sentir, é apenas para o poeta do pensamento que discorre sobre essas ramagens como seu prado natural, fazendo de sua natureza a natureza do próprio objeto. Mas a poesia é pulso do mundo, em forma de imagem que se desenha a cada dia, esculpindo sua matéria pelas mãos insondáveis da própria criação. Dizer de si mesma, Arte, sob as formas de seres de Ovídio, é transmutar-se enquanto próprio movimento, respirando a vibração que a torna viva, enquanto espaço de outro mundo, que desfalece para nascer fênix em seus braços, na gênese da Mente.

Uma alma em muitos sentidos e sentimentos na música de Mahler, na Quinta Sinfonia, onde... azul da Prússia é universo, em teus olhos a ver o mundo, nascendo em tuas cores, luzes em vibração, de dias e noites do infinito, suavemente entrelaçando, nas tuas águas se faz espelho, a beleza e a poesia, prados de tua harmonia- Nas dores arpejando de desejo, faz-se tempestade em desfiladeiros, dispersos nos ventos de silêncio, voando sempre no infinito, nos sons descalços de teu mar. Marcha em teu rastro de ensejo, até onde teu olhar possa estar. Não se perca em tristeza, porque o entardecer te chama, ergue o luar que te convida, a sonhar um amanhã, que te reveste de luz, em teus movimentos, fazendo viver o instrumento de tua alma, soando todos os compassos despertos por ti. Imensidão vem envolver, um toque sem corpo,

dizendo um amor entre notas de ternura, assim sendo, oceano, já me tomou como tua, entre as águas que agora banha, o espírito em eternidade. – desfaz-se movimento, em notas de outra vida, novamente para sentir, os sons de uma despedida, nascendo em melodia, esperando-te, em mais uma, sinfonia.

A Arte por principio é não tempo, em qualquer instância, mas, a percepção no âmbito humano em relação, a esse principio é que altera o estado inicial do mesmo. O finito na Arte é infinito. Tentando elucidar o caminho a que se restringe quanto a uma percepção por estar sobre os moldes de uma codificação enquanto linguagem da Arte do “homem” e seu retorno de compreensão a totalidade, será uma experiência de pensamento, a que agora vamos nos propor. Realmente parece-nos que o que ocorre são equívocos de percepção, a primeira claro é por se ver atado dela, da Arte, como já dissemos, a segunda a que ainda a titulo de um inicio de diagramas também nos expusemos é restringir seus estados possíveis de compreensão somente ao que expomos como internos a linguagem, queremos dizer que quando o que é apresentado a mente é disposto de maneira expansiva, esta em harmonia com a origem, do que é a mente, não ocorrendo portanto pela sintonia, equívocos de compreensão e percepção. E o que dizer sobre as afecções da pintura. Já nos perguntamos sobre o que percebemos, e refletindo sobre as possíveis afecções entre o som, uma melodia e uma pintura, me surgiu algo distinto do que iria dizer, mas que me pareceu pertinaz mesmo assim explorar. Diz respeito ao tempo, não aquele que é da origem da energia da Arte, atemporal, não o tempo da totalidade da Arte que é um não tempo, primeiridade, estamos pensando em como ele torna-se novamente infinito, parecendo finito ou sendo novamente um não tempo, quando se faz ,finito e infinito em uma sequencia e alteração de estados de apreensão em relação a ele mesmo e a Arte, disposta como os seus elementos. Isso poderia ainda ser aprofundado em relação a todas as afecções a que nos dispusermos quanto a Arte, poderemos dizer ainda antes da pintura, como nos evolvemos nas Bachianas com matrizes de sonoridade, poesia e dança em poesia, poderíamos nos perguntar, se o infinito do som, ou a sua duração, quanto a sequencia de compassos, se torna finita quando palavra, ou se justamente, torna-se finita em palavra e infinita de sentido e imagem pela palavra, creio que este é um bom exemplo, porque realmente dar nome as coisas, determina, o que é indeterminado, no continuo de relações. Mas, no cerne da palavra, quando poema, ela se faz possibilidades. E ainda claro, mesmo quando palavra ela representa algo, está no lugar do que é de fato, já carrega um sentido, um significado, uma imagem. Creio que aliado a esta questão, estamos no caminho de refletir o

porque se questiona, não por nós, sobre uma distinção no aspecto de movimento e dinamismo, um desenho ou uma escultura, da dança ou a música, como obra. Novamente, o que percebemos? Que caminhos de pensamentos, que construções diagramáticas são necessárias para se obter a nossos olhos fragmentados a visão de sua completude, de seu estado original a Totalidade da Arte como elemento de que é feita? Em verdade, todas as afecções a que estamos nos dispondo a revelar são da natureza da própria unidade, são diagramas que estão lá independente de nosso olhar, serão reconstruídos em nosso pensamento, então para sermos esse olhar unificado, ser esse pensamento, devemos despertar para nossa própria natureza.

O que pode ser movimento para a mente? Como que algo que exposto em uma visualidade que considera um instante inerte pode ser feito rarefeito e infinito, como um quadro ou mesmo a escultura, serão dança aos olhos da mente? Pelo sentir, que não tem tempo, ele é agente nessa alquimia, que mostra uma real percepção, ele é capaz de mostrar o que de fato é para a mente, compreendido. Mas ainda, como se faz esse sentir racionalizado, como dissemos anteriormente uma razão que possibilita uma poética. Pelos diagramas de afecções que são infinitos em significado, então é um sentir que se faz razão por estar na malha de significados de informação, concebendo o que pode parecer sentidos alheios, formas distintas, como fonte de comunicação a mostrar como uma alteridade presente no mesmo, sua possibilidade de gerar internamente seus conteúdos de significação, e informação.

Para que uma escultura seja percebida como dança, será necessário que o diagrama se realize entre os significados de ambos os elementos, e é nesse momento que aliamos realmente em nosso pensamento de diagramas, o sistema modelizante de Lotman, em suma, deveríamos expor o que me diz a natureza da escultura do amago dela, o que me diz a voz da dança, e mais ainda, antes de ver qualquer similitude, ou continuidade, ver uma pela outra, o que é diferente de procurar similitudes ou completudes é se colocar no lugar do outro, e isso amplia muito o significado. E volto a dizer, é diferente de encontrar o comum em ambos, é ser o outro, e sentir. Parece-nos que sempre haverá na disposição de ser o outro, a poesia, talvez porque seja dela a presença da metáfora, ao menos para tentar como disse Schelling, por em palavras mortais.

Voltaremos a esta questão, apenas ainda em torno dela, sugiro um pensamento hipotético de uma situação para tentar mostrar certo comportamento mental. Se propuséssemos a uma classe de alunos, o seguinte exercício. É algo muito simples, mas que à mente pode nos dizer algo de comportamento e postura, quanto mesmo a própria lei da mente

de Peirce. Ocorreria da seguinte forma, uma pessoa iniciaria o processo, esse mesmo exercício pode ir ganhando complexidade conforme as aparentes distinções que são oferecidas em ideias expostas por palavras, queremos dizer, em um primeiro exercício, enfim não precisa ficar no âmbito de palavras, o que encaminha ao nosso próprio objeto de estudo ao qual acima estávamos tratando. Então, uma pessoa inicia uma frase, que deverá ser continuada por outra, nenhum dos integrantes sabe quando vai ser a sua vez, não tem uma posição determinada, está na “nuvem”, saberá somente quando aquele que começou a primeira frase, o tocar, o que sugerimos perguntar, no final da experiência, é como foi seu comportamento mental, quanto a, sua proposição. Esclarecemos, acreditamos que o mais usual será, que por estar em posição indeterminada ao ser apresentado a mente uma proposição, uma frase, seu pensamento já constrói uma proposição seguinte, até mesmo porque esse é o intuito do exercício, mas se não foi a sua proposição a que deu continuidade, porque é indeterminado, acreditamos que ao pensamento se estabelece o seguinte diagrama, se conjuga, a primeira proposição do instante passado, a que em instante presente se tornou sua a mente em continuidade àquela e a que foi exposta pelo outro, então o que acontece é uma semiose onde a sua proposição que já havia se apresentado à sua mente se relaciona com as demais e a proposição a que sua mente se destina em seguida será não mais simplesmente a continuidade daquela primeira que surgiu sem a interferência da outra, será a mesma porém diferente, porque o que demonstra ganho de informação se torna natural a cognição, é de caráter evolutivo.

Porém, infelizmente a de se considerar a possibilidade da escolha contrária, queremos dizer sob uma postura dogmática que diante da inquietação do indeterminado quanto a seu tempo e lugar, de sua frase, ou manifestação, porque em outros exercícios não precisamente seriam verbais, mas enfim, o que ainda é preciso dizer é que é possível, ainda que não natural a nosso ver, que diante do indeterminado, e por esse incomodo aliado a uma postura tenaz e dogmática, não se permita, como uma força externa de calor, que a frase que se interpôs a inicial se introduza no sistema, ou seja, que dialogue, que produza uma semiose, com a que havia sido construída na mente. Ainda mesmo assim, que o individuo relegue a força externa, penso que, como já dito por ser de ordem natural do funcionamento da mente, que por ter entrado em contato pelos sentidos, ouviu ou viu a proposição que se interpunha, de alguma forma será afetado por ela, mesmo que não no presente momento da escolha, podendo retornar a mente quando algo novamente se apresente à ela em forma similar.

O caráter investigativo, científico, é parte da estrutura da mente do mundo, se temos uma posição contrária, não estamos em harmonia com nosso próprio Ser e ambiente, e ate

mesmo por isso que mesmo com a possibilidade da escolha, a mente permanece com o sinal mesmo que não organizado integralmente ao pensamento naquele momento.

O que queremos demonstrar é que ver a escultura como dança não deve nos parecer algo estranho ao pensamento, mas sim, natural a sua própria maneira de construir significações e informação. Seguindo então, quanto a escultura, mais uma vez sob metáforas ainda se sentir e pensar, creio que será preciso me deitar sobre teus planos estejam eles em sua forma, em um deslizar aí, sim, me fragmentando pela sua matéria para te compreender inteira, um plano teu, pode ser um oceano ou um corte em teu corpo que é parte e reparte em suas superfícies uma dor ou lamento, ou nada, querendo dizer mais, deixar-se vagar pelo teu caminho já é passo em compasso da dança, mas precisa ir além, buscar outros sons dentro de ti, para que eu te ouça, preciso buscar em imagem para falar de ti em palavras, mais que imagem te faz inteira, que matéria te faz plena, se não o que não é matéria, me dizendo sem palavras. Escultura em dança é o **corpo em gesto** de planos, ou faces. Escultura em movimento é voz muda que em silêncio sussurra. Escultura é o gesto do silêncio. Espaços coreográficos formados na composição dos encontros, costurados entre os desenhos do corpo e o tecido do pensamento. Corpo tecido nos caminhos do desenho, traçados costurados, no percurso do mundo, efêmero encanto na passarela da vida. Esculturas sendo modeladas, retratadas na geometria das formas que se contorna veste, e reveste o corpo em ecos, soando o timbre que revela a forma quando veste a alma, o corpo se despe nos gestos em tecido, dizendo aforismos, desenhando novos corpos para velhas almas. Pode ser a escultura, o desejo sobre o corpo, fazendo-se criatura, nascendo como Gaia.

No caso a que estávamos a delinear quanto a música e a pintura neste particular do tempo enquanto percepção de finitudes, e estados, nos parece que novamente haverão trânsitos que se fazem e se intercambiam, a música tem duração, um tempo que é interno da linguagem, ritmo, e que se manifesta no tempo dito linear. Por seu caráter de duração, à apreensão pode dar uma impressão que o encontro com o estado de contemplação, do sublime esteja subordinado a relação dessa duração com o sentimento do infinito. É a própria presença do ritmo. O ritmo a melodia, a cadência a frequência são todos fatores que são importantes. Mas realmente vai além do seu aspecto quanto ao ritmo, porque é algo a mais que toca o espírito, e perceber algo de interno da música em seu próprio interior, sendo uma única música, é compreender o que a música diz, é ter seu eco em seu coração, em um só batimento, produzindo o ritmo que é sublime, que é contemplação porque será, não da música mas do universo, porque assim os Seres estão ligados, dessa forma não será algo

propriedade da música, mas como dissemos na Arte como partícipe da mente do Cosmo, no mundo não há distinção entre os Seres e a Arte, por essa razão se chega até o sublime, o ritmo não é da musica é interno a todos os Seres, assim ela é compreendida em essência, por ser íntegra. Mas perguntamos, como chegamos a esse mesmo estado na pintura, que não tem o mesmo sentido de duração, como o que ocorre na escultura, aparentemente imóveis à nossa percepção. Pode se dizer que esse sentido de duração é o mesmo quando percorremos com o olhar a tela, por exemplo, mas creio que o ritmo na pintura se faz não pelo que se apresenta diretamente aos olhos, mas, como caminho natural da própria Arte sobre o olhar dos sentidos outros, aqueles que dissemos quanto a falar das cores sem dizer a elas que a estávamos vendo, apenas sentindo, assim, em afecções o pensamento ao olhar a tela começa a pintar outra imagem, podendo caminhar por uma composição entre quadros como sendo um maestro que está conduzindo os instrumentos que são antes de qualquer forma, as cores soando sentimentos em sinestesia, onde o vermelho do sangue pode ser força do último por do sol de um instante, amanhã será outro, então o vermelho é despedida, é sofreguidão, além da paixão. Sem falar quando o vermelho deixa a si, para ser com outro matiz em uma nova imagem, sobre os olhos de outra cor, é mistura, é mutação, trás em si a lembrança de sua força, mas, é outro, diz outra voz nessa alquimia, do calor pode ser ainda terra, ainda força, chão e passagem, vira tronco e caminho. Misturam-se entre si e ainda com os que são seus vizinhos, porque o dialogo além de interno é com as cores que o circundam, como as cores da vida, e nossos passos que nunca caminham, só. E se a cor está em uma forma, o pensamento entre pensamento, já um diagrama, integra as relações da cor em desenho, outro movimento, então a despedida pode ser uma ferida se está em uma dor, em um corpo, passa a ter outra alma, outra voz. Assim, o Siena Natural será um campo de amor porque é sol deitando-se em mar, e o Azul da Prússia, a quinta sinfonia de Marhler.

Mas continuemos sua Odisseia de compreensão, que como seres mitológicos despontam no teatro da existência, querendo encenar seus personagens ininterruptamente, sob as luzes desse palco, nesse mundo.

Como um som se veste de desenho, na escultura desse movimento é nosso próximo personagem nessa dramaturgia. O desenho do som são compassos de sentidos que serão os caminhos dos significados das imagens, elas próprias transmutadas em gestos, os gestos, são o desenho no palco do som. O traço é composto de ubiquidade. O desenho enquanto sinestesia de linguagens é propriamente o vir a ser, desnudando-se mais uma vez, para ser ele mesmo, assim como todas as faces da Arte.

Será importante dizermos da Arte enquanto comunicação, esta a nosso ver claramente devendo ser vista sob o mesmo prisma e sendo da mesma propriedade, como o mesmo em espelho, sendo o mesmo espaço nessa ontologia, de uma semiótica da comunicação, o que para nós constitui todas as relações de difusão da imersão da Arte no mundo, como já exposto, da Arte aos Seres, entendido como todos em presença no mundo, até mesmo o ambiente sendo ser, e seus diálogos pertencentes em seu comprometimento ao propósito evolutivo, fazendo-se cognoscível, onde estamos de acordo quanto,

“ O diagrama ontológico é a condição de possibilidade da comunicação porque articula a rede de relações que emerge da percepção estética (espaço-temporal), funcionando como uma interface entre a espécie cognoscente e o fluxo de informação que a une ao mundo. Eliminam-se, dessa forma, as dicotomias interno-objeto, em prol de uma visão sistêmica baseada na continuidade dos processos e significação. Admitimos aqui que diagramas ontológicos são estruturas reais e semioticamente ativas. [...] Semiótica da comunicação constitui uma abordagem que entende a comunicação como um problema semiótico, ou seja, como processo interativo num universo composto por sistemas e subsistemas abertos organizados por meio de fluxos de informação, em que a ação dos signos, ou semiose, é o fenômeno fundamental. Se a possibilidade de comunicação é um componente ontológico da realidade, entre os seres vivos ela deixa de ser possibilidade para se tornar manifesta: a comunicação é um comportamento interativo que surge como propensão das espécies para a interação no ambiente na busca por condições de sobrevivência e contínua evolução. Do ponto de vista semiótico, a propensão para a interação no ambiente é um ato de conhecimento do mundo que precede a transmissão da informação em mensagens codificadas. [...] Nas espécies vivas, semiose se manifesta como ato de conhecimento do mundo e, portanto, um processo de modelização que se inicia na percepção e atravessa os processos de representação.” (MACHADO, ROMANINI, 2010, pg.91-93).

Concebendo o diagrama como ele próprio sendo um sistema aberto em conformidade com o mesmo procedimento lógico a nosso ver, da mente do cosmo, ele próprio será um organismo mental em expansão, assim, seus elementos, aqui a Arte compreendida, estará sendo, sentido e significado em informação à mente do mundo e os Seres, em relações contínuas. Dessa forma retornemos ao som sendo como um ser imaginário, de Borges, formas sonoras traçadas como desenho e desenho de um diagrama. O desenho enquanto som em nosso pensamento se manifesta ao menos de três formas, sendo primeiro, o próprio contínuo do som, em igualdade a seu estado de qualidade pura, em sua maior liberdade. Este primeiro que pode ser visto como a manifestação dele em si mesmo, é parte dos elementos em sua natureza mais alta de sintonia, porque são os sentimentos dos fractais ditos afeiçoados diretamente ao admirável, ele deixa de ser visto como algo percebido em sua matéria e sentimento, para ser somente sentimento. Mesmo sem a anterior dicotomia, ela pode em unidade ser exposta assim, diferentemente, dessa maneira é talvez outro tipo de matéria, como que rarefeita, etérea. Nessa essência ele deve ser constituído do contínuo mais o contínuo que não é senão, a de nenhuma outra forma que não a do admirável, está que em

todos os elementos, fractais, da Arte, aos quais pretendemos falar quando da metáfora, o poema do Universo.

O segundo, é o desenho que se manifesta no movimento, este que é liberto, porque de fato toda a primeiridade é liberdade por excelência, tendo já nós esclarecido quanto ao corpo que dança, que não é humano podendo ser um tecido, uma linha, que se desloca, se apresenta em total similaridade quanto compasso e movimento, notas e passos, vestes do mesmo ser-desenho imaginário real na lógica do sentir, uma forma sem forma que desprende de si sendo ainda imagem, e essa imagem como fênix forma um novo corpo, que tem por tecido orgânico o sentir, que diz o sentimento da música, formado como aqueles rios dos desenhos da natureza, sendo a lei, o que permanece, mesmo podendo ter em si a primeiridade em significado, assim, a compreensão desse personagem se faz através do seu desenho que se forma desformando-se em unidade que é feita pela permanência do sentir, através da voz da música em som, que se afeiçoa nos seus movimentos afins, sob gestos que emitem as mesmas palavras, e sendo palavras retornam sobre a veste das imagens que transmutam-se ciclicamente em som, indo para além do desenho, trazendo novamente a música sendo cor, dessa forma, os traços passam a ser pinceladas. Um som agudo, desenha o gesto de muitas formas, e como isso irá ocorrer não pode ser visto por uma nota, pode quando uma nota, ser um passo, uma palavra, o que de fato aí o ampliaria em outro diagrama porque a palavra são muitos sons. Mas para ser um diálogo tem que sentir os sons que lhe estão abrigando, ou seja, que som veio antes, se veio, e que som veio depois, porque é um diálogo uma relação entre sons antes de se fazer semiose com o movimento, para o movimento compreender o sentido do diagrama formado pelos sons ele tem ao menos que ter uma frase para poder ouvir e ser ouvido, dizemos que assim poderá o movimento compreender se esse som agudo é de um grito, ou de um lamento, de uma perda, ou de uma procura e é no sentido das afinidades primeiras, entre sons, notas, que se ira aproximar a afeição dos passos do movimento, gestos de sentido, em desenho.

Dessa forma vai se escrevendo a partitura do pensamento que executa essa harmonia entre vozes da Arte. Poderíamos imaginar duas pautas inicialmente, onde uma é o som e seu sentido, a outra pauta sendo o gesto, e a execução um desenho sendo visível como imagem dessa sinfonia. Porque a música está a todo tempo a dizer, a falar seu sentir, apenas precisamos ser movimento de nós mesmos para compreendê-la, se não entenderemos seu vir a ser como o nosso próprio continuo não a estaremos vendo, apenas ouvindo, muito menos sentido. A música não pode estar longe de nós, mas ela precisa Ser o nosso próprio ser, da

mesma forma que dissemos quanto a nossa existência e presença no mundo, porque a música é Mente, é Arte deixando ser vista pelo som. Se nos olharmos nela, sendo, poderemos vestir suas vestes e falar seus diálogos, compreendendo-a em seu conhecer, que de fato é nossa verdade, porque somos partícipes da Arte enquanto organismos que são, como instrumentos da cognição da mente do cosmo, harmonia sobre a regência de Deus. São primeridades que sofrem alteridade entre si, alteridade dispostas como dissemos quanto a aprendizado quanto a ver o outro, dessa forma a música vê a dança e o movimento o som, despertando em si a latência para mesmo outros saberes, que se transformarão em novas notas e diversos passos, sendo uma densidade de probabilidades na criação direcionadas ao admirável. Desse comportamento que se deixa livre para conhecer é que surgem, nas relações, e mesmo pela alteridade, as abduções, é em si e no outro, seres da Arte, que se tornarão visíveis abduções criativas e que ao serem desenho e imagem poderão ainda ser descoberta. Mais nessa música o desenho e a imagem são manifestos, então em vez de pauta teremos ainda instrumentos sendo orquestrados. Pode se executar uma melodia com mais de duas pautas, porém poderemos elaborar esse diagrama ainda tendo aquelas duas pautas e a imagem e o desenho como instrumentos que irão executar a junção daqueles sons, traços e passos. Quando o som trouxe o sentido que é também significado enquanto palavra, se expõe em semiose a dança, como gesto, e ao ser gesto percorre em seu movimento a forma de um desenho, e toda essa obra, que tem como composição de um quadro, a própria composição da musica em compassos de linguagens, tornarão por essa conjunção uma imagem, novamente tentando esclarecer nossa visão, explicamos que é na conjunção do som que trouxe a palavra, que disse o gesto e desenhou assim seu espaço, essa consonância trás um ícone que é uma imagem de um diagrama que é uma aderência, porque é uma imagem em harmonia a Arte, como mente, essa imagem é um ícone sensível, carrega qualidades genuínas da Mente. Não é ícone puro, apesar de se assemelhar, porque é além de mental, é sensível e possível ao mesmo tempo, de ser descoberta, de estar realmente sem transposição de estado, em gênese na experiência, unificados por, em nosso pensamento, a Arte ser Mente do Cosmo, sendo cognoscível por todo o pensamento do continuo disposto sobre os moldes do idealismo objetivo, conforme o pensamento de Peirce.

Como terceiro fenômeno observado dessas afecções diagramáticas, teremos o desenho que é textura em composição a partitura, ou seja o desenho se cria em conjunção plena à melodia que está sendo executada, onde acreditamos ser sensível a percepção de estados sonoros que sofrem afeição por texturas em graus de luz e sombra, estando em qualquer

superfície que o desenho possa se manifestar. Novamente partindo de um som grave, de uma nota ou várias, enfim, o som grave a nosso ver ressoa a voz do desenho como uma densidade, que é em nossa visão, exposta como uma textura igualmente densa que por si mesma se faz sombra, em uma primeira observação dessa equação da geometria das formas, porque o grave pode ser também, elevação o que o transfigura em transcendência, dessa forma ao desenho seria ainda uma possibilidade de apenas um traço singelo, uma linha, porque, se desfaz enquanto elevação das texturas que são sombra, muitos significados, dispostos sobre esse diagrama em metáforas, teremos aqui. O que demos pelo som é que quando um elemento se apresenta por sua constituição ele é unido a totalidade, então o que vemos são tendências afirmadas por afeições, dizemos isso pelo caráter no sentido oriental de complementaridade, como o *Ch'i*, todos os fractais da Arte são como o vazio que é totalidade, onde possíveis sentidos expostos ainda que distintamente a mente, serão como o mesmo som e sentidos abertos para mesmo abrigar contrários, em sua unidade, mais o que trará nesse manancial de possibilidades a harmonia é justamente suas afinidades, afeições que naturalmente o conduzirão na orquestra, conforme o caminho daquela melodia que está sendo ouvida. Algumas afeições são como condutas na terceiridade permanecem por sua aderência, mais outras tem ainda em sua tendência uma urgência experiencial onde se mostrem mais eficazes, mais harmônicos, poderíamos dizer.

Vejam que ao surgimento do som a mente o diagrama mental pode se conectar com todas as diversas possibilidades apresentadas, porque pode na lógica do sensível ser afetado inicialmente aos significados do som com uma palavra que é gesto e movimento ou se sentir afeiçãoado pelo som diretamente evocando sua afinidade ao sentido do desenho, e produzindo um movimento de correspondência quanto a densidade no caso, como um sentimento que pode ser de elevação ou de pesar. Mesmo com a presença da possibilidade do diverso, acreditamos que na proposição híbrida da Mente enquanto Arte, ela encontra pelo impulso maior, o admirável.

Agora poderíamos nos perguntar e quando um desenho é som, o diagrama tem as mesmas, afeições? Ou quando a dança é melodia? E ainda, que afeições são construídas no diagrama para se ouvir a natureza da escultura, a natureza de um poema, ou pintura? De que maneira elas poderão ser ramos da mesma face, como as de Jano, visíveis em diagramas. A nosso ver quando o desenho é som, constroem-se novas malhas de significação, porque se o mantivermos nessa dualidade inicial, não que devesse ser assim, mas pela nossa costumes fragmentação, não somos capazes de ver a simetria imediata entre ambos quanto ao ritmo e

vir a ser, então, o que de início se apresenta a mente é justamente o particular, apesar de serem gerais, e nesse caso, o particular, parte do desenho, e conforme as relações por afecções vão sendo construídas, elas vão se aproximando da gênese que unifica as duas variáveis dessa equação, ou as duas fontes que são da mesma nascente, irão percorrer os sentidos e tornar-se dessa forma oceano retornando a imensidão de que partiram, sendo gênese novamente, assim sofrem processos de mutabilidade, entropia de si para evoluírem em expansão que é Totalidade, unificadora por seu próprio infinito contínuo.

O desenho quando som, é caminho e isso o deixa a margem do compasso que são como os passos desse caminho, ele ainda, o desenho tem no traço a construção de formas de espaços que dizem um vazio que pode dizer de si, assim são as pausas e as figuras da música, dizem de si percorrendo os sons, quando um constrói forma o outro forma melodia, ambos imagens em sentimentos. O desenho se veste de textura para dizer sua escultura sobre as luzes e sombras, espaços, que por usa vez nos trazem os sons sendo cada relevo uma escala percorrida, são espaços de um mesmo sentido. Quando o desenho constrói espaços eles são escalas de sons, até mesmo é possível fazer escalas de tonalidades, mas para ser som tem que ir além, tem que se encontrar com a voz do desenho, assim, ainda veremos esse encontro ramificado pela palavra, novamente construindo outra imagem, a forma da imagem para o som que vem de sentido afeiçoado, entre o desenho e o que ele diz de sentimento para ser gesto sonoro, sendo gesto se entrega as outras formas, as que dirão a continuidade da frase, propondo mesmo em memória afeições presentes no mesmo sentido. Assim percebemos em um único caminho, o desenho sendo som pela palavra de seu sentido que o retorna em melodia dinâmica ou não conforme os movimentos do próprio desenho, porque além da textura ele tem a composição que diz a entonação de sua frase, no desenho a composição é a entonação do som, exposto na frase de seu sentido. Então o desenho revela-se sendo traço, linha, forma, textura, espaço, escultura, composição, ritmo entrelaçado em todos seus elementos e sendo ele mesmo o ritmo a formar-se caminhando, dessa maneira encontra, o som por todos esses elementos, no ritmo que dessa forma deixa até mesmo de ser somente ritmo para ser dança. O desenho constrói um diagrama sendo escultura porque é interfaces de espaços, o desenho modela espaços, sua matéria é extraída dele mesmo quando é ele que a forma, ao compor seus contornos, suas faces, dessa maneira, se afeiçoa a escultura que sob qualquer materialidade desenha na sua forma também os espaços, quase inversamente complementando-se, ambos são um tornar-se, do material para um imaterial, ritmo, no sentido de pertencer a essência, irmanados pelo deixar de ser para Ser da mesma natureza. O desenho

e a escultura enquanto sentimento parece-nos que necessitam do tornar-se para se encontrar enquanto âmagô, seu próprio vir a ser é sentido antes dele mesmo finito, porque é o ser outro sendo um caminho, esse sentido antes da forma é belo, é admirável. Permitir-se uma construção modelada é ver-se indeterminado, esse é seu movimento, seu gesto, sua voz. Justamente a presença do, vir a ser, sobre o próprio traço é o que nos faz ter a percepção de que o desenho veio ao mundo, uma de suas formas de encantamento está no seu nascimento, porque o que parece ser apenas caminho, permanece, realizando do instante uma eternidade porque, se faz horizonte em imagens.

A dança será, a nosso ver, sempre melodia, porque todo e qualquer movimento se faz ritmo, o gesto é ritmo, que ao se expressar torna-se som e voz. A dança faz do ritmo ao ser gesto, um personagem sem face, porque não tem identidade ao ser sentimento, é metáfora em pensamento, mas tem outra face, imagem, dizendo, porque tem voz, os muitos sentidos, em cada som um gesto e em cada gesto uma nova harmonia, um novo ser mostrando-se em movimento a cada compasso sua cena. A face em verdade é uma expressão, que é cena, sob a forma de personagem, assim é o teatro, no diagrama da dança, e seu texto, o movimento. Assim ainda dessa forma a dança se afeiçoa ao desenho e a escultura, podendo ser muitos personagens neles mesmos. Mas a dança é primorosamente escultura porque em cada gesto esculpe o espaço, para ser observado pode se compreender visualmente como sendo cada movimento entre os intervalos e no decorrer dele, preenchidos por uma textura, seriam moldes de um corpo que é movimento, é um tecido percorrendo o vento. Dançar é compreender-se como Ser diluído em uma fluidez que te suspende, da mesma forma que o elemento do movimento, perde-se identidade para ser respiração onde o palco se faz destino, expirando uma atmosfera que desprende os sentidos físicos para somente se perceber a alma.

Poderemos dizer que as palavras são vozes da alma a dizer à criação seus encontros com Deus, em poesia. Cada som, um gesto de amor que ecoa na mente daquele que lê e sente. Inicia-se assim o diagrama aos olhos de um poeta. Porém, para este diagrama recorreremos as sinfonias, com suas palavras imortais, porque nunca direi o suficiente sobre a música, porque seria necessário não estar mais aqui, não estar entre as palavras, ou pela música ser transportando para outra dimensão. Para dizer da música, já não se estaria neste mundo, para poder dizer dela, seu amor e sua fonte celestial. Seria preciso caminhar entre todos os acordes de uma imensidão incomensurável até que se desperte pra a existência de Deus em todas as suas notas de todos os sentimentos. Sentimentos assim encontramos, no violinista e maestro, Yehudi Menuhin, ser que na música sempre ouviu o universo.

O que queremos dizer em suma, é que quando um processo de criação em Arte se origina ele se apresenta inicialmente por um elemento que é por origem múltiplo, mas para nos explicar vamos nos ater a um elemento inicial como particular, este sendo apresentado ao pensamento, é afetado das mais variadas formas, aqui colocamos algumas inicialmente, veja que é um fluxo intenso. Digamos que é apresentado um som, este pode ser afetado e se afeiçoar por uma palavra que permitirá generosamente por afeição, um gesto, e na forma de seu continuo, esse som em seu vir a ser, é propriamente esse ato, pois que pode perpetuar-se sendo afetado em compasso seguidamente no mesmo diagrama mental por outra relação, dispondo-se dessa forma por outra afeição, o som, deixa-se afeiçoar pelo desenho, dessa forma encontra o movimento diversamente, encontra o movimento antes da palavra, e ainda esses diagramas poderiam ser ampliados tão profundamente que seriam ainda mais como uma nuvem dos estudos da física atômica porque não se determinaria mas se locomoveria entre sentidos, e afeições, e como dizíamos ainda expandir esse diagrama com o diagrama da Arte na Natureza, assim seria o diagrama em origem quanto a Arte, um diagrama que concebe como uma própria árvore, as mais diversas probabilidades e possibilidades de ramificações, onde a linguagem da Arte é uma somente. Claramente, pela própria natureza da Arte, é que fomos levados a pensar o diagrama como o vemos, porque dificilmente se apresentará um elemento somente, porque ela é Una, se estivermos sendo seu próprio espírito a veremos em construções diagramáticas da mesma maneira a que ela se constitui, múltipla em unidade, assim somente a Mente, e como esclarecimento, nossa mente humana, pode ser o ponto de fuga, porque o objeto esse é realmente uma nuvem, é um espaço em expansão como o universo quando falamos de Arte. O diagrama da Arte é como sua natureza e a da Mente, em continua expansão. Os sentidos apresentados nunca serão somente os aparentes, é preciso encontrar ainda além destes, as metáforas, essas que construirão ainda as vozes não ditas e parecerão que estão ainda na Kalosfera, em seu ambiente, mas que são possíveis de uma morada, habitáveis pelo sentir, talvez encontradas pelo acaso, sob a forma de criação, movendo o universo das Mentes. Os diagramas em expansão do pensamento da Arte quando afeiçoados pelas relações com a Natureza preenchem-se de metáforas de significado que sublimam podendo desprender os elementos de sua natureza e ser sua mais profunda essência. Ver a chuva como lágrimas é sentir um som mesmo sem o estar ouvindo. É sobre essas metáforas de sentimento que estamos dizendo, quando o elemento se desprende dele mesmo, sendo, o etéreo em si mesmo, ao estar sobre a Arte na Natureza, sendo Ágape, quando se é capaz de sentir essas lágrimas como a dor de todos os Seres que ainda, amargam mazelas, como chagas no organismo mundo, pela ignorância quanto a sua origem.

Os elementos da Art dispostos como o desenho, escultura, pintura, dança, música, poesia, são fractais, como o *ch'i*⁹,

“Os neoconfucionistas desenvolveram uma noção de *ch'i* que apresenta a mais notável semelhança com o conceito de campo na Física moderna, À semelhança deste, o *ch'i* é concebido como uma forma tênue e não perceptível de matéria presente em todo o espaço e que pode condensar-se em objetos materiais sólidos.[..] Assim, o *ch'i* se condensa e se dispersa ritmicamente, gerando todas as formas que eventualmente se dissolvem no vácuo. Mais uma vez, nas palavras de Chang Tsai, “O Grande Vácuo não pode consistir senão em *ch'i*; este *ch'i* não pode condensar-se senão para formar todas as coisas; e essas coisas não podem senão dispersar-se de modo a firmar (uma vez mais) o grande Vácuo”(CAPRA, 1975-1983, pg. 162-163).

É primordial que se deixe registrado que em nosso pensamento, a Física Moderna que não tem fronteiras com a Química, a Arte e todo o pensamento de Charles Sanders Peirce, são portadores da mesma voz, dizendo o pensamento do Universo em forma de diagramas de conhecimento. E é da Estética que estamos tratando. Tentaremos expor ainda que brevemente mais algumas colocações que em verdade mereceriam um estudo aprofundado, mas gostaríamos de refletir um pouco mais, apesar de estar de fato em todo o corpo do trabalho, a cerca das considerações sobre - Arte entre o Universo Dinâmico e a Física. O efêmero.

Disposições sobre a Arte no universo da Física.

Nossa visão da Arte a concebe como organismo evolucionário e claramente em disposição a seu caráter intrínseco, o próprio movimento compreendido como contínuo, nos termos de Peirce, e em conjunção, o Físico Frijot Capra nos revela em similitude absoluta a esse pensamento que, “ o mundo subatômico é um mundo de ritmo, movimento e mudança contínua. Não é, contudo, arbitrário e caótico, mas segue padrões bastante claros e definidos”, a nosso ver, completamente o modo de ser das categorias. Antes de prosseguirmos, é necessário que se diga que é um percurso de afinidades, que como um próprio diagrama demonstra em ramificações de relações, estágios de afecções. Primeiramente segundo nosso entendimento ele questiona como se procederia a respeito das partículas sua introdução em mundo dinâmico de algo que não tem valores arbitrários, podendo nos fornecer um padrão, e é justamente ao que ele se detém perguntando-se como que algo que possui um padrão está sempre em estado dinâmico. Independentemente das questões da Física, podemos claramente realizar a mesma pergunta em nossa relação com o mundo, porque nossas condutas são manifestadas pela permanência de uma regra entendida como lei, como o que é mais aderente,

⁹ Na filosofia chinesa, a ideia de campo não está apenas implícita na noção do *Tao* como algo vazio e sem forma, e contudo gerador de todas as formas, mas é igualmente expressa, de maneira explícita, no conceito de *ch'i*. Esse termo desempenhou um papel importante em quase todas as escolas chinesas de filosofia natural, tornando-se particularmente importante no neoconfucionismo, a escola que tentou chegar a uma síntese do Confucionismo, do Budismo e do Taoísmo. A palavra *ch'i* significa, literalmente, “gás” ou “éter” e era utilizada na China antiga para denota o **sopro vital** ou a **energia que anima o cosmo**. (CAPRA, 1975, pg. 162).

sendo eficaz, mas que está como somos organismo evolutivo e em evolução, em constante mudança é a mesma questão abordada acima, o que permeia as duas colocações são a possibilidade de uma incerteza.

“ A teoria quântica acaba de pôr abaixo os conceitos clássicos de objetos sólidos e de leis da natureza estritamente deterministas. No nível subatômico, os objetos materiais sólidos da Física clássica dissolvem-se em padrões de probabilidades semelhantes a ondas; esses padrões em última instância, não representam probabilidades de coisas mas, sim, probabilidades de interconexões. Uma análise cuidadosa do processo de observação na Física atômica tem demonstrado que as partículas subatômicas não possuem significado enquanto partículas isoladas, somente podendo ser compreendidas como interconexões entre a preparação de um experimento e sua posterior medição. A teoria quântica revela, assim, uma unidade básica no universo. Mostra-nos que não podemos decompor o mundo em unidades menores dotadas da existência independente. À medida que penetramos na matéria a natureza não nos mostra quaisquer blocos básicos de construção isolados. Ao contrário, surge perante nós como uma complicada teia de relações entre as diversas partes do todo.”(CAPRA, 1975, pg. 58).

Ora se não estamos falando do mesmo, a respeito das relações, as semioses, observadas em diagramas, observadas na vida, a Arte e o todo, é que de fato, acreditamos ser um fator de uma lógica que não é propriedade de nenhuma área de conhecimento, mas sim mais apropriadamente, o modo de ser da Mente, sendo sua maior amplidão, estando nós em sua sintonia, provemos no nosso mundo, em correspondência observado por qualquer prisma as mesma formas de conhecer a existência.

O que foi despertado aos poucos foi que na harmonia do universo convivem harmoniosamente, como tão bem exposto a muito por Peirce, a permanência e a variedade, ou seja, a terceiridade e a primeiridade, quando os Fisicos que estavam acostumados a ter a visão de uma simetria no mundo das partículas, se viram diante da possibilidade de estas mesmas serem de uma propriedade que comporta onda-partícula e assim encaminhando para uma, dualidade que se apresenta como “tendências a existir” e “tendências a ocorrer”, deram-se conta do que, para nós, não é propriedade de um mundo encerado em si, mas de algo orgânico do Universo, sendo possível de conceber em qualquer instância geral ou particular, macro ou micro. Tendências a existir, é o cerne das possibilidades vistas como qualidades, estas tão familiares no âmbito natural da Arte e que foram dispostas em relações anteriormente. E ainda mais, diremos que toda a forma como estamos dispondo nosso pensamento sobre a Arte como partícipe da Mente do Cosmo, e como nos referimos quanto as relações que se fazem em continuo e modo operandi entre a Arte e seus elementos pela Natureza, entre todos os Seres, é propriamente, no decurso da evolução, sendo comunicação e informação. O que dispusemos sobre os diagramas intrínsecos de linguagens da Arte e comportamento mental, é demonstrativo desse comportamento dessa ação que é do Universo, sendo seu modo de se fazer conhecer.

“ Para o matemático Roger Penrose, por exemplo, o comportamento das partículas sob-atômicas exige que mentalidade seja considerada tão fundamentalmente ontologicamente quanto a massa (1997,p.176 apud Taborsky) Prigogine, ao estudar os mistérios da organização e da complexidade da Natureza fala de comunicação entre moléculas (1989, p3)– observação a qual estou em pleno acordo- que interagindo em sistemas distantes de equilíbrio dinâmico começam a “ver” e a exibir “sensibilidade” e criatividade (1996, p. 71). Smolin, que se dedica a produzir uma teoria capaz de unificar a teoria da relatividade com a mecânica quântica afirma que talvez precisemos de uma teoria fundamental que descreva a história do universo apenas como um fluxo de informação.(2002, p. 184).(apud, ROMININI, 2006, pg03).

Um fator muito importante nessas colocações em nossa maneira de pensar foi justamente a contribuição de Peirce quanto a seu pragmatismo, porque vai além de dizermos simplesmente que as coisas são uma unidade, Peirce, investiga como isso acontece e então parte para analisar o modo de ser das coisas que são a sua conduta e que é assim que se fazem conhecer, portanto, para eu ter relações em um todo unificado é de extrema relevância compreender como, a experiência acontece. Quanto a posição que é colocada na Física Atômica em relação ao observador, poderemos dizer que o real existe independente do que possamos pensar sobre ele, portanto quando dizemos algo sobre ele, de fato, já estamos na posição desse observador do mundo atômico, e ainda, apesar de ter em mente o que dissemos, podemos ver que igualmente no sentido de totalidade, somos ainda observadores que, não são distanciados mas como dito por John Wheeler, participantes. De fato, é a forma como vemos a Arte no mundo, sendo a Mente do cosmo, porque como dissemos não se observa a dança se é a dança, não estaremos no mundo, mas somos esse mundo. O que nos recorda a contemplação, novamente sob o estado similar da dualidade onda-partícula, desligar-se, ser integral, faces de possibilidades de entender o que é um algo somente mas que carrega muitos nomes, e talvez precise de menos nomes e mais sentimento em experiência.

Da mesma maneira como se abriga nessas considerações o mundo micro das partículas e átomos, o mesmo pensamento de observar o dinamismo a que estamos e somos entregues é em suma o mesmo das galáxias e do universo, em expansão, onde,

“ A Física moderna representa a matéria não como passiva e inerte, mas em contínuo movimento de dança e vibração, cujos padrões ritmos são determinados pelas estruturas moleculares, atômicas e nucleares[...] Na Física, reconhecemos a natureza dinâmica do universo não só quando nos voltamos para as pequenas dimensões – para o mundo dos átomos e dos núcleos – mais igualmente quando nos voltamos para as grandes dimensões – para o mundo das estrelas e galáxias.[...] Nuvens rotatórias de hidrogênio contraem-se para formar estrelas, aquecendo-se nesse processo até que se tornem fogos candentes no céu. Atingindo esse estágio, elas continuam a girar, algumas delas lançando material no espaço, que se movimenta em espirais e se condensa em planetas girando em torno da estrela. Enfim, passados milhões de anos, quando quase todo o seu combustível de hidrogênio já foi consumido, uma estrela se expande e se contrai novamente no derradeiro colapso gravitacional. Esse colapso pode envolver explosões gigantescas e pode até mesmo fazer com que a estrela se torne um buraco negro. Todas essas atividades – a formação de estrelas a partir de nuvens de gás interestelar, sua contração e posterior expansão e seu colapso final – podem ser observadas em algum ponto dos céus. As estrelas em rotação, contração, expansão ou explosão aglutinam-se em galáxias de diversas formas – discos planos, esferas, espirais, etc. – que, uma vez mais, não são imóveis mais giram. Nossa Galáxia, a Via Láctea, é

um imenso disco de estrelas e gás girando no espaço como uma roda de dimensões imensas, de tal forma que todas as suas estrelas – inclusive o sol e seus planetas – se movem em torno do centro da galáxia. O universo apresenta-se, de fato, repleto de galáxias espalhadas através de todo o espaço que a nossa vista pode alcançar; todas essas galáxias giram como a nossa. Quando estudamos o universo como um todo, com seus milhões de galáxias, alcançamos a mais ampla escala de espaço e tempo, e, uma vez mais nesse nível cósmico, descobriremos que o universo não é estático – ele se encontra em expansão!(CAPRA, 1975, pg. 150-151).

Quando nos propusemos a expor os diagramas da Arte, parece-nos que deva ter ficado claro em que proporções eles se fazem justamente como um processo ininterrupto, e o quanto que estejam elas no *bios*, na linguagem codificada, no próprio corpo humano, são processos da mesma unidade. Acreditamos poder ter sido demonstrado, que a Arte tem como terceiridade a criação, portanto a Arte tem como hábito uma primeiridade. Em nosso pensamento Arte e Mente, são da mesma natureza, poderemos ver ainda também essa propriedade além da Arte, observada em outros mecanismo explicitados da Mente no mundo? Refletimos se uma das estâncias de aproximação nos permitiria ver **os elementos da Arte como energia**, disposto aos moldes da Física, quando vê a massa como apenas uma modalidade de energia, onde no nível subatômico, os átomos consistem em partículas que não são feitas de qualquer substância material, mas que possuem, podendo ser observados,

“[...]padrões dinâmicos que se transformam continuamente uns nos outros – uma contínua dança de energia. A teoria quântica mostrou que as partículas não são grãos isolados de matéria mais padrões de probabilidade, interconexões numa teia cósmica inseparável. A teoria da relatividade, como que deu vida a esses padrões na medida em que revelou seu caráter intrinsecamente dinâmico. Demonstrou que a atividade da matéria é a **essência mesma de sua existência**. As partículas do mundo subatômico não são apenas ativas no sentido de seu movimento ser extremamente rápido mas que isso elas mesmas são processos! A existência da matéria e a sua atividade não podem ser separadas: elas constituem aspectos diferentes da mesma realidade espaço-temporal”(CAPRA, 1975. Pg. 56).

Em verdade estamos discorrendo desde o início sobre uma Totalidade, sobre o vir a ser, sobre a Mente do cosmo e a Arte, em suma é algo que assim como expusemos sobre as raízes dessa vagueza, também o mesmo permeou as considerações dessa totalidade para a questão do átomo, Heisenberg em seu livro Física e filosofia nos expõe as considerações que desde os antigos vieram sendo refletidas até se encontrarem sob a forma do átomo. Dizemos aqui, ainda, que o que estamos querendo aproximar é que mesmo enquanto raízes, Arte e Física são de natureza, irmãs. Heisenberg caminha pela filosofia grega, primeiro o ser e vir a ser, em Aristoteles, seguindo encontra em Tales algo que poderia ser dito nos dias de hoje, nas concepções da Física moderna, Tales diz sobre a ideia de uma substância fundamental onde todas as outras seriam apenas transitoriedades, e a vida assim estaria composta. Ainda essa ideia levada adiante por um discípulo de Tales, Anaximandro diz da substância como sendo de infinita, indestrutível, eterna e que permeava o mundo. O que ainda deu margens a

pensamentos que refletem ainda sobre essa origem infinita e a postura do vir a ser, como sendo o vir a ser justamente o que pode trazer uma neblina, uma deturpação ao entendimento da origem, por estar sujeito ao tempo, estaria relegado a intempéries e necessário seria o retorno, para correção dessa insurgência do tempo ao que é sem tempo, por ser totalidade. Esse pensamento ocorre por ver se ver a origem distante da criação, por se ver o vir a ser, como algo que não está na própria origem. De muitas maneiras poderíamos refutar este pensamento, mais de qualquer forma foi uma reflexão que teve seus comprometimentos benéficos ou não. O que ele vê como oposição e distinção, vemos como completude e integração. Outros acreditaram ser o Ar o elemento possível de creditar essa unidade. Heráclito na tentativa de encontrar o elemento que fosse capaz de dizer-se como princípio fundamental e estar em relação a diversidade dos fenômenos, instituiu o fogo como esse elemento, via nos contrários, uma possível harmonia, por uma tensão unificadora, mas algo a mais esteve presente no pensamento de Heráclito e segundo o próprio pensamento de Heisenberg, nas palavras expostas a seguir,

“Volvendo os olhos para o desenvolvimento da filosofia grega, até esse ponto, compreende-se que ela foi conduzida, de seus primórdios até o estágio que ora discutimos, pela tensão entre Unidade e Variedade. Segundo nossos sentidos, o Mundo consiste de uma variedade infinita de coisas e eventos, sons e cores. Mas, a fim de entendê-lo, temos que introduzir algum tipo de ordem, e ordem significa reconhecer o que seja igual, sendo portanto alguma forma de Unidade. Brota, daí, a convicção de que exista um princípio fundamental e, ao mesmo tempo, da dificuldade dele se derivar a infinita variedade das coisas. Que devesse existir uma causa material para todas as coisas era um ponto de partida natural, visto que o Mundo seria constituído de matéria. todavia ao se levar a ideia de Unidade fundamental a suas últimas consequências, chegava-se aquele Ser não diferenciado, infinito e eterno, que, fosse ele material ou não, não poderia por si mesmo explicar a variedade infinita das coisas. Isso conduziu a antítese entre Ser e Vir a Ser, e por fim a solução de Heráclito, segundo a qual a mudança, ela mesma, é o princípio fundamental: “A mudança imperecível que renova o mundo”, no dizer dos poetas. Mas a mudança por si mesmo não é uma causa material e, portanto, foi representada por Heráclito pelo fogo, o elemento básico, ao mesmo tempo matéria e força motriz. Podemos observar, neste ponto que a física moderna está, sob um certo ponto de vista, extremamente próxima das doutrinas de Heráclito. Se substituirmos a palavra fogo por energia, poder-se-ia quase repetir suas afirmações, palavra por palavra do nosso ponto de vista moderno. **A energia é, de fato, a substância da qual são feitas todas as partículas elementares, átomos e, portanto, todas as coisas, e energia é aquilo que move. A energia é uma substância porque sua quantidade total não muda, e as partículas elementares podem de fato ser formadas dessa substância,** conforme se observa em muitas experiências sobre a criação dessas partículas. A energia pode ser transmutada, movimento, calor, luz, e em tensão. Ela pode ser chamada a causa fundamental de toda mudança no mundo.”(HEISENBERG, 1958, pg. 32).

Já havíamos concebido a Arte como sendo da mesma natureza que a Mente do cosmo, e sendo do próprio ambiente dessa mente o contínuo, agora percorreremos o seguinte pensamento em analogia a similitude que nos é apresentada ao pensamento, quanto a Arte e a Física, no presente momento sendo a Arte, o que ele dispôs como **energia** aquilo que é movimento, o acaso, ou seja, o contínuo a que nos referimos nos termos de Peirce, quanto ao idealismo objetivo e ainda as partículas elementares que são formadas da substância da

energia, ou seja, os elementos dessa Arte, energia, dispostos em verdade como a dualidade de onda-partícula, assim, dispomos, os elementos dessa energia que pode ser transmutada ainda em, movimento – música e dança, calor – pintura e escultura, luz – poesia e amor, tensão – desenho e teatro. Essa energia como ele bem coloca, enquanto unidade pode ser chamada a causa fundamental de toda mudança no mundo. Mas é claro que os elementos aqui dispostos em analogia a Física em verdade são como já dissemos, Uno na Arte e em seus diagramas de relações, mas apropriadamente como processos ininterruptos de energia. Ainda em paralelo a nosso pensamento quanto a Mente do cosmo, a presença da Kalosfera, ambiente das qualidades puras e genuínas, e a inserção no mundo da Arte que é partícipe dessa mente sendo, quase que uma medida de aderência entre mentes, a do cosmo com o mundo, a própria Estética, ainda analisamos, pela Arte e seus elementos em consonância com a física, este aspecto ainda sendo analisado, mas parece que poderemos encontrar, correspondência no aspecto de que camadas de energia, diagnosticadas na orbital. Como já estávamos procurando a respeito do elemento em seu grau mais puro, quanto aos elementos da Arte, em toda a sua distribuição, o que os une é o movimento, é o contínuo, o vir a ser. Todos podem ser em última análise, que de fato é a primeira, ser aferido que é da essência do contínuo, porém a parte mais etérea é justamente o que emana desses elementos quanto a ser *Ágape*, ser amor universal.

Ainda se aproximando de nosso pensamento quanto a Arte, em relações à Física, podemos citar,

“ A exploração do mundo subatômico no século XX revelou a natureza intrinsecamente dinâmica da matéria. Mostrou que os componentes dos átomos, as partículas subatômicas, são padrões dinâmicos que não existem como entidades isoladas, mas como partes integrantes de uma rede inseparável de interações. Essas interações envolvem um fluxo incessante de energia que se manifesta como troca de partículas, ou seja, uma interação dinâmica na qual as partículas são criadas e destruídas interminavelmente numa variação contínua de padrões de energia. As interações de partículas dão origem às estruturas estáveis que edificam o mundo material, as quais não permanecem estáticas mas oscilam em movimentos rítmicos. Todo o universo está, pois, empenhado em movimento e atividade incessantes, numa permanente dança cósmica de energia.”

Até que ponto haverá similitudes quanto a possibilidades de analogia entre energia e Arte, quanto ao mito de fênix, morte e nascimento- criação, colisão – relação, criação- acaso e abdução, nos processos de Física de alta energia, quando se observa que quanto mais elevada é a energia inicial nesses processos de “colisão”, maior serão o número de partículas criadas. Estaremos em sintonia com os processos das partículas subatômicas presente no centro das estrelas?

“ Em algumas estrelas, esses processos produzem uma radiação eletromagnética extremamente forte – na forma de ondas de rádio, de ondas de luz ou de raios X, que constitui a fonte primária de informação do astrônomo a cerca do universo. O espaço interestelar, bem como o espaço entre galáxias, acha-se, pois, repleto de radiação eletromagnética de diversas frequências, isto é, com fótons de energias diversas. Estas, no entanto, não são as únicas partículas que viajam através do cosmo. A radiação cósmica contém não apenas fótons mas também partículas maciças de todos os tipos e cuja origem é ainda um mistério. A maior parte delas consiste em prótons, alguns dos quais possuem energias extremamente altas, muito mais altas do que as obtidas nos mais poderosos aceleradores de partículas”(CAPRA, 1975, pg. 178).

As analogias entre Arte e Física estão se tornando tão afins que parecem cada vez mais deixarão de ser uma analogia para ser uma observação de uma dualidade a ser observada sob os moldes próprios da onda-partícula, ou nos moldes revelados pela natureza das partículas,

“ A física moderna mostrou que o ritmo de criação e destruição não se acha manifesto apenas na sucessão das estações e no nascimento e morte de todas as criaturas vivas, mas também na essência mesma da matéria orgânica. De acordo com a teoria quântica de campo, todas as interações entre os componentes da matéria ocorrem através da emissão e absorção de partículas virtuais. Mais do que isso, a dança de criação e destruição é a base da própria existência da matéria, uma vez que todas as partículas materiais “auto-interagem” pela emissão e reabsorção de partículas virtuais. A Física moderna revelou, pois, que cada partícula subatômica não apenas executa uma dança de energia, mas também é uma dança de energia, um processo vibratório de criação e destruição. Os padrões dessa dança constituem um aspecto essencial da natureza de cada partícula e determinam muitas de suas propriedades. Por exemplo, a energia envolvida na emissão e absorção de partículas virtuais equivale a uma determinada quantidade de massa que contribui para a massa da partícula em auto-interação. Partículas diferentes desenvolvem padrões diferentes em sua dança , demandando quantidades diferentes de energia, razão pela qual possuem massas diferentes. As partículas virtuais, por fim, não são apenas uma parte essencial de todas as interações de partículas e da maioria das propriedades das partículas, mas também são criadas e destruídas pelo vácuo. Dessa forma, não apenas a matéria como também o vácuo participam da dança cósmica, criando e destruindo padrões de energia incessantemente”(CAPRA, 1975, pg. 185).

Acreditamos ter relações, aos quais demandariam um profundo estudo para sua verificação, ainda quanto aos estudos quark, na combinação de hádrons que tem sua ocorrência em probabilidades, dependendo da energia disponível, também nas considerações da teoria de campo, na teoria das propensões de Karl Popper, os pensamentos, as teorias de Charles Sanders Peirce.

Sobre o olhar de afecções percorremos um sentir de ordem lógica, que permite o efêmero como teoria e laboratório. Procuramos expor algumas possibilidades quanto a diagramas em Arte, construindo afecções, sempre como estados em expansão.

Para o pensamento não a tempo nem distancias e nem memória escondida, entre os Seres, a imensidão do pensamento é energia, entre todos os estados encarnados ou não, a energia circula da mesma forma, indistintamente. Para ser “afeiçoado” por uma energia

(pensamento) não é necessário que este pensamento esteja no plano, na dimensão extracorpórea, a energia, o pensamento é de propriedade de todo o contínuo, é um vir a ser imanente por sua própria natureza, em sua natureza, mesmo entre encarnados ele circula da mesma forma, podendo ser afeiçoado ou afetado, da mesma maneira, é um engodo se crer que somente se é afeiçoado por pensamentos de desencarnados. Creio que os pensamentos circulam em energia muito mais do que estamos abertos para sintonizar, dependendo de nossa predisposição para tal fato. Assim, mais do que e-mails ou seja lá o que for que haverá de tecnologia, entre tempos ainda vistos os pensamentos se farão mais visíveis aos olhos do conhecimento, podendo ser lúcido em todos os tempos, em todas as regiões, sem fronteiras de conhecimento. Fim da individualidade, da vaidade e do orgulho por um coletivo de descobertas quando o “produto” delas é uma região, de mentes, em conjunto.

Atingir o incognoscível é uma busca de alma para alma, interiorizando entre a natureza das coisas permeando os horizontes encontrando os sentidos, dizendo para si a voz do mundo.

2.1. O particular e o geral nas formas da arte.

Todos os aspectos que até aqui, nos propusemos a investigar, aqui contemplados, por nossa visão da Arte, trata do particular e geral nas suas formas, na perspectiva de que se partimos do princípio de que a Arte é na mesma natureza que a Mente do Cosmo, o que vemos é um encadeamento de instancias, progressivas e articuladas. O elemento, que é essência o qual acreditamos se o de ordem mais geral, o que é mesmo lei, norma, mas como já dissemos a Arte concebe em si o elemento da terceiridade sendo possível em primeiridade, enfim, o ritmo, a qual vemos como vir a ser, o movimento como o que move, a continuidade, é o que de fato é de maior generalidade, é o a essência à qual pertence e retorna todos os elementos da linguagem da Arte codificada, conforme fomos expondo, o desenho em sua maior generalidade é o vir a ser, o contínuo se fazendo caminho no traço, a dança é o mesmo elemento por seu próprio caráter de movimento, o teatro é gesto fazendo-se vir a ser, tornando-se contínuo, a música é por excelência o elemento do contínuo em pura vibração, a escultura é o contínuo do gesto em silêncio, som em eco de uma caverna muda, a poesia é

continuo por sua natureza, é o vir a ser pelas metáforas de sentido que são além das palavras, a pintura é movimento e continuo pelas cores do pensamento em sinestesia com o sentimento. Todas as linguagem, resumem em seu aspecto mais geral ao ritmo, a vibração que em suma o compreendemos como continuo. Mas, estaríamos nós, ainda relegando os sentidos próprios da eternidade da Arte se a restringíssemos a uma palavra, a não ser que víssemos a palavra em expansão como um universo a desvendar sobre a metáfora. O continuo está a nos dizer que por todos os caminhos, os elementos da Arte, estão propondo a evolução, o aprendizado, a informação, o encontro e confronto de tudo em diálogos, em semioses ininterruptas.

Para compreendermos o continuo como geral, nos elementos das linguagens da Arte, ainda é sublimar todos os estados que são naturais e em outra estância ainda gerais, claro que o movimento na dança é elemento geral, mas em sua quintessência é o vir a ser, o continuo que se desprende do próprio movimento somente dança e se une aos outros elementos da Arte. Poderemos discorrer sobre cada uma delas, mas acabaríamos por nossa maneira de conceber os diagramas inevitavelmente realizando as semioses que se apresentam no diagrama de pensamento enquanto os diálogos possíveis, mas a título de dizermos sobre o particular e o geral nas formas da Arte, nos dispomos a compor dentro dos estudos que fizemos da ontogenia, uma filogenia evolutiva quanto a seus particulares. De fato, o que acontece é um movimento que tem sua gênese e em evolução tem ainda seu retorno a sua origem, estamos dizendo que todos os elementos aos quais descreveremos quanto a suas características particulares estarão dispostos em último grau tanto a sua gênese como o que é de fato seu maior aprendizado que corresponde conforme as estâncias a correspondência de todos os seus fatores particulares quanto a sua aderência, por conduta, ao admirável que é em verdade ao que tudo se afeiçoa em sintonia, com o sumum bonum. Falaremos do particular e o geral no âmbito das linguagens codificadas no âmbito humano.

Na dança, no organismo mundo, ao qual já expusemos, o movimento é o elemento de ordem mais geral, mas desenvolvermos na linguagem da dança no humano como particular, o aspecto da coreografia, os gestos, o desenho, frases, uma sonoridade independente da música, e o sentimento como elemento particular mais que é ainda nessa conjunção o que harmoniza todos os demais, e ainda por sua energia de acoplar é o veículo vibracional que conecta com a totalidade na forma do vir a ser. A coreografia dialoga diretamente com o desenho, gesto, passos e frases. Poderemos partir do princípio de uma coreografia independentemente de qualquer som que não o próprio. Assim sendo vamos dizer como o diagrama se estabelece para esta instância de criação e descoberta. O que moverá essa

coreografia poderá ser muitas possibilidades, porque o que a envolve é livre por natureza, toda arte é livre e por essa questão se faz novamente um manancial de possibilidades a mente que a ela se aproxima. Iniciemos então pela seguinte presença, a próprio dialogo entre gestos, entre movimentos, o que queremos dizer é que não será um tema, nem uma cena, nem um motivo, mas o cerne dessa coreografia é a afeição pura entre movimentos, onde um se aproxima do outro, um pede que o outro o continue, como os sons da música, creio. É uma possibilidade onde o que move o gesto-movimento é ele mesmo, por isso se liga neste caso muito ao desenho, pois que o movimento pedindo sua continuidade exerce o papel de desenho de si mesmo. Ainda nessa possibilidade desse laboratório, poderemos ver o movimento coreográfico como som dele mesmo, como isso acontece? De mais de uma forma, pode ser com o som do próprio corpo, uma matéria sobre outra, ou como eu prefiro pensar, no mesmo processo da voz da escultura, veja a similitude a que estamos propondo, é um movimento da dança que tem som pela voz do movimento que não é pronunciada mais nasce do gesto, é o gesto falando, tornando-se som, música em forma de expressão. Um gesto-movimento, lentíssimo está em adagietto, um movimento de uma escala crescente ou decrescente, são giros coreografados, um pulo se faz stacatto, mas ainda tem o som do sentimento, que promove outros sentidos, é o gesto fazendo a música do coração que promove a mente seus estados mais plenos de significação. Claramente quando o gesto-movimento da dança é música dele mesmo ou música do sentir, está também já adentrando, dialogando, com o teatro, em certa medida, porque não é o cerne, seria ainda outro particular, outra ramificação nesse diagrama onde então nessa estância a coreografia já seria de ordem do geral. Pode se ter um diagrama que ocorre pela presença da coreografia em um poema, ou texto, onde os movimentos serão as palavras, dessa forma os movimentos são metamorfoseados em seres que se comportam como, em mundos paralelos, o gesto passa a ser instrumento. É um pouco difícil ver em todas as estruturas a que poderemos discorrer estágios de “hierarquia” mesmo no sentido de Kostler, porque são tão profundas as semioses, a integração é tão grande que nem sempre é visível o tronco principal dessa árvore. Se a coreografia se desenvolverá por um texto, um poema, teremos então, os movimentos se inserindo em um estado que estará livre porque sempre haverá muitas possibilidades para o mesmo fim, a mesma palavra pode em movimento ser dita de muitas formas, não se pode em arte prender um significado nem que seja por ter um fio condutor, porque ele é fio mais não é corrente. A corrente tem elos, sim, mas o fio é completamente fluidez que não é interrompido. O poema apenas se apresenta como uma afeição onde os movimentos se aproximarão, na mesma totalidade. A coreografia quando feita para uma música, em nosso ver, é uma experiência de puro dialogo, a sintonia é

intensa, ambos tem em seu cerne o ritmo muito fortemente e talvez por essa razão, serão afetados ambos pelo mesmo ponto, aqui quase poderemos falar sobre graus de energia. Quando a música inicia seu compasso, ela diz o seu gesto e é como se o corpo somente a correspondesse.

[...] podemos conceber uma dança que nos desvende, através do tema da árvore, uma maneira de viver o mundo; o movimento graças ao qual as raízes não param de extrair forças do universo para projetar ao céu ramos e flores, fecundar infinitamente a terra e respirar o céu. A árvore já não é uma coisa, mas um ato, um mito que revela o ciclo cósmico da vida e da morte.[...]Despertará no centro noturno de nós próprios, uma significação mais total e mais plena de vida, que se dilata até os confins do mundo e que experimentamos diretamente em nosso corpo, em sua feliz plenitude. Pela dança, o corpo deixa de ser uma coisa para tornar-se uma interrogação.(GARAUDY,

A dança, como toda arte, liberta as indagações para procurarem respostas, em si mesma, e nas suas relações. A dança opera pelo ritmo, pela condição do movimento, o que a torna sempre presente, porque até mesmo no silêncio temos o movimento; o da ausência. Compreender o mundo pela arte, também é, dançar a vida.

Dançar é fazer com que a energia do mundo vivo, transpassasse sua obra lhe dando vida e para isso primeiramente a respiração é o fluxo e refluxo do movimento, contração e descontração, tensão e extensão, numa concentração de forças de expiração e inspiração, encontrando assim o movimento chave, que desencadeiam os demais, um movimento com significado vital, com uma ligação com a vida do indivíduo e da espécie. Encontrou a origem de seu movimento na pulsação primordial da vida, o respirar, respirar no ritmo do mundo e depois procura metamorfosear um ritmo biológico em um ritmo voluntário, intensificando o dinamismo do ato, como espasmos brutais, deixando a mostra todo o esforço, hesitações, pondo nu o homem de seu século, lutando em um campo de forças. Procura a terra, o chão e o carnal, de maneira que as dissonâncias, os impulsos e quedas façam parte.

A dança de shiva tem como fonte os próprios movimentos cósmicos ligações que já abordamos anteriormente, mais que valem ainda para reflexões quanto a seu aspecto particular, quanto a ritmo e movimento,

“Coomaraswamy resume assim o significado essencial da dança de Shiva: de início a dança é a imagem do jogo rítmico, fonte de todo movimento do ser; em seguida, libera o homem ilimitado da ilusão de ser um indivíduo aprisionado nas fronteiras de sua pele: seu corpo e seu ser são o universo inteiro; finalmente, o “lugar” da dança, o centro do universo, está no coração de todos os homens.” (Garaudy, 1913, p.15),

É isso que a dança vem fazendo, ela vem se desconstruindo, ou desnudando-se, sendo capaz de deixar, emergir suas possibilidades, suas emergências. Em suas relações de semiose, encontrou uma dinâmica dialógica, a dança transcendeu. A dança que é uma linguagem ou

seja, um sistema organizado por meio de signos, possui como modelo artístico do mundo o inacabamento, como o que é da vida, e o acabamento para o que tende enquanto arte.

A dança e o espaço tem uma relação bem unívoca, é um ambiente que também diz, também tem voz com o movimento. É nele que ela desenha e esculpi.

O gesto é personagem dele mesmo e de outros no movimento da dança. O gesto quando personagem é um ser que pode até mesmo entrar em conflito com a música, tornar-se mais distante dela sob uma forma. Essas são possibilidades da dança, mas realmente o que penso em diagramas em dança é entregar-se a um sentir, deixar-se partir de si, mesmo como Schopenhauer, ser outro ser nele mesmo, ser uma vontade, um querer, tornar-se palco em movimento, vibrar seus próprios desejos e sentimentos, amar suas próprias palavras em passos de dores, amores, tragédias e alegrias, como janelas abertas para um destino que se vai fazendo em forma da dança. É um ser outro nele mesmo, porque nasce, desperta e abraça um caminho. Dança é a vida que permanece, olhando seus passos em fênix.

O teatro. Direi do teatro pela dança, sendo a maneira como o compreendo mais profundamente. Aqui acredito que o personagem e que o texto, sejam elementos particulares de suma importância. A voz e o gesto, o corpo, são movimentos que trazem a realidade uma imaterialidade de uma ilusão ou uma verdade escondida. O teatro tem em suas mãos, como, máscaras da mesma face, o dialogo do invisível fazendo-se visível, são vozes muitas vezes que escondidas na realidade se tornam o texto verdadeiro no palco da ilusão, tomando o gesto da existência. Ao trabalhar com o texto, exerce a palavra, e então o gesto é diagrama de imagens. O desenho no teatro se faz pelo desenvolvimento das cenas. Também, no desenho de cada personagem que encontra outro palco no corpo de seu instrumento, o ator. Sua maior grandeza talvez, sua maior energia esteja em ser da vida ela mesma, por essa razão se confundem tão fortemente, entre os papeis cotidianos do teatro da vida fora do palco. Vejo ainda um teatro como possibilidade de desprendimento, onde fica mais sobre neblina seu espelho, mas mostrará outra imagem, talvez mais desprendida do texto, sendo gesto pelo gesto em momentos de sentimento. Pode até mesmo a luz ser personagem, sombras ter voz e corpo, veste.

Musica. Dizer algo da música é ser infiel, porque sempre será uma busca dizer dela, quando se tem que pertencer a ela para poder ecoar sua voz, poderemos dizer sobre quintas e quartas, harmonia, instrumentos, composição, interpretes, mas imprudente seria e injusto. Antes, melhor falarmos de melodias, de ritmo e compassos. Mas ainda é tão pouco mesmo em

particulares, porque sua natureza é tão elevada, tão em conformidade com o Absoluto, de Schelling, que somente recorrendo a poesia nos aproximamos sempre dela, ou ao entregar o espírito em seus braços, na forma de união de sentimentos. É longo o caminho podendo ser dito algo sobre som, voz, mas entre particular e geral, creio que essas disposições são de sua estrutura, como particulares, porém em contrapartida temos no geral o contínuo, a vibração, que se unem ao sentimento. Não queremos nos repetir, mas devemos lembrar que a música é dança em forma de som, e ainda é gesto sonoro, como expresso em palavras nas Bachianas brasileiras de Vila Lobos, escritas anteriormente neste texto, é imensamente imagem, e por ser imagem novamente palavra, por afecções. O som se faz imagem, pelas próprias cores que traz, sendo pintura e desenho em formas construídas em diagramas mentais onde, é imagem porque conduz, um sentido que pode ser ouvido pelas imagens, esse sentido é sonoro, mas é imagético. Uma melodia é um texto sobre a forma de notas em composição.

Desenho. Falamos muito do desenho na Natureza, sobre sua forma em outras formas, procuraremos falar dele em si mesmo como código na linguagem da arte, humana. Como elemento particular, teremos texturas, formas, espaços, matéria, luz, sombra, composição, o traço sendo textura. A textura pode ser entendida como as vestes do desenho, ela o preenche dá volume sombras e luzes. As texturas são também formas sobre formas, traços de outros traços. Os espaços são partes de uma arquitetura em construção, que ainda se projeta sobre várias possibilidades. Muitas vezes os espaços e traços vão, em alteridade realizando outros desenhos adversos mais ainda em completude. Desenho é imagem sobre percursos, é um diagrama visível sobre os moldes da arte.

O desenho é um mapa de pensamento em formas, cores e dizeres, porque todas as linguagens falam, todas tem sua voz. A luz no desenho é espaço que se faz visível entre as texturas e sombras, desenho em contraste. Pode ser uma linha, pode ser corpo, pode dar vida a qualquer pensamento. É imagem feita em percurso. Sua sombra se faz dimensão em profundidade. Em perspectiva pode criar outros espaços, ser múltiplo no mesmo. Pode ainda criar o espaço que desejar, pode ser ilusão. Pode ter formas disformes contracenando com o real. Entre todas essas formas e planos de desenho, pode se encontrar a escultura.

Escultura. A escultura é arquitetura em planos de matéria sensível. Quase podemos dizer que é transmutar um desenho para um corpo. Quais seriam os elementos da escultura, particulares? Creio que se nos dispusermos a destituir o próprio corpo, aqui entendido como matéria, e também ainda a ação de modelar, entalhar, penso que seriam estruturas orgânicas em formas de arte como linguagem humana. E posteriormente ainda, como um elemento

arquitetônico em construção, porque pode ser em muitos materiais, então aqui concebemos como elemento ainda sobre possibilidade de particular e geral, neste caso, o projeto. A organização de espaço, formas, sobre uma matéria sendo arte, será poesia orgânica. Ainda haverá aquelas que terão estruturas, e por vezes as estruturas são elas a própria escultura.

Falamos da pintura pelas cores. Agora no âmbito de uma tela, no particular, teremos muitas vezes o desenho, a composição, o assunto, ou a ausência dele, figuras e fundo ou apenas cor, todo um conjunto que se organiza em busca de uma harmonia ou algo a ser comunicado. A alquimia das cores, é elemento de sua origem, que é vibração. Um quadro pode ter um texto escrito nas suas formas em cores. Quando um quadro encontra o gesto ele tem outra forma dentro de si. São forças que se constroem na composição, entre cores e gestos que procuram uma harmonia, poderíamos dizer, sonora.

Sempre ao se falar das linguagens da arte, em suas estruturas dispostas sobre diagramas, que serão estruturas de significado, a nosso ver ficam destituídas de sua essência justamente se não nos aproximamos desse diagrama com mais um elemento, o elemento da poesia e da semiose. A arte por sua gênese é semiose, é integralmente relação, é um contínuo de relações. Em nosso ver, se apenas olhamos para elas como simplesmente elementos de uma equação que se distendem sobre uma organização que se faz aos olhos de um mundo, obra, estaremos decretando sua morte em vida. Não se pode olhar a arte sem o sentir. O sentir, é vibração, é movimento, é gênese do espírito, dessa forma somente poderemos dizer da arte mesmo enquanto linguagem da arte no homem, pelos significados do sensível, pela lógica que concebe a poesia como o a base da informação que gera a comunicação. Sem isso, ficam estruturas ausentes. Estruturas que não estão em sintonia com a Mente do Cosmo.

É por essa razão que acreditamos que devemos entrar em sintonia, porque somos Seres, participantes integrados na Totalidade, mas que se dispersarão de sua origem, a sintonia é necessária para que nós mesmos seres humanos não sejamos como estruturas ausentes na existência, é necessário para que não sejamos elementos desprovidos de diálogo, de semiose, com nosso ambiente, com nossos irmãos em espécie, a humanidade inteira. A lógica do sensível é importante para o entendimento da vida, para que compreendamos o outro não distante, mas em nós, é necessária para a fraternidade. Não podemos criticar o cartesianismo e ainda consentir esse estado ilusório de união. Estruturas são formas importantes de se observar um fenômeno para compreender como se compõe e a partir daí, que outras composições, que outros diagramas podem ser construídos, mas, se olharmos para essa estrutura como máquinas, ainda estaremos determinando o que deve ter em suma uma

vagueza, porque pode ser uma estrutura, membranosa por onde se entreveem suas fibras de conexões, e para isso acreditamos ser imprescindível o sentir. O geral das linguagem da arte repousa no sensível.

3. A metáfora – o poema do universo

Canto de todas as almas suspende o ser em vibração, na prece em súplica, a melodia da paz. Nesse cálice da alvorada, o voo de uma imensidão, Sorve tuas notas de amor, e nos mares de braços abertos, a cadência entre paisagens, imagem de sons eternos, em notas de pensamento, que vestem o silêncio, nos ventos do sentimento, na música das esferas. Melodia, entre lutas e partidas, retoma teu corpo, curando todas as feridas, asas na forma de luz, da humanidade, por toda a fraternidade, recantos do ser em paz, margens de fé e amor, despontam em tuas formas, pétalas se abrindo em flor, a serenidade na igualdade, entre os seres do infinito, tempo de todos os tempos, compassos na música de Deus.

Nona Sinfonia de Beethoven.

Despertar outro olhar para o que está diante de teus sentidos e de tua razão é o poema do universo. Queremos tocar as notas de um sentimento que se faz ouvir pelas mãos da Arte, em todo o Cosmo, em todos os Seres, em toda a humanidade. A presença do amor universal.

Humanidade entrega a tua alma no ***espírito do universo***, e desperta para uma nova existência, estás a desenhar um novo caminho, o caminho de tuas escolhas, entre o acaso da tua vida, abrirás teus olhos para teu traço fazendo textura de teu corpo, não o físico, orgânico, mas o que te constituirá como mente. A superfície será tua própria vida a espera de tua forma. Então, germina entre todos os traços do passado, presente e futuro, luzes e sombras do teu ser. Como conduzes o desenho, nas escolhas de teus caminhos, para a harmonia de tua felicidade? Ninguém percorre a eternidade em solidão, os teus desenhos serão outros e com outros em evolução. Aprende, sendo firme e reto no tracejado na geometria em que encontras, as figuras serão a imagem de teu livre-arbítrio, conforme as constrói, serão as tuas imagens que se farão, luzes ou sombra no desenho da existência. Assim vais nascendo como desenho na folha de tua

natureza, criando raízes, rios e mares de veias para respirar a tua atmosfera. Que condutas serão desenhadas por ti, pelas tuas palavras, nos teus versos, em teus pensamentos. Se, quer respirar amor, caminha pelos traços da dor movendo os acordes da compaixão. Se, quer harmonia, como não ter um gesto de tolerância, esses são movimentos do ritmo do universo. Atravessa os rios de lágrimas, em vibração de paz, que encontrarás a melodia que te acompanhará em tempos de glória. Esculpe o teu caráter, modelando o teu espírito. Retira de teu ser, toda angústia que o envolve, são tuas e de teus irmãos, as faces que ainda não compreendes, porque é ignorância da matéria, o egoísmo, a vaidade e ambição. Tuas mãos abrigam na escultura do teu ser, a caridade, sendo voz e música em silêncio, sinfonia do cosmo. Liberta-te de qualquer obsessão em um novo desenho, movido pela vontade no propósito maior, onde suas virtudes serão o instrumento de tua modelagem.

Humanidade, que vibração emana ao universo, nas notas do teu destino. Os sons do teu coração faz pulsar os mais recônditos sentimentos que permaneceram adormecidos, faz dele tua frequência a ressoar, como um grande mar, por todos os acolhidos na esfera do sofrimento, essa é a música que traz a paz. Quando vejas os quadros de desamparados dessa luta, abriga-os em compaixão, nos versos da bondade, não digas palavras vãs perdidas no tempo, faz dele a imagem verdadeira nos ecos da solidariedade.

Ergue a voz da piedade, filha antiga da indulgência, para abraçar em teus movimentos os desfiladeiros dos aflitos, cores de uma nova tela, iluminando-se em um novo amanhecer. Essa é a pintura de teus sentimentos nos matizes de um mundo novo, uma nova era.

Queres as venturas celestes, então navega entre o mundo, sendo a voz dos esquecidos, o corpo dos enfermos, a cor dos oprimidos, o traço dos perdidos, assim o vir a ser da criação, será teu mastro, em mar de consolação.

Teu poema é ver o outro como a ti mesmo. Dizes da natureza das coisas, mas procura na consciência a tua natureza. Assim será o ouvido de tuas palavras, para dizer somente doçura e benevolência que promova outros caminhos entre os seus, serão os versos em ações, que encontrarão a luz, na composição da vida. Essas são as palavras em imagens.

Teu personagem mundo, deve dizer a voz de todos os Seres que te colocam em cena nos diálogos de tua epopeia. Costura assim tuas vestes modeladas no espírito despido do orgulho e revestido de humildade. Assim serão teus passos, os gestos na verdade do admirável, no teatro e cenário, da existência. Fonte de mitos em cena lutam, bravamente em alteridade de si próprios, repousando no desejo encarnado nas formas da crença. Novamente

nos teus braços o desenho de suas escolhas são eco do teu personagem nos caminhos da vida. Trilhas de pautas onde tuas figuras de notas são teus dias e noites em servir. Elas dirão em que movimento e que música se manifesta aos ouvidos do universo, no contínuo. O teu som é tua conduta fazendo-se conhecer na orquestra do firmamento. Até que a humanidade seja na existência uma vibração de amor. Assim vemos a Arte, Mente do cosmo, Espírito do Universo. Nas palavras de Charles Sanders Peirce,

“O Universo como argumento é por força uma grande obra de arte, um grande poema- pois um belo argumento é sempre um poema, uma sinfonia, da mesma forma que o verdadeiro poema é um argumento sonoro.”¹⁰

¹⁰ “ The Universe as an argument is necessarily a great work of art, a great poem – for every fine argument is a poem and a symphony – just as every true poem is a sound argument.” Charles Sanders Peirce.

Conclusão

Neste trabalho apresentamos uma proposta de pensamento, construída ao longo do mesmo em razão das relações de seu próprio diagrama, disposto em afecções correspondentes a um tempo em pensamento que busca as raízes em um passado porque se fará presente e o presente, que é passado em torno das possibilidades futuras, assim sendo, percorremos sementes que estiveram a tempo no ambiente dessas Mentis, do cosmo e do mundo, procurando nas suas frestas um caminho que se deixou ficar em marcas da atmosfera, quanto ao percurso que queremos compreender e encontrar da Arte como a vida. Primeiramente, nossa fonte nos leva diretamente aos estudos da Estética como até então, ela era compreendida, e que de fato, nos revelam as camadas do que chegaríamos a ver como núcleo de uma energia entre mentes.

Encontramos os aspectos da estética quanto ao belo, bom e verdadeiro, desde os pensadores gregos, em um encadeamento de pensamentos com afinidades e similaridades, nos fazendo antever certas possíveis relações entre conduta e desenhos no mundo. Diante de tal observação podemos compreender uma extensão dessa conjectura quanto a presença de um hábito de criação, conforme as categorias fenomenológicas de Charles Sanders Peirce, dispostas com primeiridade, a segundidade e a terceiridade, que são um modo operante da mente, fazendo-se cognoscível no mundo e em nosso pensamento em correspondência aos mesmos processos também observados na Natureza. O que indubitavelmente nos levou a ver os mesmos na Arte, e dessa forma já se apresentou o pensamento onde a Arte é partícipe da mente do Cosmo. Dessa forma foi tornando-se cada vez mais claro, a harmonia entre o acaso e a lei, a primeiridade e a terceiridade. Refletimos sobre a essência da primeiridade e o próprio acaso como o elemento do novo, nessa manifestação de pensamento da Mente, pesquisamos a possibilidade de sua própria insurgência como fator primordial e também como lógica própria, presente na evolução, quanto a impulso propulsor de relações em aderência eficaz a finalidades da mente, também como contribuinte nas relações que promovem toda a equação em que estamos inseridos, podendo se comportar como um fator de gênese que irá contribuir decisivamente para o despertar de latências do conhecimento, como o compreendemos, e ainda de suma importância quanto a ser a primeiridade a categoria exposta quanto a inserção da Arte no mundo, seu habitat natural, abrigo das qualidades. Também presentemente nessa relação das categorias se observa quanto a realidade, que existe independentemente do que

dela pensemos, e a existência como o espaço onde tudo acontece, como a segundidade, a alteridade, que em suma vai nos dizer que além de ser o outro, como aquele que tem sua existência independentemente do que eu diga sobre ela, em verdade, vamos discernir sobre a possibilidade de uma alteridade que se comporta como elemento de ganho de informação, onde a relação com o outro é de mesmo sobre o pensamento de Kostler, sobre algo que se preserva e se integra, dizemos com isso que a categoria da segundidade, será realmente a presença nessa lógica do aprendizado, fato este que ainda advogamos como sendo essencial a presença de uma lógica a qual aos poucos entendida pelos moldes da terceiridade se faz conhecer como uma lógica do sensível. Como fruto natural, desse encadeamento de categorias, teremos as relações, o diálogo, as semioses, sempre presentes. Diretamente no cerne da primeiridade, enquanto diagrama de possibilidades teremos a constatação em relações não percebidas anteriormente como a criação exposta como abdução, que será posta a prova, evidenciada na segundidade, sendo descoberta, se verificada como possível de ser verdadeira, nos ditames de incerteza, porque as verdades, como descobertas, sempre estarão sujeitas ao crivo do tempo e de outras relações, nunca havendo verdades imutáveis. Cada vez foi ficando mais claro, justamente por ser ambiente natural das linguagens da arte, a primeiridade, seu modo operante de criação, porque ambos são da mesma natureza, mais além da similitude de comportamento quanto a esta categoria que é visível em natureza germinal, fez-se claro a nosso pensamento que justamente no âmbito da segunda categoria, a experiência, encontraríamos os elementos da arte, dispostos como regularidade, ou seja, estariam eles então presente em toda a lógica da mente em termos de igualdade, e por essa razão fomos a procura da verificação dessa hipótese, para ver se essa abdução se confirmaria verdadeira.

Partimos para essa investigação e mais uma vez se fez notório, a presença de pensadores que comporiam o caráter primordial em nossa lógica do sensível, porque não poderia ser somente a plena sintonia de propriedade da Arte com o desenvolvimento do processo das categorias fenomenológicas. O fato é que o sensível tem a capacidade de ser um processo de pensamento que comporta razão e sentimento, sendo assim, fomos buscar nas raízes de Shopenhauer, Schelling e Plotino, as relações que se afeiçoavam com o próprio espírito da Arte.

Mais uma ramificação se fez visível despontando junto com as colocações aqui resumidas, é o próprio caráter que é condizente como próprio pensamento aqui exposto em sua totalidade e particularidade como idealismo objetivo, que é ser a Arte da mesma forma,

um organismo evolutivo, portanto estaríamos ainda expondo mais uma reflexão, sendo a Arte ainda uma constatação do argumento da própria vida, como a vemos e compreendemos.

Despertados para essas possibilidades, encontramos no pensamento de Arthur Kostler, Fritjof Capra, Heidegger, afinidades crescentes com o pensamento de Charles S. Peirce e nossas próprias concepções da Arte. Assim sendo, fomos descortinando essa hipótese, essa descoberta e constatando suas intercorrências em diversos níveis. Nossa conclusões nesse aspecto é de ver a Arte, os Seres, o mundo, todos como existências da mente do mundo, como um único organismo evolucionário, continuo da própria mente do cosmo em relação ainda ao Universo. Por esse caminho fomos constatando mais uma afecção na presença da Física em nossos estudos, ainda em decorrência da presença quanto ao indeterminismo de Heidegger mais que foi se confirmando como possibilidade em outras afinidades. Por essa razão, viemos a expor que nos fazia permissível encontrar ainda na Física moderna diagramas de pensamento que comportasse em si, o mesmo pensamento quanto a lógica das relações e a necessidade de que todo organismo por mais micro ou macro que seja disposto nesse universo ao qual tomamos conhecimento, deva ter um comportamento de acoplamento de relações que contribuam para informação e evolução, ou expansão no caso do universo maior. Por mais esta insurgência em nossa pesquisa viemos a propor pelo manancial da arte e por estarmos nós a dizer que a Arte é da mesma natureza da Mente do cosmo, ora, então ela tem uma atmosfera própria, queremos dizer com isso, que ela teria um ambiente nessa mente, disposta pelo seu caráter que a liga ao admirável, em uma “nuvem”, como da física quântica, nos orbitais atômicos e moleculares, sendo uma área que comportaria as puras qualidades, os sentimentos, em forma de energia, região está a qual nomeamos de Kalosfera. Em conjunção nessa mente com impulso propulsor dessa mesma energia, naturalmente análogo as propriedades fundamentais de um protoplasma estaria a Protosfera, como elemento de veiculo de crescimento, alimento dessa genética cósmica. Continuando esse pensamento, a titulo de visualização, colocaríamos a Estética como a compreendemos, sendo o núcleo entre mentes, fato que elucidamos quanto aos elementos da Arte serem em última instância a vibração do admirável, vibração como a parte mais pura direcionada ao summum bonum disposto no último capítulo, e os elementos da arte são vibração também em última camada de energia “corpórea” na sua linguagem codificada no âmbito humano, todos os diagramas em que dispusemos o desenho, a dança, a música, a escultura, a poesia, a pintura, revelaram-se em gênese, no seu aspecto mais geral, vibração, sendo o continuo sua própria origem, fato este que o liga a Mente do cosmo.

Para nosso direcionamento do sensível, fomos nos aproximando pela construção de diagramas que possibilitavam uma visão de conjunção entre velos como afeições de caráter de integração como de evolução, discorrendo sobre um organismo único que apesar de ser costumado o ver como fragmentado, seria necessário a essas compreensões que se seguisse uma ordem lógica que o compreendesse como uma totalidade de semiose, nas possibilidades amplas do próprio organismo, enquanto Arte. Sendo assim ainda percorremos posteriormente diagramas onde se poderia discorrer, contrariamente, como uma estrutura, particular. Mas que como pretendemos que tenha ficado claro é insuficiente para se ter o conhecimento, principalmente da Arte como comunicação, pois que para vê-la é necessário o olhar da metáfora, fazer-se poema. Um poema que como uma forma de arte onde as palavras são imagens que se corporificam em sons que caminham fazendo um desenho na mente e por essa razão se movimentam ordenando uma coreografia que nos permite **dançar pelas palavras**

Podemos ver mesmo o mundo a respeito da estética, como sendo a experiência a segundidade, dessa criação que é do artista de Deus, e a terceiridade seu próprio modo de existir enquanto lei, mas, lembrando da relação quanto as mentes, e quanto a um criador, como disposto por David Matheus, em nosso ver, voltamos ainda um patamar, no sentido de expansão, quero dizer que vemos ainda, a mente do cosmo podendo ela ser a experiência, se assim conseguimos ver, a mente do cosmo como parcela do diagrama mental de Deus. A questão das categorias, dispostas conforme a fenomenologia de Charles S. Peirce, se apresenta, em tudo que podemos observar, em qualquer fenômeno, o que acontece a meu ver, é um encadeamento, observamos e fizemos compreender, mais que não pode se restringir em nenhuma observação, quanto a sua expansão seja para o micro ou macro.

Em toda criação da arte enquanto linguagem, terceiridade, tem que se buscar a vibração, caso contrário, não é ARTE. Mas então como se torna ARTE? Quando ela é vibração, respondemos, quando ela não é somente uma terceiridade, quando ela é ainda mais que primeiridade, quando ela é pura, é criação.

Porque dizem que a música é a maior de todas as artes, porque ela se harmoniza em natureza de vibração, com a natureza da mente, propriamente estados originários comuns, mais como já dissemos todas elas, o desenho, a pintura, a escultura, o teatro, a dança, todas elas em sua maior pureza são vibração e é aí que se retornam a sua própria origem a sua gênese, a ARTE, a mesma da mente. Essa vibração é o Agape o amor universal, porque em cada gesto, em cada passo de uma dança, em cada voz, em cada traço, em cada forma, em cada personagem, em cada movimento, deve estar essa energia, essa é a fonte da arte ser Arte,

ser vibração, todo desenho como caminho que é, o caminho da vibração em seu vir a ser, é vibração em última instância, sendo vibração, unindo-se a Arte, e todas conforme, descrevi. Para a terceiridade ser além da primeiridade deve ser ágape, deve saber ver em si o poema do universo, transcende a si mesma retornando a sua origem. A vibração é amor, é energia, é compreender os gestos além dos gestos, o dia mais que as horas, e o tempo mais que o infinito.

A presença do amor universal como verdade, como o próprio movimento contínuo do cosmo em sua maior essência, nos faz sentir a presença divina. Nas palavras de William Blake,

“Não interrogo meu olho corpóreo ou vegetativo mais do que interrogaria, - escrevia ele-, uma janela sobre uma paisagem qualquer. Eu olho através dele e não com ele”[...], os tesouros do céu não são meras realidades do intelecto, são reais entidades celestiais! Uma visão não é nuvem de vapor ou um nada. Está organizada e minudentemente articulada para além de tudo quanto a natureza mortal e perecível pode produzir. Afirmando que todas as minhas visões me parecem infinitamente mais perfeitas e mais organizadas do que qualquer coisa vista pelos mortais”(Miller, 2012, pg. 12).

Ainda não sobre um olhar de um poeta mais de um astrofísico inglês, Artur Stanley Eddington, durante sua palestra em Gifford,

“O objetivo da ciência, escreveu Eddington, até onde alcança sua esfera de ação, é descobrir a estrutura fundamental subjacente ao mundo, mais a ciência tem também de explicar, se puder, ou mesmo humildemente aceitar, o fato de que deste mundo ergueram-se espíritos capazes de transmutar a mera estrutura na riqueza da experiência. Se o mundo espiritual tem sido transmutado por uma cor religiosa para algo além do que está implícito em suas meras qualidades exteriores, pode ser permitido asseverar, com igual convicção, que isto não é uma interpretação errada, mas a ação de um elemento divino na natureza humana. *Donc Dieu existe!*”. (Miller, 2012, pg. 17).

Em voz do Filósofo e Matemático, Alfred North Whitehead,

“ No universo, há uma unidade gozando de valor e, por sua eminência, repartindo valor. Chamamos a esta unidade Deus. Deus é aquele por meio do qual existe importância, valor e ideal para além do real. Ele é aquele que mantém a mira diante da experiência viva... O universo exibe uma criatividade com infinitas possibilidades, mas esta criatividade e estas formas são inteiramente impotentes para apartar a realidade da completa harmonia ideal, que é Deus”(Miller, 2012, pg. 18).

Em suma, o que acreditamos ser da Arte como a vida é o próprio Àgape, o amor universal, que torna possível dizer ainda que, Deus é o artista de toda a criação, do que podemos compreender e do que ainda nem sonhamos que possa existir. Em sua onipotência e onisciência é provedor de tudo o que possuímos como de fato verdade existencial.

Acredito que a mente do cosmo é apenas ainda uma parcela de toda a sua criação que tem uma dimensão inimaginável e infinita para nós. Não podemos conhecer a mente de Deus,

pela mente do cosmo poderemos somente ter uma inferência. Este trabalho buscou uma fonte de compreensão para ver a Arte como a vida, sendo *Ágape*, o espírito do Universo.

Um poema

Quando o rochedo se abre,
A água se deita nas suas margens, a beleza lhe toca.
Porque o sonho te pertence.
Quando aquele som te acaricia, o prado canta pelo teu corpo,
Dizendo naquele momento.
Porque a alma te pertence.
Quando o torpor desenhar-se em galhos,
O contorno esculpirá o pensamento, os espaços serão a imensidão.
Porque o sentimento de pertence.
Quando os pingos forem o oceano,
A janela te olhará de frente, o espelho verá a lembrança.
Porque a saudade te pertence.
Quando a luz banhar a nudez,
O céu se recobrirá de formas, a terra deitará desfalecida.
Porque o aroma de pertence.
Quando os raios estiverem em repouso,
O encanto será o lugar querido, as cores adormecem no horizonte.
Porque a noite te pertence.
Quando os olhos te abraçarem,
O sol e a lua serão um só, o suspiro a melodia.
Porque o amor te pertence.
Quando a brisa acordar a vida,
Os sentidos te dirão as falas. A natureza ouvirá o som.
Porque **o universo... te pertence.**

Carina Gonzalez

BIBLIOGRAFIA

- ATKINS, Peter. *Princípios de Química: questionando a vida moderna e o meio ambiente*. Tradução: Ignez Caracelli. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- ALCANTARA, Alcantara. *Pantanal*. São Paulo: Melhoramentos, 2003.
- _____. *Terra Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- ARAUJO, Eduardo Fernandes. *A teoria da Umwelt de Jakob von Uexwelt: apresentação*. in revista Galáxia. n. 7. Abril, 2004.
- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Tradução: Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAYER, Raymond. *História da estética*. Tradução: José Saramago. Lisboa: Estampa, 1978.
- BATESON, Gregory. *Natureza e espírito*. Tradução: Maria do Rosario Carrilho. Portugal, 1987.
- _____. *Una unidad sagrada*. Tradução Alcira Bixio. Barcelona: Gedisa, 2006.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- BEZERRA, Cícero Cunha. *Compreender Plotino e Proclo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRASSAI, Gilbert. *conversas com Picasso*. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
- ECO, Humberto, Sebeok, Thomas orgs. *O signo de Três, Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo: Perspectiva.
- ECO, Humberto. *Obra Aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- ENGEL, Frederich. *Dialética da Natureza. Paz e terra*.
- CAPRA, Fritgfa. *O ponto de mutação*. Tradução: Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.
- _____. *O tao da física*. Tradução: José Fernandes Dias. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CALABRESE, Osmar. *A linguagem da arte*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*. Tradução: Gloria Mariani e Antonio Guimarães filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

- FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. Tradução: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- JORGE, Ana Guimarães. *Introdução à percepção: entre os sentidos e o conhecimento*. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____ *Topologia da Ação Mental*. São Paulo: Anna Blume, 2006.
- _____ *Qualia e consciência*. In FACOM n 17, pg. 55- 59, 2007
- RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Tradução: Lucia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1998.
- KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KOSTLER, Arthur. *Jano*. Tradução: Nestor Deola e Ayako Deola.
- POE, Edgar Allan. *O corvo e suas traduções*. Ivo Barroso org. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- POPPER, Karl R. *A teoria dos quanta e o cisma na física*. Publicações Dom Quixote, 1983.
- PEIRCE, Charles S., *Semiótica*. Tradução: José Teixeira Coelho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- _____ *Ilustrações da lógica das ciências*. Tradução: Renato Rodrigues Kinouchi. São Paulo: Editora, Ideias e Letras, 2008.
- _____ *Antologia Filosófica*. Tradução: Antonio Machuco Rosa. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- _____ *The Logic of Relatives. Reasoning and the Logic and things*. Harvard University, London.
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unespe, 2011.
- HUDRY, Jean Louis. Peirce's Potential Continuity and Pure Geometry. Transactions of the Charles S. Peirce Society. Spring, 2004, vol XL, n 2.
- HEISENBERG, Werner. *Física e Filosofia*. Tradução: Jorge Leal Ferreira, Instituto de Física de São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- _____ *A parte e o todo. Encontro e conversas sobre física, filosofia, religião e política*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Ponto, 1996.
- IBRI. Ivo Assad. *Kosmos Noethos. A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Hólon, 1992
- _____ *Sementes Peircianas para uma Filosofia da Arte*. In Cognitio: Revista de filosofia. PUC São Paulo, v. 12. p. 205-219.

- _____ *Semiotic and Pragmatismo: Interfaces Teóricas*. In *Cognitio: Revista de filosofia*. PUC São Paulo, v.5. n.2.p. 168-179.
- _____ *Pragmatismo e Realismo: A semiótica como Transgressão da Linguagem*. PUC São Paulo, v. 7.n 2. P.2. 246-259.
- _____ *Choises, Dogmatism and Bets – justifying Peirce’s realism*. In *Veritas*, v. 57.n.2. maio/ago 2012.p.51-61.
- _____ *The Heuristic Excluding of abduction in Peirce’s Philosophy*. Cambridge Scholars Press. 2006.p. 90-112.
- _____ *Kosmos Poiétikos – criação e descoberta na filosofia de Charles Sanders Peirce*. Tese de doutorado – Pontifícia Universidade Católica, 1994.
- LÓTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.
- _____ *Cultura y explosion*. Gedisa Editorial.
- _____ *Semiosfera*. Catedra Universitat de Valência.
- LOTMAN, Iuri, Uspenskii, Ivanov e outros. *Ensaio de semiótica soviética*. Livros Horizonte, 1962.
- MACHADO, Irene de Araujo. *Cultura em campo semiótico*. In : revista USP, São Paulo: n.86. p. 157-166.2010.
- _____ *Semiosfera, um novo domínio de ideias científicas para o estudo da cultura*. www. Pluricom.com.br/fórum/semiosfera- br- um-novo- domínio –de ideias. 2006.
- MACHADO, Irene de Araujo, org. *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Ana Blume, 2007.
- MACHADO, Irene, ROMANINI, Vinícius. *Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura*. In *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 17.n2. pg. 89-97.maio/agosto. 2010.
- McMINN, R.M.H., HUTCHINGS. *Atlas colorido de anatomia humana*. Tradução: Prof. Cesar Antonio Elias, São Paulo: Manole, 1985.
- MATURANA, HUMBERTO R, *A árvore do conhecimento*. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athenas, 2001.
- MEIRELES, Cecília. *Canticos*. São Paulo: Moderna, 1982.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar e reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MILLS, David Matthew. *Charles Sanders Peirce on the universe as god’s work of art*. Tese de doutorado. The Pennsylvanic Stats University. 2000.
- NEIVA Jr., Eduardo. *Semiotica além da ciência: a influência kantiniana no projeto semiótico de Charles Sanders Peirce*. In *Revista comum*, n. 6.p.35-43.

- NETTO, Teixeira Coelho, *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- POPPER, Karl Raimund. *Conhecimento Objetivo: uma abordagem evolucionária*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1975.
- RECTOR, Monica, NEIVA Eduardo. *Comunicação na Era Pós-Moderna*. Petropolis: Vozes, 1997.
- SANTAELLA, Lucia. *Teoria geral dos signos: como a linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- _____ *Estética de Platão a Peirce*. São Paulo: Experimento, 1994.
- _____ *O método anticartesiano de C.S. Peirce*. São Paulo: Unesp, 2004.
- _____ *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- SANTOS, Fausto. *A estética Máxima*. Chapecó: Argos, 2003.
- SANTOS, Fausto. *Filosofia Aristotélica da linguagem*. Chapeco: Argos, 2002.
- SCHOPENHAUER, Arthur, *O mundo como vontade e representação*. Tradução: Wolfgang Leo Maar e Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- SCHELLING, F.W.J. *Filosofia da arte*. Tradução: Márcio Suzuki. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- SCHNAIDERMAN, Boris, org. *Semiotica Russa*. Tradução: Aurora Fornoni Bernardin, Schnaiderman e Lucy Sehi. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- STJERNFELZ, Frederik. *Diagrams as Centerpiece of a Peircean Epistemology*. Transactions of the Charles S. Peirce Society. Summer, 2000, vol XXXVI, n 3.
- TAME, David. *O poder oculto da música*. Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1984.
- UEXKULL, Von Thure. A teoria da Umwelt de Jakob von Uexkull. In revista Galáxia, n.7. pg. 19-48.
- WANNER, Maria Celeste de Almeida. *Paisagens Signicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2010.

ANEXO

Os desenhos do mundo são de natureza da Mente do cosmo, artífice das mãos do criador, sendo cognoscível, em imagens de sensibilidade, nas formas da Arte. Por elas podemos ver e sentir, um poema de pensamento.

Nas próximas paginas escolhemos alguns exemplos da presença da Arte, como um hábito de criação no universo, visível na Natureza, no homem, nas linguagens da arte.

Para o estudo, teremos a estrutura de um diagrama entre relações das interfaces do verbal e visual, corpo único em sentidos e sentimentos, composto pela imagem de um poema, versos em desenhos, fotos do mesmo desenho da Natureza, fazendo-se visível em suas diferentes formas, uma terceiridade em desenho no *bios*, sendo criação, mutação genética de um hábito de criação, entre Natureza ,homem e arte, em composição na origem, na gênese da mesma ARTE.

Fotografias: A Colour Atlas of Human Anatomy

Traduzido por Prof. Cesar Antonio Elias

Supervisão: Prof. Dr. Orlando Marques de Paiva.

Segunda Edição Brasileira: 1985 - Editora: Manoli LTDA, São Paulo.

- 1- Palma da mão direita. Arco palmar profundo. Pg. 137
- 2- Região superior da coxa esquerda, parte superior, pg. 94.
- 3- Metade esquerda da pelve, face interna. Ligamentos. Pg. 253.
- 4- Molde de vasos esplênicos, vista ântero-posterior. Pg. 233.
- 5- Molde de árvores bronquicas, segmentos bronpulmonares. Pg. 176.

Pantanal Mato-grossense – Araquém Alcantara.

São Paulo: 2003.

Terra Brasil. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1988.

*Desperta na paisagem
De mãos erguidas em silêncio
A espera de Tua imagem
O ritmo do movimento
Curso de teu compasso*

*Harmonia na voz plena
Dizendo a sua própria cena.*



*De minha
Natureza, corpo
Do meu corpo dorso
Ileso gesto em beleza*

*Assim se faz, natureza.
Vestes de um olhar*

*Entre meios eu posso
encontrar
Desenho em devaneio
Tronco entre frestas*

*Nos seres do mesmo traço
Caminho de um regaço
No rio do criador.*



*Águas de uma escultura
Refazendo-se com o vento
Figuras em tuas mãos
De seres mitológicos*

Modelagens de um tempo

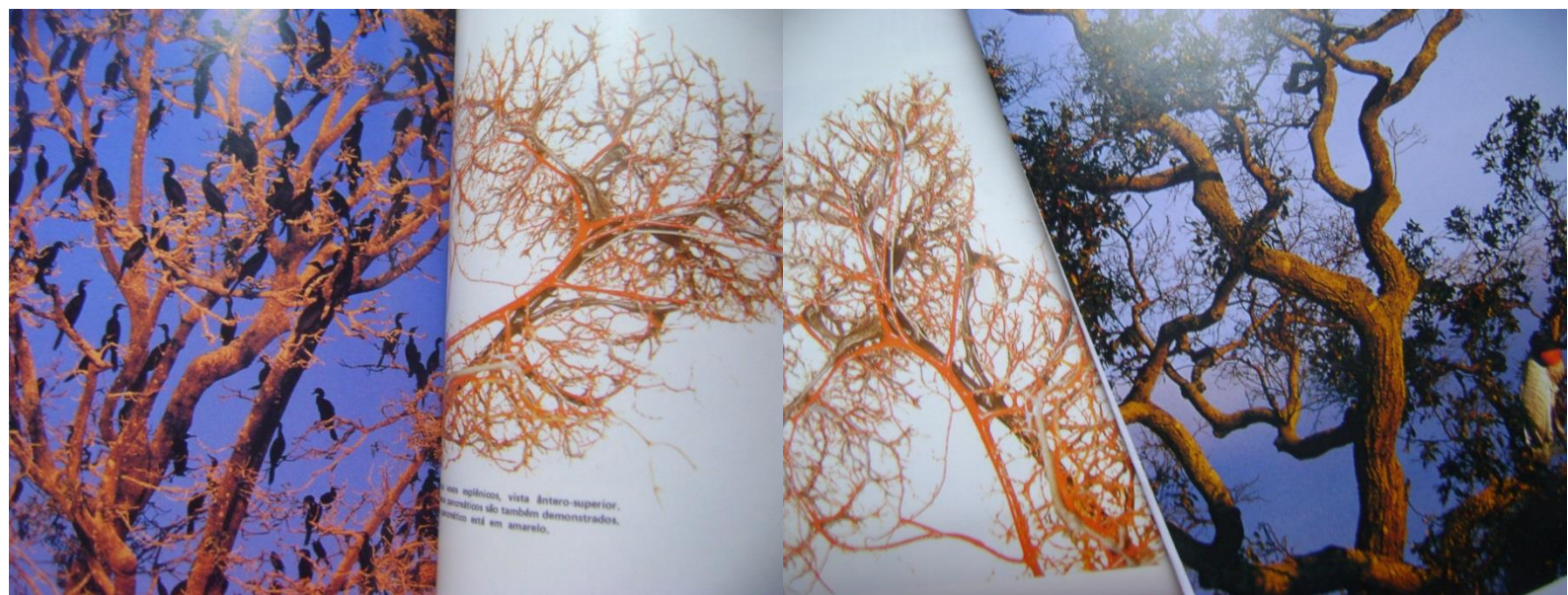
Em carne e espírito

Nas cavernas de si

Os ecos do ser.



Nas árvores da vida,



*Ramos e veias em simetria
Corpo, ar em gesto da imagem.*

*De uma mesma via
Desenhos de um caminho
Onde na paisagem*



*Deixa livre teu espírito
Nas assas da sinfonia
No voo do infinito...
Será contemplação*

